

COLETÂNEA REAL CONHECER

Volume 8
2022

Multidisciplinar



uniatual
EDITORA

COLETÂNEA REAL CONHECER

Multidisciplinar

Volume 8
2022



uniatual
EDITORA

www.uniatual.com.br

universidadeatual@gmail.com

Editor Chefe e Organizador: Jader Luís da Silveira

Editoração e Arte: Resiane Paula da Silveira

Capa: Freepik/Uniatual

Revisão: Respectivos autores dos artigos

Conselho Editorial

Ma. Heloisa Alves Braga, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, SEE-MG

Me. Ricardo Ferreira de Sousa, Universidade Federal do Tocantins, UFT

Me. Guilherme de Andrade Ruela, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Esp. Ricael Spirandeli Rocha, Instituto Federal Minas Gerais, IFMG

Ma. Luana Ferreira dos Santos, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Ana Paula Cota Moreira, Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade, FUNCEC

Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR

Ma. Jocilene dos Santos Pereira, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Esp. Alessandro Moura Costa, Ministério da Defesa - Exército Brasileiro

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Dra. Haiany Aparecida Ferreira, Universidade Federal de Lavras, UFLA

Me. Arthur Lima de Oliveira, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do RJ, CECIERJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C694m Coletânea Real Conhecer: Multidisciplinar - Volume 8 / Jader Luís da Silveira (Organizador). – Formiga (MG): Uniatual Editora, 2022. 245 p.: il.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-86013-14-6
DOI: 10.5281/zenodo.6970454

1. Coletânea. 2. Multidisciplinar. 3. Saberes. 4. Conhecimentos. I. Silveira, Jader Luís da. II. Título.

CDD: 001.4
CDU: 001

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Uniatual Editora
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001

www.uniatual.com.br

universidadeatual@gmail.com

Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:
<https://www.uniatual.com.br/2022/08/coletanea-real-conhecer.html>



APRESENTAÇÃO

A obra “Coletânea Real Conhecer: Multidisciplinar - Volume 8” foi concebida diante artigos científicos especialmente selecionados por pesquisadores da área.

Os conteúdos apresentam considerações pertinentes sobre os temas abordados diante o meio de pesquisa e/ou objeto de estudo. Desta forma, esta publicação tem como um dos objetivos, garantir a reunião e visibilidade destes conteúdos científicos por meio de um canal de comunicação preferível de muitos leitores.

Este e-book conta com trabalhos científicos interdisciplinares, aliados às temáticas das práticas ligadas a inovação, bem como os aspectos que buscam contabilizar com as contribuições de diversos autores. É possível verificar a utilização das metodologias de pesquisa aplicadas, assim como uma variedade de objetos de estudo.

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| Capítulo 1 A INCIDÊNCIA DO TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO EM MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA Myrtiany Miranda Nascimento | 9 |
| Capítulo 2 AMAZÔNIA: UM LABORATÓRIO ABERTO EM POTENCIAL PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS Jean Carlos de Almeida Nobre; David Lohan Pereira de Sousa | 21 |
| Capítulo 3 A IMPORTÂNCIA DA COORDENADORIA DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL PARA A IMPLANTAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DE UM PROJETO DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA EM UMA INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA MUNICIPAL NOSSA SENHORA DOS MILAGRES - ALAGOINHAS - BA Wagner Luiz da Costa Santos; Rosemère Guimarães Cruz; José Ouraci Souza Roxo | 28 |
| Capítulo 4 RELATO AUTOBIOGRÁFICO E SIMBÓLICO DA JORNADA DO EU EM MOMENTO PANDÊMICO Battaglia, C. L. P., Graciani, J. S., Grandi, E. V., Mercurio, G. F., Miranda, M. L. V. | 40 |
| Capítulo 5 CIRCULAÇÃO DE SABERES E EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS EM SOFALA NA ETIÓPIA ORIENTAL (1591-1609) Moreno Brender Stedile | 60 |
| Capítulo 6 AVACALHA E SE ESCULACHA: O CINEMA BARROCO DE ROGÉRIO SGANZERLA EM “O BANDIDO DA LUZ VERMELHA” Caleb Benjamim Mendes Barbosa | 78 |
| Capítulo 7 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE: A PERSONAGEM FEMININA MACABÉA EM A HORA DA ESTRELA, DE CLARICE LISPECTOR Sabrina de Paiva Bento Queiroz; Clarice Calista Dutra; Talia Cristiane Elias Brito | 95 |
| Capítulo 8 CARLOS LACERDA E SUAS RELAÇÕES COM PORTUGAL: SEU POSICIONAMENTO NAS GUERRAS COLONIAIS (1961-1974) Fernanda Gallinari Machado Sathler Mussi | 106 |

| | |
|---|------------|
| Capítulo 9 MEDIDAS DE PREVENÇÃO PARA O ENFRENTAMENTO DA COVID-19 NO CUIDADO DE PACIENTES HEMODIALÍTICOS Edina Maria Araújo; Edmara Rodrigues de Mesquita; Samires de Sousa Nascimento; Antonio Alves de Sousa Filho; Maria Gabriele Oliveira Cardoso; Maria Santana do Nascimento | 119 |
| Capítulo 10 PROGRAMA QUALIDADE DE VIDA DO IFCE CAMPUS TABULEIRO DO NORTE: SAÚDE, BEM-ESTAR E INTEGRAÇÃO Júlia Lívia Viana França | 129 |
| Capítulo 11 PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM ENFERMAGEM: POSSIBILIDADE DO ROMPIMENTO DO OLHAR MECANICISTA Jelber Manzoli dos Anjos; Fernando Francisco Chagas dos Santos | 139 |
| Capítulo 12 A IDEAÇÃO SUICIDA NA CLÍNICA DE BASE FENOMENOLÓGICO - EXISTENCIAL Geni Teresinha Dutra Astine | 149 |
| Capítulo 13 TECNOLOGIAS EDUCATIVAS NA PREVENÇÃO DO BULLYING ESCOLAR Edina Maria Araújo; Edmara Rodrigues de Mesquita; Samires de Sousa Nascimento; Antonio Alves de Sousa Filho; Maria Gabriele Oliveira Cardoso; Maria Santana do Nascimento | 174 |
| Capítulo 14 PREVALÊNCIA DE INSEGURANÇA ALIMENTAR EM UMA POPULAÇÃO ATENDIDA POR UMA COZINHA COMUNITÁRIA EM UMA CIDADE DO RIO GRANDE DO SUL Cecilia Vetturazzi; Joana Zanotti; Ana Lúcia Hoefel | 185 |
| Capítulo 15 EDUCAÇÃO BRASILEIRA: A INCLUSÃO SOCIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL E SEUS AVANÇOS NO SÉCULO XXI Antonio Rodrigues Sobrinho Filho | 202 |
| Capítulo 16 A CRIPTERAPIA COMO UMA ALTERNATIVA NO TRATAMENTO DA MUCOSITE ORAL EM PACIENTES ONCOLÓGICOS Daniel Vitor da Silva Monteiro; Lorena Modesto da Silva; Gabriel Tavares Garcia; Edileuda Da Silva | 212 |
| Capítulo 17 UMA BREVE ANÁLISE DO CONSTRUTO HISTÓRICO DOS BATISTAS NO BRASIL (1907 - 1936) Almiranice Cidade | 225 |

Capítulo 1

**A INCIDÊNCIA DO TRANSTORNO DE
ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO EM MULHERES
VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

Myrtiany Miranda Nascimento

A INCIDÊNCIA DO TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO EM MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Myrtiany Miranda Nascimento

Graduanda em Psicologia pela Universidade Mauricio de Nassau - UNINASSAU

IFMA – myrtiany@ifma.edu.br

Resumo: O Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) desenvolvido por mulheres vítimas de violência doméstica foi escolhido como tema deste artigo por se tratar de um transtorno que afeta as mulheres e suas famílias, podendo, sobretudo, trazer consequências danosas à sociedade em geral. É relevante e se justifica, tendo em vista, o aumento significativo no número de violência doméstica sofrido pelas mulheres. Pesquisas realizadas com a população brasileira feminina vêm corroborando o aumento de ocorrências de violência contra as mulheres. Amostras representativas nacionais com mais de 2.500 mulheres em faixa etária de 15 anos ou mais; trazem um percentual de 43% das brasileiras que declararam ter sofrido violência (física ou sexual) praticada por um homem na vida. Mais da metade admitiu ter sofrido violência psicológica. Vale ressaltar que, mais de 50% delas afirmam ter relações sexuais sem o seu consentimento e de forma abusiva. Cumpre destacar que, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2019, declarou que a cada 02 minutos registra-se um novo caso de lesão corporal dolosa no Brasil. Somente no ano de 2018, 996 mulheres foram vítimas de estupro no Estado do Maranhão, e 8.038 foram vítimas de lesão corporal dolosa-violência doméstica, no Estado. Este artigo visa apontar de que forma a violência doméstica poderá ser um fator de risco podendo causar a incidência de um Estresse Pós-Traumático na vida das mulheres. Em geral a literatura e, sobretudo, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais-DSM-V, caracteriza o TEPT como a exposição a um evento traumático, agrupando-o na categoria de Transtornos Relacionados a Trauma e a Estressores. Partindo desse pressuposto, busca pesquisar a incidência desse transtorno em mulheres vítimas de violência doméstica. Dessa forma, espera colaborar com a sociedade discutindo sobre um assunto extremamente importante e sensível, em especial, para as mulheres vítimas dessas violências. Ao final, espera estabelecer, ainda que de forma incipiente, uma relação entre a incidência do TEPT em mulheres vítimas de violência doméstica.

Palavras-chave: Violência doméstica. Violência Psicológica. Transtorno de Estresse Pós-Traumático.

Abstract: Post-Traumatic Stress Disorder (PTSD) developed by women victims of domestic violence was chosen as the subject of this article because it is a disorder that affects women and their families, and can, above all, bring harmful consequences to society in general. It is relevant and justified in view of the significant increase in the number of domestic violence suffered by women. Research carried out with the Brazilian female population has corroborated the increase in occurrences of violence

against women. National representative samples with more than 2,500 women aged 15 years and over; bring a percentage of 43% of Brazilian women who reported having suffered violence (physical or sexual) practiced by a man in their lifetime. More than half admitted to having suffered psychological violence. It is worth mentioning that more than 50% of them claim to have sexual relations without their consent and in an abusive way. It should be noted that the 2019 Brazilian Yearbook of Public Security stated that every 2 minutes a new case of intentional bodily harm is recorded in Brazil. In 2018 alone, 996 women were victims of rape in the state of Maranhão, and 8,038 were victims of willful bodily harm-domestic violence in the state. This article aims to point out how domestic violence can be a risk factor that can cause the incidence of Post-Traumatic Stress in women's lives. In general, the literature, and especially the Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders-DSM-V, characterizes PTSD as exposure to a traumatic event, grouping it in the category of Trauma-Related Disorders and Stressors. Based on this assumption, it seeks to investigate the incidence of this disorder in women victims of domestic violence. In this way, it hopes to collaborate with society by discussing an extremely important and sensitive subject, especially for women victims of such violence. In the end, it hopes to establish, albeit in an incipient way, a relationship between the incidence of PTSD in women victims of domestic violence.

Keywords: Domestic violence. Psychological violence. Post-Traumatic Stress Disorder.

INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher, uma das expressões da violência de gênero, reconhecida como problema de saúde pública, está muito presente na realidade brasileira e afeta sobremaneira a saúde mental e física das vítimas (TEIXEIRA; PAIVA,2021).

Mulheres agredidas por seus companheiros e ex-companheiros estão propensas a desenvolver estressores e traumas que são potencialmente devastadores, afetando suas vidas e de seus familiares e, por conseguinte, trazer consequências danosas a suas vidas.

Fonseca, Ribeiro e Leal (2012) destacam que estudos realizados pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), no ano de 2003, informam que pessoas que vivem em contexto violento, que tende à violência, dentre outros riscos relacionados à saúde têm maior probabilidade a desenvolverem estresse pós-traumático, depressão, ansiedade, pânico e baixa autoestima.

No Brasil, estudo de base populacional mediou a ocorrência de violência contra as mulheres, realizado com amostra representativa nacional de 2.502 mulheres de 15 anos de idade ou mais. Nessa investigação, 43% das brasileiras declararam ter sofrido violência praticada por um homem na vida; um terço admitiu ter sofrido alguma forma

de violência física, 13% sexual e 27% psicológica. Neste estudo os maridos, ex-maridos, namorados e ex-namorados configuram como os principais agressores, variando de 88% dos autores de tapas e empurrões a 79% dos perpetradores de relações sexuais forçadas (SCHRAIBER *et al.*, 2007).

Mediante tal premissa, considera-se esta pesquisa relevante e pretende-se analisar como a violência doméstica direciona, articula e necessita da implementação de práticas de prevenção no que tange ao adoecimento mental das mulheres. Pretende-se ainda contribuir para visibilizar o adoecimento psicológico e destacar da urgência e da relevância no combate às violências, considerando que está se trata de uma realidade existente e permanente na história da sociedade brasileira implicando em grandes impactos e reflexos na sociedade.

Nesta perspectiva, este artigo visa apontar de que forma a violência doméstica poderá ser considerada um fator de risco na incidência de um Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) na vida das mulheres que são violentadas, e para isto discorrerá sobre as questões da violência doméstica, patriarcado e racismo e como a exposição a situações violentas, agressivas e traumáticas poderá efetivamente contribuir para o desenvolvimento do TEPT elevando o número de mulheres em adoecimento psicológico.

DESENVOLVIMENTO

No Brasil, há dois dispositivos legais que versam sobre a violência contra as mulheres: a Lei nº 13.340/2006, sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, também conhecida como Lei Maria da Penha, que visa coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher; e a Lei 13.104/2015, sancionada pela presidente Dilma Rousseff, que versa sobre o Feminicídio e o inclui no rol de crimes hediondos, no Código Penal Brasileiro.

A violência contra a mulher é um problema social e de saúde pública, que consiste num fenômeno mundial que não respeita fronteiras de classe social, raça/etnia, religião, idade e grau de escolaridade (ADEODATO *et al.*, 2005).

Estudos de Ferreira *et al* (2016, p. 29) explicam que:

“[...] a violência é um fenômeno que atinge a humanidade em todos os continentes. É um fenômeno complexo e que está para além do uso da força física, pois remete a situações de dominação, exploração e opressão de um ser humano sobre o outro, ao abuso de poder contra um indivíduo, grupo ou comunidade”.

A violência doméstica advinda do processo de subordinação, dominação e desigualdade social entre homens e mulheres estabeleceu-se na sociedade ao longo de anos através do patriarcado. Para Lerner (2019, p.350) o patriarcado é uma criação histórica formada por homens e mulheres em um processo que levou quase 2.500 até ser concluído. Calcula-se que o homem haja estabelecido seu domínio sobre a mulher há cerca de milênios (SAFIOTT, 1987, p.47).

Mas, o que é o patriarcado e em que se baseia? O patriarcado em sua definição mais ampla, significa a institucionalização da dominância masculina sobre as mulheres e crianças na família e a extensão da dominância masculina sobre as mulheres na sociedade em geral (LERNER, 2019, p.390). E em que se baseia o patriarcado? O patriarcado se baseia na dominação do homem sobre a mulher e nas ideologias que afirmam que as mulheres são por natureza inferiores aos homens. O machismo define a ideologia de supremacia masculina, de superioridade e de crenças que se apoiam e se sustentam. Machismo e patriarcado se reforçam de forma mútua (LERNER, 2019, p.391).

Os sistemas patriarcais e machistas são fomentadores das violências domésticas, haja vista que estes se mantêm embasados na ideologia da dominação do homem sobre a mulher.

Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, realizado em 2021, sobre a violência contra meninas e mulheres no ano pandêmico registraram que, as Polícias Militares, por meio do número 190 receberam 694.131 ligações relativas a violência doméstica no Brasil em 2020, correspondendo a um crescimento de 16,3% a mais do último ano.

A violência doméstica e sexual tem resultado em tentativas e/ou efetivas mortes de mulheres. O crime de homicídio cometido por um homem ao ceifar a vida de uma mulher por meio de violência ocorrida no contexto de gênero, lhe imputando atitudes comportamentais de menosprezo ou discriminação, única e exclusivamente, por sua condição de sexo configura-se Feminicídio.

Ainda segundo registros do Fórum Brasileiro de Segurança Pública de 2020, ocorreu um aumento de 7,1% nos crimes de feminicídio em 2019. Das 1.326 vítimas, 66,6% são mulheres negras e 89,9% foram mortas pelo companheiro ou ex-companheiro.

As mulheres são o alvo dessas violências o que nos faz refletir sobre um problema secular existente na sociedade. Os dados confirmam que as lesões

corporais dolosas, aquelas em que o agressor tem a intenção de provocar o ato e os estupros com vítimas do sexo feminino vêm aumentando ano após ano mesmo com a aplicabilidade das leis Maria da Penha e do Feminicídio. Na violência de gênero os homens agem intencionalmente imprimindo a sua força física e reafirmando a manutenção de seu poder, sequelas deixadas pelos sistemas patriarcal e racista a que as mulheres foram e são submetidas até hoje.

Para o Direito Penal, “o dolo é a vontade livre e consciente de violar a lei (praticar os elementos objetivos do tipo penal), por ação ou omissão, com total conhecimento do agir em desacordo com a norma jurídica visando praticar uma conduta criminosa”. (DICIONÁRIO JURÍDICO).

Ferreira et al (2016, p. 29) corroboram em seus estudos que as mulheres são o alvo de violências e que estas se originaram de sistemas patriarcais e racistas impostos pelos homens ao afirmar que:

[...] Tem sido elas as principais vítimas do abuso do poder explícito do macho, com perdas e danos que afetam todo o núcleo familiar, dadas as suas vulnerabilidades sociais originárias da opressão patriarcal de gênero, racista e de classe, em que os homens estabelecem as regras e padrões de comportamentos e, por isso, impõem suas opiniões e vontades às mulheres e, se contrariados, reagem de forma agressiva, verbal ou fisicamente [...].

Pesquisas realizadas com a população brasileira feminina, vêm consolidando o aumento no número de violências sofridas pelas mulheres no Brasil. De acordo com Bueno, Bohnenberger e Sobral (2021), o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) de 2021, cumpre destacar que, somente em 2020, ano pandêmico, a violência contra meninas e mulheres teve o número alarmante de 230.160 denúncias nos 26 estados do país, ou seja, 630 mulheres procuraram as autoridades policiais todos os dias para denunciar violências sofridas. No total, 3.913 meninas e mulheres foram assassinadas neste ano.

Em estudos desenvolvidos com mulheres vítimas de violências domésticas que procuraram a Delegacia de Defesa da Mulher, 76% das vítimas da amostra apresentaram grande probabilidade de desenvolver transtorno de estresse pós-traumático (MOZZAMBANI et al., 2011). As condições comórbidas comuns incluem transtornos depressivos, relacionados ao uso de substâncias, transtornos de ansiedade e bipolares. Transtornos como os citados deixam as pessoas mais vulneráveis ao desenvolvimento de TEPT (SADOCK; SADOCK; RUIZ, 2017).

As síndromes depressivas são atualmente reconhecidas como um problema prioritário de saúde pública (DALGALARRONDO, 2008). Os sintomas e os transtornos devem ser estudados considerando o contexto sociocultural, simbólico e histórico em que a pessoa está inserida.

A violência contra mulheres, considerando seus cinco tipos: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial; expõe às mulheres a situações de adoecimento potencialmente traumáticas; contribuindo para o aumento dos fatores de risco e a incidência do TEPT.

Pesquisas sugerem que as violências físicas em relacionamentos íntimos são muitas vezes acompanhadas de abuso psicológico e em um terço a mais da metade dos casos por abuso sexual. Entre 613 mulheres no Japão que em algum momento foram abusadas, por exemplo, 57% sofreram todos os três tipos de abuso – físico, psicológico e sexual (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2002, p.89).

Sadock, Sadock e Ruiz (2017) chama a atenção ao informar que os estressores que causam o transtorno de estresse agudo e TEPT são suficientemente devastadores para afetar todas as pessoas. Afirma ainda que eles podem surgir de experiências traumáticas incluindo agressões e estupro.

Em uma pesquisa nacional de violência contra mulheres no Canadá, por exemplo, um terço de todas as mulheres que forma fisicamente agredidas por um parceiro disseram que temiam por suas vidas em algum momento do relacionamento. Embora os estudos internacionais tenham se concentrado sobre a violência física porque é a mais fácil de ser conceituada e medida, estudos qualitativos sugerem que algumas mulheres acham o abuso e degradação psicológicos ainda mais intoleráveis do que a violência física (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2002, p.93).

Neste sentido, pesquisa realizada por Adeodato *et al.* (2005, p. 111), com mulheres vítimas de agressões por seus companheiros e que prestaram queixa na Delegacia da Mulher em Ceará, corroboram que, os achados gerais do estado psicológico dessas mulheres foram: 65% apresentaram escores elevados em sintomas sintomáticos; 78% em sintomas de ansiedade e insônia; 26% em distúrbios sociais; 40% em sintomas de depressão [...].

Um crescente corpo de evidências de pesquisa está revelando que compartilhar a sua vida com um parceiro abusivo pode ter um impacto profundo na saúde da mulher. A violência tem sido associada a uma série de resultados de saúde, tanto imediatos quanto a longo prazo. Apesar da violência ter consequências diretas na saúde da mulher, como lesão, ser vítima de violência também aumenta o risco de saúde futura da mulher. Tal como acontece com o consequente uso de tabaco e álcool, sendo que uma vítima de violência pode ser

considerada um fator de risco para uma variedade de doença e condições (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2002, p.100).

Segundo a Organização Mundial de Saúde realizada em Genebra em 2002, as consequências para a saúde comportamental e psicológica das mulheres que são vítimas de violências doméstica são: abuso de álcool e drogas; depressão e ansiedade; distúrbios alimentares; sentimento de vergonha e culpa; fobias e transtorno de pânico; inatividade física; baixa auto-estima; transtorno de estre pós-traumático; entre outros distúrbios.

Na 16ª Conferência Nacional de Saúde realizada em 2019, dentre as propostas de consolidação dos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) destaca-se a seguinte: “Defender os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres sobre sua saúde e sua vida, visando: a) redução das violências sexual, obstétrica e doméstica [...]” (BRASIL, 2019, p. 47).

A definição de transtorno mental descrita no Manual de Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (DSM – V) diz:

Um transtorno mental é uma síndrome caracterizada por perturbação clinicamente significativa na cognição, na regulação emocional ou no comportamento do indivíduo ou no comportamento de um indivíduo que reflete uma disfunção nos processos psicológicos, biológicos ou de desenvolvimento subjacentes ao funcionamento mental. Transtornos mentais estão associados a sofrimento ou incapacidade significativos que afetam atividades sociais, profissionais ou outras atividades importantes (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 64).

O novo DSM –V apresenta os seguintes critérios diagnósticos para categorizar o TEPT:

Exposição a episódio concreto ou ameaça de morte, lesão grave ou violência sexual ou uma (ou mais) das seguintes formas: 1. Vivenciar diretamente o evento traumático. 2. Testemunhar pessoalmente o evento traumático ocorrido com outras pessoas. 3. Saber que o evento traumático ocorreu com um familiar ou amigo próximo (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 315).

Nessa ótica percebe-se a complexidade do TEPT dentro de um seio familiar quando uma mulher se encontra em violência doméstica e vivencia maus-tratos físicos, agressões psicológicas ou de natureza patrimonial, sexual e moral.

A violência contra a mulher (VCM) se tornou um problema de saúde pública. Afirmiação corroborada por Santeiro, Schumacher e Souza (2017, p. 403):

Na atualidade, a VCM tem sido entendida como tópico de saúde pública, multifacetado e multicausal. Por essa natureza, ela tem

demandado a criação de leis, de programas e de políticas públicas específicas (por exemplo, Decreto Nº 11.340, 2006) e a consolidação das Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (DEAM) e das Casas-Abrigo – moradia protegida às mulheres em risco.

Neste sentido, os estudos sobre saúde, associados a violência doméstica, vêm sinalizando a gravidade do problema e alertando a um combate mais efetivo para com a violência contra a mulher como forma de proteção à vida e à saúde mental das mulheres. Em um estudo piloto, Da Cruz Cassado, Galo e De Albuquerque (2003) indicam os resultados do estudo com mulheres vítimas de violência doméstica por meio de entrevistas, apontaram a incidência elevada de TETP. Pesquisas realizadas com mulheres vítimas de violência doméstica corroboram que, frequentemente as vítimas sofriam agressões físicas com lesões severas e ameaças de morte. Fato este, que pode contribuir para uma maior incidência do TETP e que tem como característica que quanto mais grave e duradouro o evento traumático, maiores são as chances de desenvolver o transtorno. (MOZZAMBANI *et al.*, 2010).

Apesar de timidamente estudos estarem sendo desenvolvidos, pesquisas estão sendo realizadas e sugerem que a violência doméstica está associada à percepção negativa da saúde mental da mulher. Fato este, que pode refletir na incidência de um TETP e trazer implicações a vida das mulheres e de seus familiares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso, portanto, romper com ideias patriarcais e racistas ainda sustentadas e alimentadas pela sociedade cujo único objetivo é de dominação e poder dos homens sobre as mulheres e de brancos sobre negros. O Estado precisa intensificar os programas e projetos criados voltados às mulheres, ou seja, é necessário que estes programas sejam alimentados com recursos financeiros e recursos humanos para que possam ser de fato implementados. Precisamos efetivamente que as mulheres tenham seu lugar garantido no espaço público. Precisamos de mulheres negras participando mais ativamente da política, representando este segmento que tem singularidades e lutas específicas e que por isso precisam ser representadas por si mesmas. Para que assim possamos ter mais políticas públicas voltadas as questões das mulheres, sobretudo para questões voltadas à saúde física e mental destas. Para que as mulheres, tenham o direito mais importante e legalmente preservado: o direito de permanecerem vivas.

Por fim, sabe-se que combater a desigualdade de gênero, combater práticas racistas não é uma tarefa fácil porque o patriarcado e o racismo advêm de uma lógica de dominação, mas que já não encontra mais respaldo nas relações sociais. É importante ressaltar que a manutenção de comportamentos patriarcas e racistas refletem e contribuem para termos uma sociedade onde todos os dias mulheres sejam vítimas de violência doméstica e sexual e expostas ao adoecimento físico e psicológico.

Ainda se tem pouco registros de pesquisas especificamente voltados para as consequências psicológicas que a violência contra a mulher pode causar; o que é de fato importante, que precisamos sensibilizarmos para o problema da violência doméstica que vai para além dos números, e alertar quanto a necessidade de pesquisas quanto aos danos à saúde psicológica das vítimas da violência doméstica e o que isso pode causar para suas famílias e a sociedade em geral.

REFERÊNCIAS

ADEODATO, V; CARVALHO, R. R; SIQUEIRA, V. R; SOUZA, F. G. M. Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. **Revista de saúde Pública**, v. 39, p. 108-113, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rsp/a/kbLB4v3hdrn3fCvDfrKv3Hx/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 27 ago. 2021.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5. Tradução Maria Inês Corrêa Nascimento et al. Porto Alegre: Artmed Editora, 2014.

BRASIL, Presidência da República; Secretaria-Geral; Lei nº 13.340 de 07 de agosto de 2006.2006a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/lei/l11340.htm>. Acesso em: 02 maio de 2021.

BRASIL, Presidência da República; Secretaria-Geral; Lei nº 13.104 de 07 de março de 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/lei/l13104.htm>. Acesso em: 02 maio de 2021.

BUENO, S; BOHNENBERGER, M; SOBRAL, I. **A violência contra meninas e mulheres no ano pandêmico**, 2021. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/07/6-a-violencia-contrameninas-e-mulheres-no-ano-pandemico.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2021.

DA CRUZ CASSADO, D; GALLO, A. E; DE ALBUQUERQUE, L. C. Transtorno de Estresse Pós-Traumático em mulheres vítimas de violência doméstica. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 2, n. 1, p. 10-10, 2003. Disponível em: <

<https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/view/1045>. Acesso em: 01 jun. 2021.

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DICIONÁRIO JURÍDICO. Disponível em: <<https://www.direitonet.com.br/dicionario/exibir/909/Dolo>>. Acesso em: 18 maio 2021.

FERREIRA, Maria M. et al. Direitos iguais para sujeitos de direito: empoderamento de mulheres e combate a violência doméstica. **São Luis: Edufma**, p. 29, 2016.

FONSECA, D. H; RIBEIRO, C. G; LEAL, N. S. B. Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, p. 307-314, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/bJqkynFqC6F8NTVz7BHNt9s/?lang=pt&format=html>>. Acesso em: 07 mar. 2021.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/>>. Acesso em: 30 de jun 2021.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. Editora Cultrix. 2019.

MOZZAMBANI, A. C. F; RIBEIRO, R. L; FUSO, S. F; FIKS, J. P. Gravidade psicopatológica em mulheres vítimas de violência doméstica. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 33, n. 1, p. 43-47, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rprs/a/6ff7h4s6GQ7gqFrhDTZFmrM/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

SCHRAIBER, L. B; D' OLIVEIRA, A. F; FRANÇA-JUNIOR, I; DINIZ, S; PORTELLA, A. P; LUDERMIR, A. B; VALENÇA, O; COUTO, M. T. Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 41, n. 5, p. 797-807, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rsp/a/8G54ZFwvFgLQsQtmKtFvtYt/?lang=pt>>. Acesso em: 27 nov. 2021.

SADOCK, B. J.; SADOCK, V. A.; RUIZ, P. **Compêndio de Psiquiatria**: Ciência do Comportamento e Psiquiatria Clínica. Tradução Marcelo de Abreu Almeida et al. Porto Alegre: Artmed, 2017.

SAFFIOTTI, Heleiith. **O poder do macho**. São Paulo. Editora Moderna, 1987.

SANTEIRO, T. V; SCHUMACHER, J. V; SOUZA, T. M. C. Cinema e violência contra a mulher: contribuições à formação do psicólogo clínico. **Temas em Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 401-413, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-389X2017000200001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 set. 2021.

TEIXEIRA, J. M. S; PAIVA, S. P. Violência contra a mulher e adoecimento mental: Percepções e práticas de profissionais de saúde em um Centro de Atenção Psicossocial. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 31, n. 2, p. 1-21, 2021. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/article/physis/2021.v31n2/e310214/pt/>>. Acesso em: 26 dez. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. World report on violence and health: summary Geneva: 2002. Disponível em: <https://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/summary_en.pdf> . Acessado e, 23 de mar 2022.

Capítulo 2

AMAZÔNIA: UM LABORATÓRIO ABERTO EM POTENCIAL PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS

*Jean Carlos de Almeida Nobre
David Lohan Pereira de Sousa*

AMAZÔNIA: UM LABORATÓRIO ABERTO EM POTENCIAL PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS

Jean Carlos de Almeida Nobre

Bacharel em Ciência e Tecnologia, jean.nobre@ananindeua.ufpa.br.

David Lohan Pereira de Sousa

Bacharel em Ciência e Tecnologia, david.sousa@ananindeua.ufpa.br.

Resumo: A referida pesquisa discute a utilização do espaço amazônico como recurso que pode auxiliar os alunos do ensino básico a compreender a complexidade amazônica utilizando elementos do laboratório aberto que é a Floresta Amazônica. Partindo do pressuposto de que o Ensino de Ciências ainda é clássico, que o principal objeto didático utilizado no aprendizado é o livro e aulas expositivas, considera-se relevante a discussão das possibilidades de utilização do espaço como ambiente prático para o ensino e incentivo na Iniciação Científica dos alunos para a utilização de espaços externos à sala de aula como veículos promotores da aprendizagem e de sensibilização para o uso sustentável e conservação dos recursos naturais da Amazônia, por meio do ensino de Ciências Naturais.

Palavras-chave: Laboratório Aberto. Floresta Amazônica. Ensino de Ciências Naturais.

Abstract: A research discusses the use of the aforementioned Amazonian space as a resource that can help elementary school students to understand the Amazonian complexity using the open laboratory that is the Amazon Forest. Part of the use of the science book, still considered classical teaching, the main one used in learning is the object and the expository classes, considered as a relevant environment for the discussion of teaching possibilities and incentive in the Scientific Initiation of vehicles for the use of spaces outside the classroom as promoters of learning and awareness of the sustainable use and conservation of natural resources in the Amazon, through the teaching of Natural Sciences.

Keywords: Open Lab. Amazon rainforest. Teaching Natural Sciences.

INTRODUÇÃO

O ambiente amazônico na atualidade tem sido objeto de discussões em nível regional, estadual, nacional e internacional, o objetivo das discussões está nos recursos naturais, questões ligadas ao meio ambiente, equilíbrio ecológico, a geologia, biodiversidade, entre outros temas e sobre eles existem uma diversidade de

pesquisas e produções, todavia a procura de literaturas que focalizem a utilização como recurso didático dos elementos abióticos (solo, água) e bióticos (fauna e flora) informados nesta pesquisa como elementos da floresta, não se obteve grande êxito. Essa constatação dá à presente pesquisa um grau de importância notável, sobretudo para o ensino nas escolas situadas na zona rural ou campo amazônico, ao constatar as várias alternativas que os elementos da floresta proporcionam, além de oferecer o ensino contextualizado.

A problemática que originou esta pesquisa foi a constatação de que apesar de a floresta fazer parte do contexto onde as escolas estão inseridas, nota-se a pouca importância dada aos elementos da floresta e a possibilidade de sua utilização como recurso didático para ensinar e aprender Ciências.

O ambiente amazônico possui um potencial pedagógico significativo para o embasamento de atividades inerentes às inúmeras disciplinas. No que se refere educação em ciências esse ambiente é um laboratório esplêndido capaz de despertar incentivo nos alunos, que poderão contemplar, medir, identificar, analisar, comparar e descrever de modo diversificado, que foge do método educativo formal (MACIEL & FACHÍN-TERÁN, 2014)

De acordo com Medina (1999), a importância de criação de ambientes de ensino flexíveis e funcionais que supram o contato entre conceitos e prática, com ideias relevantes para seu presente e futuro. A autora ressalta ser imperativo uma mudança no modo como os seres humanos pensam de si mesmos, do meio, da sociedade e do futuro da humanidade.

Conforme Silva (2001) ilustra, o meio amazônico é uma relevante área de “empresariamento” da ciência como força produtiva. A constatação do Autor dá ao ambiente amazônico a condição de laboratório, espaço de estudo sujeito ao desenvolvimento das Ciências da Natureza.

Segundo Hanan e Batalha (1995), a Amazônia contém uma das maiores reservas de recursos naturais do planeta, representada especialmente pela sua biodiversidade.

METODOLOGIA

O foco da análise se volta para atividades práticas utilizando o meio amazônico para fins de pesquisas realizadas pelos alunos do ensino básico (fundamental e médio), a Amazônia proporciona diversos temas para se pesquisar no âmbito

científico como vegetação, solo, temperatura, entre outros diversos materiais de pesquisa.

O presente estudo apresenta uma abordagem qualitativa. Gil (2010) diz que este tipo de pesquisa é caracterizado por reunir pesquisas que tem como objetivo preencher lacunas no conhecimento.

Conforme Minayo (2003), essa forma de abordagem se aprofunda no significado das ações e relações humanas, um lado não acessível em equações, estatísticas ou medidas.

Neste tópico, serão expressos métodos e ideias de formas de ensino no meio do campo ou rural amazônico, ou seja, escolas que estejam próximas a floresta amazônica, as propostas serão de atividades práticas, realizou-se coletas de dois trabalhos feitos no âmbito de ensino de ciências naturais na Amazônia para a devida análise e discussões de seus resultados.

A esse respeito Leite (2002), discute em seus estudos sobre inadequação do currículo escolar afirmando que estes são, geralmente estipulado por resoluções governamentais, com vistas à realidades urbanas; estruturação didático-metodológica deficiente tanto no quesito prática e teoria; salas multisseriadas; calendário escolar em dissonância com a sazonalidade da produção; ausência de orientação técnica e acompanhamento pedagógico; ausência de material de apoio escolar tanto para o professor quanto para alunos além de inúmeros outros problemas.

DESEMPENHO TÉRMICO

Estudos térmicos podem ser feitos no ambiente amazônico tanto como pesquisas relacionadas aos materiais lá presente como condutividade térmica, resistência térmica e pesquisas climáticas do ambiente. Um software que pode proporcionar essas pesquisas de forma prática é o *EnergyPlus*, desenvolvido pelo Departamento de Energia dos Estados Unidos, é um software de simulação termoenergética, gratuito e de fácil instalação, onde o mesmo possui inúmeras ferramentas para estudos térmicos.

ESTUDO DO SOLO E FERTILIZAÇÃO NATURAL

Pesquisas no solo podem ser feitas tanto no âmbito químico quanto biológico ensinando os alunos na prática do que o solo amazônico é composto e como é fertilizado.

PESQUISAS SOBRE DESMATAMENTO E IMPACTOS AMBIENTAIS

Averiguar o próprio impacto da cidade ou meio rural onde o ambiente escolar se encontra no ambiente amazônico, analisando o que gerou a intervenção humana e possíveis soluções para um convívio mais harmônico entre seres humanos e natureza naquela localidade.

Mesmo que atualmente o combate ao desmatamento seja uma das prioridades da política ambiental brasileira, inúmeros setores da sociedade ainda geram uma troca entre o desenvolvimento econômico do país e a preservação das florestas nativas (SOARES *ET AL*, 2019).

ESTUDOS DE FAUNA E FLORA

Catalogação de vegetação e animais presentes no território amazônico onde a escola se encontra.

Essas são algumas das infinitas possibilidades de pesquisas no meio Amazônico.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa realizada por Rocha e Terán em 2013, discute que a importância dos ambientes não formais para o aprendizado em Ciências, analisando o processo de aulas de Ciências Naturais em um Bosque do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia-INPA, desde seu planejamento até a avaliação da contribuição da visita para o processo de ensino-aprendizagem, criou-se parâmetros metodológicos caracterizados pelo pressuposto qualitativo, gerado a partir de análises e aplicação de questionários com 21 alunos de uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Manaus.

Realizou-se no Bosque aulas de Ciências a partir de visita a um espaço não formal, além de conhecer o tipo de alimentação de algumas espécies da fauna amazônica e o conceito de cadeia alimentar: produtores e consumidores.

De acordo com Rocha e Terán (2013), A visita ao Bosque se caracterizou como uma estratégia relevante para o Ensino de Ciências, pois, os estudantes estavam mais motivados e demonstraram um ganho cognitivo sobre os conteúdos trabalhados, ou seja, o entendimento dos conteúdos conceituais; desenvolvimento dos conteúdos na

prática, além de observação, sistematização de informação e registro. Contatou-se que o planejamento da atividade é de suma importância, pois permitiu prevenir incidentes e aproveitar ao máximo o potencial educativo do espaço. Essa iniciativa permite afirmar que o planejamento e a preparação dos estudantes permitiram usar o espaço não formal como um relevante recurso para o Ensino de Ciências, aliando as características particulares do ambiente com a intenção da educação formal.

Segundo Alcântara (2008), que realizou uma pesquisa em uma Escola Municipal, localizada no perímetro rural do Município de Manaus, Estado do Amazonas, com o intuito de analisar possíveis contribuições dos elementos amazônicos como recursos didáticos para o ensino de ciências. Como técnica, recorreu-se à observação, roteiro de entrevista e análise documental. Além disso, foram realizadas e convalidadas atividades com uma turma de 27 crianças, e um professor do Ensino Fundamental. Obteve-se, como resultado, a elaboração de três artigos onde foi constatado um empenho enorme das crianças na realização das tarefas propostas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A biodiversidade amazônica permite aos docentes de ciências naturais dar sentido a conteúdos específicos de química, biologia, física, e Educação Ambiental no meio amazônico. Considerar a aprendizagem como processo supõe contemplar espaços para além dos escolares, em espaços não formais, como o zoológico, praças, museus, o entorno da escola ou mesmo em outros espaços da escola.

Segundo Castellar (2004), analisar a articulação entre os conteúdos aprendidos teoricamente na escola e a aplicação prática em uma situação do cotidiano, entendendo como espaços de aprendizagem propiciam uma melhor integração entre tais instâncias da sociedade e criam condições para a melhoria da qualidade na educação.

A floresta Amazônica representa uma área em potencial para o processo de ensino e aprendizagem em Ciências Naturais em ambientes próximos, analisando o princípio de que o Ensino de Ciências ainda é clássico, que o padrão didático utilizado em sala de aula é expositiva e que o principal recurso de ensino é o livro didático por conta disso é de extrema relevância a discussão das possibilidades de utilização de espaços que contribuam de forma prática para o ensino das disciplinas e promovendo a iniciação científica dos estudantes.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA Maria I.P; Dissertação: **Elementos da floresta e ensino de ciências na amazônia: proposta metodológica para ensinar ciências na área rural Amazônica.** Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Parecer CEB n. 15/98. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.** Brasília, DF: MEC/CNE, 02 de junho de 1998.
- CASTELLAR Sonia M. V.; **Mudanças na prática docente: espaços não formais e o uso da linguagem Cartográfica,** 2004.
- ENERGYPLUS. Versão 9.3.0. Disponível em: <https://energyplus.net/>. Acesso em: 7 jan. 2022.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2010.
- HANAN, Samuel Assayag; BATALHA, Bem Hur Luttembarck. **Amazônia. Contradições no paraíso ecológico.** São Paulo: Cultura Editores Associados LTDA. 1995.
- LEITE, Sérgio Celani. **Escola Rural:** urbanização e políticas educacionais. 2. ed. São Paulo: Cortez, v. 70, 2002. (Coleção Questões da nossa época).
- MACIEL, H. M.; FACHÍN-TERÁN, A. O Potencial Pedagógico dos Espaços Não Formais da Cidade de Manaus. Curitiba, PR: CRV, 2014. 128p.
- MEDINA, Naná Mininni; SANTOS, Elizabeth da Conceição. **Educação Ambiental.** Uma metodologia participativa de formação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- MINAYO, M. C. S (Org.) Pesquisa social: Teoria, Método e Criatividade. 22 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- ROCHA Sonia C.B; TERÁN Augusto Fachín; **Contribuições de aulas em espaços não formais para o ensino de ciências na Amazônia,** Ciência em tela, 2013.
- SILVA, Marilene Corrêa da. **Agenda Amazônica 21:** valorização Humana e Social. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2001.
- SOARES, Tailandia Oliveira et al. IMPACTOS AMBIENTAIS CAUSADOS PELO DESMATAMENTO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA. Revista Saúde e Meio Ambiente, v. 9, n. 2, 2019.

Capítulo 3

A IMPORTÂNCIA DA COORDENADORIA DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL PARA A IMPLANTAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DE UM PROJETO DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA EM UMA INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA MUNICIPAL NOSSA SENHORA DOS MILAGRES - ALAGOINHAS - BA

Wagner Luiz da Costa Santos

Rosemère Guimarães Cruz

José Ouraci Souza Roxo

A IMPORTÂNCIA DA COORDENADORIA DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL PARA A IMPLANTAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DE UM PROJETO DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA EM UMA INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA MUNICIPAL NOSSA SENHORA DOS MILAGRES - ALAGOINHAS - BA

Wagner Luiz da Costa Santos

Graduado em Pedagogia (INTERVALE) e Letras (UFPB). Especialista em Coordenação Pedagógica e Gestão Educacional. Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. E-mail: wagnerluizcostasantos@gmail.com.

Rosemère Guimarães Cruz

Graduada em Matemática (UVA-CE) . Especialista em Coordenação Pedagógica (UFC-CE) Especialista em Educação, Pobreza e Desigualdade Social (UFC - CE) e em Educação Matemática pela FAK-Kurios. E-mail: grosemare@gmail.com.

José Ouraci Souza Roxo

Graduado em Artes Visuais (UNINTER). Especialista em Gestão Escolar (UNINTER).

Resumo

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar de forma breve a contextualização dos estudos dos teóricos Munhoz, Pathak e Chaudhary acerca do uso de tecnologias educacionais no planejamento e execução de projetos educativos, Mediação de processos por meio da tecnologia, design e gerenciamento de projetos e sua integração ao ensino em um contexto emergencial remoto, assim, no presente trabalho, faremos uma breve revisão deste conceito e em seguida apresentaremos um relato de experiência baseado na integração das ferramentas da web 2.0 e suas aplicabilidades, através da implantação e implementação de um projeto multimídia. Desta forma, dividimos a pesquisa em tópicos para melhor situar o leitor a respeito das informações apresentadas, deste modo, temos uma contextualização na introdução, que levará em consideração o momento atual de pandemia do Sars-covid-19 e suas consequências para a educação, seguida do tópico a utilização de

tecnologias em ambientes educacionais, seguido do tópico sobre a importância do planejamento e da mediação na implantação de tecnologias educacionais: refletindo o papel do coordenador de tecnologia, culminando com um relato de experiência desenvolvido na Escola Municipal Nossa Senhora dos Milagres, na cidade de Alagoinhas, estado da Bahia, onde são relatados os processos de implantação e implementação de um projeto de inovação tecnológica baseado no uso de recursos multimídia.

Palavras-chave: Coordenação, Tecnologia, Inovação, Transformação digital, Relato de experiência.

Abstract

This paper aims to briefly present the contextualization of the studies of the theorists Munhoz, Pathak and Chaudhary about the use of educational technologies in the planning and execution of educational projects, Mediation of processes through technology, design and project management and its integration to teaching in a remote emergency context, therefore, in the present work, we will make a brief review of this concept and then present an experience report based on the integration of web 2.0 tools and their applicability, through the implementation and implementation of a project multimedia. In this way, we divided the research into topics to better situate the reader about the information presented, thus, we have a contextualization in the introduction, which will take into account the current pandemic moment of Sars-covid-19 and its consequences for education, followed by the topic the use of technologies in educational environments, followed by the topic on the importance of planning and mediation in the implementation of educational technologies: reflecting the role of the technology coordinator, culminating in an experience report developed at the Municipal School Nossa Senhora dos Milagres , in the city of Alagoinhas, state of Bahia, where the processes of implantation and implementation of a technological innovation project based on the use of multimedia resources are reported.

Keywords: Coordination, Technology, Innovation, Digital transformation, experience report

1 Introdução

O uso das tecnologias digitais de comunicação e informação estão presentes no nosso cotidiano nas mais diversas atividades da sociedade humana, sendo aperfeiçoados para os mais diversos usos tecnológicos, assim, com o avanço das tecnologias digitais de comunicação e informação, a escola passa a desempenhar um papel muito importante no sentido em que ela possa democratizar esses saberes e possa reconhecê-los enquanto uma cultura digital, dando desta forma, subsídios aos alunos para que estes consigam compreender o mundo a sua volta e integrar-se nele nas suas variadas esferas (social, cultural e laboral).

Nesta feita, o presente trabalho busca apresentar uma experiência prática (empírica) de coordenação de processos tecnológicos em uma escola da educação básica, localizada na zona rural do município de Alagoinhas, estado da Bahia.

Como objetivo geral pretende-se discutir a importância da coordenação de tecnologia educacional para a construção de um projeto de inovação e mudança de paradigmas educacionais, bem como, apontar a importância do apoio da gestão da escola nesse processo. Como objetivos específicos, visa-se a constatação do apoio do gestor escolar como meio de qualificação dos processos de implementação e implantação de projetos educacionais, como também a importância da qualificação dos docentes nesse processo e como o coordenador de tecnologias educacionais poderá estar intervindo nesse processo.

O trabalho fundamenta-se nos autores Pathak e Chaudhary (2012), Munhoz (2015) respectivamente, também fazendo referência a alguns artigos científicos pesquisados. Sendo portanto, um trabalho de cunho bibliográfico de revisão com uma abordagem qualitativa, com apresentação de experiência de campo empírica.

Deste modo, para melhor situar o leitor, distribuímos esse artigo em pequenas seções, assim, na primeira seção temos a introdução, seguida do desenvolvimento, onde serão apresentados os fundamentos teóricos da pesquisa e sua discussão, seguido da seção relato de prática escolar e finalmente a última seção com as considerações finais.

2 Desenvolvimento

2.1 A utilização de tecnologias em ambientes educacionais

Para início de conversa, precisamos compreender o que é considerado tecnologia educacional e como se deu a sua utilização, bem como os seus componentes. Deste modo, podemos dizer que a tecnologia sempre existiu na história da humanidade, uma vez que sempre houve a preocupação com a busca de soluções para os problemas cotidianos, utilizando a inovação e a criatividade.

Munhoz (2015) retrata essa questão:

Desde a hora que acorda até a hora que vai dormir, você está envolto pela tecnologia. Não é necessário ir muito longe, aliás nem é preciso sair do lugar; basta olhar ao redor: se você não estiver em alguma caverna pré - histórica, verá algum aparato tecnológico desenvolvido para melhorar o seu bem estar ou desempenho (Munhoz, 2015. P. 10)

Assim, a tecnologia é vista como uma necessidade de adaptabilidade do ser humano para moldar o seu meio, através de produtos, serviços ou novas maneiras de compreender e fazer as tarefas que antes eram executadas de maneira rudimentar, desse modo, podemos dizer que adoção e uso de tecnologias promove mudanças significativas na sociedade e nas instituições que fazem parte dessa sociedade.

Nesse sentido, percebemos que existem variadas compreensões sobre o que venha a ser “tecnologia educacional”, desde uma perspectiva mais ou menos integrativa entre as duas partes que compõem o paradigma, digo, isoladamente o termo “tecnologia” e “educação” como sendo coisas distintas que não necessariamente estariam integradas em um mesmo sistema. Entretanto, para os fins de definição, preferimos a concepção de MUNHOZ (2015) que define e considera a tecnologia educacional como uma metodologia e ou um processo que auxilia professores e alunos a desenvolver suas atividades, tornando a **aprendizagem mais significativa** e fascinante.

Ainda nessa visão, PATHAK e CHAUDHARY (2012) nos apresenta a seguinte definição:

Para que se possa ter uma definição mais completa do processo da tecnologia educacional, é preciso enxergá-la para além dos aparatos tecnológicos. Assim, é necessário trazer a ideia de tecnologia educacional como algo apropriado para atender as necessidades dos alunos, atingir objetivos de aprendizagem, analisar e desenvolver qualidade no processo de ensino e aprendizagem e proporcionar a disponibilidade de recursos. (Pathak e Chaudhary (2012) apud Munhoz (2015) P. 25)

Desta feita, o uso de tecnologias educacionais visa aumentar a qualidade do ensino, promovendo uma aprendizagem significativa, que se proponha a fornecer instrumentos de interação social e construção coletiva de ideias com inovação e criatividade.

2.2 A importância do planejamento e da mediação na implantação de tecnologias educacionais: refletindo o papel do coordenador de tecnologia.

Com a evolução cada vez mais crescente do uso das tecnologias da informação e da comunicação, que surgiram logo após a terceira revolução industrial, as pessoas passaram a estar cada vez mais interconectadas através do uso dessas novas mídias,

o que teve como resultado, a digitalização dos conhecimentos adquiridos até então pela humanidade por meio das redes de computadores e partir daí o desenvolvimento da microinformática e dos sistemas de comunicação que temos hoje em dia.

Assim, entendemos a mediação tecnológica, como uma forma de interação através do uso dessas novas tecnologias de informação e comunicação, que pode se dar por exemplo, por meio da utilização da rede de computadores. Para esse processo, torna-se necessário que as pessoas envolvidas possam trabalhar de forma cooperativa e colaborativa.

Segundo Betz (2003) (como citado em Munhoz , 2015):

“A mediação tecnológica apresenta efeitos extensivos sobre a forma como as coisas acontecem. Novas condições se estabelecem nas comunidades sociais, em meio a um emaranhado de interações que nunca aconteceriam se a tecnologia não estivesse presente.” (Munhoz, 2015. P 49)

Deste modo, de acordo com PATHAK e CHAUDHARY (2012) a adoção de tecnologias educacionais favorecem uma série de fatores que estão interrelacionados e que são potencializados pela mediação utilizada, a saber:

Melhorar os conteúdos educacionais, melhorar a qualidade e a utilização dos materiais de ensino, orientar para a utilização de metodologias educacionais inovadoras, criar um clima favorável para que os estudantes possam ser críticos e criativos no desenvolvimento das atividades de aprendizagem, diferenciar a condução dos alunos de uma proposta de transmissão de conteúdo, assistencialista, para uma orientação que o leve à aprendizagem independente, sugerir o desenvolvimento de nova formas de relacionamento entre professores e estudantes para recuperar o encanto perdido, ausência essa que em nada contribui para o aumento da qualidade do ensino e aprendizagem. (Pathak e Chaudhary apud MUNHOZ, 2015, P. 43).

Antes de mais nada, convém uma reflexão sobre o que seria essa mediação e quais são os fatores que podem influenciar nesse processo.

3 Relato de Experiência com coordenação de tecnologia

Este relato breve objetiva descrever algumas ações iniciadas durante o ano de 2020 e continuadas no ano de 2021, com a finalidade de implantar e implementar um projeto de apoio à prática pedagógica por meio da capacitação em tecnologias de multimídia para fins educativos.

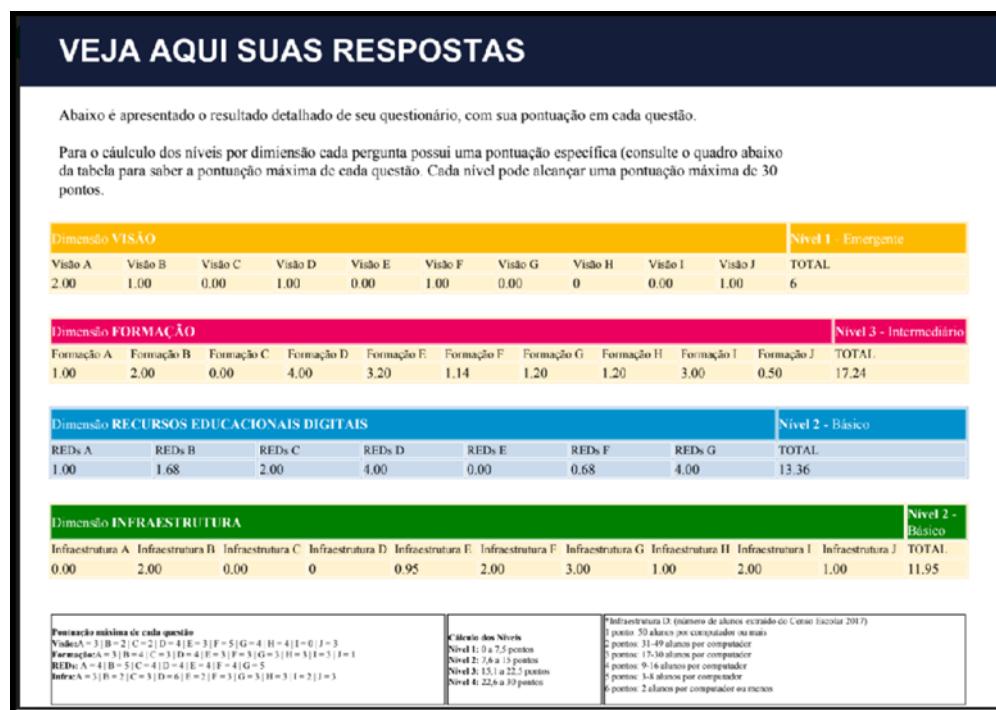
As experiências descritas foram concretizadas na Escola Municipal Nossa Senhora dos Milagres, município de Alagoinhas, estado da Bahia. Com o início da pandemia e posterior suspensão das aulas presenciais, as instituições educacionais passaram a repensar as suas práticas e pensar em modelos que poderiam ser ajustados para a utilização de forma

remota. Assim, além dessa problemática inicial, ainda tínhamos o problema de que a maioria dos professores não tinham domínio do uso de tecnologias educacionais para utilização nas práticas pedagógicas.

Desta forma, pensamos na elaboração de um projeto de tecnologia educacional voltado para a utilização das multimídias como recurso educativo. Para tanto, uma das primeiras ações foi a realização do diagnóstico de tecnologia da instituição, para que pudéssemos compreender as necessidades e elaborar possíveis intervenções.

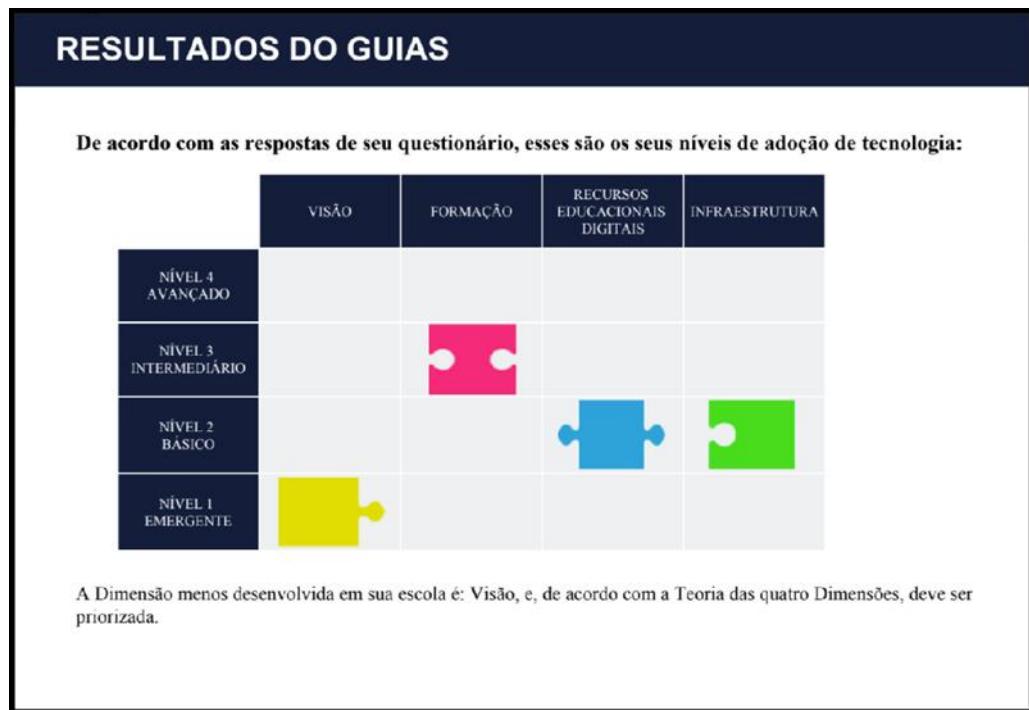
Neste sentido, o diagnóstico institucional foi baseado nos resultados obtidos da pesquisa do MEC/PDDE sobre a adoção de tecnologias educacionais nas escolas.

Figura 1: Resultado do perfil diagnóstico da instituição em relação ao uso de tecnologias educacionais



Fonte: PDDE INTERATIVO/ MEC (2020).

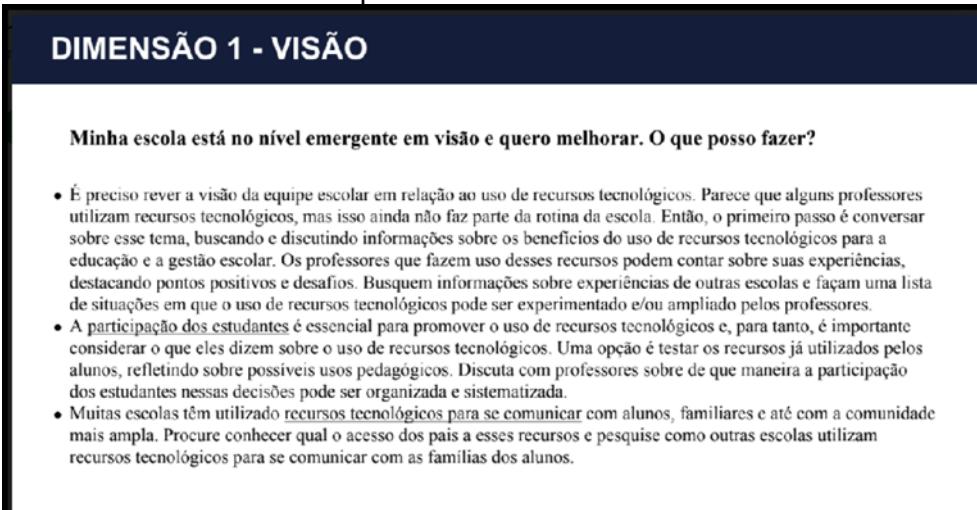
Figura 2: Níveis de adoção de tecnologia em relação às dimensões examinadas



Fonte: PDDE INTERATIVO/ MEC (2020).

Após o resultado da pesquisa, agendamos uma reunião com a direção escolar e corpo docente, onde ficou estabelecido que precisavamos nos adequar a dimensão da pesquisa relacionada a visão tecnológica, para isso, definimos que faríamos uma capacitação prática para os professores de forma online, utilizando as ferramentas que estávamos planejando para os alunos, também precisávamos compreender qual era o nível de letramento digital dos alunos e o seu acesso a equipamentos e tecnologia.

Figura 3: Recomendações para a readequação da dimensão relacionada à visão tecnológica dos processos educacionais.



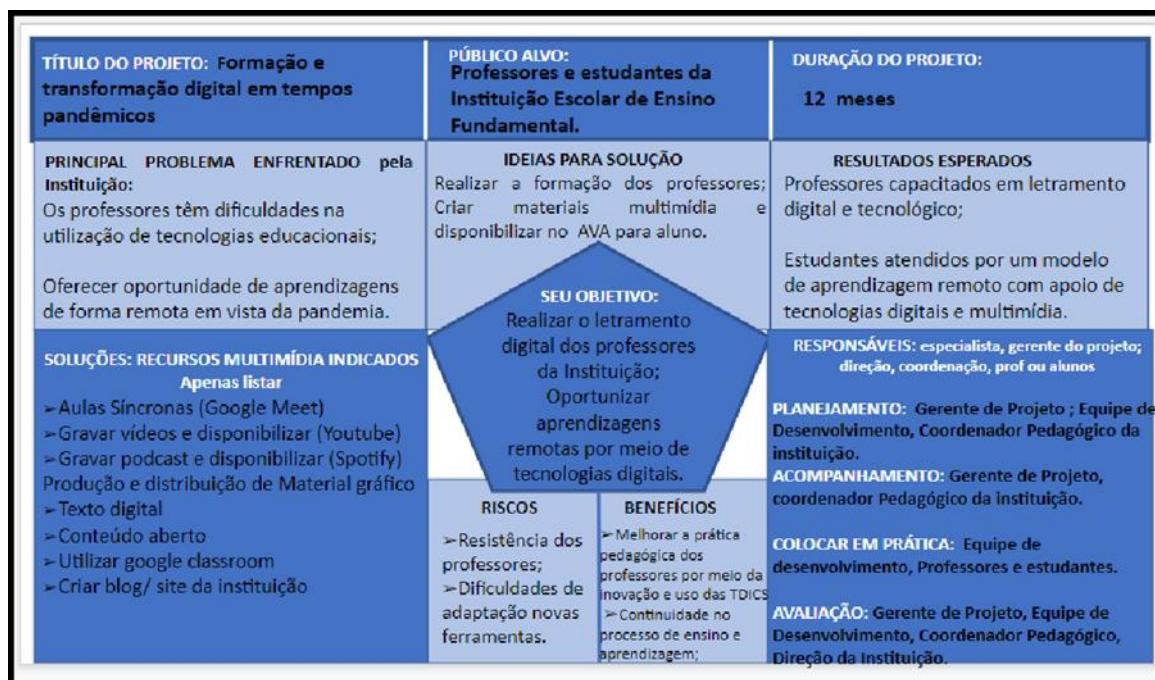
Fonte: PDDE INTERATIVO/ MEC (2020).

Com base na recomendação citada na figura três e também na análise dos diagnósticos iniciais dos professores, iniciamos a elaboração de um projeto para utilização de multimídia educativa. Neste relato serão descritos os processos de coordenação, implantação e implementação do projeto.

3.1 Planejamento e execução

Superada a etapa inicial de diagnóstico institucional, passamos a fase de planejamento das ações e seleção de recursos multimídia, culminando na sua posterior execução na capacitação com os docentes e consequente melhoria no atendimento aos estudantes por meio da ampliação dos instrumentos de comunicação e informação através da adoção de recursos multimídia em vídeo, streaming, hipertexto e redes sociais. Assim, na fase de planejamento ficou definida a duração total do projeto, seus objetivos, público alvo, matriz swot e as responsabilidades de cada um.

Figura 4: Storyboard do projeto multimídia implantado na instituição



Para promover este momento de capacitação básica dos professores, utilizamos as soluções do G-suíte do programa Google for education, assim, o

primeiro passo foi a criação da sala de aula virtual, utilizando o Google Classroom. Após a criação da sala, estruturamos

uma agenda de reuniões online utilizando a ferramenta Google Meet para fazer a tutoria inicial dos processos e o posterior acompanhamento das ações e atividades que seriam propostas no ambiente virtual.

Figura 5: Ambiente de apoio para as capacitações dos professores



Figura 6: Devolutiva da autoavaliação de competências digitais de professores - Profª Cristiane Almeida.



Figura 7: Devolutiva da autoavaliação de competências digitais de professores - Profº Evandro Ribeiro.



Na reunião inicial fizemos a apresentação da sala de aula, demonstramos como acessar os materiais disponíveis e realizar possíveis integrações entre vários recursos digitais para a consolidação das atividades.

Na segunda reunião, após uma semana de exploração dos recursos da sala de aula e suas possibilidades, os professores foram incentivados a criar as salas de aula virtuais para os seus alunos, utilizando o google classroom. A proposta estava voltada para a melhoria dos processos de adoção de tecnologias educacionais e ampliação da comunicação com os estudantes, assim, foram utilizados variados recursos multimídia como vídeo (em meio síncrono e assíncrono), áudio (Podcasting), texto gráfico, storytelling e outros.

Os resultados parciais foram bastante promissores, uma vez que notadamente os estudantes passaram a ter maiores possibilidades de interação com a escola e os docentes, o que está gerando melhoria no processo de ensino e aprendizagem, entretanto, para um resultado mais abrangente convém uma nova análise futura após a finalização do projeto, uma vez que o mesmo encontra-se em curso.

3 Considerações Finais

O processo de implantação e de implementação de inovação e tecnologias nos ambientes educacionais foi muito importante para a manutenção das aprendizagens dos estudantes em todo o mundo, bem como uma maneira eficiente de manter a comunicação efetiva entre docentes e discentes, com o intuito de manter os vínculos sociais com a escola.

O desafio proporcionado por este momento, que certamente marcará a nossa história, serviu ao propósito de mostrar as potencialidades das tecnologias de informação e comunicação e de suas ferramentas como meios de promoção da aprendizagem com utilização pedagógica plena, fortalecendo a tendência da busca por uma educação inovadora e disruptiva, que utilize-se das tecnologias para a ampliação dos horizontes educacionais, promovendo a cibercultura, a inovação e a criatividades na busca por soluções aos problemas globais.

4 Referências

Munhoz, A.S. (2015). *Tecnologias Educacionais*. São Paulo, Brasil: Saraiva.

Pathak. R.P; Chaudhary. J.(2012). *Educational Technology*. Delhi, India: Pearson Education.

Capítulo 4
**RELATO AUTOBIOGRÁFICO E SIMBÓLICO DA
JORNADA DO EU EM MOMENTO PANDÊMICO**

Battaglia, C. L. P.,

Graciani, J. S.,

Grandi, E. V.,

Mercurio, G. F.,

Miranda, M. L. V.

RELATO AUTOBIOGRÁFICO E SIMBÓLICO DA JORNADA DO EU EM MOMENTO PANDÊMICO

Battaglia, C. L. P.,

Graduada em Administração (Centro Universitário Ibero Americano), Professora de Yoga (Instituto de Ensino e Pesquisas de Yoga) e Graduanda em Psicologia (FMU).

Graciani, J. S.,

Professora doutora em Psicologia Social (PUC), mestre em Gerontologia Social (PUC), Especialista em Arte e Desenvolvimento Humano (Fac. Messiânica), Especialista em Neurodidática (UNINTER) e Especializanda em Psicologia Analítica (IJEP).

Grandi, E. V.,

Graduada em Psicologia (FMU) e Especializanda em Psicologia Analítica (IJEP).

Mercurio, G. F.,

Graduada em Tradução e Intérprete e Licenciatura em português e inglês (Centro Universitário Ibero Americano), graduanda em Psicologia (FMU) e Especializanda em Psicologia Analítica (IJEP).

Miranda, M. L. V.

Graduanda em Psicologia (FMU).

Resumo

O objetivo geral desta pesquisa foi compreender o fenômeno da jornada do eu através de uma investigação do processo de individuação e da análise simbólica de uma mandala autobiográfica, ambos conceitos dispostos na Psicologia Analítica, diante das participantes de um curso de Arteterapia. Os objetivos específicos, abrangeram três aspectos: identificar o processo de individuação das participantes do curso Mandaland: despertar da Mandala Interior, diante da análise do relato autobiográfico; descrever as múltiplas facetas simbólicas da jornada do eu no momento atual, através dos conceitos contidos nos desenhos elaborados pelas participantes; refletir como a arteterapia pode auxiliar no momento de pandemia. Quanto ao método utilizado, consistiu numa pesquisa qualitativa, revisão bibliográfica e análise documental da

produção de uma mandala, com a temática jornada do eu e um breve relato autobiográfico do momento atual. Os resultados indicam as vivências de arterapia realizadas por meio da participação no curso Mandaland: despertar da Mandala Interior, pode colaborar no desenvolvimento do processo de individuação dos participantes auxiliando no desenvolvimento do autoconhecimento, transformação pessoal e grupal, na busca pela cura de suas dores, na promoção da auto aceitação, na compreensão da comunicação com o inconsciente, contribuindo para a expansão do ser transcendental e dos propósitos existenciais durante o período da pandemia.

Palavras-chave: Autobiografia. Mundo Simbólico. Psicologia Analítica. Mandala. Pandemia.

Abstract

The general objective of this research was to understand the phenomenon of the journey of the self through an investigation of the individuation process and the symbolic analysis of an autobiographical mandala, both concepts presented in Analytical Psychology among the participants of an art therapy course. The specific objectives covered three aspects: to identify the individuation process of the participants of the course Mandaland: Awakening of the Inner Mandala through the analysis of the autobiographical report; to describe the multiple symbolic facets of the journey of the self in the present moment, through the concepts contained in the drawings elaborated by the participants; to reflect on how art therapy can help in the moment of the pandemic. The method used consisted of qualitative research, bibliographic review, and documental analysis of the production of a mandala with the theme of the journey of the self and a brief autobiographical report of the present moment. The results indicate that the experiences of art therapy carried out through the participation in the course Mandaland: Awakening of the Inner Mandala can collaborate in the development of the individuation process of the participants, helping in the development of self-knowledge, personal and group transformation, in the search for the cure of their pains, in the promotion of self-acceptance, in the understanding of the communication with the unconscious, contributing to the expansion of the transcendental being and the existential purposes during the period of the pandemic.

Keywords: Autobiography. Symbolic World. Analytical Psychology. Mandala. Pandemic.

INTRODUÇÃO

O momento atual vivenciado na segunda década do século XXI é permeado pela pandemia do novo Coronavírus. Segundo a OMS o número de casos globais registrados até 06/05/2022 foram de 513.955.910. O número de mortes reportadas até esta data foram de 6.249.700. No Brasil foram registrados 30.502.501 de casos e 663.759 mortes. As consequências desse contexto envolvem impactos intensos na economia mundial, mudanças sociais, transformações políticas e em particular para as famílias, traz o convite a uma nova socialização, marcada pelo convívio residencial para resguardo e lidar com o manejo das incertezas nas áreas da saúde, como o luto,

o confinamento e as sequelas dos sobreviventes tais como: falhas na memória, olfato, paladar, sistema respiratório e diminuição do sistema imunológico.

O estudo a partir do relato autobiográfico e simbólico da jornada do eu em momento pandêmico é uma pesquisa realizada por intermédio de análise de mandalas produzidas por participantes do curso *Mandalando: despertar da Mandala Interior* produzidas entre 01/04/2022 e 01/05/2022. O objetivo geral deste trabalho foi compreender o fenômeno da jornada do eu através de uma investigação do processo de individuação e da análise simbólica de uma mandala autobiográfica, ambos conceitos dispostos na Psicologia Analítica. Quanto aos objetivos específicos, esses abrangeram três aspectos: identificar o processo de individuação das participantes do curso *Mandalando: despertar da Mandala Interior*, diante da análise do relato autobiográfico; descrever as múltiplas facetas simbólicas da jornada do eu no momento atual, através dos conceitos contidos nos desenhos elaboradas pelas participantes; refletir como a arteterapia pode auxiliar no momento de pandemia.

Segundo Abrahão (2012), a pesquisa autobiográfica se utiliza de diversas fontes como narrativas, história oral, fotos, vídeos, filmes, diários, documentos em geral para compreender o narrador e reconstruir a memória dele.

Ao interpretar um momento autobiográfico há o fenômeno descrito por Ferrarotti (1988, p. 30) apud Abrahão (2012) onde fica sempre evidenciado a relação entre o eu pessoal e o eu social, permitindo: "reconstruir os processos que fazem de um comportamento a síntese ativa de um sistema social a interpretar a objetividade de um fragmento da história social a partir da subjetividade não iludida de uma história individual".

Dessa maneira, a metodologia utilizada é a qualitativa, onde "a relação entre sujeito pesquisador e sujeito pesquisado, que embora perpassada por relações de poder, constitui momento de construção, diálogo de um universo de experiências humanas". (Silva, 2017, p. 27).

MÉTODO

Esse trabalho possui base científica, o que significa que sistematiza o conhecimento produzido através de um método específico para compreender uma realidade tendo um ponto de partida específico. Goldenberg (2000, p.103) citado por Silva (2017, p.26), destaca que: "a ciência é um conjunto organizado de

conhecimentos relativos a um determinado objeto, obtido através da observação e da experiência, em um determinado meio e momento.”

Em relação à metodologia, foi utilizada a qualitativa onde essa não tem a pretensão de elaboração de conceitos generalistas. Neste sentido, acrescenta ainda Goldenberg (2000 p.103), apud Silva (2017, p.27):

“[...] a pretensão de ser representativa no que diz respeito ao aspecto distributivo do fenômeno e se alguma possibilidade de generalização advier da análise realizada, ela somente poderá ser vista e entendida dentro das linhas de demarcação do vasto território das possibilidades”. (Goldenberg (2000 p.103), apud Silva (2017, p. 27).

A metodologia qualitativa de pesquisa para Abrahão (2012, p.86), tem uma dimensão ética e política quando “aposta na capacidade de recuperar a memória de narrá-la desde os próprios atores sociais.

Consideramos a pesquisa autobiográfica com potencialidades de diálogo entre o individual e o sociocultural, pois evidencia a maneira como cada um mobiliza seus conhecimentos, valores, energia, para formar a sua identidade, num diálogo com seus contextos, “razão pela qual os estudos autobiográficos podem ser entendidos como referentes a vidas inseridas em um sistema em que a pluralidade de expectativas e de memórias é o corolário da existência de uma pluralidade de mundos e de tempos sociais”.

Interpretação do investigador não desqualifica a interpretação/reinterpretação do narrador, que será respeitada em seu "estabelecimento da verdade", mas representa uma leitura do material narrativo, tendo em vista uma "referência de verdade" para além das narrativas, no esforço de compreender o objeto de estudo em duas perspectivas: na perspectiva pessoal/social do narrador - que representa as individualidades - na perspectiva da dimensão contextual da qual essas individualidades são produto/produtoras.

O método autobiográfico se constitui, dentre outros elementos, pelo uso de narrativas produzidas por solicitação de um pesquisador, estabelecendo, pesquisador e entrevistado, "uma forma peculiar de intercâmbio que constitui todo o processo de investigação" (Moita, 1995, p. 258 apud Abrahão, 2017), com a intencionalidade de construir uma memória pessoal ou coletiva procedente no tempo histórico.

Carl Gustav Jung (2008) argumentou que na cultura humana existem dois tipos de símbolos: naturais e culturais. Os primeiros serão símbolos naturais do inconsciente humano coletivo, dispostos em todas as imagens arquetípicas

essenciais. A segunda categoria, designada por símbolos culturais, são precisamente os que são utilizados para fins artísticos gerais e são quase sempre utilizados nas religiões.

A pesquisa de Carl Gustav Jung, discutida em Machado et al. (2017), sobre o simbolismo da mandala foi extremamente importante para tornar a mandala acessível ao mundo. Ele mencionou a palavra mandala que significa círculo no sentido usual da palavra. No campo da psicologia e dos costumes religiosos, refere-se às imagens circulares desenhadas, conformacionais ou dançadas.

Do ponto de vista junguiano, a mandala tem dois efeitos: manter a ordem espiritual ou restaurá-la. Jung citado por Machado et al (2017, p. 362) afirma que a mandala não é produto de sonhos, mas o resultado de uma imaginação ativa. Ao desenhar uma mandala, o sujeito entra em contato com seu inconsciente e através desse contato surgem as emoções que serão expressas, essas informações ajudarão na construção do seu ego. E é nesse contexto que Jung (2017) verifica que o centro, primeiro, pertence à consciência, depois ao inconsciente individual e, finalmente, a um segmento de tamanho indeterminado chamado inconsciente coletivo, cujo arquétipo é comum a toda a humanidade.

Desenhar a mandala torna-se algo gratificante para o sujeito, pois ele está em contato consigo mesmo, e a partir disso constrói sua personalidade, através desse momento íntimo com suas emoções, no qual traz conforto ao sujeito. A criação de uma mandala é liberdade, o sujeito encarna nela muito do seu próprio ser, no qual cria seu mundo e manifesta tudo de dentro. Como a mandala é livre, o sujeito se expressa da maneira que achar melhor, seja colorindo, desenhando, pintando, colando, lixando, enfim, quando o sujeito é exposto a ela (através do desenho, pintura, etc.) ele se concentra em si mesmo.

Lima (2001, p.26) apud Silva (2017, p.27) ressalta que:

“Ao nos prendermos a um método, perdemos o contato com a realidade a ser compreendida ou investigada, na medida em que passamos a nos apoiar em um modus operandi autônomo e independente dessa realidade”. (LIMA, 2001, p.26 apud SILVA, 2017, p.27).

Acrescenta ainda a autora a necessidade de partirmos do real, do concreto antes de usarmos qualquer instrumento para acessar a realidade, onde o mundo simbólico se manifesta e possibilita a compreensão dos aspectos inconscientes pela consciência.

Todos os participantes convidados para esse estudo são membros do curso Mandaland: Despertar da sua Mandala Interior. Foi pedido entre 01/04/2022 e 01/05/2022, que cada um criasse uma mandala que representasse a Jornada do Eu no momento atual. Logo após, foi requisitado que respondessem a seguinte pergunta: “Quem sou eu no momento atual?”. O material solicitado foi enviado por e-mail a uma das pesquisadoras, bem como o termo Livre e Esclarecido de consentimento do uso de imagem e informações dos relatos, preservando a identidade e singularidade dos sujeitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para efetuar a interpretação do material produzido foi utilizada a ideia de função transcendente de Jung, elaborado em 1958, no livro “A natureza da psique”. Ela é utilizada pelo autor, para elucidar o conceito de símbolo, que apresenta a função da intermediação, a conexão entre a nossa mente consciente e a nossa mente inconsciente. Quando o símbolo transcende seu significado mais básico e passa a construir níveis de significados cada vez maiores, amplifica sua magnitude, possibilitando a conexão com toda a arte e cultura da humanidade.

Nessa vivência das mandalas como função transcendente é preciso entender que o surgimento se dá através de produções espontâneas, que se manifestam como um desejo que vem facilitar a conexão da personalidade mais superficial com as dimensões mais profundas da psique.

“Função transcendente. Função da psique que espontaneamente produz a união dos opostos. O que propicia essa união de maneira equilibrada é o símbolo, elemento comum aos sistemas consciente e inconsciente. A união dos opostos permite a transição de uma atitude psicológica para outra sem que haja perda do material inconsciente. Sua intencionalidade diz respeito à possibilidade de ir além (transcender) de um conflito sem cair na parcialidade.” (GRIMBERG, 2003, p. 225).

Para Carl Jung em Machado et al. (2017), o benefício das expressões artísticas, como a mandala, apresenta algumas vantagens sobre a comunicação, por conseguirem expressar de forma mais direta o universo emocional do paciente, sem passar pelo crivo da razão, como ocorre com o discurso verbal.

Sobre a importância da compreensão dos símbolos para a arte, e para a natureza humana, Jaffé (1964, p.321) comenta em *O homem e seus símbolos* (1964) que:

“A profusão de símbolos animais na religião e na arte de todos os tempos não acentua apenas a importância do símbolo: mostra também o quanto é vital para o homem integrar em sua vida o conteúdo psíquico do símbolo, isto é, o instinto. [...] O homem é a única criatura capaz de controlar por vontade própria o instinto, mas é também o único capaz de o reprimir, distorce-lo e feri-lo – e um animal, para usarmos uma metáfora, quando ferido, atinge o auge da sua selvageria e periculosidade. Instintos reprimidos podem tomar conta de um homem, e até mesmo destruí-lo”. (JAFFÉ, 1964, p. 321).

Jung (1984) entendia a individuação como um processo que significava tornar-se um ser único, alcançar uma singularidade profunda, tornando-nos o nosso próprio Si-mesmo.

“A individuação busca estimular o indivíduo a despertar o melhor de si e do outro, tirando-o do isolamento e estimulando o outro a empreender uma convivência coletiva maior e saudável. Tal fato, nos ensina que o processo de individuação busca aproximar o mundo do indivíduo através do caminho do autoconhecimento”. (JUNG, 1984, p.322).

A jornada do eu é desenvolvida pelo processo de ativação do processo de individuação perpassado pela vivência de múltiplos caminhos tendo duplo sentido: esforço de tornar-se consciente e de desenvolver a consciência, se apropriando de seus componentes individuais e coletivos.

Ressalta Murray, 2020, p.15, sobre a importância, dinamismo e o caráter permanente do processo de individuação:

“Para participar desse imenso projeto humano, o indivíduo é estimulado a integrar algumas figuras e dinâmicas do inconsciente coletivo a uma identidade consciente e flexível, que não reprime polaridades psíquicas inerentes para sustentar a si mesma, mas sim para incluir figuras e energias que emergem continuamente das profundezas da psique. A individuação é um processo dinâmico e permanente”. (MURRAY, 2020, p.15).

Foram convidados todos os 23 alunos do curso Mandalando: Despertar da Mandala Interior a responder a essa pesquisa, destes 17 aceitaram participar, totalizando 74% da amostragem total. Em relação ao perfil 16 são mulheres e 01 homem, 07 são solteiros, 10 casados, tendo 09 psicólogas formadas e 08 em formação em psicologia.

Na sequência apresentamos as 17 Mandalas enviadas sobre a jornada do eu no momento atual, onde os participantes puderam simbolizar suas várias expressões dos sentidos existenciais e do processo de vivenciar a individuação, a partir de elementos da natureza, paisagens, relação de movimentação entre o barco e o oceano, animais de poder, espirais, símbolos da totalidade, ilustração da relação da maternidade, manifestação da diversidade cultural e da integração dos oponentes.

Para a análise das Mandalas propusemos uma classificação dos símbolos por categorias temáticas (Bardin, 1977), distribuídas em cinco linhas, onde ambos os 17 desenhos enviados apontam o elemento comum de vivenciar a totalidade da psique, através de uma imagem que destaca a presença do ser transcendente do momento atual.

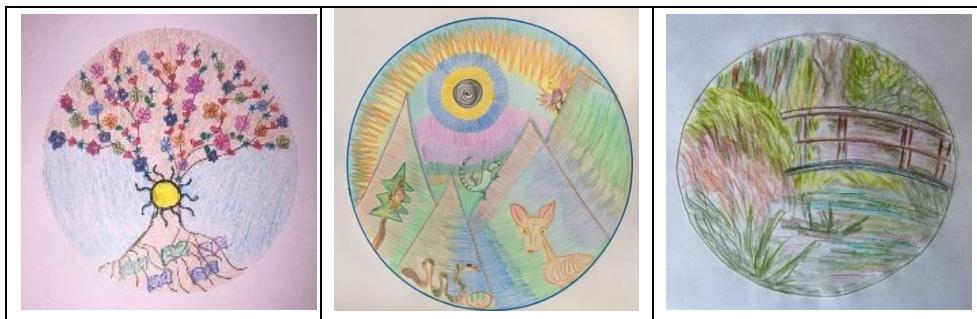
Figura 1. Mandalas da Jornada do Eu



(Fonte: Elaboração das autoras a partir das Mandalas Jornadas do Eu, 2022).

Na primeira linha, temos a representação do momento atual diante da representação por meio de quatro flores, sendo a primeira marcada pela expressão de quatro pétalas fazendo uma alusão as quatro estações do ano, a segunda é caracterizada por um ramalhete, distribuído em grupos de três flores pequenas marcadas em duas fileiras e também englobando de forma diagonal duas flores complementares, dispostas no canto superior a direita (destacando os aspectos masculino – *Animus* –, racional e consciente) e outra no lado oposto inferior à esquerda (apontando as dimensões femininas – *Anima* –, emocionais e inconscientes).

Quanto a terceira flor, está disposta num jardim e tem uma segunda flor anexa e grudada a anterior, indicando a busca pela integração dos aspectos sombrios da personalidade, a superação da codependência e a busca por autonomia frente a vida e quarta flor está desabrochando sob um coração entre aberto, no formato de uma espiral voltada para o mundo interior, indicando uma aspiração solitária em seu processo de tornar-se si-mesma.

Figura 2. Mandalas da Jornada do Eu

(Fonte: Elaboração das autoras a partir das Mandalas Jornadas do Eu, 2022).

Quanto a segunda linha, essa ficou composta de 03 mandalas identificadas com elementos da natureza delimitadas na paisagem, sendo o sol presente de forma direta em 02 delas e em 01 aparece de forma indireta na folhagem. Esse símbolo elucida a força da auto iluminação, a presença do masculino criador e a ativação de possibilidades de expansão dos saberes junto as outras criaturas.

A primeira mandala, é representada por uma árvore, onde sua copa é composta por flores e corações e suas raízes são iluminadas por livros abertos, indicando uma articulação entre a sabedoria ancestral das raízes culturais, coletivas e as ações que florescem na copa; a segunda mandala tem montanhas (registros da espiritualidade), no centro o lagarto (indica realização dos sonhos) e a expressão das quatro direções com seus respectivos animais: norte (como eu me expresso) sendo o animal escolhido a águia (Liberdade do Espírito), sul (como eu me sinto) tendo o animal a Corça (Poder da gentileza), leste (como me vejo) representado pela cobra (Transmutação) e oeste (como eu penso) elucidado pelo esquilo (Poder do Armazenamento), essas direções colaboram na orientação dos caminhos da jornada e da consciência frente aos desafios da vida; e a última mandala explicita uma ponte de ligação entre os lados feminino (esquerdo) marcado por uma vegetação intensa, iluminada e de mata selvagem e por outro lado o masculino (direito) ilustrado com mais escuridão, mais aberto, objetivo e com menos mato, indicando um propósito de ligação entre as duas partes, a conexão entre algo mais bruto e por outro, um meio mais elaborado.

Figura 3. Mandalas da Jornada do Eu

(Fonte: Elaboração das autoras a partir das Mandalas Jornadas do Eu, 2022).

A terceira linha é composta de 04 mandalas, sendo que a primeira nos remete a um convite interessante do olhar do expectador pois a moça retratada na ilustração está de costas ao público que a observa, indicando o Jung (2013) denomina no processo de psicoterapia de papel de ser testemunha dos fenômenos que nos ocorrem em nosso processo de individuação. Essa moça está de braços abertos acolhendo sua diversidade, sua inclusão e aceitação de sua liberdade frente as suas escolhas, essa constatação apresentada na mandala pode indicar um convite a articulação das diferenças entre o global, o coletivo e o individual vivenciado pela própria pessoa.

A segunda mandala, também ativa o sagrado feminino, pois a simbologia nos remete ao útero e ao acolhimento do bebê lá disposto. Neste sentido, o arquétipo da criança interior está sendo ressignificado e junto com ele novas possibilidades.

A terceira e quarta mandalas, apresentam expressões abstratas e intersecções entre os elementos, promovendo um convite a ampliação do campo de visão, despertar um novo olhar e a diferenciação da identificação e desidentificação dos processos, possibilitando a autonomia singular de ser quem se é e da coragem em poder assumir-se como um ser na totalidade e simultaneamente particular.

Outro componente identificado nas 04 mandalas dessa linha são a presença do olhar, da visão e do olho, onde na primeira mandala o olhar está invertido, na segunda o olho aparece no canto inferior esquerdo (feminino inconsciente), na terceira a pupila é ilustrada bem ao centro e na quarta o olho é representado no sentido vertical e com várias conexões.

Em ambas as 04 mandalas o olhar, olho e a visão simbolizam a ativação do terceiro olho, a dimensão transcendental do ser, favorecendo a consciência da totalidade, a integração e a sinergia entre os componentes psíquicos.

Figura 4. Mandalas da Jornada do Eu

(Fonte: Elaboração das autoras a partir das Mandalas Jornadas do Eu, 2022).

A quarta linha é delineada por 02 barcos, em movimento em sua jornada existencial. O primeiro dispõe da âncora (permitindo parar quando necessário), 03 janelas (favorecendo ver o mundo externo), velas triangulares (mover-se), bandeira na proa (assumir a identidade), a presença da nuvem (lado esquerdo, emocional, feminino) e um pássaro que lembra o símbolo do Espírito Santo (Anunciação das Bem-aventuranças, bençãos pelos dons Divinos e iluminação pela graça) da religião Católica (lado direito, racional, masculino); e o segundo barco mais abstrato, tendo em sua base vários corações (expressão da afetividade), a iluminação do sol (força interior), a presença da nuvem (lado esquerdo, emocional, feminino) e do lado direito a identificação de uma cruz, símbolo da crucificação de Jesus de Nazaré, Messias que fez a redenção dos pecados de todos os seres humanos, a partir da denominação da religião Católica.

Jung (2013) aponta que no processo da individuação diante da psicoterapia são ativadas quatro fases: a confissão (o processo de apropriar-se de seus fenômenos e a coragem de socializa-los consigo e o psicólogo\analista), o esclarecimento (busca pela reflexão e análise de como os mecanismos inconscientes e conscientes interagem), a educação (apropriação dos meios de sinergia, sincronicidades, polarizações, compreensão dos complexos ativados e da consciência dos arquétipos potencializados) e a transformação (perspectivas de estruturar, dinamizar e viver a jornada do processo de individuação de forma transformativa).

Assim, podemos identificar que no primeiro barco a pessoa encontra-se na fase da educação, tendo a consciência de seguir ou parar quando necessário o seu transporte da vida, por meio da âncora e na segunda mandala do barco a autora

encontra-se no momento de ilustrar onde se localizam suas dores vivenciadas na cruz e como o sol, pode auxiliar nessa compreensão da fase de vida, assim, delimitando a fase de confissão, ou seja, ouvir sua dor, para na sequência poder acolher, ressignificar e quiça transformá-la.

Figura 5. Mandalas da Jornada do Eu



(Fonte: Elaboração das autoras a partir das Mandalas Jornadas do Eu, 2022).

Na quinta linha se destacam quatro mandalas com a geometria sagrada, marcadamente por formas geométricas similares, simétricas e onde os aspectos do consciente (parte de cima da mandala) se espelham nas nuances do inconsciente (parte inferior da mandala). A primeira, apresenta uma cruz no centro, indicando a ressignificação da dor, se abrindo em 08 novas direções, indicando novas possibilidades de enfrentamento; a segunda, é caracterizada pelo pontilhismo tendo o contorno marcado em 03 camadas e no centro diversas expressões de conexões que lembram cristais solidificados na água, favorecendo a emanação de vibrações de movimentação interna e simultaneamente de demarcação de limites externos; a terceira é marcada pelo pontilhismo do símbolo complementar das polarizações complementares do Yang (representa a luz, princípio ativo, masculino, quente e claro) e do Yin (representa a escuridão, a passividade, o feminino, frio e noturno), acrescentando os raios de sol ao seu redor, favorecendo a busca por essa integração dos opostos dentro de si-mesma e a última aponta para a importância da união em pares de pétalas, tendo 02 pares acima, 02 abaixo e 02 na linha do horizonte, apontando a aspiração de conexão sinergia entre as coisas que vem do céu em relação aos aspectos ativados da terra e também, aquelas que vem da socialização com as outras pessoas.

Há em cada mandala apresentada uma compreensão do contexto significativo tendo por detalhes importantes os arquétipos presentes, as formas geométricas, o uso

de cores quentes, frias e neutras, a presença de elementos da natureza (flores, árvore, animais) e da cultura (meio de transporte, ponte, manifestações religiosas – Católicas – e filosóficas – Taoísmo), expressões de totalidade (intersecções), tendo por objetivo estabelecer o contexto presente de cada autora no contexto da pandemia.

Em relação a temporalidade do que está sendo narrado em cada mandala temos o tempo cronológico, fenomenológico e Kairós (maturidade), percebidos como os aspectos vivenciados pelo passado, presente e futuro, a movimentação dos barcos, dos animais e do útero, a aceitação da diversidade e o amadurecimento diante da integração das polarizações dos opositos (masculino e feminino, racional e emocional, ficar e seguir).

Na sequência iremos analisar o relato autobiográfico da jornada do eu diante de seu momento atual. De acordo com Campos (2004, p.43) em Abrahaão, 2012, existem dentro do quadro referencial da metodologia qualitativa biográfica quatro ferramentas principais: a história oral, a biografia, a autobiografia e a história de vida". A seguir apresentamos a Figura 2. composta pelas principais características dos métodos biográficos:

Figura 6. Características dos Métodos Biográficos

| METODOLOGIA | | ABORDAGENS BIOGRÁFICAS | | | |
|-------------|--|---|---|---------------|--|
| MÉTODOS | CARACTERÍSTICAS | HISTÓRIA ORAL | BIOGRAFIA | AUTOBIOGRAFIA | HISTÓRIA DE VIDA |
| | <ul style="list-style-type: none"> – Elaboração de um projeto; – Definição prévia de um grupo de pessoas a serem entrevistadas; – Planejamento da condução das gravações; – Transcrição e conferência do depoimento; – Inexistência da preocupação com o vínculo. | <ul style="list-style-type: none"> – Utilização de diversas fontes; – Recolhimento enviesado dos dados; – Irrelevância da falta de relação entre pesquisador e sujeito pesquisado. | <ul style="list-style-type: none"> – Discurso direcionado ao leitor; – Preocupação com a sequência temporal; – Intencionalidade. | | <ul style="list-style-type: none"> – Preocupação com o vínculo entre pesquisador e pesquisado; – Há uma produção de sentido tanto para o pesquisador quanto para o sujeito: "saber em participação"; – História contada da maneira própria do sujeito; – Ponte entre o individual e o social |

(Fonte: CAMPOS, 2004, p.43).

A partir, das contribuições de Campos (2004, p.43) apud Abrahaão (2012), optamos por utilizar o relato autobiográfico, a fim de investigar os sentidos subjetivos ao discurso de si-mesmo, a análise pela criação de categorias de compreensão da narrativa e a busca por explicitar as intencionalidades das experiências vividas nas trajetórias das participantes.

Acrescenta Santamarina e Marinas (1994, p. 269) apud Abrahaão (2012) que: “as histórias de vida são inseridas em um sistema, são tratadas como histórias de um sujeito (individuo ou grupo) que se constroem desde dentro dos condicionantes micro e macroestruturais do sistema social”.

Neste sentido, toda narrativa é sócio-histórica, se inscreve num contexto, numa ênfase e revela uma perspectiva do sujeito diante de suas frustrações, motivações, sonhos e desafios.

Ressalta Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 110) que: "A narrativa privilegia a realidade do que é experienciado pelos contadores de história. [...] As narrativas não copiam a realidade do mundo fora delas: elas propõem representações e interpretações particulares do mundo".

Na sequência, iremos realizar a análise dos relatos autobiográficos da jornada do eu no momento atual, solicitadas para que os participantes escrevessem sobre essa temática e enviassem suas reflexões para o e-mail de uma pesquisadora.

Obtivemos 17 respostas contendo os relatos das participantes, sendo que o total de possibilidades eram 23 pessoas, indicando que 74% dos integrantes do curso Mandaland: despertar da mandala interior interagiram com a proposta solicitada. Foram identificadas 07 categorias de significados do processo de individuação, a partir dos relatos: I. Autoconhecimento; II. Transformação; III. Cura; IV. Autoaceitação; V. Comunicação com o Inconsciente; VI. Transcendência e VII. Propósitos Existenciais.

Em relação ao primeiro aspecto, o autoconhecimento, este foi caracterizado como meio de libertação do que estava aprisionado “Estar entremeada por mandalas é estar liberta para me expressar com detalhes o que antes estava preso no cimento do desconhecido”, elaboração de novas possibilidades “O autoconhecimento me trouxe uma fase de descobertas, de novas escolhas e novas atitudes, que claro me trouxe novas oportunidades de realizações” e compreensão de aspectos ainda não conscientes “estou na caminhada do autoconhecimento, buscando saberes que me auxiliem no entendimento daquilo que é novo e ainda não comprehendo, naquilo que é antigo e ainda não consigo dar novas respostas”.

A segunda dimensão abarca a transformação, marcada pelas possibilidades de mudanças: “Traçando novas rotas. Experimentando novos destinos, experiências, companhias, sabores. Aprendendo a lidar com minhas tempestades e calmarias. Vislumbre de novos cenários”, pela ânsia de ressignificar a existência “Um ser em busca de reencontro com sua essência interior” e no vivenciar o processo de tornar-se quem se é “Sou uma flor desabrochando”.

Na terceira perspectiva foram apontados nos relatos que o momento atual inclui, os aspectos da busca pela cura ativa: “Essa procura por saber quem eu sou, o que é meu e o que é peso do passado e dos outros, me faz caminhar muitas vezes por caminhos doloridos, porém que me ensinam que a ferida só é curada quando mexemos nela”, pela resiliência diante das superações vividas “Um ser tentando tirar as dores físicas que se instalaram pelos acontecimentos do passado. Alguém que está feliz com todas novas conquistas e reconhece as alegrias atuais como bônus” e pela legitimação e do acreditar no processo da jornada de cura pelo inconsciente “Hoje, nesse momento sou a pessoa que escolhe ouvir o que inconsciente fala através de representações simbólicas”.

Destacando o quarto aspecto, esse englobou os processos da autoaceitação consciente: “Um ser em busca de novos conhecimentos e em busca do equilíbrio para um melhor encontro com o eu”, a motivação por uma atuação pessoal e social: “estou num momento muito bacana de autodescoberta, autoconhecimentos e de libertação de tudo que tinha me mantido presa. Estou vendo realmente meu papel na sociedade, na família, em tudo” e a aspiração de conexão com as inter-relações: “sou uma pessoa em paz, cultivando conhecimento, estudos, aprendizados, conexões para um futuro próspero e melhor como indivíduo e para servir ao coletivo”.

O quinto aspecto revela a importância da comunicação com o inconsciente e suas várias formas de manifestação, tais como a sincronicidade: “Enxergar a sincronicidade que nos rodeia, que nos mostra que tudo acontece como tem que ser e quando tem que ser, mostra que só precisamos estar atentos aos sinais meu momento atual me trouxe mais leveza, mais sabedoria, me fez não entrar em brigas desnecessárias, valorizar a minha paz”, o entendimento das polarizações: “Sempre estaremos nessa dialética sobre o bem e o mal. Através das luzes das Mandalas trato as dores e sorrio para as chances que a vida me presenteia” e a percepção do poder do inconsciente como guia do despertar de uma nova consciência “As mandalas me

trazem sem erro os pontos que necessito olhar com mais atenção. Me levam a olhar para o meu interior e enxergar o que a consciência não alcança”.

A ativação dos aspectos transcendentais delimita o sexto aspecto, que pode comparecer nos relatos por meio da associação com a natureza: “Me vejo como uma Águia em conexão direta com meu poder Divino, tendo uma visão panorâmica da vida, aceitando a pluralidade das múltiplas existências”, despertar de um novo campo energético: “No momento atual estou obtendo consciência do fluxo da vida”, na valorização da conexão e da gratidão da jornada percorrida: “Nesse momento olho para frente com esperança e para o passado com ternura, com o coração cheio de gratidão por todo o caminho que percorri e me fez chegar até aqui, avante!” e por meio da vivência do amor próprio “Hoje vivo uma história de amor comigo mesma, passamos da fase do flerte, agora estamos apaixonadas, para enfim viver o amor mais lindo da minha vida, o amor por mim mesma”.

O sétimo e último aspecto foi identificado como incluindo os propósitos existenciais, sendo explicitados por objetivos de melhorias “Lutar pelos meus objetivos, vibrar com cada pequena vitória, porque cada passo rumo ao meu objetivo é importante, entender que sim, estou e mereço ser feliz, com todos os meus defeitos e virtudes, porque fazem parte de mim, aprender a conviver com esses defeitos muda tudo”, vivencias de valores pessoais “Sou o respeito a minha estação que estou vivenciando, o prazer da transformação é colocar o que é do passado em seu devido lugar. Ciclar buscando o desenvolver para viver o presente construindo a realidade do futuro”, pela assunção da identidade pessoal “Sempre fui metamorfose, sócio-histórica, dialética. Tenho fome de saber, sentir e realizar”, através da consciência temporal e espacial: “Eu sou a soma do que fui no passado e do que me tornei no presente, deste passado tiro as lições e aprendizagens necessárias que me trouxeram para o caminho que estou hoje, o caminho do autoconhecimento, da cura e do amor-próprio” e pela admissão do momento atual, a fim de poder transforma-se “Sou uma pessoa estressada, insegura, em algumas áreas da minha vida, e de pouca fé que está no caminho da transformação em todos os sentidos”.

A análise dos relatos autobiográficos e simbólicos da jornada do eu no momento atual, revelou que os participantes do curso Mandalando: Despertar da Mandala Interior, puderam por meio da arteterapia desenvolver o processo de individuação, a partir da criação e da elaboração das mandalas, mobilizando os componentes da promoção do autoconhecimento, compartilhar de experiências,

socialização da comunicação com o inconsciente, favorecendo a transformação, a cura pessoal e social, a auto aceitação e o despertar do ser transcendental e dos propósitos existenciais, colaborando nas formas de lidar com as dores, desafios e aprendizados propiciados pelo momento da pandemia.

CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi compreender o fenômeno da jornada do eu através de uma investigação do processo de individuação, por meio da análise simbólica de uma mandala autobiográfica e através do relato autobiográfico do momento atual num contexto de pandemia. Os resultados indicam que a arteterapia vivenciada de forma individual, grupal e coletiva, propicia o autoconhecimento, a autoaceitação, a transformação espaço temporal, a mobilização do ser transcendental, dos propósitos existenciais e da autocura pela comunicação e interação dos aspectos inconscientes com a consciência.

Para Silveira (2011) o promover a imaginação ativa, o acessar o potencial criativo, a expressão das emoções artísticas, desenvolvem uma articulação entre o mundo externo e interno. Assim, a arteterapia funciona como um mediador de possibilidades, um campo de terapêutico, de autodescobertas.

Destaca Andrade (2000, p.18) sobre a importância da expressão artística na arteterapia realizada na psicoterapia:

“A expressão artística revela a interioridade do homem, fala do modo de ser e da visão de cada pessoa e do seu mundo. Esse ato revela um suposto significado, e cada teoria e método da arteterapia e da terapia expressiva apropria-se desse ato de forma diferente. [...] por meio desse fazer arte, expressando-se, o terapeuta pode estabelecer um contato com o cliente, autoconhecimento, resolução de conflitos pessoais e de relacionamento e desenvolvimento geral da personalidade”. (ANDRADE, 2000, p.18).

Para finalizarmos nossas reflexões, queremos ressaltar que a expressão artística na psicoterapia, na arteterapia, numa formação como o curso Mandalando: Despertar da Mandala Interior e na manifestação livre, favorece o despertar da reconstrução de si mesmo, a apropriação do potencial criador e da consciência de ser o protagonista de sua história. Reis (2013, p.1) afirma que: “Na arteterapia, procuramos realizar isso na interface entre a Psicologia e arte, pautados em uma concepção estética do sujeito, cuja própria vida pode ser transformada numa obra de arte”.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO MHMB. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação [Internet]. 27º de junho de 2012 [citado 28º de abril de 2022];7(14):79-95. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30223>
- Andrade, L. Q. Terapias Expressivas. São Paulo: Vetor, 2000.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Ed. Persona. 1977.
- GRIMBERG, L. P. Jung O homem criativo. 2ª edição. São Paulo: FTD, 2003.
- HENDERSON, J. L., (1964). Heróis e fabricantes de heróis. In JUNG, C.G., O Homem e seus símbolos. 2. Ed. Especial. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p.142.
- JAFFÉ, Aniela (1964). O simbolismo nas artes plásticas. In: JUNG, C.G., O Homem e seus símbolos. 2. Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- JOVCHELOVITCH, Sandra; MARTIN, W. Entrevista narrativa. In: Bauer, M. W., Gaskell, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis, RJ: Vozes. 2002.
- JUNG, C. G. 16/1. Psicoterapia. A prática da psicoterapia. Vozes: Petrópolis, 2013.
- JUNG, C. G. A natureza da Psique. vol. XVIII/2. Vozes: Petrópolis, 2000.
- JUNG, C. G., O Homem e seus símbolos. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964. 316 p.
- JUNG, CG; FREEMAN, J; VON FRAZ, ML; HENDERSON, JL; JACOBI, J; JAFFÉ, A. O estudo dos símbolos por Carl Gustav Jung. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 448 p. ISBN 978-85-209-2090-9. [Acesso em: 14 maio. 2022]. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/view/1112>
- JUNG, Emma. Animus e anima: uma introdução à Psicologia Analítica sobre os arquétipos do masculino e feminino inconsciente. São Paulo: Cultrix. 2000.
- MACHADO, JG; COSTA, KL; SOUZA, GO; PATROCÍNIO, LBT. Mandala no processo terapêutico. Revista Científica Univiçosa, vol. 9, n.1, Viçosa: MG, jan./dez. 2017. [Acesso em: 14 maio. 2022]. Disponível em: <https://portalidea.com.br/cursos/bsico-em-mandalas-teraputicas-apostila01.pdf>
- Reis, Alice Casanova dos Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. Psicologia: Ciência e Profissão [online]. 2014, v. 34, n. 1 [Acessado 31 Maio 2022], pp. 142-157. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-58>

98932014000100011>. Epub 09 Set 2014. ISSN 1982-3703.
<https://doi.org/10.1590/S1414-98932014000100011>.

SILVA AP, BARROS CR, NOGUEIRA MLM, BARROS VA. Conte-me sua história: reflexões sobre o método de História de Vida. *Mosaico* [Internet]. 10º de março de 2017 [citado 28º de abril de 2022];1(1). Disponível em:
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/6224>

Silveira, N. *O mundo das imagens*. São Paulo: Ática, 2001.

SOUZA, ASR et al. Errata: General aspects of the COVID-19 pandemic. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, v. 21, n. supl. 2, p. 565–565, 2021. [Acesso em: 7 maio. 2022]. Disponível em: <https://www.who.int/pt>

STEIN, Murray. *Jung e o caminho da individuação. Uma introdução concisa*. Cultrix: São Paulo, 2020.

WILHELM, Richard. *I ching, o livro das mutações*. Pensamento: São Paulo, 2006.

Capítulo 5

**CIRCULAÇÃO DE SABERES E EXPERIÊNCIAS
RELIGIOSAS EM SOFALA NA ETIÓPIA
ORIENTAL (1591-1609)**

Moreno Brender Stedile

CIRCULAÇÃO DE SABERES E EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS EM SOFALA NA ETIÓPIA ORIENTAL (1591-1609)¹

Moreno Brender Stedile

Aluno do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, orientado pela professora Maria Cristina Wissenbach. Bolsista do CNPq. Contato: stedilemoreno@gmail.com. Grupo de Estudos “Ana Gertrudes de Jesus, mulher da terra: por uma história social dos grupos subalternizados no Sul Global (África & Américas)” (<https://historia.fflch.usp.br/Ana-Gertrudes-de-Jesus>). Grupo de Estudos História Ibérica Moderna (<https://historiaibericamoderna.wordpress.com/>).

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo analisar a dinâmica das experiências religiosas em Sofala na obra *Etiópia Oriental* de Frei João dos Santos através de uma perspectiva de circulação de saberes. Partimos do texto do missionário, publicado em 1609, para analisar as dinâmicas locais desenvolvida ao longo de sua permanência na cidade swahili que permitiram a constituição do registro pelo dominicano. Assim, desenredando os fios que constituem a narrativa, procuraremos identificar diferentes vozes e, consequentemente, diferentes agenciamentos. O eixo que orienta o texto é a construção do saber sobre o universo religioso através das dinâmicas locais e dos múltiplos agenciamentos enunciativos e formas de interessamento. Ao observar as relações locais, as relações quotidianas e os arranjos sociais entre portugueses, shona e swahili na cidade de Sofala e adjacências aparece de maneira expressiva. O texto dialoga a vivência de João dos Santos e a posterior escrita de seu relato.

Palavras-chave: histórias conectadas, narrativas de viagem, circulação de saberes

Em 1609, Frei João dos Santos, que passara 14 anos como missionário no Índico, primeiro na costa oriental africana, depois em Goa, deu a estampa no

¹ Esse texto é fruto de uma pesquisa em andamento no programa de História Social da Universidade de São Paulo, orientada pela professora Maria Cristina Wissenbach. A primeira versão desse trabalho foi apresentada e publicada, em versão sintética, nas *Atas da III Jornada Virtual da Pesquisa Científica*, organizada pela Universidade do Minho (PT). Tendo sido elaborado no contexto da disciplina “Arquivos, fontes e documentos na fronteira entre Antropologia e História”, ministrada pela professora Lilia Moritz Schwarcz no programa de Antropologia Social, contou com críticas e comentários dos co-ministrantes Drs. Larissa Nadai, Marília Ariza e Paulo Augusto Franco, a quem agradeço. Algumas dessas sugestões foram incorporadas ao texto completo, assim como alguns avanços mais recentes da pesquisa. Outras questões e também revisões mais profundas não puderam ser trabalhadas pois ainda estão em desenvolvimento.

Convento Dominicano de Évora sua obra em dois volumes: *Etiópia oriental e Vária História de Coisas Notáveis do Oriente*. O primeiro volume, *Etiópia oriental*, teve considerável difusão na época, no âmbito da cultura dos descobrimentos portugueses, sendo difundido por uma tradução latina em 1622 da lavra do jesuíta Alonso de Sandoval (que também estivera em África). Esta edição foi responsável pela difusão do texto entre os “circuitos cultos europeus”, como coloca Teresa Nobre de Carvalho: “através dela, cartógrafos, geógrafos e enciclopedistas acederam a uma visão autorizada do sertão africano” (CARVALHO, 2011). Em 1625, Samuel Purchase, continuador de Richard Hakluyt, lança uma tradução resumida para o inglês. Ainda no século XVII, há uma versão resumida em francês, datada de 1684, pelo jesuíta Gaétan Chaepy, que a dedica a Colbert.. Em 1688, um manuscrito anônimo mais preciso seria produzido também em francês (DUCHAMP-PABIOUT, 2008; MUSCALU, 2016). As reedições oitocentistas atribuem novas camadas de significado ao texto: em 1891 é reeditada com louvores como 3º volume da coleção “Bibliotheca dos Clássicos Portugueses”; em 1901 é editada em inglês por Georg Mc Call Theal, edição através do qual se torna uma fonte importante no volume V da *História geral da África* da UNESCO. Em 1999 recebeu uma edição crítica pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses (CNCDP). Ainda, em 2011, houve uma nova tradução para o francês, publicada dentro duma longa série de edições de narrativas de viagens dos séculos XV a XVIII pela editora Chandigne (DUCHAMP-PABIOUT, 2011). A resenha de Thomas Vernet a esta última edição revela como a fonte segue relevante no atual debate historiográfico:

(...) de fascinantes descriptions sont par exemple consacrées aux pouvoirs karanga et à l'exercice de leur autorité – tantôt surestimée, tantôt nuancée : rituels de cour, cultes des ancêtres royaux, rites de possession, ordalies, etc., sont décrits, souvent accompagnés de leur vocabulaire (...). Même si les descriptions ne sauraient être neutres, nulle autre source des XVI^e-XVII^e siècles n'offre une telle fenêtre sur ces échanges et ces mélanges, très loin d'un regard impérial, globalisant et in fine trompeur (VERNET, p. 460, 2011)

Natalie Zemon Davis nos convida à reflexão sobre os níveis de ficcionalidade numa fonte histórica, entendendo a ficção como uma dimensão constituinte da realidade. Há um artesanato narrativo em qualquer forma de elaboração do mundo real através da linguagem. As fontes históricas, como qualquer forma de ficcionalidade, produzem uma organização do mundo, selecionam, representam, simulando e criando em paralelo. O aspecto ficcional está presente em qualquer forma

de descrição do mundo (DAVIS, 1990). Michel-ralph Trouillot vê três formas de agência humana na história: como agentes (ocupantes de posições estruturais), atores (indivíduos em interação com o contexto) e sujeitos (como narradores, definindo os termos em que as situações são descritas). A historicidade, na visão do pensador caribenho, é caracterizada por uma ambiguidade inseparável entre os fatos em si e a narrativa sobre esses fatos, que começa a ser constituída no momento do próprio acontecimento (TROUILLOT, 2016). No caso da literatura de viagens, o distanciamento é maior, pois é uma escrita feita a posteriori, que visa projetar uma dada imagem do viajante qualificando sua narrativa e destacando sua agência pessoal. Deslindar outras agências exige em determinados momentos tirar o foco e, através de um esforço narrativo, jogar luz sobre a história de sujeitos que são subalternizados nesse segundo nível da historicidade, observando como silêncios ingressam na produção narrativa dos fatos.

A reverberação que a narrativa africana de Frei João dos Santos obteve se deve a uma capacidade do autor de conquistar um estatuto de verdade para sua obra, atravessando o século XVII e chegando até os dias atuais. Essa veracidade remete desde o início às experiências em terreno concreto do dominicano em África, que ele apresenta no princípio de sua obra:

E por que para o bom entendimento e credito de qualquer historia, é necessário saber-se o fundamento d'ella, e a razão em que se funda o autor que a conta para que assim mais facilmente se venha em conhecimento de sua verdade (sendo a historia que pretendo tratar da Ethiopia Oriental que tive larga noticia em onze annos que n'ella residi) pareceu-me que ficava obrigado antes que d'ella fallasse, dizer a causa que tive para ir a estas partes, e como andei por ellas, e para que effeito, por que vendo-se as cousas que adiante contar como **testemunho de vista**, se lhe dê o credito devido. (grifo nosso) (SANTOS, p. 40)

Observamos como o autor funda o conhecimento a partir do testemunho de vista. O papel atribuído na época moderna à experiência na construção do conhecimento engendra um grande debate no campo da história das ciências e da história do pensamento, sobre o lugar do conhecimento construído pelo indivíduo diante da revelação divina, reelaborando a noção de indivíduo em relação ao problema do conhecimento. Esse debate passa pelo papel importante dos conhecimentos construídos na Península Ibérica em relação ao contato com os novos espaços de circulação de portugueses e espanhóis. Autores como José Sebastião da

Silva Dias, Antonio Maravall, e, mais recentemente, Cañizares-Ezguerra, mostraram o papel da experiência e da prática nas várias formas de construção do saber sobre os novos mundos, nos campos por exemplo, da cartografia, da astronomia, da história natural, da medicina, entre outros. Nesse sentido, textos diversos, como a literatura de viagens e outras formas de impressos, manuscritos, notícias, diálogos, cartas, imprimiram sua marca na chamada “revolução científica” (SILVA DIAS, 1988; MARAVALL; 1965; CAÑIZARES-EZGUERRA, 2006; MEGIANI, 2019). No entanto, essa metanarrativa da ciência moderna enfatiza demasiadamente a trajetória europeia, dentro de uma leitura específica elaborada pelos próprios autores europeus, sem levar em conta que esses textos são constituídos por uma “polifonia”, como diz Carlo Ginzburg, remetendo a Bakhtin (GINZBURG, 1995). Giuseppe Marcocci, por exemplo, mostrou como o encontro entre diferentes partes do mundo na época do Renascimento levou não só à descoberta pelos europeus de novos continentes e populações, mas também à descoberta de novos passados. Para inquirir sobre esses passados, era necessário interrogar os naturais da terra (MARCOCCI, 2019). Ginzburg já mostrou a incômoda posição do antropólogo e do historiador quando se coloca por sobre os ombros do inquisidor: fazendo as mesmas perguntas, muitas vezes com os mesmos objetivos. No entanto, Kapil Raj mostra na produção do conhecimento sobre história natural em Goa, os chamados “nativos”, não são sujeitos passivos, mas agentes ativos de construção do conhecimento: dão informações segundo próprios interesses, selecionam, imprimem sua marca na construção do saber científico (RAJ, 2011). Nesse sentido, colocada numa perspectiva de circulação de saberes, a literatura de viagens reaparece em seu sentido etnográfico (WISSENBACH, 2020).

A partir dos anos 1960, a crítica pós-estruturalista, os estudos provenientes do Sul Global, os estudos feministas, desmontaram as grandes narrativas da modernidade, com a abertura de novos campos temáticos para a história, outrora considerados marginais, que são trazidos para o centro do debate: a história das mulheres, a história dos subalternos, das populações rurais, a história da sexualidade, das relações quotidianas, das experiências vividas. A história da África também se insere nesse movimento (FEIERMAN, 1993). Com o abandono das filosofias da história, o historiador envereda por teorias do conhecimento tópicas, localizadas, que não visam dar conta da realidade por inteiro, que não estabelecem uma história única (como nas filosofias da história), mas sim exploram a diversidade de possibilidades

que o real oferece. Neste texto, optamos por trabalhar com a ideia de “circulação”, como diz Kapil Raj, com a condição de que “por circulação não entendamos a ‘disseminação’, ‘transmissão’, ou ‘comunicação’ de ideias, mas os processos de encontro, poder e resistência, negociação e reconfiguração que ocorrem em interações entre culturas” (RAJ, p. 171, 2013).

Antes da presente voga da categoria “circulação” no debate historiográfico, Carlo Ginzburg já propôs, em seus trabalhos nos anos 1970, a noção de “circularidade cultural” como forma de conhecimento, entendendo as fontes como produtos enredados nos seus contextos, ou seja, uma variedade de sujeitos podem falar através de um texto.. Diz Ginzburg: “devemos aprender a desenredar os diferentes fios que formam o tecido factual desses diálogos”, remetendo ao conceito de dialogia, ou polifonia, de Bakhtin. O historiador observa que o interesse da perspectiva de Bakhtin é não só ouvir o popular pelas palavras de Rabelais, mas procurar ouvi-lo por suas próprias palavras, mesmo que através de filtros, como o do inquisidor que registra as falas do famoso Menochio em seus interrogatórios, dando origem a *O queijo e os vermes* (GINZBURG, 2000). Distinções rígidas entre cultura culta e cultura oral, ou entre escrita e oralidade não se justificam. Existem vasos comunicantes, assim como indivíduos que se configuram como intermediários culturais. No caso, Menochio possuía um conjunto de leituras formado por seu interesse e do que lhe foi possível contingencialmente acessar, a partir do que formulou uma série de ideias, não muito sistemáticas, sobre a formação do mundo e a condição do homem, e as difundia nos seus circuitos de sociabilidade, inclusive referindo as informações que lera naqueles livros, produzindo essa circulação entre escrita e oralidade, e assim acabou caindo nas malhas da Inquisição romana, o que possibilitou a Ginzburg o acesso a visão de mundo desse camponês do século XVI.

Pensamos em Frei João dos Santos e o seu circuito de sociabilidade desenvolvido em África que lhe possibilitou tal artesanato narrativo. Isso porque ele funda o argumento de sua obra nessa experiência africana, que fornece estatuto de verdade ao que diz, pelo que foi visto ou ouvido de outras pessoas, esses testemunhos de vista próprios do autor ou relatados a ele por “pessoas de crédito” que de fato teriam visto aquilo que está sendo contado. Nesse caso se vê que a oralidade e escrita não são hierarquizadas mas duas formas igualmente válidas de narrar uma experiência, como aponta Fernando Bouza (BOUZA, 2002). Cristina Wissenbach mostra como na literatura de viagens revela conhecimentos pragmáticos,

cristalizados pela tradição oral, decorrentes de relações quotidianas e do caráter contínuo da presença dos estrangeiros (WISSENBACH, 2020). O movimento do dominicano em *Etiópia Oriental* é um movimento de construção de conhecimento, se configurando o autor num intermediário cultural, entre aquele mundo africano por ele descrito e o público culto letrado europeu. No entanto, a nível das experiências vividas por Fr. João dos Santos, como observamos em sua narrativa, existem muitos outros intermediários culturais. Ginzburg mostrou também como um inquisidor pode parecer um antropólogo, fazendo as mesmas perguntas e buscando as mesmas informações. Neste texto procuraremos enfatizar a circulação de saberes no âmbito das religiosidades. Como missionário da Ordem de São Domingos, o frade foi ocupante de uma posição estrutural, incumbido de atuar como confessor da povoação cristã de Sofala, onde permaneceu por quatro anos, como ele relata, “junto a seiscentas almas de confissão, em que entravam portugueses, mestiços e gente da terra” (SANTOS, p. 41, 1898).

O papel do confessor teve sua importância renovada no contexto do catolicismo pós-tridentino, quando se buscou reforçar as estruturas de dominação da Igreja, por formas ora mais duras, como a Inquisição, a escravidão por ordens religiosas, ou o trabalho tutelado; ora mais brandas, como é o caso da escuta ativa e constante oferecida pela confissão. O confessor, como mostra Adriano Prosperi em *Tribunais da Consciência* (PROSPERI, 2013), foi visto como figura essencial no exercício do poder espiritual pela Igreja, como porta de acesso ao foro íntimo dos indivíduos e de interferência nas relações de poderes domiciliares. Oferecendo, com constância regida pela obrigatoriedade da confissão, a remissão dos pecados da alma, o confessor exercia uma escuta ativa e construía uma rede de informações sobre a vida quotidiana dos súditos espirituais que, ao menos em princípio, era útil a tentativa de governo da Igreja de Roma sobre o universo espiritual. Podemos observar como Fr. João dos Santos busca acessar esse conhecimento do universo religioso, das crenças e das práticas religiosas, o que evidencia também a circulação entre escrita e oralidade nesse texto. Quando se refere a construção da fortaleza de Sofala e retoma a história da presença portuguesa na cidade, afirmando ter acessado memórias de pessoas ainda vivas que testemunharam aqueles acontecimentos:

No anno de 1586, em que eu fui a esta fortaleza,achei ainda n'ella alguns mouros velhos, e algumas mulheres christãs, que haviam sido mouras, naturaes da mesma terra, que se lembravam mui bem d'esta

guerra, e de quando se fez a fortaleza, que n'este tempo havia mais de oitenta annos que era feita (SANTOS, p. 46, 1898)

O estatuto de verdade do que é relatado é validado pela memória de pessoas velhas, uma outra forma de testemunho de vista. Vale lembrar que a transmissão da experiência para W. Benjamin em “O narrador” está relacionada a um distanciamento, seja no espaço, no caso a história contada pelo viajante, ou no tempo, quando quem conta a história é o ancião. Essas experiências para Benjamin são de transmissão oral. Os dois aspectos aparecem na obra de Fr. João dos Santos, sobretudo o primeiro, se tratando dum texto que poderia ser classificado como ‘literatura de viagem’, mas também o segundo, na medida que acessa a memória de pessoas velhas, como no trecho acima. O mesmo quando o dominicano busca especificamente o conhecimento do mundo espiritual, como nesta passagem, evidencia-se mais uma vez a dialogia (como entendida por Ginzburg) em seu texto:

Perguntando eu algumas vezes a cafres honrados e bem entendidos, em que logar estavam seus reis defuntos, e os mais a quem tinham por santos, se lhe parecia que estavam no céu, me responderam que no céu não estavam mais que Deus, a quem chamam Mulungo, e que os seus defuntos estavam em umas terras, e logares mui fartos, alegres e frescos, mas não sabiam em que parte, aos quaes logares chamam paraizos de contentamentos, festas e alegrias. (op. cit., p. 61, grifos nossos)

Ginzburg, em “O inquisidor como antropológico”, se questiona sobre a incômoda posição do pesquisador, que olha os sujeitos estudados por sobre os ombros dos investigadores, esperando com eles que o interrogado fale – mesmo que com propósitos diferentes, o que eles buscam, em alguns casos, é parecido. Se o nosso confessor quinhentista em África estava disposto a ouvir e registrar, tinha material farto disponível, pois os Bantu em geral e os shona, especificamente, possuem uma rica tradição oral que remonta a priscas eras. Não podendo cair no risco de aceitar acriticamente as informações oferecidas pela fonte, os estudos linguísticos africanos confirmam o que foi dito a João dos Santos por “cafres honrados e bem entendidos”: tais estudos permitem rastrear a concepção de Deus criador entre os Bantu desde 3500 a.C., tendo a designação Mu-lungu, a partir do antigo verbo Bantu **lung-* (tornar-se adequado, ordenado), aparecido por volta de 500 a.C. entre os falantes Mashariki Bantu, que se dispersaram nessa época pela costa oriental da África e seus interiores. Tanto os shona quanto os swahili pertencem a este tronco linguístico. (FOURSHEY; GONZALES; SAID, p. 105, 2019) Observe-se que não se

trata aqui de simplesmente de verificar se o que Frei João dos Santos narra é verídico ou não, pois se molda por uma estrutura narrativa que cria verossimilhança, como para Natalie Davis. Importa sim questionar a estratégias e as fórmulas pelas quais esse tipo de informação são veiculadas em seu texto.

A visão de um Deus criador é de fato longínqua entre os Bantu, sendo um elemento distante da vivência religiosa, talvez por isso o registro “sabem confusamente que há Deus grande, a que chamam Molungo, mas não lhe rezam nem se encomendam a ele” (*op. cit.*, pp. 68, 69). No entanto, esse elemento de sua religiosidade aparece desde os primeiros registros católicos, que os identifica como um povo passível de ser convertido pacificamente ao cristianismo. Dentro do que podemos chamar “cosmovisão Bantu”, o mundo espiritual é regido por espíritos territoriais e espíritos ancestrais, que têm poder de interferência sobre o mundo real. A conexão com esse mundo espiritual é feita por indivíduos especializados, homens e mulheres, que os portugueses logo categorizaram como “feiticeiros”, termo que acabou de certa forma sendo apropriado localmente em diversos contextos. É significativo notar que Fr. João dos Santos buscou contato com esses indivíduos especializados, em sua passagem pela Zambézia, e registrou o que entendiam por Deus, assim como outros elementos. Diversas passagens mostram considerável domínio da língua shona por parte do dominicano. Se com swahilis e outros muçulmanos ele falava através de intérpretes, alguns elementos indicam seu conhecimento do shona falado na África centro-oriental. Após sua permanência em Sofala, João dos Santos viajou rio Zambeze acima, onde esteve na corte do Monomotapa, Comparando com o falar arranhado do árabe, destaca a sonoridade da língua falada em Mocaranga, região central do Monomotapa,

(...) a melhor e mais polida língua de cafres que tenho visto n'esta Etiópia, porque tem mais brandura, melhor modo de falar; e assim como os mouros de Arábia, e de África, falam de papo, que parecem que vomitam, e arrancam as palavras da garganta, assim pelo contrário estes mocarangas fallam e pronunciam as palavras com a ponta da língua e beiços, de maneira que muitos vocábulos dizem quase assobiando, no que tem muita graça, como eu vi algumas vezes falar os cafres da corte do Quiteve e do Monomotapa, onde se fala o Mocaranga mais polidamente. (*op. cit.*, p. 225)

Esse conhecimento do shona se nota também no registro de toponímicos, que aparecem com seus nomes portugueses e africanos: a Ilha de São Lourenço consta também como Madagáscar, os rios de Cuama constam também por seu nome

africano: Zambeze. Nessa cartografia, aparece nomes de rios importantes, ilhas, cidades e feiras do interior. Verificar a acurácia desse registro de Fr. João dos Santos, provindo da oralidade, é-nos importante pois permite reconstituir através dele rituais e práticas religiosas com sua nomenclatura própria e indumentária evidenciando a dialogia ou circulação, que sustentam a construção do texto. Ele escreve que “o melhor instrumento, e mais músico de todos em que estes tangem, chama-se **ambira**, o qual arremeda muito a nossos órgãos”. Precisamente, o xilofone que é uma evidência da circulação antiga entre a costa oriental da África e a região do Sudeste Asiático, pela navegação entre as monções, assim como das grandes redes internas ao continente africano, de modo que o instrumento se difundiu por toda a África central e na diáspora com nome de *mbira**, com variações como ambira, ou marimba. Entre os shona, o *mbira ganhou um papel importante na conexão com o mundo espiritual. (FOURSHEY; GONZALES; SAID, 2019)

A religiosidade Bantu, ou o que pode ser melhor definido como uma cosmovisão Bantu, ou, como para Herkovits, uma gramática da cultura, que se desdobra em práticas culturais e religiosas com manifestações diferentes entre os diversos grupos do tronco linguístico Bantu, que se difundiram por faixa territorial expressiva da África central ao longo de milênios, e na diáspora centro-africana no Atlântico, formando identidades diversificadas e distintas no espaço e no tempo (por serem históricas, como todas as formas de identidade) mas que compartilham uma gramática cultural comum. O registro de Fr. João dos Santos oferece uma janela, como disse Vernet, sobre essas práticas na África centro-oriental no final do século XVI, através de sua experiência como confessor, suas entrevistas, suas descrições de cerimônias religiosas. Ao longo dos séculos de relações entre europeus e africanos na época moderna, missionários cristãos produziram diversos mapeamentos e registros que influenciaram posteriormente o campo de estudos bantuístas, como notadamente o livro *A filosofia Bantu*, do missionário oitocentista anglicano Placid Tempels. Algumas visões excessivamente estruturalistas sobre o que seria a cosmovisão Bantu podem decorrer dessa influência do pensamento missionário e suas formas de categorização, tendo sido revistas em estudos mais recentes que enfatizam a diversidade das identidades, das práticas culturais e das relações quotidianas, no entanto sem perder de vista, como dissemos, essa gramática cultural comum.

A narrativa de Fr. João dos Santos é justamente expressiva no sentido das dinâmicas locais, da circulação de experiências religiosas na África centro-oriental, no espaço de circulação de portugueses (sertanejos, oficiais, mercadores, religiosos) entre as sociedades shona, do Monomotapa e de territórios adjacentes, como o Quiteve, Manica e Sedanda, e na costa swahili, em cidades insulares e costeiras, como Sofala, Moçambique, as Quirimbas, Mombaça. Nesta análise, colocaremos em evidência especialmente o que diz respeito a Sofala e o espaço de circulação que ali se entrelaça, em direção ao sertão, passando pelo território do Quiteve para chegar a Manica, onde havia feiras importantes, e ao longo da costa onde através da navegação de cabotagem podia-se acessar ilhas e rios, indo ao norte até o Zambeze e ao Sul até o rio Sabi, ou mesmo o Limpopo. Isso porque realçamos a permanência de quatro anos de Fr. João dos Santos em Sofala e sua atuação como confessor junto a população diversa e significativa. Lembramos a metáfora benjamiana das histórias contados por marinheiros, a experiência que vem de longe e circula oralmente. Sobre os moradores da fortaleza, suas “almas de confissão”, ele diz:

Os moradores d'esta fortaleza ordinariamente são mercadores, uns se ocupam em ir a Manica ao resgate do ouro, com roupas e contas, assim do capitão, como suas, e outros ao rio da Sabia, e às ilhas das Bocicas, e a outros rios que estão perto de Sofala, ao resgate de marfim, âmbar, gergelim, e outros legumes, e muitos escravos. (*op. cit.*, pp. 43, 44)

Essa circulação de informações aparece na sua obra num trecho que é significativo para um debate bem específico da recente historiografia das ciências que é o do conhecimento produzido à bordo, as embarcações como local de circulação de informações e produção de conhecimentos. Ao introduzir o reino do Preste João, que ocupa um livro inteiro dos 5 de *Etiópia Oriental*, o autor revela suas fontes, mais uma vez, orais:

D'estes reinos tratarei algumas cousas mais notáveis que n'elles ha, de que **tive noticia n'esta costa por informação de alguns abexins**, que a ella vielam e **particularmente de um, que captivaram os mouros do reino de Adel** nas guerras de lanamora, e fugiu de Zeila para esta costa; e também por de um **veneziano mercador** chamado **Jeronymo Cherubim**, homem de muito bom entendimento, o qual passou aos reinos do Preste João por via de **Alexandria, com suas mercadorias**, e correu quasi todos, e residiu n'elles alguns annos, e depois se tornou pela via do mar Roxo para a Índia, trazendo consigo uma mulher abexin e um filho que d'ella

tinha, e da Índia se veiu para Portugal com elles na mesma não em que eu vim, onde me informei d'elle de muitas cousas, que lhe perguntei e me disse d'estes reinos, que são mui conformes com as que escreveram o patriarcha D. João Bermudes, e o P. Francisco Alvarez, clérigo de missa, os quaes andaram muito tempo n estas partes, e viram as mais das cousas notáveis que nellas há, e d'ellas também relatarei n'este livro algumas. (op. cit., p. 342, grifos nossos)

Entre seus informantes sobre o Preste João, estão escravizados islâmicos da região do chifre da África que teriam fugido para a costa mais ao sul, e um mercador veneziano, que tendo passado por aquelas partes vindo de Alexandria, acompanhou João dos Santos na longa viagem de volta da Índia para Portugal. As fontes talvez não sejam as mais seguras, embora realce o “bom entendimento” do veneziano, João dos Santos as contrastou com dois textos escritos por homens da Igreja. No caso de Sofala, os escravizados também estavam entre informantes privilegiados, acompanhando mercadores e o próprio autor em viagens ao interior, caçadas, passeios de lazer, atuando como intérpretes. Entre as “almas de confissão” africanas, sem dúvida estavam os escravizados pela ordem religiosa, que não poderiam escapar à obrigatoriedade de assistir a missa e confessar-se. Assim, os escravizados podem ter sido intermediários culturais na maneira pela qual Fr. João dos Santos acessou a visão de mundo shona, dentro duma relação que envolve negociação e colaboração. No mundo Índico, antes da metade do século XVIII, as margens de negociação dos escravizados eram muito maiores do que se pode pensar nos termos da escravidão atlântica. Eugenia Rodrigues mostrou o papel dos escravizados transportados do “continente de Moçambique” para Goa e a Ilha de França na produção do saber médico e das práticas de cura nessas duas localidades. Um dos mais importantes informantes do dominicano é um sertanejo que ocupava uma posição de prestígio junto ao *sachiteve*, de quem recebera o direito de ocupar uma ilha no rio de Sofala, criando uma rede própria de dependência, como conta em sua obra:

N'esta ilha tinha Rodrigo Lobo muitos cafres seus escravos e os mais que n'ella moravam, todos eram seus vassalos. Algumas vezes fomos a ella eu e o padre meu companheiro, a catechizar e baptisar alguns d'elles, que pela mór parte eram gentios, outras vezes a folgar, porque é a ilha de muita recreação, por haver n'ella grandes pescarias e caça de muitos e vários animaes bravios(...). (op. cit., pp. 114, 115)

Além do cargo oficial ocupado pelo confessor junto a feitoria portuguesa de Sofala, que tinha uma relação institucional com o Quiteve pagando-lhe uma taxa anual

pelos direitos de comércio e travessia de seu território, certamente Rodrigo Lobo foi uma figura importante para introduzir o dominicano no *zimbabwe* (ou corte) do *sachiteve*, dado o prestígio que gozava junto a ele, chegando a receber, como relata o dominicano, o título traduzido como “esposa do rei”, que, para Alberto da Costa e Silva, seria um título de grandeza que permitia o controle sobre terras e tributos (COSTA E SILVA, p. 451, 2011). Os sertanejos, homens transfronteiriços, que podem receber nomes diferentes como “lançados”, “pombeiros”, “paulistas”, “peruleiros”, a princípio sujeitos marginais, foram revelando ser úteis nas diversas partes do Império português, justamente por seu papel de intermediários culturais, facilitando o estabelecimento de relações entre as Coroas ibéricas e as populações locais. No caso da África oriental, o papel dos sertanejos teve importância reforçada em vista das grandes dificuldades dos portugueses em interceptarem o comércio dos muçulmanos, chegando até a ter dificuldade em obter os víveres necessários à sobrevivência nas fortalezas (para o que precisavam estabelecer boas relações comerciais com as sociedades africanas). Os trabalhos de Ivana Muscalu mostram a crescente importância dos sertanejos na estrutura social shona ao longo do século XVI, intensificando-se ao longo do século XVII. O interesse dos sertanejos nem sempre se coadunava com o da Coroa, chegando as vezes a entrar em conflito direto. Esse impacto culminou na expulsão dos portugueses do planalto pelo *mutapa* no final do século XVII. (MUSCALU, 2015; MUSCALU, 2017)

Como dissemos, a circulação a partir de Sofala para as feiras de Manica era regida pela soberania do *sachiteve* sobre aquele território. O pagamento anual da curva, ou *kuruva*, franqueando o acesso dos mercadores portugueses, foi um acerto obtido pela expedição Barreto-Homem no reinado de D. Sebastião. O pagamento deste tributo era acompanhado de todo um ceremonial, descrito por Fr. João dos Santos, que assistiu ao evento nos quatro anos em que esteve em Sofala. No entanto, diversos outros aspectos reforçavam a soberania Quiteve. Um aspecto descrito pelo dominicano, que é retomado em muitos outros textos, é o protocolo de corte utilizado para falar com o *sachiteve*:

Se querem os cafres fallar a este rei, logo à entrada da porta se deitam no chão, e deitados entram para dentro da casa arrastando-se até onde o rei está, e d'ali deitados de ilharga lhe fallam sem olharem para elle, e emquanto lhe vão fallando, juntamente vão batendo as palmas (que é a principal cortezia de que uzam os cafres) e depois de concluído seu negocio a que foram, do mesmo logar se tornam para

fóra do modo que entraram, de maneira que nenhum cafre pôde entrar em pé a fallar ao rei, nem menos olhar para elle quando lhe falla, salvo se são familiares e particulares amigos d'el-rei, ou quando está em conversação com elles. Os portuguezes quando lhe vão fallar não entram arrastando-se pelo chão, como fazem os cafres, senão em pé, mas entram descalços, e chegando junto do rei deitam-se no chão, recostados sobre um lado, quasi assentados, e d'esta maneira fallam ao rei sem olharem para elle, batendo-lhe também as palmas, de quatro em quatro palavras, como é costume. (SANTOS, p. 62)

Diversos outros protocolos deveriam ser observados por indivíduos de origem portuguesa quando circulavam por aquelas partes, como por exemplo os dias dedicados a festejar os “musimos”, termo utilizado para designar os espíritos ancestrais e precisamente registrado pelo dominicano:

Estes cafres tem muitos dias de guarda (...). Chamam a estes dias musimos, que quer dizer almas de santos já defuntos, e tenho para mim que à honra d'estes seus negros santos guardam estes dias. Um portuguez, morador em Sofala, foi com suas mercadorias ao Zimbaohe, onde mora o Quiteve, para d'ahi passar as Manicas, onde há muitas minas de ouro, e estando n'esta cidade do Quiteve mandou matar uma vacca em sua casa, para de comer a seus escravos, e a outra gente que levava comsigo para lhe ajudar a vender suas mercadorias, e n'este dia que se matou a vacca, se celebrava uma festa d'estes musimos, que tenho dito. Esta nova foi logo levada ao Quiteve por via de seus malsins, que tem infinitos para lhe mexericarem quanto se faz na cidade, e ainda em todo o reino, o qual Quiteve mandou logo dizer ao portuguez, que fizera muito mal de quebrantar o seu dia santo, matando n'elle a vacca, e já que tal fizera, deixasse estar a vacca sem lhe pôr mais a mão, por que o musimo d'aquelle dia havia de comer a própria vacca, e que a cobrissem com rama. D'esta maneira esteve a vacca morta em casa do portuguez, sem consentir o rei que se tirasse nada d'ella, e ali apodreceu, e cheirava tão mal, que o portuguez quis sair da casa por esse respeito, e tomar o outra, mas o Quiteve não quis consentir, senão que em pena da morte da vacca no dia do seu musimo lhe sofresse o ruim cheiro, ou que pagasse a empofia que tinha feito, pela qual razão vendo-se o portuguez forçado, e obrigado da pena em que vivia, veiu a concerto com o rei, e pagou-lhe cinquenta panos da empofia. (*op. cit.*, pp. 69, 70)

Os espíritos ancestrais e territoriais têm, na cosmovisão Bantu, agência direta sobre as coisas do mundo material e a conexão com esses espíritos é feita por esses médiuns, indivíduos especializados, que organizam redes própria de clientela e colaboração. No caso de sociedades Bantu mais centralizadas, como o Monomotapa, uma das maneiras pelas quais o poder central se assentava era pelo estabelecimento de médiuns oficiais e pelo culto dos ancestrais reais. Assim, podemos entender a

guarda pelo *sachiteve* de seu *musimo*, e a reafirmação de seu poder diante do desrespeito a esse dia de guarda por um português, submetendo-o a situação de conviver com um cadáver animal em sua morada e ao pagamento de uma multa de cinquenta panos, duas formas de afirmação do domínio.

À guisa de conclusão, observamos que o valor histórico da obra *Etiópia Oriental* está relacionado à capacidade narrativa do seu autor de amalgamar essas vivências concretas em África, entretecendo-os numa narrativa que produz credibilidade. Isso está relacionado a uma forma potente que o autor encontra de ficcionar a realidade, como diz Natalie. Z. Davis. Nesse sentido, Frei João dos Santos é sujeito da história, como para Trouillot. A publicação de sua obra em 1608 o qualificou para retornar a África numa posição mais importante. Nesse segunda passagem pelo continente, no século XVII, o dominicano seria muito próximo do proeminente sertanejo Diogo Simões Madeira. No entanto, um olhar mais aproximado para a fonte revela uma pluralidade de narradores, ou uma narrativa polifônica, como dizem Ginzburg e Marcocci. Quando olhamos para a dimensão das experiências vividas, Fr. João dos Santos atua dentro de um contexto, dentro de sua função, interagindo com outros agentes. Assim, além do dominicano ser um intermediário cultural entre África oriental e os circuitos cultos europeus, a nível dos seus próprios circuitos africanos, outros intermediários culturais aparecem, em que se destacam sertanejos e africanos escravizados. Podemos observar a interação desses agentes nas histórias contadas no livro, dentro do campo narrativo elaborado pelo dominicano. No entanto o estatuto de verdade que ele obteve para sua obra, como dissemos, atravessando séculos, está relacionado a sua capacidade de remeter todo mundo a sua experiência africana. Não são fontes escritas que atestam a veracidade dos fatos narrados, mas o “saber das experiências de feito”. Assim considerando as duas faces da historicidade, no dizer de Trouillot, como *res gesta* e (*historia*) *rerum gestarum*), o livro *Etiópia Oriental*, publicado em Évora em 1608, aparece ainda hoje como objeto significativo de análise, para trabalhar na urdidura dessas duas dimensões da historicidade, pois elas são, como diz Trouillot, inseparáveis uma da outra.

REFERÊNCIAS

ALGRANTI, Leila Mezan; MEGIANI, Ana Paula. (orgs.) *O império por escrito - formas de transmissão da cultura letrada no mundo ibérico séculos XVI-XVII*. São Paulo: Alameda, 2009

ALPERS, Edward. "Moçambique marítimo (séculos XIV-XXI)". *Revista de história (São Paulo)*, n. 178, 2019

_____.; EHRET, Christopher. "Eastern Africa". In GRAY, Richard. *The Cambridge History of Africa, vol. 4*. Cambridge: Cambridge University Press, 1975

BHILA, H. H. K. "A região ao Sul do Zambeze". In OGOT, B. A. (org). *História Geral da África, vol. 5*. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2011

BOUZA, Fernando. "Comunicação, conhecimento e memória na Espanha dos séculos XVI e XVII". Lisboa: Centro de História da Cultura, 2002

CARVALHO, Teresa Nobre. "Registros da biodiversidade africana anotados por Frei João dos Santos (1608)". Atas do Congresso Internacional Saber Tropical em Moçambique: História, Memória e Ciência., p. 5

CASSIRER, Ernst. *Indivíduo e Cosmos na Filosofia do Renascimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2001

COSTA E SILVA, Alberto. *A enxada e a lança: a África antes dos portugueses*. Rio de Janeiro: Nova Fronteiro, 2011

_____. *A manilha e o libambo: a África e a escravidão de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002

CORDEIRO, Luciano (ed. e int.). SANTOS, João dos. *Etiópia Oriental e Varia História de Cousas Notáveis do Oriente*. Lisboa: Biblioteca dos Clássicos Portugueses, 1989 [1609]

DAVIS, Natalie Zemon. *Fiction in the Archives – pardon tales and their tellers in the sixteenth-century France*. Stanford University Press: Boston, 1990

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. "Hermenêutica do quotidiano na historiografia contemporânea". *Proj. História*, n. 17, 1998

DUCHAMP-PABIOU, Florence. *João dos Santos: um dominicain portugais dans les Sud-Est africain (1586-1622): une histoire de « l'Éthiopie orientale »*. Thèse de Doctorat, Université de Paris 1 Panthéon-Sorbonne, 2007

FEIERMAN, Steven. African histories and the dissolution of world history. In BATES, R.; MUDIMBE, V.; O'BARR, J. (eds.). *Africa and the disciplines: the contributions of research in Africa to the Social Sciences and Humanities*. Chicago: University of Chicago Press, 1993, pp. 167-212.

FOURSHEY, Catherine; GONZALES, Rhonda; SAIDI, Christine. *Africa Bantu: de 3500 a.C. até o presente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019

GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000

_____. O inquisidor como antropólogo. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 1, n. 21, 1991

MARCOCCI, Giuseppe. *Indios, Cinese, Falsari - Le storie del mondo nel Rinascimento*. Bari: Laterza, 2019

MARAVALL, José Antonio. *Antiguos y modernos*. Madrid: Sociedad de Estudios y Publicaciones, 1966

MEGIANI, Ana Paula Torres. “Escritos breves para circular: relações, notícias e avisos durante a Alta Idade Moderna”. *Varia História*, número 35, 2019

_____. “Memória e conhecimento do mundo: coleções de objetos, impressos e manuscritos nas livrarias de Portugal e Espanha – sécs. XV-XVII”, in ALGRANTI; MEGIANI, op. cit., 2009

MUSCALU, Ivana. “*Da boa guerra nasce a boa paz*”: a expulsão dos portugueses do planalto do Zambeze: reino do Monomotapa, África Austral (1693-1695). Tese de Doutoramento, Programa de História Social (USP), 2017

_____. “*Donde o ouro vem*”: uma história política do Reino do Monomotapa a partir das fontes portuguesas (século XVI). São Paulo: Intermeios, 2015

RAJ, Kapil. “Além do Pós-colonialismo... e Pós-positivismo: Circulação e a História Global da Ciência”. *Revista Maracanã*, n. 13, 2015, pp. 164-175

REGINALDO, Lucilene. FERREIRA, Roquinaldo. (Orgs). *África, margens e oceanos - perspectivas de história social*. Campinas: Editora Unicamp, 2021

RODRIGUES, Eugenia. “Em todas as outras partes do mundo há cafres vindos do continente de Moçambique’: saberes, trocas culturais e comunidades africanas no Índico”. In REGINALDO; FERREIRA, op. cit., 2021.

_____. “Embaixadas portuguesas à corte dos mutapa”. In Carneiro, Roberto; Matos, Artur Teodoro (coord.) D. João III e o Império. Actas do Congresso Internacional Comemorativo de seu Nascimento. Lisboa, CEPCEP; CHAM, 2004

PROSPERI, Adriano. *Tribunais da consciência*. São Paulo: Edusp, 2013

SALIM, A. I. “A costa oriental da África”. In OGOT, B. A. (org). *História Geral da África*, vol. 5. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2011

SILVA DIAS, José Sebastião da. *Os descobrimentos e a problemática cultural do século XVI*. Lisboa: Presença, 1982

TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silenciando o passado – poder e a produção da história.* Curitiba: huya, 2016

VERNET, Thomas. Resenha de “Etiopie Orientale”. *Journal des Africanistes sur le pas de Geneviève Calaume-Griaule*, v. 85, 2011

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. “Conectando sertões e oceanos: trânsitos intracontinentais, vulnerabilidade social e centros de poder na África central (segunda metade do século XIX, com especial referência a Katanga). In REGINALDO; FERREIRA; op. cit., 2021.

_____. *Saberes práticas e escravidão nos circuitos e nas narrativas do Atlântico Sul (séculos XVIII-XIX)*. São Paulo: Intermeios, 2020.

_____. “Ares e azares da aventura ultramarina: matéria médica, saberes endógenos e transmissão nos circuitos do Atlântico luso-afro-americano”. In ALGRANTI; MEGIANI, *O império por escrito*. São Paulo: Alameda, 2009

Capítulo 6

**AVACALHA E SE ESCULACHA: O CINEMA
BARROCO DE ROGÉRIO SGANZERLA EM “O
BANDIDO DA LUZ VERMELHA”**

Caleb Benjamim Mendes Barbosa

AVACALHA E SE ESCULACHA: O CINEMA BARROCO DE ROGÉRIO SGANZERLA EM “O BANDIDO DA LUZ VERMELHA”

Caleb Benjamim Mendes Barbosa

Roteirista, Mestrando em Teoria Literária pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (PPGL-UFPE) e Bacharel em Cinema e Audiovisual pela mesma instituição. É pesquisador Bolsista CNPq do Núcleo de Estudos em Literatura, Memória e Imaginário (NULMI), vinculado ao Núcleo de Pesquisa DERIVA; e do Grupo de Estudos em Literatura, Subjetividade e Forma, vinculado ao Núcleo de Pesquisa em Literatura Brasileira. E-mail: caleb.benjamim@ufpe.br

Resumo: A pesquisa se propõe a investigar o barroquismo na obra “O Bandido da Luz Vermelha” (1968) de Rogério Sganzerla, e suas afinidades eletivas com o pensamento antropofágico de Oswald de Andrade (1928). Sganzerla e Oswald, cineasta e escritor que em momentos distintas, mas obsedados pelas mesmas questões, apontaram caminhos semelhantes para os problemas culturais do vínculo colonial com as antigas e novas metrópoles, e a formação identitária de povos descolonizados. A partir das ideias de Paulo Emílio Salles Gomes, em “Uma Situação Colonial?” (1960), e da noção de poética da emulação, de João Cezar de Castro Rocha (2017), percebemos, ainda, como o filme de Sganzerla propõem no campo estético não apenas uma crítica ao modo com que se constituíam as cinematografias nacionais, mas antes uma reflexão acerca de dispositivos narrativos suficientes e capazes de dialogar com a tradição colonialmente herdade, e não obstante, configurar um impulso singularizador, que mimetizem realidades assimétricas e contextos não-hegemônicos. Assim, valendo-se das categorias operativas do neobarroco, descrita por Severo Sarduy (1979), das características da Forma Shandyana elencadas por Sergio Paulo Rouanet (2007) e do famoso estudo de Ismail Xavier (1ed. 1993), procuramos demonstrar como na narrativa filmica de Sganzerla dá-se, em última análise, uma prática poética daquilo que Lezama Lima (1988) chamará de arte da contraconquista. Ou seja, a afinidade eletiva entre o poeta cubano e o pensamento antropofágico oswaldiano da poesia de exportação, segundo o qual a literatura dos trópicos, produzida à margem, marginalizaria a literatura canônica e canonizada, ao influenciar esse outro por quem fomos, involuntariamente, influenciados. Logo, ao transformar a alteridade em forma narrativa o filme de Sganzerla também altera seu doador, não apenas o receptor seria transformado, mas a fonte concessora tem seu estatuto problematizado, sua autoridade e força desnaturalizados, e sobretudo, sua tradição apoucada, ressemantizada e reinventada à luz da obra que engatilha essa transculturação. Lançado em um contexto de modernização da linguagem cinematográfica e no cerne do debate sobre a emancipação da situação colonial do cinema brasileiro, “O Bandido da Luz Vermelha” redimensiona, desta maneira, a

problemática da constituição identitária dos cinemas latino-americanos – ao propor o Barroco Antropofágico enquanto alternativa viável, que coloca em outro diapasão a velha relação de dependência cultural dos povos descolonizados –; além do próprio conceito de Barroco – enquanto forma sincrônica e intersemiótica atualizada às demandas e contingências de contemporaneidades e contextos distintos.

Palavras-chaves: Identidade. Cultura. Pós-colonialidade. Antropofagia. Barroco.

Abstract: The research proposes to investigate the Baroque style in the work "O Bandido da Luz Vermelha" (1968) by Rogério Sganzerla, and its elective affinities with the anthropophagic thought of Oswald de Andrade (1928). Sganzerla and Oswald, filmmaker and writer who at different times, but obsessed by the same issues, pointed out similar paths to the cultural problems of the colonial bond with old and new metropolises, and the identity formation of decolonized peoples. Based on the ideas of Paulo Emílio Salles Gomes, in "Uma Situação Colonial?" (1960), and the notion of poetics of emulation, by João Cezar de Castro Rocha (2017), we also perceive how Sganzerla's film proposes in the aesthetic field not only a critique of the way in which national cinematographies were constituted, but also rather, a reflection on sufficient narrative devices capable of dialoguing with the colonially inherited tradition, and nevertheless, configuring a singularizing impulse, which mimic asymmetric realities and non-hegemonic contexts. Thus, using the operative categories of the neobaroque, described by Severo Sarduy (1979), the characteristics of the Shandyana Form listed by Sergio Paulo Rouanet (2007) and the famous study by Ismail Xavier (1d. 1993), we try to demonstrate how the Sganzerla's narrative is a poetic practice of what Lezama Lima (1988) will call the art of counter-conquest. Launched in a context of modernization of cinematographic language and at the heart of the debate on the emancipation of the colonial situation of Brazilian cinema, "O Bandido da Luz Vermelha" redimensions, in this way, the problem of the identity constitution of Latin American cinemas - by proposing the Anthropophagic Baroque as a viable alternative, which puts the old relationship of cultural dependence of decolonized peoples in another tuning fork; in addition to the Baroque concept itself – as a synchronic and intersemiotic form updated to the demands and contingencies of different contemporaneities and contexts.

Keywords: Identity. Culture. Post-coloniality. Anthropophagy. Baroque.

INTRODUÇÃO

Em 1960, no já clássico discurso "Uma Situação Colonial?", Paulo Emílio Salles Gomes, semelhante ao que Truffaut, em 1954, fizera no famoso artigo da *Cahiers du Cinéma* ed. 31 "Uma certa tendência do cinema francês" (2005, p. 257), põe em revista a situação "medíocre", "humilhante" e "subdesenvolvida" que estruturava o Cinema no Brasil, da produção até as salas de exibição; e ao que conclui aquilo que se na época já mostrava-se como uma sangria, hoje é ferida exposta e lugar-comum da crítica cinematográfica: "A situação da cinematografia brasileira, em seu conjunto econômico-cultural, é caracterizadamente colonial" (1960, p. 05). A situação colonial

descrita e denunciada por Salles Gomes na Primeira Convenção Nacional da Crítica Cinematográfica, ocorrido entre os dias 12 e 15 de Novembro (posteriormente publicado no Suplemento Literário do Estado de São Paulo do dia 19, e que em 1973 irá desenvolver, sistematizadamente, em sua antológica proposta historiográfica no qual o cinema brasileiro é pensado sob o signo do subdesenvolvimento que lhe é intrínseco – “Cinema: trajetória no subdesenvolvimento”), atmosfera todos os meandros da produção cinematográfica, da situação da distribuição e do exibidor até a posição ideológica da crítica brasileira, isolada do diálogo global com os circuitos dos cinemas estrangeiros, passando pelas cinematecas, festivais e o próprio público consumidor. Nada é imune ao denominador comum à tudo e todos envolvidos com o Cinema no Brasil: o signo do subdesenvolvimento. Uma conjuntura de dependência colonial, cuja exportação de matéria-prima e importação de objetos manufaturados, mediocridade dos recursos produtivos, e ausência de estímulos à empreendimentos criativos, criadores e possivelmente emancipatórios, acabam por reafirmar a velha dominação cultural; agora não mais com a Europa, mas os Estados Unidos, e que entre outros augúrios, deixaria de legado, marcado em nosso imaginário, o clichê segundo o qual Cinema mesmo somente o estrangeiro.

Ora, se o Cinema mesmo é o Outro, o produzido, engendrado lá fora e por nós apenas importado, o que se faz quem faz cinema no Brasil? A questão de nossa situação colonial, este capachismo cultural abrasileira, remete à problemática da “velha relação de dependência cultural” (GELADO, 2006, p. 29) dos países ditos periféricos, não-hegemônicos, com às novas matrizes do poder, quer as antigas metrópoles colonizadoras, quer as nações emergentes ao status de primeiro mundo civilizado. Contudo, aqui, a questão é verticalizada e matizada com cores ainda mais problemáticas, pois àqueles que fazem Cinema no Brasil, não se tratava apenas de “resolver o conflito da modernidade periférica na dialética nacionalista e cosmopolitismo e construir uma obra original em relação à tradição originalmente repressiva” (GELADO, 2006, p. 33).

Em 1928, com o “Manifesto Antropofágico”, verticalizando a discussão que começara anos antes no “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”, e trazendo, à noção de poesia de exportação, a sua complementaridade crítica – i.e., a antropofagia – Oswald de Andrade irá colocar-se na esteira do famoso ensaio machadiano “Instinto de Nacionalidade”, de 1873, o modernista paulista advoga não abdicar da tradição europeia, mas abrir-se ao diálogo e problematizá-la; refletindo, assim, não apenas

sobre o fazer literário, mas sobretudo acerca do perfazer de nossa própria construção identitária. Essa construção, por seu turno, não se encerra na busca de uma substância monolítica e definidora perdida – como a figura do índio foi para os Românticos brasileiros –, ou seja, Oswald intercede a favor de uma identidade que não se ufanize nem se deixe essencializar. Se nos anos 20 a problemática fundamental da descolonização cultural, travestida de discurso identitário nacional e da autonomia artística intelectual, remontava ao nosso primeiro Romantismo, cujo legado missionário da independência identitária foi reavivado pelo calor da chegada das vanguardas europeias, que punha-se incontornável dentro do circuito cosmopolítico da arte; nos anos 60 a questão de quase quatro décadas atrás, ganhava agora matizes audiovisuais e para os quais o pensamento Oswald irão ser retomados enquanto alternativa crítica e transgressora. Depois da denúncia do crítico paulista, não apenas a resposta dada pelos cineastas que viriam ser chamados Novos e Marginais, apresentavam ecos de nosso modernismo de 22; a própria realização fílmica de Glauber Rocha, por exemplo, e sobretudo de Rogério Sganzerla em “O Bandido da luz vermelha” (1968) – objeto de análise deste estudo – é atravessada pelo pensamento antropofágico oswaldiano.

Antes de demostrado as relações antropofágicas na narrativa fílmica de Sganzerla, será necessário um salto ainda mais vigoroso, notarmos as fusões e mixagens que a forma dramática e plástica de seu filme-marginal encerra com o Barroco e a tradição Lucianica e Shandista. Ao aproximarmos assim Cinema e Literatura, lendo um pelo escopo crítico do outro, i.e., analisarmos os aspectos formais do barroco e da tradição shandiana presentes no Bandido da Luz vermelha, tentaríamos, em ultima analise, não apenas verificar a validez da hipótese de Rouanet, segundo a qual o Shandismo e Barroco, e a própria Sátira Menipéia, derivariam de uma fonte comum (2007), levando-o à uma categoria intersemiótica; como também de Haroldo de Campos (1955), Lezama Lima (1957) e Severo Sarduy (1971), entre outros, de que haveria a presença de um transbarroco na América Latina, essa forma da contraconquista que ao antropofagizar o colonizador, o descolonializou. Noutras palavras, haveria na antropofagia barroca uma alternativa possível, mesmo que precária e provisória, senão de emancipação da nossa “situação colonial” cultural, ao menos de autentica avacalhação crítica e criativa.

Sganzerla teria feito com o cinema brasileiro aquilo que, na literatura, Rosa fez com Machado e este fizera com Sterne: a poética da emulação do melhor da tradição,

modernidade e região de seu próprio tempo; i.e, emular clássicos e modernos, de Hitchcock a Godard, mas também seus pares contemporâneos como Glauber, Mojica e os cineastas da Boca. Emular, aqui, possui o mesmo sentido que a concepção de mimese ganhou no mundo latina; ora, o artista mimético aprendia num processo de *imitation*, de imitar o modelo, para logo em seguida, exercer a *emulation*, ou seja, inscrever-se no modelo, alargando-o; ou seja, “adaptar o modelo às circunstâncias, e não o contrário” (CASTRO ROCHA, 2017, p. 178). Sérgio Paulo Rouanet, em seu famoso estudo sobre o shandismo em Machado de Assis, chega a ventilar a hipótese de que a forma shandiana seria derivada do Barroco, essa forma promiscua que equaciona discursos diversos e por vezes contraditórios. Ademais, há fortes convergências entre o “Bandido da Luz Vermelha” e os procedimentos retóricos descrito por Sarduy (1971) para operalizar o Barroco modernista da metade do século XX, como: artificialização, a parodização e o erotismo imaginativo. Seriam, portanto, o cinema marginal de Sganzerla e a forma shandiana, antropofagia barroca, “taça que pode ter lavores de igual escola, mas leva outro vinho” (ASSIS, 1979, p. 512)? A comparação não nos parece absurda se pensarmos em uma das principais problemáticas da literatura brasileira desde nossos primeiros românticos – a formação de uma literatura nacional, o engendar da identidade de um povo e nação – e a situação intelectual dos cineastas dos 60, bem como suas repostas; Sganzerla teria bebido na mesma fonte que lhes serviu de mote para glosarem uma forma suficiente e capaz de performatizar tais questões em dispositivos literários? Para vermos essas afinidades eletivas é preciso, primeiro, debruçarmos, muito que *en passant*, sobre algumas das principais características elencadas por Rouanet e por Sarduy, para em seguida averiguarmos a configuração que esse barroco-shandista recebe nas formas dramáticas e plásticas do filme de Sganzerla.

A forma barroca

Em 1971, Severo Sarduy, antropofagizando não apenas o pensamento de seus pares latino-americanos, mas também das franjas intelectuais da Europa, procurou, minimamente, sistematizar em categorias operativas esse Barroco irônico, espaço fecundo da negociação e conflito, e ao qual chamou de “ética do desperdício” (1979, p. 57). Em seu esforço de chegar ao grau zero, o crítico cubano elenca três eixos estruturantes que articulam-se na construção dessa linguagem do inefável: artifício,

paródia e erotismo. Ante a uma afazia poética, a tensão entre necessidade do poetar e impossibilidade de fazê-lo com perfeição, o Barroco se valeria de uma série de procedimentos e dispositivos de artificialização os quais, incapazes de dizer de fato, ao menos ajuda à indicar, sugerir esse *claroescuro* do objeto, sem contudo apreendê-lo em sua totalidade ou essência. Graças à substituição, proliferação e condensação o Barroco realizaria uma espécie de metalinguagem ao quadrado, uma elaboração de linguagem poética, essa por sua vez já uma elaboração da língua denotativa, que daria a ver seu próprio estatuto de artifício (SARDUY, 1979, p. 60). Como volutas elípticas a substituição, proliferação e condensação dilatam as distâncias entre o representado inefável e a representação, abrindo lacunas ao encarar o objeto de modo oblíquo e por meio de uma linguagem sinuosa, desviante e espiralar, que a cada nova volta, por um lado alarga nossa percepção, ao passo que, por outro, obriga-nos a desnaturalizar essas relações ao pôr em cena sua artificialidade.

Dialógico, polifônico, carnavalesco, intertextual, são apenas alguns dos termos que Sarduy utiliza-se para caracterizar o caráter paródico do Barroco, ao mesmo tempo em que ele próprio parodia as noções da Kristeva e Bakthin, ao mesmo tempo em que encontra neste recurso estético um ponto de articulação que filaria o Neobarroco à longa tradição do estilo sério-cômico, da sátira menipéia, ao lucianismo e shandismo moderno presentes no Satiricon, Rabeleis, Quixote e Joyce. A obra Barroca encerraria muito mais do que meros fragmentos decorativos de paródia na superfície discursiva, mas tem como seu princípio ordenativo e estruturante a própria deformação, inversão e duplicação de gêneros e discursos que se misturam e intrometem um nos outros ao ponto de expandir-se, com seu horror ao vazio, até engolir todo o espaço disponível. O processo de parodização mais direto é a citação, implícita ou explícita, diretamente na malha discursiva da intertextualidade de forma que frases retiradas de outras obras são incorporados abertamente ao texto, ou ainda citações nominais à obras, personagens, locações ou relatos (1979, p. 71). Há ainda uma forma de intertextualidade mais profunda que age nas camadas mais adentro da tessitura do texto, alterando, de maneira centrifuga, sua textura e substância, deslocando a citação em uma tradução difusa, incongruente ou fraudada que, ao fim e ao cabo, reitera seu caráter paródico de reminiscencia, de palimpsesto. A desnaturalização e desauratização dos modelos é a apoteose paródica que a carnavaлизação barroca promove cujo processo não remete senão a si mesmo.

Assim, muito mais do que a superabundância de significados saturados ao máximo grau possível, sua linguagem dispendiosa, antieconômica pois anticomunicativa, que reduziria as palavras à sua informação e funcionalidade pragmática, ela descortina que cada palavra tem uma atmosfera, um volume e aroma. O Barroco, portanto, presentifica a linguagem, chamando atenção a sua materialidade antes mesmo de qualquer rede semântica de sentido, e assim revela o caráter erótico da linguagem (SONTAG, 1997, p. 23). Ou seja, se o Barroco presentifica sua linguagem, chamando atenção à sua imagem-acústica, esta, por sua vez, deflagra a afazia poética do próprio Barroco, sua incapacidade de representação tranquila, serena e harmônica, sua crise que é na verdade a apoteose da ironia: casa de vidro no deserto da representação. Barroco erótico, pois lúdico, como o próprio erotismo deflagra uma ética do desperdício ao se fazer “paródia da função de reprodução (...) em função do prazer” (SARDUY, 1979, p. 78).

O denso e rico estudo de Ismail Xavier (2013), esmiuçando o funcionamento da estrutura alegórica de Sganzerla, aponta diversas características formais que, embora não associe ao Shandismo, podemos notar semelhanças com a hipertrofia subjetiva, fragmentação e digressão, subjetivação do tempo-espacô e uso ostensivo do binômio riso-melancolia como descritos por Rouanet (2007). Sem ser sua intenção dizê-lo, Xavier também traça algumas das principais semelhanças entre o Bandido da Luz Vermelha com a tradição barroca. Após cobrir alguns poucos comentários críticos sobre a análise de Xavier, nosso trabalho será averiguar a presença, explícita ou implicitamente, em maior ou menor grau, da hipertrofia subjetiva, digressão e fragmentação, subjetivação do tempo-espacô e a mescla de riso e melancolia e, além dessas características, qualquer traço de artificialização, paródia, erotismo e mixórdia de gêneros, citações, liberdade imaginativa, adesão de um ponto de vista distanciado e estilo sério-cômico não moralizante em Bandido da Luz Vermelha.

O barroco antropofágico em Sganzerla

Segundo Xavier, o filme-soma de Sganzerla elabora, pela chave da ironia absoluta, uma alegoria do subdesenvolvimento, a linguagem fílmica clássica do cinema não é apenas dialogada, mas desconstruída e, por vezes, ressignificada graças ao signo da opacidade, uma série de procedimentos estilísticos e plásticos que, numa guinada autorreflexiva, dão a ver seus próprios processos e dispositivos

discursivos. A fabula em si é banal, o enredo do filme é simples, mas a organização que o cineasta passa a dar aos elementos que tem em mãos, tencionando-os ao máximo, dá relevo erótico às formas plásticas, como bem demonstra a descrição de Xavier para sequencia final do filme:

"As luzes do noticiário anunciam: "Treze mil fuzileiros navais [...]" e a montagem alterna o suicídio à luz do dia e o luminoso (noturno) que vai revelando os fragmentos da notícia ("invadem a Bahia para defender [...]"). Desse modo, a ação final do herói se desenha pela sucessão dos detalhes: primeiro plano do rosto, dos pés, da chave do circuito que se fecha; vários planos em faux-raccords do corpo que recebe a descarga; (...) "irônico deslocamento do epíteto "luz vermelha" que, a partir da figura do bandido, se expande e domina o céu como fato total que as vozes associam a uma série de situações prosaicas e desconexas: "A suspensão de um casamento chinês em Los Angeles e um transplante em Acapulco,... uma passeata em Porto Alegre". Pontua o cataclismo, uma modulação musical que alterna a guitarra de Jimi Hendrix e o batuque afro-brasileiro, numa colagem rock-candomblé no estilo da Tropicália. Na tela, volta a torre de TV do início do filme, completando o círculo. E reiteram- se o letreiro que anuncia a invasão da Bahia, os discos voadores (suas batalhas) e as imagens do povo da favela a sambar em cima do lixo, cercado de fogo e fumaça, cada vez mais em silhueta. Sombras se agitam diante da câmera e figuram a desordem anunciada pelas vozes: "Invasão dos bárbaros... Em dez segundos poderão estar em Brasília. Tudo está iluminado pela luz avermelhada [...] e ninguém sabe o que vai acontecer. Fascismo? Comunismo?... O povo invade as praças [...] a polícia toma posição [...] só um milagre pode nos salvar do extermínio." (XAVIER, 2013, p. 114-115).

Como se nota, proliferação, substituição e condensação, todos os elementos de artificialização barroca, marcam presença nesta sequencia: seja pela montagem abrupta, que fragmenta e repete os planos numa sucessão rápida; seja no ritmo acelerativo, crescente e espiralar da narração em *over* dos locutores, igualmente fragmentada numa espécie de colagem paródica, que se aproxima sem jamais tanger ou enunciar o objeto de que se fala dando textura erótica à intratextualidade estabelecida entre formas dramáticas contraditórias – do *thriller* hollywoodiano à biografia realista. A sucessão das imagens não são ligadas à progressão da intriga, está é simples e de ação errática, mas à associações metafóricas e tematicamente conectadas: "Fragmentação, descontinuidade, farto comentário sonoro, citações, são traços recorrentes e a sequência final condensa, tipifica tal processo." (XAVIER, 2013, p. 107).

Grande parte do filme é montado nessa lógica elíptica e espiralar, em ao menos mais duas sequencias pode-se ver claramente a técnica do *jump-cuts*, parodiada de

Godard: na primeira, logo no início do filme, vemos os policiais – o delegado Cabeção e seu parceiro – chegando à cena do crime, e em seguida, temos um corte acentuado para frente, um salto em que os dois já estão interrogando uma testemunha – todo o desenrolar da ação que uniria as duas pontas dessa sequência é condensado, suprimido. Noutra sequência, o Bandido entra em uma casa para assaltá-la e surpreende uma mulher que dormia em seu quarto, ele deita-se com ela e, novamente, há um salto para o Bandido lutando e matando um policial na fuga do local; esse ínterim, do personagem estuprá-la e fugir antes de ser surpreendido pelo policial, acontece apenas na mente do espectador – a hipertrofia subjetiva do narrador-filmico, como um tirano, corta logo à ação que realmente importa. A subjetivação do tempo e do espaço fica evidente não apenas no uso dos *jump-cuts*, que condensam artificialmente diversos signos temporais e espaciais da ação em poucos planos, mas na própria parodização à montagem invisível da tradição clássica do cinema. Num intertexto com “Acossado” (1960) de Godard e da montagem intelectual de Eisenstein (2002), a montagem do “O Bandido da Luz Vermelha” é descontínua; uma montagem dialética em que os planos ganham sentidos tensionados uns com os outros, produzindo um significado que se realiza metaforicamente fora da imagem. Seguindo essa lógica de montagem, o filme prolifera cortes abruptos, secos, como os *jump-cuts* já referidos, e outros recursos que quebram com a unidade da ação, subjetivando o espaço-temporal, desde a utilização de foto fixa, como se observa na sequência em que a bomba explode, à repetição proposital de planos, as volutas barrocas, como na sequência em que o homem na banca de jornal reconhece o Bandido e a repetição do capanga do bando Mão Negra. É a montagem que, eroticamente, chama atenção para sua própria artificialidade, para o fato de ser signo que fragmenta, a todo momento, a ilusão da transparência obscurecendo sua forma, para que agora, tornada opaca, o filme seja visto em sua plasticidade.

A ordem da montagem do filme, portanto, avança e recua para espaços diferentes, inicia ações espódicas, corta para inserções jornalísticas parodiando as linguagens dos programas televisivos da época, ou cenas de sexo, depois adentra, numa guinada metalinguística, a imagens do bandido numa sala de cinema. Como se vê, tempo e espaço são subjetivados de tal maneira que “a ideia de uma progressão (...) logo se dissolve” e saltamos da origem do personagem para uma série de cenas de reiteração: “o bandido já famoso a pular o muro (...) da casa assaltada, rumamos para imagens noturnas, fragmentos de perseguições no centro da cidade (...)”

(XAVIER, 2013, p. 118). Na tensão entre vários registros imagéticos, do ficcional ao documental, a própria contingência da linguagem é colocada em pauta ao lado do caráter lacunar das imagens e da transitoriedade e precariedade do real indigno de confiança, que nos faz desconfiar não apenas da credibilidade dos narrador-filmico que monta os discursos, mas da própria natureza dessas imagens. A hipertrofia da subjetividade deste narrador prolifera, ainda, em narradores, por meio da dramatização paródica da voz *over* enquanto dispositivo criador que multiplica referências e perspectivas. O recurso da polifonia, marcada com uso de outras vozes em *over*, será usado ostensivamente como um dos traços desse narrador-filmico caprichoso e egôico, que está a todo tempo chamando atenção para si mesmo e seu caráter de artifício. Seja através da disjunção representativa da relação causal entre imagem e o som posposto à montagem; ou por intermédio do ruído que se estabelece entre a imagem e a trilha sonora, ao qual, na tradição clássica, era subordinada à ação, aqui ela não mais redonda os motivos e emoções dos personagens, a exemplo das sequencias banais ao som da Nona Sinfonia de Beethoven.

No entanto, será a utilização desloucada da voz *over* que mais se repetirá na artificialização em uma variação paródica, e que em certa medida dá unidade ao filme de Sganzerla, uma vez que atravessa toda a película. Já na abertura isso fica evidente com o uso alternado da locução de rádio, do masculino ao feminino, estabelecendo uma polifonia ora narrativa, ora judicativa, fragmentando a narração com comentários, opiniões e digressões, complementares e contraditórias, acerca da figura do herói. Na tradição clássica cinematográfica, a voz *over* estava associada principalmente ao documentário, mais do que ao cinema de ficção que a usava, na grande maioria, quando havia algum personagem a narrar um *flashback*. Voz que exercia domínio em relação a imagem, uma vez que essa era escrava da narração, a voz *over*, em geral masculina, cheia e em tom peremptório, referendava a imagem, dando credibilidade e legitimando o discurso. Sganzerla antropofagiza este recurso, outrora utilizado para driblar a contingência técnica, aqui ressemantizando-o ao fazer de sua precariedade força elaborativa, de tal maneira que não apenas descortina uma proliferação discursiva heterogênea, mas a volubilidade e contradições dessa instância narrativa ditatorial, pondo em xeque sua fidedignidade. Logo, haveria uma certa “dificuldade de marcar com rigor o presente da voz narradora do bandido, seu ponto de ancoragem no tempo”, pois “as vozes do rádio comandam um processo entrópico de acumulação de dados que, na aceleração final, configura o mundo como um caos geral (XAVIER,

2013, p. 107). Se o próprio Bandido, em uma de suas falas a Jane, ironiza sua condição de narrador não confiável, o uso não sincrônico do som e a voz *over*, continuamente contradizendo aquilo que é mostrado pela imagem, embaralham episódios e omitindo explicações a tal ponto que desconfiamos dos narradores filmicos em todas as suas dimensões e camadas.

Porém, não apenas os locutores e o protagonista fragmentam a banda sonora do filme com suas falas opinativas e digressivas; outras vozes são convocadas para o jogo polifônico numa tensão erótica entre as partes (as diversas subjetividades; a imagem e o som; etc.) visto a inventividade e artificialidade plástica da linguagem audiovisual, que tenta extraír mais significados do que os seus signos permitem. Como forma de acessar a interioridade dos personagens, esse monólogo interior não se restringe apenas ao protagonista, mas se prolifera e passa por alguns personagens menos importantes, de modo que podemos ouvir os seus pensamentos, como uma espécie de fluxo de consciência. Um exemplo capital é a primeira sequência em que a personagem Janete Jane é apresentada, nesse instante, a câmera invade sua mente, em um soliloquio interior, dialogando intertextualmente com as teorias de Eisenstein (2002). Noutra sequência, em que um homem reconhece a foto do bandido da luz vermelha no jornal, como já referido, pode-se ouvir o personagem entregando o Bandido à polícia, em um evento que acontece apenas no áudio, uma vez que a imagem da cena é suprimida, reiterando a montagem elíptica, substitutiva e condensada. Assim, se a verossimilhança é reforçada quer por meio das críticas políticas e sociais ao Brasil, quer por ser situado historicamente, localizado geográfica (São Paulo) e cronologicamente (1967); o dado inverossímil solavanca qualquer pretensão documental, verídica e fidedigna ao factual. Essa liberdade imaginativa reitera-se não apenas na avacalhação do encadeamento lógico, continuamente negado, mas sobretudo na paródia antropofágica de coisas reais e imaginárias, de lugares comuns e pretensões de sublime que garantem “o enxerto da imagem de um disco voador emprestada de filme de ficção científica” (XAVIER, 2013, p. 111); cuja primeira aparição é dentro de um filme que o Bandido assiste, para em seguida sair da tela, como se a morte do bandido da luz vermelha acionasse a chegada de luzes incandescentes vindas do céu, interferindo na representação de tal maneira que a ficção desrealize o real.

Assim, com a lente da galhofa e a película da melancolia, Sganzerla ironicamente filma muito mais do que a ação da busca pelo destino individual, mas a

viagem interior de seu herói marginal; esse uso ostensivo do binômio riso-melancolia, por exemplo, é deflagrado na cena em que o herói canta ao violão “Mi corazón te llama” (XAVIER, 2013, p. 110). Ou, ainda, na sequencia final que rejeita encerra-se numa síntese fechada, mas graças a ironia presente na voz feminina que grita em glosa, logo após a conclusão, “E daí?”, reabrindo todas as ambivalências que marcaram a narrativa fílmica e afastando qualquer conselho moralizante. No entanto, é talvez na antropofagia que o Bandido da Luz Vermelha tem sua maior força; quer na parodização intertextual por meio de citações e referências diretas à outras obras, quer na intratextualidade, com a qual mistura e mescla as mais diversas formas dramáticas e plásticas da linguagem audiovisual: da mixórdia de gêneros clássicos da tradição cinematográfica hollywoodiana, até a emulação de técnicas e experimentações modernas e modernistas dos novos cinemas de vanguarda, e o diálogo com estilos de cineastas nacionais, das chanchadas até o cinema novo glauberiano e a pornochanchada da Boca do lixo. O filme de Sganzerla é uma verdadeira carnavalização extremamente sofisticada, miscelânea na qual coexistem, ironicamente, drama existencial, chanchadas, comédia, suspense policiaresco, noir, western, crítica social, ficção científica, épico bretchiano e a forma dramática moderna. Essa carnavalização paródica fica evidente já na sequencia de abertura, na qual, o subtítulo ironicamente denuncia o caráter de artifício da obra – “Um filme de cinema de Rogério Sganzerla” – e em seguida:

“(...) sobreposta ao letreiro, a locução: “Trata-se de um faroeste sobre o Terceiro Mundo”. O som do ritual de candomblé, vindo de Terra em transe, é nesse momento citado para dar ressonância à expressão “Terceiro Mundo” e iniciar um diálogo mordaz com a obra de Glauber. Tal diálogo integra o denso jogo intertextual de *O bandido*, o mesmo que, em tom de paródia, se anuncia na fórmula do “mera coincidência”, que se refere à semelhança não só com “fatos irreais”, mas também com “pessoas imaginárias”. A expressão “filme de cinema” aparenta um pleonasmo que, na verdade, é recusa irônica de outros epítetos, tal como o de “filme de arte”, tão caro a uma parcela da crítica naquele momento.” (XAVIER, 2013, p. 105).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre a intriga clássica, na paródia antropofágica ao faroeste e o cinema noir, e as formas modernas de representá-la, a cisão do sujeito e a crise da interioridade, que configuram a estrutura modernas das narrativas literárias já deflagradas como em estudos de Bakhtin (2019), obriga-nos a pôr em outro diapasão a representação dos tipos marginais, deglutiidos por Sganzerla, presentes seja no naturalismo de Aluísio de

Azevedo, seja em Plínio Marcos ou Nelson Rodrigues, levado à tradição cinematográfica brasileira nas adaptações de Nelson Pereira do Santos. Se a relação de desauratização com o modelo, a exemplo do noir com endereço certo à Orson Welles, já é uma retomada desencantada, irônica e autorreflexiva; a narrativa da jornada individual de um herói melancólico e boçal, num terceiro mundo degradado, procura embotar o sentido do que vivera graças a narração de um narrador igualmente moderno e em crise (ADORNO, 2003; BENJAMÍN, 1994). Equacionando contrários, essa ironia barroca absoluta, “arte da dessacralização e discussão” (SARDUY, 1977, p. 79), fica patente na sequência final, na qual a morte de um bandido na periferia do terceiro mundo, anunciada por uma rádio igualmente periférica, influenciaria ou ressignificaria os eventos do ocidente ao ser o epicentro da terceira grande guerra agora com ares de ficção científica avacalhada: é a margem reescrevendo o centro.

O suicídio espalhafatoso e irônico de um herói antropofágico, após aventuras rocambolescas numa Boca do Lixo sinédoque da nação; o uso de inúmeras mídias (rádio, jornal, painéis de notícias em neon, créditos, revistas) para compor os narradores que tentam ordenar em linha mestra a narrativa; a devoração crítica dos lugares comuns, dos clichês dos gêneros, imagens documentais e de reportagens inventadas ou reais (o próprio personagem Bandido da Luz Vermelha foi uma figura histórica antropofagizada por Sganzerla); tudo soma-se, é mixado numa fusão que está a todo tempo reafirmando a opacidade e contingência de sua linguagem ao tentar alargar suas fronteiras, tensioná-las ao máximo para fornecer mais significados do que ela é capaz. Forma dispendiosa, que chama atenção a plasticidade de suas matérias, desvelando seu caráter erótico e sinuosidade de suas formas que tensionam-se e se interpenetram. O cinema fora da lei de Sganzerla, por outro lado, implode as teleologias ao dessacralizar o próprio tempo, antropofagizando colonizado e colonizador liberta-os, ao menos no curto período de duração da projeção, da colonialidade ao deitá-los no mesmo horizonte; ele coloca o outro dentro de um circuito de afetos em que as coisas, esvaziadas de sentido intrínseco, existem agora apenas em relações de afeto, ao afetarem e serem afetadas.

A ironia é casa de vidro, e a atitude de Sganzerla nos instiga a passar em revista nossa própria historiografia cinematográfica. Talvez esse princípio barroco-antropofágico praticado pelo cineasta, que ao fim e ao cabo satisfaria o desejo de ver expressa uma cultura brasileira na tela, já estivesse presente em nosso fazer cinema

bem antes do famoso e peremptório discurso de Paulo Emílio Salles Gomes, como demonstra o curioso fato da apótese de nossa incompetência criativa em copiar convergir com nossos maiores sucessos populares, as chanchadas. Transgressor riso nervoso, ainda hoje fazem de nossa precariedade a nossa potência, da antropofagia nossa existência, de modo que ao nos impregnarmos do outro já o abrasileiramos, combatemos o invasor com suas próprias armas. Nunca fomos catequizados, fizemos carnaval. Se, por fim, o único caminho possível, como o crítico paulista irá fechar a matéria posteriormente em “Cinema: Trajetória no subdesenvolvimento”, para o fim de nossa situação colonial é a reanimação, sem milagres, da vida cultural brasileira (1973, p. 111), ao antropofagizar em artifício metafórico não apenas a autoridade da lei herdada, mas também seus pares fora dela, Sganzerla deu o primeiro passo: abriu um espaço privilegiado de negociação e conflito cujo centro é o contraditório, está lançado o convite ao dialogo.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2003.
- ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago [1928]. In: **A Utopia Antropofágica: Obras completas de Oswald de Andrade**. São Paulo: Editora Globo, 1990.
- _____. Manifesto da Poesia Pau-Brasil [1924]. In: **A Utopia Antropofágica: Obras completas de Oswald de Andrade**. São Paulo: Editora Globo, 1990.
- ASSIS, Machado de. Memorias Póstumas de Brás Cubas. In: **Obra Completa vi. I**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979.
- _____. Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade. In: NETO, Sanches Miguel (Org.). **O ideal crítico**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo/Brasília: Hucitec, 1993.
- _____. **Teoria do romance III: o romance como gênero literário**. São Paulo: Editora 34, 2019.
- BENJAMIN, Walter. **Origem do Drama Barroco Alemão**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.
- _____. “O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERNARDET, Jean Claude. **Cin. Brasileiro. Propostas para uma história.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **Cinema marginal?: categorização antiquada pode reduzir as possibilidades interpretativas das obras do período.** Folha de São Paulo, São Paulo, n. 10 ju 2001. Mais!, p. 8-11, 2001.

BOSI, Alfredo. O nacional e suas faces. In: **Memoriam de Eurípedes Simões de Paula.** São Paulo: FFLCH-USP, 1983.

CALABRESE, Omar. **A idade Neobarroca.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

CAMPOS, Haroldo. A obra de arte aberta. In: CAMPOS, Augusto. et al. **Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos 1950-1960.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. Barroco, neobarroco, transbarroco. In: DANIEL, Cláudio. **Jardim de Camaleões –a poesia neobarroca na América Latina.** São Paulo: Iluminuras, 2002

_____. Literary and artistic culture in modern Brazil. In: Sullivan, E.J. (org.). **Brazil: body and soul.** New York, Guggenheim Museum, The Salomon R. Guggenheim Foundation, 2001.

_____. De Babel a Pentecostes. In: FABBRINI, Regina e OLIVEIRA, Sergio Lopes (org.). **Interpretação (Série Linguagem).** São Paulo: Editora LOVISE, 1998.

CASTRO ROCHA, João Cesar de. **Culturas Shakespearianas: Teoria mimética e os desafios da mímesis em circunstâncias não hegemônicas.** São Paulo: É Realizações, 2017.

_____. Uma teoria de exportação? Ou Antropofagia como visão de mundo. In: ROCHA, João Cesar de Castro & RUFFINELLI, Jorge. (Org.). **Antropofagia Hoje? Oswald de Andrade em Cena.** São Paulo: É Realizações, 2011

EISENSTEIN, Sergei. **A forma do filme.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

FUENTES, Carlos. **O espelho enterrado.** Rio de Janeiro, Rocco, 2001.

GELADO, Viviana. **Poéticas da transgressão: vanguarda e cultura popular nos anos 20 na América Latina.** Rio de Janeiro: 7Letras; São Carlos, SP: EdUFSCar, 2006.

GOMES, Paulo Emílio Sales. **Uma situação colonial?.** Comunicação apresentada na Primeira Convenção Nacional da Crítica Cinematográfica, São Paulo, 12 a 15 de novembro de 1960a. Posteriormente publicado em *O Estado de S. Paulo*, Suplemento Literário, 19 de novembro de 1960b, p. 5.

_____. **Cinema: trajetória no subdesenvolvimento.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

LIMA, José Lezama. **A curiosidade Barroca.** In: *A expressão americana*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Paradoxos do nacionalismo literário na América Latina.** In: *Vira e Mexe, Nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ROUANET, Sérgio Paulo. **Riso e Melancolia: a forma shandiana em Sterne, Diderot, Xavier de Maistre, Almeida Garrett e Machado de Assis.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SÁ REGO, Enylton José de. **O calundu e a panacéia: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

SARDUY, Sarduy. Por uma ética do desperdício. In: **Escrito sobre um corpo.** São Paulo, Perspectiva, 1979.

SGANZERLA, Rogério. **Por um cinema sem limite.** Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.

_____. Cinema fora da lei. In: **O Bandido da Luz Vermelha: Argumento e Roteiro; Coleção Aplauso.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

SONTAG, Susan. **Contra a interpretação.** Porto. Alegre: L&PM, 1997.

TRUFFAUT, François. **O prazer dos olhos: escritos sobre o cinema.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. **Alegorias do subdesenvolvimento: cinema novo, tropicalismo, cinema marginal.** São Paulo: Cosac Naify, 2014.

Capítulo 7

**CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE: A
PERSONAGEM FEMININA MACABÉA EM A
HORA DA ESTRELA, DE CLARICE LISPECTOR**

Sabrina de Paiva Bento Queiroz
Clarice Calista Dutra
Talia Cristiane Elias Brito

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE: A PERSONAGEM FEMININA MACABÉA EM A HORA DA ESTRELA, DE CLARICE LISPECTOR

Sabrina de Paiva Bento Queiroz

*Mestranda em Texto Literário, Graduada em Letras-Português, e-mail:
sabrinacapuern@gmail.com*

Clarice Calista Dutra

Mestranda em Texto Literário, Graduada em Letras-Português, e-mail: claricecalista@hotmail.com

Talia Cristiane Elias Brito

*Mestranda em Texto Literário, Graduada em Letras-Português, e-mail:
taliacristianealiasbrito@gmail.com*

RESUMO

O presente trabalho visa analisar como a identidade da personagem Macabeia é construída dentro do livro *A Hora da Estrela* (1998), escrito por Clarice Lispector. Macabéa é uma retirante, que se desloca de sua terra natal para ir em busca de emprego na capital do Rio de Janeiro. Na narrativa, sua identidade é afetada pelos personagens que contracenam com ela, a saber: Olímpio, seu namorado; Glória, sua colega de trabalho. Partindo por um viés qualitativo, de cunho bibliográfico, o estudo recorrerá a teóricos que discorram sobre a identidade dentro de um escopo pós-moderno, tendo em vista que esse livro faz parte de um processo de transição entre o que se tem por moderno e pós. Nesse sentido, nos serviremos das teorias Guidin (1994) comentários acerca da escrita claricana, Hall (2006), Giddens (1991,2002) quanto à identidade e Agamben (2002) com o conceito de sobrevida e *vida nua*. Tal pesquisa fomenta a necessidade de se fazer ciência para problematizarmos a condição da mulher retirante em/na sociedade, diante dos riscos da modernidade. Como resultado apontamos para algo muito recorrente: a construção identitária de Macabéa se dá por meio da exclusão, da marginalização, da subalternização admitida. Essa percepção foi possível por meio da/pela voz do narrador Rodrigo S. M e das relações no qual evidencia uma personagem incapaz de falar por si mesma, estando inserida num contexto precário.

Palavras-chave: Macabéa. Construção. Identidade. Personagem Feminina.

PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

Os estudos sobre identidade na pós-modernidade apontam para um ser fragmentado, visto não mais como um indivíduo homogêneo como apontavam as teorias modernas. Nesse sentido, o sujeito pós-moderno pode abraçar ou não suas incoerências e contradições. Partindo disso, o objetivo principal do trabalho é analisar a construção da identidade de Macabéa, personagem principal em *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector.

A hora da estrela (1998) é o último texto revisado e publicado ainda em vida pela escritora Clarice Lispector. Além desse, escrevia também *Um sopro de Vida (pulsões)*, sendo este publicado após o seu falecimento. Macabéa é uma nordestina pobre e semianalfabeta muito diferente das demais personagens construídas por Clarice. A protagonista de *A hora da estrela* não possui laços familiares, vive de maneira solitária, tendo o mínimo do mínimo para sobreviver na cidade do Rio de Janeiro. Órfã de pai e mãe foi criada por uma tia que a tratava muito mal, a única parente veio a falecer alguns anos depois.

Depois de muito *pano pra manga*, Macabéa chega ao Rio de Janeiro. Passa a morar na rua do Acre em uma pensão muito humilde, dividindo o quarto com quatro meninas. Há um fato curioso, pois todas essas chamavam-se Maria acrescentando apenas mais um outro nome e sobrenome; duas Maria, Uma da Penha, outra Aparecida e a última José. Todas elas trabalhavam nas lojas Americanas como balconistas.

A protagonista nos remete aos retirantes que saem de seu estado em busca de algo melhor na cidade grande, porém se depara com uma realidade muito aquém do que se imagina(va). O emprego que consegue é de datilógrafa em um escritório pequeno, com baixo salário. No espaço se tem a parte do chefe e no outro a sala das funcionárias composta por ela e Glória. O oposto de Macabéa, tendo em vista que era desinibida e possuía uma condição favorável quando compara a nordestina.

Outro detalhe importante é a estrutura que compõe a obra a partir de três eixos narrativos ocorrendo de maneira simultânea, isso torna o enredo fragmentado e acarreta na quebra tradicional da construção linear. A primeira parte se dá pelo relato de Rodrigo S.M narrador que conta a história de Macabéa; a segunda retrata suas

experiências e o drama existencial em que vive; por fim temos uma característica metalinguística porque vemos o processo de construção do livro.

Em busca de algo mais lateral, a pesquisa se atém, principalmente, nos pressupostos teóricos da identidade, tendo em vista que é algo muito latente na personagem Macabéa. O conceito de identidade foi desenvolvido a partir de três concepções pelo filósofo Hall, a saber: sujeito do iluminismo, sujeito sociólogo e sujeito pós-moderno. O último, por sua vez, nos será útil por estarmos adentrando em uma obra que possui características do sujeito pós-moderno, pertencente a terceira fase do modernismo, constituindo assim, um período de mudança literária para o que se tem por pós-moderno.

Diante disso, o trabalho se justifica pela necessidade de se fazer ciência para pensarmos a condição identitária da mulher em/na sociedade, diante do machismo enraizado na cultura ocidental até os dias de hoje. A pesquisa é qualitativa, de cunho bibliográfico e utilizaremos como arcabouço teórico as teorias de Hall (2006), Giddens (1999,2002), Guidin (1994) e Agamben (2002).

MACABÉA: IDENTIDADE E FRAGMENTAÇÃO DO SUJEITO PÓS-MODERNO EM A HORA DA ESTRELA

De acordo com o filósofo Hall (2006), a identidade se torna recorrente quando o assunto envolve teoria social, pois essa, em um dado momento, foi tida como constante e imutável. No entanto, tal sustentação sobre o mundo social caiu em declínio justamente pelas mudanças, dando então origem a uma crise de identidade.

Diante disso, temos a consequência de um mundo moderno que para Giddens (1999) se trata de um mundo industrializado, levando em conta que não é isso a única dimensão institucional, pois as relações sociais também corroboram. Desse modo, temos identidades descentradas e fragmentadas buscando seu Eu no aqui-agora mesmo estando em crise. Portanto, as mudanças estruturais cada vez mais transformam as identidades pessoas e por vezes abalam a ideia daquilo que temos sobre nós mesmos como "sujeitos integrados", conforme afirma o filósofo Hall (2006):

Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no

mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo (HALL, 2006, p. 09).

Nesse sentido, as definições sobre conceito de identidade se distinguem, na perspectiva de Hall, a partir de três concepções: sujeito do iluminismo, sendo aquela pessoa a adquirir um status centrado, uníssono, detentor da razão, da consciência, da ação. Permanecendo o mesmo durante sua existência; no sujeito sociológico a identidade é construída por meio das relações com outrem.

Os valores, os conceitos e símbolos passam a ser mediados, ou seja, são moldados de acordo com essas esferas; sujeito pós-moderno, no qual nos detemos nesta pesquisa, trata-se de um ser sem atribuições únicas, pois sua identidade é vista mediante um fluxo de movimentação instável formando e se transformando sobretudo quando ocorre as interações com os sistemas culturais dos quais se faz parte.

Mediante esse breve resumo sobre o conceito de identidade, esta seção se debruça em observar como se constitui o sujeito e suas identidades diante dessa modernidade, pois é por meio disso que analisaremos a construção da personagem Macabéa, foco principal dessa pesquisa. Diante disso, quando pensamos em modernidade não podemos esquecer do conceito de risco descrito por Giddens (2002).

De modo que também temos a exclusão, descriminação, marginalização "afastando a possibilidade da emancipação, as instituições modernas, ao mesmo tempo criam mecanismos de supressão, e não de realização do eu" (GIDDENS, 2002, p.13). Podemos perceber isso quando Macabéa saí do interior do Nordeste e vai em busca de emprego na "cidade-grande", Rio de Janeiro, indagando quem de fato era ela. Vive à mercê, como afirma o próprio narrador:

Ela nascera com maus antecedentes e agora parecia uma filha de um não sei o quê com ar de se desculpar por ocupar espaço. [...] Essa moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro. [...] A única coisa que queria era viver (LISPECTOR, 1998, p. 27).

O perfil traçado de Macabéa nos é dito pelo narrador Rodrigo S. M, no qual evidencia uma identidade precária. Nesse trecho, por exemplo, ele deixa transparecer a não utilidade da personagem. É tanto que temos um teor animalesco, construindo uma personagem sem racionalidade para pensar sobre si mesma. Os estereótipos se

perpetuam no decorrer da narrativa: Macabéa enquanto nordestina, feia, miserável, ignorante, solitária, doente e raquítica caracteriza um quadro pintado de maneira cruel e melancólico.

O recurso inédito de Clarice em sua obra foi justamente a presença desse escritor-narrador escrevendo sobre uma personagem feminina. Além disso, o livro se situa em um limiar entre o romance e o conto, porém o próprio Rodrigo S.M. afirma ser um "relato", um "melodrama", uma "literatura de cordel". Além disso, a escolha por esse tipo de narrador foi justificada pelo fato de que se fosse uma escritora-mulher poderia "lacrimejar piegas" (LISPECTOR, 1998, p. 14). Rodrigo S.M. em outros momentos da narrativa fala de si e se torna também personagem da história.

Nesses aspectos a visão masculina visa criar um distanciamento da própria escritora. Diante disso, podemos problematizar a ironia criada por Clarice em ceder o poder de voz a um autor masculino para construir Macabéa. De acordo com Guidin:

Clarice está discutindo o ponto de vista narrativo em que o olhar do narrador repousa sobre as impressões subjetivas da personagem feminina. Está discutindo, sobretudo, a autoria feminina do texto literário e as condições socioculturais do próprio discurso feminino. (GUIDIN, 1994, p. 33)

Neste livro, Clarice Lispector opta por um jogo intrigante de vozes entre a própria escritora, o narrador-escritor e a personagem. Adentrando um pouco mais na construção da identidade de Macabéa percebemos que o lugar no qual ela está inserida viabiliza ainda mais uma autonegação de si mesma. Não queremos aqui dar voz ao determinismo que prega o meio como a determinação dos fins de alguém, mas problematizarmos o ser que estar e, portanto, subsiste enquanto uma sobrevida mesmo em condições precárias de existência como nos afirma o filósofo Agamben (2002).

Macabéa, representa as *vidas nuas*, em outros dizeres: são brasileiros, retirantes, que saem em busca de novas oportunidades espalhados Brasil afora construindo sua autoidentidade em terras longínquas, nesse eixo Rio-São Paulo que do contrário do que é exposto pelas grandes mídias exalam o amargo cheiro da pobreza, da ignorância e do desamparo. Assim como essa personagem, há milhares de moças espalhadas nos cortiços, a procura de vagas de cama nos quartos de

hospedarias. Trabalhando muito e ganhando pouco. Muitas atrás de balcões; outras sendo mulheres-a-dias (faxineiras) sem se quer notar que são substituíveis.

O próprio início do "melodrama" é paradoxal "Tudo no mundo começou com um sim." (LISPECTOR, 1998, p. 11), pois a personagem principal se depara com vários não, ou seja, uma vida de pura negação. A sua identidade já se rotula aos não tendo em vista que suas características são postas de modo discriminatório. A moça nos é descrita de tal forma: não é bonita, não possui inteligência, não se porta de maneira culta, não... não.. não.

Até seus laços afetivos, sua intimidade tem conotação negativa "ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém" (p.13). Inclusive até pelas colegas de quarto Macabéa não despertava interesse algum. Essas achavam-na esquisita, com mal cheiro. Ao analisarmos o texto de Clarice só percebemos uma vez Macabéa se definindo e mesmo assim são falas intercaladas com a do narrador-personagem como podemos observar no trecho a seguir:

E quando acordava? Quando acordava não sabia mais quem era. Só depois é que pensava com satisfação: **sou datilógrafa e virgem, e gosto de Coca-Cola.** Só então vestia-se de si mesma, passava o resto do dia representando com obediência o papel de ser (LISPECTOR, 1998, p. 36, grifo nosso).

Macabéa, nessas poucas palavras, já nos diz muito de si. Ser datilógrafa já lhe colocava em desvantagem, pois para ela não existia cargo mais elevado diante do pouco estudo. Sendo virgem era tida como antiquada para sua época, principalmente, quando comparada a colega de trabalho Glória. Falaremos desta mais adiante, porque também é de suma importância para a construção da protagonista.

A personagem consegue representar de modo ficcional a realidade de pessoas. É um ser social, psicológico, e físico constituída de ações nas quais podem ser movidas pela busca de um objetivo maior, por vezes, com obstáculos para a concretização. Cria-se então um conflito. Elemento crucial para fornecer força dramática à personagem sendo desenvolvido na relação com outros dentro do enredo. Nesse circuito de relacionamentos vale analisar os personagens Glória e Olímpico para corroborar e compreender a identidade de Macabéa. Quando observamos o modo como eles interagem com a protagonista, suas características e forma podemos obter um entendimento maior.

Olímpico era namorado de Macabéa e Glória era sua colega de trabalho, os dois traem a protagonista. A burguesa loira e sensual representa o oposto de Macabéa, pois possuía beleza e formosura padrão imposto pela indústria moderna. Ela era assediada tinha vários namorados, enquanto Macabéa até o que lhe tinha foi tirado. No trecho a seguir podemos perceber isso de forma mais acentuada, pois Glória é construída com um teor superior:

Glória era toda contente consigo mesma: dava-se grande valor. Sabia que tinha o sestro molengole de mulatas, uma pintinha marcada junto da boca, só para dar uma gostosura, e um buço forte que ela oxigenava. (...) Glória tinha um traseiro alegre e fumava cigarro mentolado para manter um hálito bom nos seus beijos intermináveis com olímpico. Ela era muito satisfatona: tinha tudo o que seu pouco anseio lhe dava e havia nela um desafio em que se resumia: "ninguém manda em mim" (LISPECTOR, 1998, p. 64-65)

Por outro lado, temos o personagem Olímpico, pois embora tenha semelhanças é o contraponto de Macabéa, pois consegue se inserir na cidade grande e mesmo ignorante almeja alcançar postos de destaque na sociedade. Mesmo sem dinheiro, a partir de mentiras, ele consegue se legitimar.

Sem uma educação formal utiliza palavras que até os significados desconhece. Em momentos da narrativa Macabéa até questiona, mas ele a retruca de modo grosseiro "É, você não tem solução. Quanto a mim, de tanto me chamarem, eu virei eu. No sertão da Paraíba não há quem não saiba quem é olímpico. E um dia o mundo todo vai saber de mim" (LISPECTOR, 1998, p. 49). Até um nome ele inventa para se apresentar de forma exibida para Macabéa.

Olímpico de Jesus Moreira Chaves sonhava em ser deputado e se exibia com seu dente de ouro. A identidade de Macabéa só é de fato apresentada quando no primeiro encontro com o personagem ela diz seu nome. Como afirma Guidin (1996) "é a partir do ingresso de Olímpico no texto que Macabéa recebe um nome. Seu nome, até então omitido pelo narrador, mesmo balbuciado e esquisito, apresenta-se agora e a identifica" (GUIDIN, 1996, p.43). O namoro entre os dois se dá de maneira fragmentada, uma relação morna e os diálogos por vezes sem um sentido estabelecido entre os dois.

No entanto, é justamente nessas conversas, na tentativa de impressionar Olímpico que Macabéa verbaliza alguma coisa. A jovem, que ouvia diariamente a Rádio Relógio, lança mão das curiosidades que ouvia para puxar assunto. O que

ocasionava em irritação por parte dele, pois esse não conseguia discernir bem e falar uma resposta convincente. O relacionamento dos dois durou pouco tempo, após Macabéa tentar e fracassar manter um diálogo como nos mostra o recorte a seguir:

Olhe, o imperador Carlos Magno era chamado de Carolus! E você sabia que a mosca voa tão depressa que se voasse em linha reta ia passar pelo mundo todo em 28 dias? - Isso é mentira! - Não é não, juro pela minha alma pura que aprendi na Rádio Relógio! - Pois eu não acredito - Quero cair morta neste instante se estou mentindo. Quero que meu pai e minha mãe fiquem no inferno, se estou lhe enganando. - Vai ver que cai mesmo morta. Escuta aqui: você está fingindo que é idiota ou é idiota mesmo? - Não sei bem o que sou, me acho um pouco... de quê?... Quer dizer que não sei bem quem eu sou (LISPECTOR, 1998, p. 55-56).

Nesse recorte podemos perceber mais uma vez que a personagem confirma quem de fato ela acredita ser: um fracasso. Era na companhia de Olímpico que a sua solidão parecia ser amenizada. Macabéa, portanto, é a estrela que não brilha mesmo o título da obra afirmado que é chegada a sua hora. Diante disso quando analisamos a personagem percebemos que ela não possui consciência da sua identidade (“desculpe, mas não acho que sou muito gente” p. 48) e pelas suas limitações as relações estabelecidas se esvai.

Macabéa, então, assume uma espécie de isolamento. Giddens (2002) afirma que a vida é constituída mediante a socialização e a linguagem. A protagonista vai na contramão, pois ela é destituída dessas faculdades, sem perspectivas para o futuro. Os dezenove anos de Macabéa apenas existiu, ela enquanto uma sobrevida nem se quer pode vivê-los de modo a construir sua identidade, principalmente, ao observarmos as falas do narrador-escritor.

Somente na hora de sua morte ela de fato encontrou quem de fato era como nos mostra o recorte: “Pois na hora da morte a pessoa se torna brilhante estrela de cinema, é o instante de glória de cada um e é quando como no canto coral se ouvem agudos sibilantes” (LISPECTOR, 1998, p. 29). Macabéa, tinha medo até das palavras; sua existência era um presente eterno, pois não se sentia muita coisa; em seu último suspiro afirmou bem pronunciado e nítido “quanto ao futuro” reafirmando que sua identidade poderia ser enfim vista a partir dali sem estereótipos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar o romance *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. Nessa obra percebemos traumas que a personagem protagonista sofreu que influenciou significativamente na construção de sua identidade. Além disso, as relações estabelecidas dentro da obra nos remetem a alguém que precisa de um Outro para subsistir, nesse caso, Macabéa só de fato apareceu enquanto sujeito e pronuncia seu nome quando o personagem Olímpico aparece.

Enquanto retirante, a personagem se desloca até o Rio de Janeiro reafirmando as problemáticas de um mundo industrializado e ao mesmo tempo moderno. O lugar em que se encontra só tipifica isso, pois vive de maneira miserável no quarto pequeno de pensão. Diante das relações com Glória e Olímpico Macabéa tenta, embora de maneira frustrada, se integrar. Ainda nessa perspectiva, no romance os clichês são postos para nós como por exemplo a personificação de que o nordestino é ignorante, primitivo e submisso.

Macabéa não consegue falar por si mesma por isso a necessidade de uma voz alheia para falar por e sobre si. No livro as vozes masculinas predominam: Rodrigo S.M., Olímpico e os locutores legitimam a construção de Macabéa, sendo ela incapaz de se opor devido a sua precariedade.

A hora da estrela é o fim das obras de Clarice, porque assim como a personagem de seu livro, a escritora vivia os últimos meses. A morte é perpassada durante todo o livro enquanto um sentimento de impotência devido ao fim eminente e inevitável.

É característico da obra artística as múltiplas possibilidades de interpretações, por vezes opostas. Diante disso, uma mesma obra suscita muitas formas de leituras e interpretações analíticas, inclusive atrelada aos fatores como o tempo e espaço.

Dessa forma, temos em *A hora da estrela* a identidade de uma mulher que devido a conjuntura social vive sem esperar muito futuro de si, pois ela é construída de forma irracional. Precisando a todo instante ligar-se a alguém para validar sua existência.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I.** Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- GUIDIN, Márcia Lígia. **A hora da estrela: Clarice Lispector.** Roteiro de leitura. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade.** Tradução de Raul Flicker. São Paulo: Editora Unesp, 1991
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade.** Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: D&P, 2006
- LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998

Capítulo 8

CARLOS LACERDA E SUAS RELAÇÕES COM PORTUGAL: SEU POSICIONAMENTO NAS GUERRAS COLONIAIS (1961-1974)

Fernanda Gallinari Machado Sathler Mussi

CARLOS LACERDA E SUAS RELAÇÕES COM PORTUGAL: SEU POSICIONAMENTO NAS GUERRAS COLONIAIS (1961-1974)

Fernanda Gallinari Machado Sathler Mussi

Doutoranda na pós-graduação de História, na UFJF. E-mail: fernanda.gallinari@hotmail.com/ fegallinarimusse@gmail.com

1. Nasceu um português de alma

O Brasil sempre prezou em manter boas relações com Portugal, e Carlos Lacerda também, que dizia ser português de alma.²

... Não poderia concordar com a expulsão de Portugal da África, pois, cada vez que Portugal diminui, diminui com ele o Brasil... Se for eleito vai permitir os portugueses erradicados a mais de 5 anos o direito ao voto³.

A proposta desse artigo é apresentar os primeiros resultados de pesquisa da tese intitulada, provisoriamente, *Carlos Lacerda em Portugal: salazarismo e as guerras coloniais (1956-1977)*, orientada pelo professor Dr. Leandro Gonçalves no programa de pós graduação de História da Universidade Federal de Juiz de Fora. A pesquisa prioriza investigar as proximidades que Carlos Frederico Werneck Lacerda possuía com Portugal no contexto do Estado Novo, bem como na transição democrática no 25 de abril de 1974. Lacerda se posicionou, midiaticamente, um convicto defensor de Portugal nas Guerras coloniais, exigindo esse posicionamento dos ex-presidentes do Brasil: JK, Jânio Quadros, João Goulart e os militares. Ele estava disposto a fazer campanhas para que o Tratado de amizade e comércio; os laços econômicos e sociais, e também a construção sólida da Comunidade Luso-brasileira, homenageada e respaldada durante seu governo de Guanabara, fossem concretizados.

Carlos Frederico Werneck de Lacerda era filho de Maurício de Lacerda e Olga Caminhoá Werneck. Nasceu no dia trinta de abril de mil novecentos e quatorze, na

² Em uma de suas entrevistas para RTP (rádio e televisão de Portugal), Lacerda declarou sua paixão por Portugal, afirmando que era um português de alma.

³ Recorte de jornal/PIDE/ARQUIVO DO TOMBO. Nome da reportagem: Se eu for eleito, o Brasil votará na (ONU) a favor de Portugal. (05/01/64).

Primeira República (1989-1930) no Rio de Janeiro, mas seu pai, preferiu registrá-lo em Vassouras, município próximo. Ele faleceu devido a um ataque cardíaco no dia 21 de maio de 1977, na cidade do Rio de Janeiro (MUSSI, 2020, p.17).

Ele nasceu em um meio político, seu pai Maurício de Lacerda escrevia críticas ao governo de Getúlio Vargas no *Diário de Notícias*, logo após, seus tios, Fernando e Paulo serem perseguidos por fazerem parte do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Aprendeu que naturalmente o jornalismo estava ligado a política, e tinha uma espécie de compromisso importante: “a força de dizer todos os dias, como é que devem ser feitas as coisas e a fazer oposição, acaba-se, de certo modo, comprometido a fazê-las.” (LACERDA, 1977, p.78)

Influenciado pelos seus familiares, se interessou pelo PCB, iniciando-se, portanto, sua trajetória política. Sua relação com o partido comunista brasileiro não terminou de forma amigável. Ele acabou sendo expulso, depois de uma notícia sobre a história do Partido que não agradou seus principais membros. Após isso, Lacerda participou da formação da União Democrática Nacional, a UDN, momento em que marca sua guinada para a Direita. Foi eleito vereador no Distrito Federal, em 1947.

Sua primeira atuação como político udenista, foi na campanha de Brigadeiro Eduardo Gomes. Escrevendo contra os concorrentes de Brigadeiro na coluna “na Tribuna da Imprensa”, Lacerda foi ganhando fama como um exímio jornalista. Esses artigos vão ser o marco na sua profissão como jornalista, e vai ajudá-lo a conquistar o seu próprio jornal, o *Tribuna da Imprensa*. O *Tribuna da Imprensa*, era uma espécie de “arma ameaçadora dos governos”, seu maior alvo de críticas inicialmente foram o PTB e Vargas. O jornal cresceu rapidamente, garantindo espaço no mercado nacional, principalmente, no Rio de Janeiro onde encontrava sua sede.

De fato, Carlos Lacerda esteve presente em todas as crises políticas que abalaram a frustrada experiência democrática iniciada em 1946. Sua fama de demolidor de presidentes, iniciou-se após o atentado que ele sofreu em 1954⁴, que vai ter como consequência o fim de uma das maiores eras políticas da história brasileira, a era Vargas, acompanhada de uma das grandes crises institucionais que

⁴ Na hora do atentado, ele havia voltado de uma conferência que aconteceu no Colégio São José, na companhia de seu filho Sérgio Lacerda, que na época tinha apenas 15 anos e do Major Vaz, que decidiu o acompanhar de última hora no lugar do Major Gustavo Borges que não pode comparecer. Havia um revezamento, pois, ele já andava “escortado” a um bom tempo, por ser considerado naquele momento, o maior oposicionista do governo Vargas. A história oficial é que o filho de Getúlio, Lutero Vargas, foi o mandante do crime com o Gregório Fortunato, guarda pessoal de Vargas. Os integrantes do crime foram: Clímerio Euribes de Almeida, o taxista, e um pistoleiro, Alcino João do Nascimento.

o país já sofreu: o suicídio do Presidente Vargas. Lacerda se ausenta do país por um tempo, e a escolha por Portugal não foi por acaso. Ele se sentia à vontade e em casa nas terras portuguesas.

Sua relação com os portugueses se intensificou em um período bastante conturbado de sua vida. O *Diário de Notícias*, um dos periódicos mais vendidos em Portugal, noticiou a chegada de Lacerda no país: *chegou hoje a Lisboa o jornalista brasileiro Carlos Lacerda cuja ação esteve na base da queda do regime de Getúlio Vargas*⁵. Na notícia havia uma minibiografia da trajetória política do Lacerda, e parte de uma entrevista concedida por ele onde ele defendia o "fortalecimento da política luso-brasileira". Fez muitos elogios, e afirmou que em toda oportunidade traria seus filhos a Portugal para eles entenderem mais de suas origens. Lacerda aproveitou para esclarecer que não candidataria a presidência do país, pelo menos nas próximas eleições.

A Polícia internacional e de defesa do estado, a PIDE, foi informada que um "Indivíduo perigoso e nefasto"⁶ havia chegado ao país e poderia trazer graves consequências. Trata-se de uma carta extensa, e a assinatura do documento é desconhecida, anexada em um dossiê organizado pela PIDE. O envelope confirmava que o destinatário era o chefe da polícia internacional portuguesa, que também foi anexado:

Este indivíduo, conseguiu, mercê de uma democracia liberal-suicida, conspirar abertamente contra o presidente Getúlio Vargas, culminando por sublevar às forças armadas que jogou contra à pessoa do chefe da nação. Quando o governo do saudoso presidente desaparecido, tentou reagir, era tarde demais. Com palácio cercado na noite do dia 23, para 24 de agosto do corrente ano, e com a intimação de se render pela renúncia, mandou dizer aos revoltosos que só encontrariam seu cadáver. E cumpriu a promessa. Carlos Lacerda usando técnicas de usa exclusiva autoria, conseguia penetrar no seio da mocidade militar, do exército, da aeronáutica e marinha sublevando a revolta não oferecendo nenhuma resistência (...) Assim, Exa. Senhor, muito cuidado com a nefasta personalidade que vai pisar no solo português. Ele declarou que vai descansar no interior... muito cuidado!!!⁷

Sabemos que a PIDE controlou os passos de Lacerda em Portugal, encontramos registros e documentações a partir do ano de 1954. Foram arquivadas

⁵ *Diário de notícias*, Lisboa, 27 de outubro de 1954. (recorte/ PIDE/ Torre do tombo)

⁶ Telegrama direcionado a PIDE, anexados em um dossiê localizado na Torre do Tombo. Data: 22 de outubro de 1954.

⁷ Telegrama direcionado a PIDE, anexados em um dossiê localizado na Torre do Tombo. Data: 22 de outubro de 1954.

fichas, nomeada “Serviços Reservados”, nas quais haviam informações de todos os tipos, como: os nomes dos lugares que ele escolhia para hospedar, o Ritz Hotel, um dos mais conceituados hotéis de Lisboa, era o preferido dele e da família. Monitorava também os seus encontros, principalmente com os políticos e outros intelectuais, horário de entrada e saída do hotel, além de pronunciamentos, textos publicados, aparições em gerais, etc.

Lacerda era um político bem articulado no país, portanto, essa vigilância em Portugal era algo esperado. Quando ele retornou para o Brasil, ele continuou suas diligências política, pois, não reconhecia a vitória dos políticos Juscelino Kubistchek e João Goulart, para presidência e vice-presidência do Brasil, respectivamente. Defendia o plano golpista, que se resumia na anulação das eleições de 1955, Café Filho, estava disposto a presidir as eleições na data correta, sem nenhuma objeção.

Ele vai ser um dos líderes do Golpe da Legalidade, em resumo, foi uma tentativa de golpe para impedir a posse dos eleitos democraticamente. Após o ocorrido, ele recebeu um recado do governo avisando-o que não havia mais a possibilidade da responsabilização pela sua vida. Temeroso, Lacerda prefere sair novamente do país, pois, sabia dos riscos que corria. De acordo com o historiador Jorge Ferreira,

(...) Os militares não tomaram o poder em meados da década de 50 não por volta de vontade e confiança, mas, porque tanto o campo político civil como o militar estavam profundamente divididos (...) a indignação dos militares antinacionalistas voltou-se contra o general Lott, principalmente depois da formação da chamada Frente de Novembro - composta por representados do movimento popular nacionalista. (DELGADO & FERREIRA, 2019, p.120)

Após uma breve passagem pelos EUA, Lacerda prefere terminar seu asilo político em Portugal. A situação nesse momento era muito favorável para os portugueses. Café Filho não tinha intenção de interferir nas relações Brasil-Portugal, portanto, Raul Fernandes, o ministro das Relações exteriores, procurou intensificar as relações entre às duas nações. A prova desse impulsionamento, foi o convite assentido pelo presidente Café Filho para ir a Portugal, demonstrar seu apoio ao Estado Novo português⁸. Ele reafirmou todos os compromissos brasileiros para com

⁸ De acordo com historiador Williams da Silva, o presidente Café Filho estava sendo pressionado pelos defensores da viagem sendo seduzido também pela pompa das homenagens programadas. Sua viagem terminou em maio, de 1955 acompanhado pelo chanceler Raul Fernandes e pelo Ministro da Marinha, Amorim do Vale. Ele cumpriu todos os rituais, correspondendo plenamente às expectativas

a Comunidade Luso-Brasileira, que era tão idealizada também por Carlos Lacerda, enfatizando todo seu apoio a Salazar, principalmente, na questão Góa. Para Portugal, a viagem e todas as declarações do presidente, representava mais uma vitória diplomática (GONÇALVES, 2003, p.110).

Podemos afirmar que uma das únicas medidas que Lacerda não contestava de JK, fora o apoio incondicional a Portugal. Antes mesmo de tomar posse, no mês de janeiro de 1956, JK embarcou em uma viagem ao exterior, onde propôs fazer uma breve expedição: visitou os Estados Unidos, Holanda, Inglaterra, Luxemburgo, Bélgica, França, Alemanha Ocidental, Itália, Espanha e Portugal. O principal objetivo da viagem era ganhar apoio para pôr em prática seu programa de governo, e confirmar algumas alianças, no caso, com os portugueses: “o meu governo vai aumentar a solidariedade com Portugal no caso de Goa e em todos os terrenos”. Ele acreditava que seu plano estava começando, e, com sucesso,

O que tinha em mente, ao realizar aquela excursão, não era apenas afastar-me por algum tempo da cena nacional, de forma a permitir que as paixões serenassem, mas, sobretudo, estabelecer contatos diretos com os chefes de governo e com os capitães de indústria e do comércio daqueles países, para apresentar-lhes, em termos concretos, a política de desenvolvimento econômico que instauraria no Brasil, de forma a tentar interessá-los naquela arrancada (KUBITSCHEK, 1976, p. 460).

Ao chegar em Portugal, o presidente Kubitschek foi bem recebido pelos portugueses. Transmitiu segurança às autoridades governamentais portuguesas, afirmando que o Brasil marcharia com Portugal, colocando assim, fim aos temores portugueses e que ele seguiria a linha colonialista. Ele era identificado pela diplomacia portuguesa, como “presidente capaz de garantir a continuidade das relações luso-brasileiras.” (GONÇALVES, 2003, p.68). Após a Conferência Afro-Asiática de Bandung, e todas as movimentações anticolonialistas que existiam pelo mundo, Portugal precisava mais do que nunca manter boas relações com o Brasil. António Salazar acreditava que ele era o presidente certo para manter as relações diplomáticas e a retificação novamente do Tratado de Amizade e comércio (GONÇALVES, 2003, p.11).

Os discursos de Kubitschek foram essenciais para compreensão de sua política externa e de seus objetivos como presidente do Brasil. Ele demonstrava através de

do governo português. GONÇALVES, Williams da Silva. **O realismo da fraternidade Brasil - Portugal:** Do tratado de Amizade ao caso Delgado. Lisboa, Portugal: 2003. Pág:110

suas ações, que estava disposto a fazer tudo para alcançar seus objetivos, agindo de forma estratégica. Prova disso, é que esse lusismo de Kubitschek está atrelado a seus propósitos. Ele registrou que seu apoio ao colonialismo português vinha acompanhado da ajuda do Estado Novo português para o desenvolvimento industrial do Brasil (GONÇALVES, 2003, p.70). Desde sua posse, ele não cedeu à reivindicação india de incorporar Goa, Damão e Diu, até a véspera do fim de seu mandato, quando já havia muitas reivindicações anticolonialistas no país e no exterior. Ou seja, ele nunca descumpriu seus compromissos diplomáticos com Portugal, mesmo quando percebeu que a produção de café colonial africano e a Constituição do Mercado Comum Europeu estavam provocando queda das exportações de café do Brasil, ameaçando seu programa econômico.

O presidente prezou em manter boas relações com os países desenvolvidos do ocidente, para tentar capitais que seriam indispensáveis para ele poder cumprir suas principais promessas de campanha, o desenvolvimento industrial interno e a construção da nova capital, criando, portanto, uma política modernizadora. Porém, de acordo com Williams Gonçalves, o que o presidente tinha para oferecer, além das facilidades fiscais consideradas necessárias para remunerar os capitais investidos, era uma inequívoca posição anticomunista que transmitia segurança para os investidores estrangeiros (GONÇALVES, 2003, p.111). Lacerda tinha um posicionamento contrário e uma política oposicionista em relação ao governo, que ele afirmava ser comunista. Portanto, Kubitschek precisava lidar com essas críticas fortemente, e não deixar seus investidores acreditarem no discurso de um dos seus principais opositores. Que era um político de referência, com muitos aliados e uma voz muito ativa dentro e fora do país.

Kubitschek manteve também o Tratado de Amizade e Consulta durante todo o seu mandato. O tratado, assinado durante o governo Vargas em 1953, se tornou o mais forte argumento a favor contra todas as iniciativas de corrente nacionalista que pudessem, de algum modo, criar embaraços para os interesses lusitanos. O historiador José Honório Rodrigues, partidário da política externa independente brasileira de inícios dos anos 60, escreveu: O tratado é uma vitória portuguesa, arrastando o Brasil para sua órbita (...) visando a dispor de nosso apoio nas suas dificuldades internacionais (RODRIGUES, 1961, p.314). Para ele, a política brasileira precisava ter uma maior aproximação com a África. Seus planos de governo estavam

sendo divulgados por um dos mais importantes jornais portugueses do período, o *Diário de Notícias*⁹. Era recorrente notícias da situação de Lacerda na mesma sessão.

Lacerda participou ativamente do chamado Caso Humberto, em 1958, que obteve grande repercussão não apenas em Portugal, mas também no Brasil. Humberto Delgado era um importante político português, servidor e apoiador do Estado Novo¹⁰, regressou na época de Washington, onde foi representante de Portugal na NATO. Delgado manifestava intenções de se apresentar, naquele ano, como candidato independente à Presidência da República, causando a insatisfação aos apoiadores do governo.

A ligação do político Humberto Delgado se inicia, quando ele é enviado para o Brasil para cumpriu um asilo político. Lacerda o recebe em casa, e passa defende-lo publicamente. Principalmente, após o governo português proibir a ida dele para a França e também qualquer manifestação midiática. Lacerda não achou justo, acreditava no livre arbítrio, e criou um cenário defensivo, até mesmo se propôs ir para Portugal para ajudar a amenizar a situação do ex defensor e membro do Estado Novo.

Lacerda faz um apelo ao governo português, que é bem claro:

Sr. Presidente, desta Tribuna ouso fazer um apelo ao governo português, governo de uma terra em que eu próprio encontrei asilo não oficial, pois o não solicitei, nunca oficial, pois não solicitaria naquela emergência quando nessa terra também a minha vida foi ameaçada e, ainda mais do que ela, a minha honra de home público (...) Com autoridade de amor fraterno e com a autoridade da compreensão, mas com a veemência de quem espera preiteia justiça elementar a nação brasileira, que eu apelo ao governo de Portugal, para que, uma penada, com simples visto no passaporte, pois isso basta (...) permite o trânsito ao aeroporto para o avião brasileiro do Sr. General Humberto Delgado, nosso hóspede e nosso irmão¹¹.

Sobre a comunidade luso-brasileira, Lacerda era um grande defensor. Afirmava que teria mais eleitores caso houvesse uma política de imigração mais acessível no Brasil. Portanto, ele acreditava muito no apoio dos imigrantes portugueses na sua candidatura em 1965. Durante o governo de Guanabara, Lacerda criou um projeto onde construiria uma estátua do rei Dom João VI, para comemorar o IV Centenário da

⁹ *Diário de Notícias*, Lisboa, 18 de novembro de 1955, primeira página.

¹⁰ Tornou-se um entusiástico apoiante do Estado Novo, tendo publicado em 1933 um livro, *Da Pulhice do Homo sapiens*, onde fazia rasgados elogios ao “grande homem Salazar”. <<https://observador.pt/explicadores/humberto-delgado-quem-foi-e-como-morreu-o-general-sem-medo/>>, acessado às 14:28, 26/10/2021.

¹¹ Carta (recorte de jornal/ torre do tombo).

fundação da cidade do Rio de Janeiro. Esse gesto constituiu um dos momentos mais reveladores da vontade de preservação da história luso-brasileira. O Jornal correio da manhã divulgou o projeto, que foi reconhecido em Portugal,

“Ao inaugurar, ontem, a estátua de Dom João VI, na Praça 15 de Novembro, o ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, Aberto Franco Nogueira, declarou que o Príncipe e Rei, que «tanto amou esta cidade», teria de ser 5 considerado o «construtor da comunidade luso-brasileira». Agradecendo a homenagem, o governador Carlos Lacerda disse que «a anedota vulgarizou-o, a sua obra o consagrou». «Nestas pedras brancas de granito; neste bronze antigo em que se encontram fundidos velhos canhões do Exército Português; nesta obra de arte, em suma, presta-se homenagem e perpetua-se a memória de um Príncipe e Rei que muito amou o Rio de Janeiro, que lhe devotou muito do seu labor, que lhe dedicou muito do seu esforço», disse em seu discurso o ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, dando início à solenidade de inauguração da estátua de D. João VI no Cais Pharoux (Praça 15), que foi presenteada ao povo carioca pelo governo de Portugal pela passagem do IV Centenário da cidade.

Estátua Dom João VI – Rio de Janeiro



Fonte: inventariosdosmonumentosrj.com.br

Houve outras manifestações de Lacerda em apoio a Comunidade Luso-brasileira, como podemos notar, era algo indispensável em sua percepção e nos leva a compreensão de suas artimanhas em relação a essa parceria. Um outro caso que teve repercussão nacional, foi de uma professora imigrante, nascida em Portugal, que veio para o Brasil em meados da década de 60 em busca de novas oportunidades de trabalho e uma melhoria de vida. Lacerda a apoiou. Ele a enxergava como uma possível eleitora. Portanto, era favorável a flexibilização da política imigracional e de

permanência no país. Além de mudanças na Constituição, para que imigrantes pudessem votar após um determinado tempo residindo e trabalhando no país.

Lacerda foi um grande defensor de Portugal nas Guerras Coloniais. Em um artigo, publicado em 1973¹², ele afirmou que o Brasil deveria apoiar Portugal incondicionalmente. Foi publicado no *Estado de São Paulo*, um dos jornais mais divulgados e lidos no país. Lacerda sustentava o discurso de que a ONU está promovendo ou pelo menos ajudando nas guerras coloniais, e que falsa ideia de promover a independência de países africanos, pois, uma colonização será substituída por outra, ele chama de neocolonialismo. O Brasil precisava ajudar a Portugal, e a única solução é a Federação Luso-brasileira. Para ele, é necessário ter rapidamente a abertura comercial e promover a federação, que em sua concepção seria a única forma de melhorar a convivência racial.

Em resumo, Lacerda tem uma visão peculiar em relação as guerras coloniais. Por exemplo: ele defende a concepção de que o verdadeiro motivo das guerras, acaba não sendo divulgado, ou seja, a ideia que está na mídia, a de que a ONU está cooperando para acabar com as colonizações e principalmente, com explorações de mãos de obra baratas ou matérias-primas, mas que na realidade, se iniciará uma nova forma de exploração chamada neocolonialismo, e que isso, a ONU prefere não divulgar. Para Lacerda, é impossível esses países africanos caminharem sozinhos.

O Tratado de Comércio e Amizade, não incluía a interferência brasileira nos países africanos. Justamente, pois, os correspondentes internacionais que tratavam sobre o assunto, acreditavam que assim evitariam, que imigrantes africanos, negros e pobres, pudessem querer vir embora para o Brasil e ocupar parte da sociedade marginalizada de regiões mais pobres, como o norte e nordeste do país. Uma visão preconceituosa, e racista, que era sustentada e defendida por vários políticos e intelectuais da época, como o Gilberto Freyre.

Em uma reportagem anexada no dossiê da PIDE, revela que Lacerda visitaria cidades na África acompanhado do engenheiro Marcos Tamoyo, antigo ministro das Obras Públicas da antiga Guanabara. Marcos, em 1969 filiou-se ao MDB. Foi o primeiro prefeito do Rio de Janeiro após a fusão da Guanabara com o antigo estado do Rio de Janeiro, tendo sido nomeado em 1975 pelo então governador Floriano Peixoto Faria Lima, e governou até 1979. Lacerda entrevista Leopoldo Senghor, em

¹² Artigo anexado no dossiê da Pide, armazenado na torre do tombo.

Senegal, no gabinete presidencial de Dacar. Que após a independência do Senegal, em 1960, foi eleito Presidente da República, cargo que ocupou até 1980.

Há ainda muitas fontes para serem analisadas e ponderadas em relação a esses conceitos de Lacerda, que foram levados para frente, e defendidos até a sua morte em 1977.

Referências

Arquivo Brasil

Arquivo de Obras Raras Carlos Lacerda, Brasília. Universidade de Brasília (UDN)

Arquivos Portugal

Arquivo Nacional da Torre do Tombo:

Arquivo Oliveira Salazar

Arquivo Marcello Caetano

Arquivo da PIDE/DGS

Arquivo da Legião Portuguesa.

Arquivo Histórico-Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Arquivo da Rádio Renascença

Hemeroteca Municipal de Lisboa

Biblioteca Nacional -Pt

Periódicos

Tribuna da Imprensa - Rio de Janeiro.

Última Hora- Rio de Janeiro.

Diário de Notícias - Pt

Bibliográficas

BENEVIDES, Maria Victória Mesquita. **A UDN e o Udenismo. A ambigüidade do liberalismo brasileiro 1945-1965.** São Paulo: Paz e Terra, 1981.

BERSTEIN, Serge. **A Cultura Política.** Editora Estampa, 1968.

CHALOUB, Jorge Gomes de Souza. **A economia política dos bacharéis udenistas.** Fundação Getúlio Vargas (FGV), Rio de Janeiro – RJ, Brasil, 2017.

CHALHOUB, Sidney. **A história contada.** Editora Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: Difel, 1990.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves & FERREIRA, Jorge. **O Brasil republicano: o tempo da experiência democrática - da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964.** 3º volume, Civilização Brasileira, 2019.

DELGADO, Márcio de Paiva. **O “Golpismo Democrático”- Carlos Lacerda e o Jornal Tribuna da Imprensa na quebra da legalidade (1949-1964),** dissertação de mestrado defendida na UFJF.

_____. **A Frente Ampla de Oposição ao Regime Militar (1966-1968.),** tese de doutorado defendida na UFMG.

DULLES, John W. F. **Carlos Lacerda. A vida de um lutador.** Vols. 1 e 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

DUTRA, Eliana. **Histórias e Culturas Políticas- definições, usos e genealogias.** Artigo para a UFMG.

FERREIRA, Jorge e GOMES, Ângela de Castro. **1964 - O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil.** Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1º edição, 2014.

GOMES, Ângela de Castro. **História, Historiografia e Cultura Política no Brasil.** 2017.

KUBITSCHER, Juscelino. **A escalada política:** meu caminho para Brasília. Vol II, Rio de Janeiro, Bloch editores, 1976, p.460

LACERDA, Carlos. **Depoimento.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

MENDONÇA, Marina Gusmão de. **O demolidor de presidentes. A trajetória política de Carlos Lacerda: 1930-1968.** São Paulo: Códex, 2002.

MUSSI, Fernanda Gallinari Sathler. **Conservadorismo e política: Carlos Lacerda em suas obras literárias (1964-1977)**. Dissertação de mestrado. História, Juiz de Fora: UFJF, 2020.

NETO, João Pinheiro. **Carlos Lacerda – um raio sobre o Brasil**. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998.

RÉMOND, René. **Por uma História Política**. 2º Edição, FGV editora.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: De Getúlio a Castelo**. Editora Paz e Terra, (1982).

Williams da Silva. **O realismo da fraternidade Brasil - Portugal**: Do tratado de Amizade ao caso Delgado. Lisboa, Portugal: 2003.

Capítulo 9

**MEDIDAS DE PREVENÇÃO PARA O
ENFRENTAMENTO DA COVID-19 NO CUIDADO
DE PACIENTES HEMODIALÍTICOS**

Edina Maria Araújo

Edmara Rodrigues de Mesquita

Samires de Sousa Nascimento

Antonio Alves de Sousa Filho

Maria Gabriele Oliveira Cardoso

Maria Santana do Nascimento

MEDIDAS DE PREVENÇÃO PARA O ENFRENTAMENTO DA COVID-19 NO CUIDADO DE PACIENTES HEMODIALÍTICOS

Edina Maria Araújo

Enfermeira, Graduada em Enfermagem, e-mail: lanasofia11@gmail.com.

Edmara Rodrigues de Mesquita

Enfermeira, Graduada em Enfermagem, Pós-graduada em Gestão e Auditoria em Saúde; e-mail: edmara_mesquita@hotmail.com.

Samires de Sousa Nascimento

Enfermeira, Graduada em Enfermagem, Pós-graduada em neonatologia e pediatria; e-mail: samires.sousa.fj@gmail.com.

Antonio Alves de Sousa Filho

Enfermeiro, Graduado em Enfermagem, Pós-graduado em Urgência e Emergência, Obstetrícia e Neonatologia; e-mail: Antonio_filho@yahoo.com.br.

Maria Gabriele Oliveira Cardoso

Enfermeira, Graduada em Enfermagem; e-mail: enf.gabyoliveira@gmail.com.

Maria Santana do Nascimento

Enfermeira, Graduada em Enfermagem; e-mail: msantanamsn@gmail.com.

RESUMO: INTRODUÇÃO: Diante do contexto em que vivemos atualmente, emergiram-se várias indagações sobre o cuidar dos pacientes renais crônicos em cenários de pandemias, levando em consideração que são vários os fatores de riscos para o agravamento da infecção pela Covid-19 se ver a necessidade de se trabalhar medidas de prevenção no cuidado diário desses pacientes. **OBJETIVO:** Relatar medidas de prevenção para o enfrentamento da Covid-19 no cuidado de pacientes hemodialíticos. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, realizado em abril de 2021, através da vivência acadêmica do Curso de Enfermagem no setor de hemodiálise de um hospital de ensino no interior do Ceará. Abordando as seguintes temáticas: a sala de hemodiálise e Covid-19, o uso correto dos Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) e a importância da higienização das

mãos. **RESULTADOS:** A partir da compreensão que foi demonstrada pelos participantes, tornou-se um momento bastante rico de informações e compartilhamento de saberes, facilitando estabelecimento das regras gerais para o monitoramento de sinais e sintomas e classificação de risco em relação a Covid-19.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A roda de conversa educativa foi uma estratégia essencial para a prática de uma educação permanente eficaz, pois evidenciou-se uma aceitação do público envolvido, possibilitando uma valiosa troca de experiência.

Palavras-chave: Hemodiálise. Educação Permanente. Covid-19. Enfermagem.

ABSTRACT: INTRODUCTION: In view of the context in which we currently live, several questions emerged about the care of chronic kidney patients in pandemic scenarios, taking into account that there are several risk factors for the worsening of the infection by Covid-19 to be seen. the need to work on preventive measures in the daily care of these patients. **OBJECTIVE:** To report preventive measures to face Covid-19 in the care of hemodialysis patients. **METHODOLOGY:** This is a descriptive study, of the experience report type, carried out in April 2021, through the academic experience of the Nursing Course in the hemodialysis sector of a teaching hospital in the interior of Ceará. Addressing the following topics: the hemodialysis room and Covid-19, the correct use of Personal Protective Equipment (EPIs) and the importance of hand hygiene. **RESULTS:** From the understanding that was demonstrated by the participants, it became a very rich moment of information and knowledge sharing, facilitating the establishment of general rules for the monitoring of signs and symptoms and risk classification in relation to Covid-19. **FINAL CONSIDERATIONS:** The educational conversation circle was an essential strategy for the practice of effective permanent education, as it showed an acceptance of the public involved, enabling a valuable exchange of experience.

Keywords: Hemodialysis. Permanent Education. Covid-19. Nursing.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento da população brasileira segue uma tendência mundial, com isso, observa-se o aumento da prevalência de Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNTs) que acompanham esse processo, dentre elas a Doença Renal Crônica (DRC), a qual tem sido apontada como um problema de saúde pública em todo o mundo¹.

A DRC é definida pela presença de lesão renal ou de nível reduzido de função renal durante três meses ou mais, independentemente do diagnóstico de base, por causa do declínio fisiológico da função glomerular. Sendo assim, os idosos são mais suscetíveis à perda de função renal, que ocorre de maneira lenta e progressiva, tendo seu início assintomático devido ao processo adaptativo do rim a essa nova condição².

Neste âmbito sabe-se que a terapia renal de substituição é representada por três modalidades de tratamento, que são: hemodiálise, diálise peritoneal e transplante

renal, onde os pacientes são expostos e reexpostos a um risco de contaminação maior do que a população em geral porque seu tratamento de rotina comumente requer três sessões de diálise por semana^{2,3,4}.

Atualmente emergiu em nosso meio a Covid-19, que é uma doença causada pelo novo coronavírus, sem disponibilidade de uma vacina efetiva, altamente contagiosa, com ausência de recursos terapêuticos de eficácia comprovada e com riscos associados a comorbidades presentes no público de pessoas em tratamento hemodialítico^{2,3,4}.

Corroborando com o exposto elenca-se que são vários os fatores de riscos para o agravamento da infecção pela Covid-19 em pacientes com DRC, destacando-se: a hipertensão arterial, diabetes mellitus, idade avançada, quase sempre associada a doenças cardíacas prévias e fatores inflamatórios ocasionados pela uremia^{3,4}. Averígua-se que nesta população, as medidas para identificação precoce e estabelecimento de barreiras efetivas para evitar contágio, serão preponderantes para salvar suas vidas⁵.

Nos serviços de hemodiálise, especificamente, há uma preocupação maior na prevenção do contágio pelo vírus, principalmente devido ao fato de o tratamento hemodialítico ocorrer em salas coletivas, com clientes vindos de diferentes lugares, e estes estão em contato com outras pessoas. Assim, visando frear a contaminação pelo vírus, os órgãos governamentais se empenharam na criação de políticas e diretrizes de boas práticas, e estabeleceram orientações específicas para os profissionais de saúde¹¹.

Mediante ao supracitado, pontua-se a necessidade de uma educação permanente, onde a mesma apresenta-se como artifício efetivo e eficaz. Deste modo, a Educação Permanente em Saúde (EPS) é descrita como um conceito que relaciona saúde, ensino e serviço, sendo assim, apresenta-se como uma estratégia de educação na saúde que possui um olhar mais voltado para as necessidades dos usuários da saúde, sendo um processo transformador e integrativo, unindo instituições de ensino, profissionais e usuários⁸.

Sendo assim, a EPS funciona através de ferramentas que procuram trazer uma reflexão crítica acerca das práticas de serviço, sendo assim, uma prática de educação aplicada ao trabalho consegue promover transformações positivas nas relações, processos de trabalho, atitudes e nos próprios profissionais⁸.

Podendo ser utilizada como estabelecimento de treinamentos específicos da área de atuação profissional e o uso das Metas Internacionais para Segurança do Paciente, com destaque para as metas de higienização das mãos e da comunicação efetiva, com foco no enfrentamento da Covid-19.

OBJETIVO

Relatar medidas de prevenção para o enfrentamento da Covid-19 no cuidado de pacientes hemodialíticos.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, realizado em abril de 2021, através da vivência acadêmica do Curso de Enfermagem no setor de hemodiálise de um hospital de ensino no interior do Ceará.

No referido estágio os discentes avaliaram as necessidades do setor junto ao enfermeiro coordenador do serviço, observando que os profissionais de enfermagem careciam de uma educação permanente para reforçar as medidas de prevenção contra a Covid-19, enfatizando a higienização das mãos como uma medida eficaz no combate a qualquer tipo de infecção que possa ser adquirida através do cuidado em saúde.

Neste contexto optou-se como estratégia uma roda de conversa educativa, com intuito de conscientizar os profissionais de saúde para o enfrentamento da pandemia do Covid-19, para uma abordagem baseada em princípios científicos, utilizou-se a problematização, que tem seus fundamentos filosóficos baseados no referencial teórico de Paulo Freire.

A educação problematizadora apoia-se na relação de um diálogo entre educando e educador, onde ambos aprendem juntos, visto que a educação não é uma prática de depósitos de conteúdos apoiada numa concepção de seres vazios. A problematização trabalha a construção de conhecimentos a partir da vivência de experiências significativas, sendo o conteúdo oferecido na forma de problemas e não de forma acabada, problemas esses que devem ser discutidos e resolvidos pelos profissionais de saúde na melhoria da qualidade da assistência⁹.

Visando a implantação dessa metodologia, propôs-se a construção do conhecimento através do movimento de agir sobre a realidade, orientando-se desta maneira o sujeito pela observação da práxis. Neste modelo o diálogo é essencial, os

problemas estudados necessitam de um espaço real, assim a construção do conhecimento acontece de forma significativa¹⁰.

A atividade educativa contou com a participação de quinze técnicos de enfermagem e dois enfermeiros, sendo comandada pelo coordenador do serviço e uma acadêmica de enfermagem, abordando as seguintes temáticas: a sala de hemodiálise e Covid-19, o uso correto dos Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) e a importância da higienização das mãos. Garantindo um espaço de troca de experiências e bastante aprendizado para todos os envolvidos.

RESULTADOS

A Educação Permanente foi realizada na sala de enfermagem, com o início através de uma interação proposta para quebrar o gelo e favorecer a comunicação da equipe presente, onde iniciou-se com uma breve discussão destacando que a equipe de enfermagem deve ser responsável por desenvolver atividades junto ao paciente, isso implica em tornar-se responsável, por desempenhar um papel fundamental na prevenção das infecções associadas aos cuidados de saúde, mas também os torna potencialmente veículo de transmissão das mesmas.

A temática gerou um momento construtivo de trocas de informações, surgindo perguntas pertinentes quanto ao assunto abordado, que de imediato eram sanadas pelos os moderadores. Outro ponto bastante frisado na roda de conversa, foi em relação a sala de hemodiálise, destacando que estas aglomeram pessoas, pois os pacientes chegam ao serviço com acompanhantes quando não possuem autonomia para o seu deslocamento.

Percebeu-se a conscientização dos profissionais presentes quanto a diminuição desse fluxo, compreendendo que o acesso ao local seria exclusivo do paciente, pois ressaltou-se que um indivíduo portador assintomático da Covid-19 facilmente pode infectar várias pessoas durante a sessão de hemodiálise, respirando em ambiente fechado.

A partir da compreensão que foi demonstrada pelos participantes, tornou-se um momento bastante rico de informações e compartilhamento de saberes, facilitando estabelecimento das regras gerais para o monitoramento de sinais e sintomas e classificação de risco em relação a Covid-19.

Ressaltou-se as diversas recomendações e protocolos que têm sido apresentados, orientando e direcionando as ações específicas para os pacientes em

terapia renal substitutiva. Destacando a estes profissionais de saúde, que eles estão expostos ao contágio e podem se tornar portadores assintomáticos, piorando a situação de exposição dos pacientes, considerando ser este o pior cenário devido as comorbidades.

Outro ponto bastante enfatizado durante o momento educativo, foi em relação ao uso correto dos EPIs disponibilizados na clínica e a higienização correta das mãos, onde notou-se bastante compromisso dos presentes, facilitando a compreensão de que é indispensável e que todos os serviços de saúde devem insistir nesta prática, para garantir o aumento a adesão de práticas corretas. Pois são medidas simples e fundamentais que devem ser sempre adotadas para a proteção e o controle da disseminação de infecções.

Ao findar a roda de conversa, notou-se que os profissionais estavam sensibilizados da importância das informações reforçadas, e que esta ação se tornou um ponto alicerçado para a prática da prevenção da Covid-19 e controle de infecções associadas nos cuidados de saúde referentes aos pacientes hemodialíticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estratégia adotada contribuiu para um cuidado mais efetivo e para a prevenção da Covid-19 no serviço de hemodiálise, pois profissionais conscientes podem ajudar seus pacientes a realizar as medidas segurança através da educação em saúde.

Sabe-se que a infecção por Covid-19, em pacientes tratados em centros de diálise apresenta um desafio particular, pois além do alto risco de transmissão para todos os envolvidos no processo de cuidados, existe também um índice significativo de mortalidade pelo coronavírus associado a comorbidades como a DRC.

Diante desse contexto pandêmico, ressalta-se que todos os serviços de hemodiálise independentemente da natureza jurídica ser pública, privada ou filantrópica necessitam rever o fluxo de atendimento, isolamento ou internamento ao identificar casos positivos para a Covid-19.

Nesse sentido, sendo o serviço público o de maior quantitativo de pacientes, observa-se a necessidade de um redimensionando em seu atendimento, pois para prevenir maiores danos à saúde deve-se antecipar, discutir e redirecionar o

encaminhamento para que os pacientes com DRC e familiares possam buscar ou serem regulados para atendimento adequado e seguro⁵.

Quanto aos profissionais de saúde, é imprescindível a realização de uma educação permanente contínua, pois estes estão constantemente expostos ao contágio e podem se tornar portadores assintomáticos, podendo agravar a situação de exposição dos pacientes, considerando ser este o pior cenário devido as comorbidades.

Assim, torna-se essencial o estabelecimento de um novo fluxo, como critério basilar de prevenção específico para este momento da pandemia, no qual os serviços de Nefrologia ao propor as ações de barreira reconheçam o “bioma” constituído por pacientes, familiar/acompanhante e funcionários.

Explicitando que estes pacientes necessitam permanecer em isolamento social e são necessários vários cuidados com o ambiente domiciliar. O cenário é de muita informação, mas este grupo de pessoas dependentes de hemodiálise estão adaptados a sobreviver com muitas restrições, inseridas no contexto do procedimento dialítico, e recebem orientações de Educação para Saúde no serviço^{3,4,6}.

Nesse contexto, salienta-se que as sessões de hemodiálise são realizadas em salas com portas fechadas, sendo responsáveis pela aglomeração de pessoas. Assim, destaca-se a necessidade de novas mudanças no redimensionamento, para a garantia um ambiente seguro. Pois o vírus causador da Covid-19, pode facilmente infectar pacientes e profissionais de saúde durante a sessão de hemodiálise, por se tratar de um local que mantém muitas pessoas respirando em um mesmo espaço⁷.

Além disso, evidencia-se que dentro da sala de procedimento da hemodiálise, ficam os profissionais e os pacientes, na maioria das vezes em uso de ar condicionado para manter temperatura de conforto. Sobre o descrito, permite identificar a necessidade de orientação e determinação de estratégias para enfrentamento da Covid-19 para três grupos de pessoas envolvidas nessa dinâmica de funcionamento, que são: os pacientes, seus acompanhantes e profissionais de saúde⁵.

Outro fator primordial para o grupo de pessoas supracitado anteriormente é o uso dos equipamentos de proteção individual, que é uma prática elementar na prevenção do novo coronavírus, bem como a higienização das mãos e dos materiais, a limpeza e desinfecção de superfícies, o processamento das roupas, além cuidados específicos para unidades de diálise.

Pontua-se que o profissional que atende a este público deve ter excesso de cuidado nas medidas de higiene. Além de ainda alertar e reforçar toda a população de que as medidas preventivas mais eficazes para reduzir a capacidade de contágio do coronavírus são: “etiqueta respiratória”; higienização frequente das mãos com água e sabão ou álcool gel a 70%; buscar manter a distância mínima de 1,5 m entre leitos, identificação e isolamento respiratório dos acometidos pelo vírus e uso dos EPIs pelos profissionais de saúde⁶.

REFERÊNCIAS

1. Debone MC, Pedruncci ESN, Candido MCP, Marques S, Kusumota L. Diagnósticos de enfermagem em idosos com doença renal crônica em hemodiálise. *Rev Bras Enferm.* [Internet]. 2017 Aug; 70(4): 800-805. Doi: 10.1590/0034-7167-2017-0117.
2. Carvalho FP, Carvalho ILN, Sousa ASJ, Simões CD, Silva ES, Santos JAF. Avaliação da capacidade funcional de idosos com doença renal crônica em tratamento de hemodiálise. *Saúde (Santa Maria)* [Internet]. 2016 [cited 2017 Jan 10];42(2):175-84. Available from: <https://periodicos.ufsm.br/revistasaudade/article/view/21515>.
3. Basile C, Combe C, Pizzarelli F, Covic A, Davenport A, Kanbay M, Recommendations for the prevention, mitigation and containment of the emerging SARS-CoV-2 (COVID-19) pandemic in haemodialysis centres. *Nephrol Dial Transplant.* 2021; 2:1–4. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/32196116>.
4. Sociedade Brasileira de Nefrologia. Recomendações da Sociedade Brasileira de Nefrologia às Unidades de Diálise em relação a Epidemia do novo Coronavírus (COVID-19) [Internet]. 2021. Available from: <http://sbn.org.br/> 20 de abril de 2021.
5. Queiroz JS, Marques PF. Gerenciamento de enfermagem no enfrentamento da covid-19 nos serviços de hemodiálise. *Enferm. Foco* 2020; 11 (1) Especial: 196-198. Available from: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3536>.
6. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Protocolo de manejo clínico da COVID-19 na Atenção Primária à Saúde. 2020. Available from: <https://www.saude.gov.br/images/pdf/2020/marco/20/20200318-ProtocoloManejo-ver002.pdf>.
7. La Regina M, Tanzini M, Venneri F, Toccafondi G, Fineschi V, Lachman P. Patient safety recommendations for COVID-19 epidemic outbreak. *J Glob Clin Eng.* 2020; (3):3–30. Available from: <https://www.globalce.org/index.php/GlobalCE/article/view/94>.

8. Falkenberg, Mirian Benites et al. Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2014, v. 19, n. 03, pp. 847-852. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232014193.01572013>>. ISSN 1678-4561.
9. Cyrino, Eliana Goldfarb e Toralles-Pereira, Maria Lúcia Trabalhando com estratégias de ensino-aprendizado por descoberta na área da saúde: a problematização e a aprendizagem baseada em problemas. *Cadernos de Saúde Pública* [online]. 2004, v. 20, n. 3, pp. 780-788. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-311X2004000300015>>.
10. Marin MJS. Pós-graduação multiprofissional em saúde: relato de experiências utilizando metodologias ativas. *Interface* (Botucatu). 2010; 14(33):331-41.
11. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (BR). Nota Técnica GVIMS/GGTES/ANVISA No 04/2020. Orientações para serviços de saúde: medidas de prevenção e controle que devem ser adotadas durante a assistência aos casos suspeitos ou confirmados de infecção pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) [Internet]. Brasília: ANVISA; 2020. Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/documents/33852/271858/Nota+T%C3%A9cnica+n+04-2020+GVIMSGGTES-ANVISA/ab598660-3de4-4f14-8e6f-b9341c196b28>

Capítulo 10

PROGRAMA QUALIDADE DE VIDA DO IFCE CAMPUS TABULEIRO DO NORTE: SAÚDE, BEM-ESTAR E INTEGRAÇÃO

Júlia Lívia Viana França

PROGRAMA QUALIDADE DE VIDA DO IFCE CAMPUS TABULEIRO DO NORTE: SAÚDE, BEM-ESTAR E INTEGRAÇÃO

Júlia Lívia Viana França

Técnica em Assuntos Educacionais no IFCE, Especialista em Coordenação

Pedagógica pela Faculdade Única, Licenciada em Química pela UECE. E-mail:

julia.livia@ifce.edu.br

RESUMO

Com a mudança, ao longo dos anos, na forma intrínseca do comportamento dos indivíduos, tem-se observado, cada vez mais, espaços laborais que buscam integrar a saúde, o bem-estar e a qualidade de vida dos funcionários, assim como tem sido realizado no IFCE, que implementou o “Programa Institucional Qualidade de Vida do IFCE”, em 2016. O campus Tabuleiro do Norte o projetou em 2019, ano em que iniciaram as ações, com o auxílio de uma comissão composta por quinze servidores do campus e com objetivo de desenvolver ações permanentes no campus, em busca da promoção da saúde e da qualidade de vida dos funcionários. Desde a sua criação no campus, em 2019, o Programa Qualidade de Vida proporcionou algumas ações para os funcionários, entretanto, este trabalho exemplifica apenas algumas realizadas no projeto, considerando os anos de 2019 a 2021. A metodologia utilizada para avaliar o Programa Qualidade de Vida, no campus Tabuleiro do Norte, foi através de um questionário online, contendo cinco perguntas sobre diversos aspectos (organizacionais/ biológicos/psicológicos/sociais e pessoais), aplicado a cinco pessoas, de diferentes setores do campus, que participaram dos três anos de ações. Notou-se, a partir das respostas ao questionário, que o projeto promove a saúde e a qualidade de vida de toda a comunidade escolar, atendendo ao seu objetivo principal, e, inclusive, cinco entrevistados perceberam mudança no clima organizacional da instituição, na qual os servidores se sentiram mais motivados e alegres. Percebeu-se, inclusive, que a diminuição de ações, durante a pandemia da Covid-19, interferiu nos hábitos saudáveis de alguns participantes do projeto. Por fim, deduz-se, de uma forma geral, que as ações auxiliaram a comunidade escolar a melhorar seu bem-estar e a sua qualidade de vida.

Palavras-chave: Qualidade de vida; Bem-estar; Motivação.

ABSTRACT

With the change, over the years, in the intrinsic form of the behavior of individuals, it has been observed, more and more, work spaces that seek to integrate the health, well-being and quality of life of employees, as has been carried out at IFCE, which implemented the “IFCE Quality of Life Institutional Program”, in 2016. The Tabuleiro do Norte campus designed it in 2019, the year in which the actions began, with the help of a committee composed of fifteen servers from the campus and with the objective of developing permanent actionSince its creation on campus in 2019, the Quality of Life Program has provided some actions for employees, however, this work

exemplifies only a few carried out in the project, considering the years 2019 to 2021. The methodology used to evaluate the Quality of Life Program Life, on the Tabuleiro do Norte campus, was carried out through an online questionnaire, containing five questions about different aspects (organizational/biological/psychological/social and personal), applied to five people, from different sectors of the campus, who participated in the three years of shares.s on the campus, seeking to promote the health and quality of life of employees. It was noted, from the answers to the questionnaire, that the project promotes health and quality of life for the entire school community, meeting its main objective, and even five interviewees noticed a change in the organizational climate of the institution, in which the servers felt more motivated and happy. It was even noticed that the decrease in actions during the Covid-19 pandemic interfered with the healthy habits of some project participants. Finally, it can be deduced, in general, that the actions helped the school community to improve their well-being and their quality of life.

Keywords: Quality of life; Well-being; Motivation.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, os ambientes de trabalho e os indivíduos têm sofrido mudanças significativas na forma intrínseca do seu comportamento. Estes têm deixado de ser sujeitos mecanicistas e têm se tornado sujeitos com necessidades e desejos, que buscam uma satisfação no desempenho de suas atribuições e, àqueles, têm se tornado, cada vez mais, espaços que buscam uma integração entre saúde e bem-estar dos funcionários, priorizando a qualidade de vida no trabalho (QVT). Com a implantação institucional do “Programa Institucional Qualidade de Vida do IFCE”, no IFCE, o campus Tabuleiro do Norte instituiu o programa e implementou diversas ações entre os anos de 2019, 2020 e 2021 no campus. O Objetivo deste trabalho é apresentar o Programa Qualidade de Vida (PQV) do campus Tabuleiro do Norte e as ações desenvolvidas durante sua implementação, com o intuito de apresentar a promoção de saúde, de bem-estar e de integração entre os servidores e a comunidade interna/externa.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O cenário do ambiente de trabalho vem sendo modificado ao longo dos anos, no qual os indivíduos deixam de ser vistos como sujeitos com práticas mecanicistas, para serem vistos como sujeitos com necessidades e com desejos, considerando o aspecto humano, embasado na Teoria das Relações Humanas e na Abordagem

Humanística. Diante disso, podemos citar estudos científicos como o de Maslow com a concepção da Hierarquia das Necessidades, Herzberg com estudos sobre satisfação no trabalho e motivação, dentre outros (QUEIROZ, 2014; VELOSO; SCHIRRMEISTER; LIMONGI-FRANÇA, 2007).

Os indivíduos querem viver mais, mas querem viver melhor e desejam se realizar a partir do trabalho que executam. A realização com o trabalho exercido pode aumentar a auto-estima e o estímulo do indivíduo, levando-o a alcançar um elevado nível de desempenho na execução das suas atividades. De acordo com Amorim (2010), os aspectos relativos à saúde física e à mental no ambiente de trabalho, têm impacto direto sobre o nível de produtividade dos colaboradores e influenciam nos resultados organizacionais.

A partir disso, em meados do ano de 1970, iniciaram estudos que buscavam compreender e analisar a Qualidade de Vida no Trabalho - QVT e seu impacto nas organizações. Segundo Cohen e Fink (2003), “na década de 70, várias atividades envolvendo modificações nos cargos e revisão das relações de trabalho foram descritas como um esforço no aprimoramento da qualidade de vida no trabalho”.

A OMS, por sua vez, concebe o conceito de qualidade de vida como algo relativo, influenciável por diversos aspectos, como, por exemplo: a saúde física e psicológica, o nível de independência, as relações sociais, as crenças pessoais e, ainda, as características salientes do respectivo meio (cultural e social) em que a avaliação subjetiva da qualidade de vida se dá. (WHOQOL GROUP, 1993, 1994, 1998).

De acordo com Amorim (2010), o tema QVT abrange as grandes dimensões do trabalho humano: as condições físicas e as ambientais, as condições organizacionais, envolvendo clima, gestão e ações praticadas por toda a administração.

É perceptível que a inclusão da QVT dentro das empresas gera inúmeros benefícios, tendo a sua importância caracterizada pelas possibilidades de intervenções pautadas nas relações interpessoais, entre os próprios servidores, familiares e alunos, na perspectiva da integração e das melhorias das condições de trabalho e estudo (FERREIRA, 2009).

A adoção de programas de qualidade de vida no trabalho e promoção da saúde proporcionam ao indivíduo menor incidência ao estresse, maior estabilidade emocional, maior motivação, maior eficiência no trabalho, melhor auto imagem e melhor relacionamento interpessoal. Além disso, a instituição é beneficiada com uma

força de trabalho mais saudável, com menor absenteísmo/rotatividade, menor número de acidentes, menor custo de saúde assistencial, maior produtividade, melhor imagem e um melhor ambiente de trabalho (SILVA; DE MARCHI, 1997).

Atualmente, muitas empresas têm buscado incorporar programas padronizados de (QVT), assim como o Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Ceará, que elaborou e implementou o “Programa Institucional Qualidade de Vida do IFCE”, em 2016, implementado a partir da comissão instituída pela Portaria 188/GR, de 10 de março de 2015, que se divide em três fases: Lançamento e apresentação do programa para todos os campi, Pesquisa diagnóstica sobre saúde e qualidade de vida no trabalho e Implantação do programa nos campi e tem com o objetivo de desenvolver um programa permanente de promoção de ações voltadas à saúde e à qualidade de vida dos servidores e familiares de todos os campi do Instituto Federal do Ceará, com a perspectiva de que a instituição se torne mais humana, saudável e integrada.

No campus Tabuleiro do Norte, o programa foi implementado em 2019 e cadastrado na plataforma do SIGPROEXT, por uma comissão composta por quinze servidores do campus, sendo nove técnico-administrativos e seis docentes do campus, com o objetivo de promover a qualidade de vida no trabalho de toda a comunidade do IFCE - campus de Tabuleiro do Norte, por meio de atividades esportivas, culturais, lazer e de educação/orientação.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada no programa implementado no campus Tabuleiro do Norte, foi através do fomento de ações durante os anos de 2019 a 2021, promovendo atividades que integram a saúde, o bem-estar e a qualidade de vida dos servidores e da comunidade interna/externa. Em 2019, foram planejadas dez ações no sistema SIGPROEXT e definiu-se a execução de, no mínimo, uma ação em cada mês do referido ano, excetuando-se janeiro e dezembro. Dentre as atividades, destacam-se as inseridas no Quadro 1.

Quadro 1: Ações do PQV/Tabuleiro do Norte referente ao ano de 2019.

| Ação do PQV | Data (REF. 2019) |
|--|------------------|
| Lançamento do PQV / Palestra sobre qualidade de vida no trabalho | 23 de abril |
| Aula de defesa pessoal / Aula de dança de salão | 29 de maio |
| Participação da comunidade nos Jogos Internos 2019 | 03 de julho |
| Almoço de trabalho na Fazenda Sossego em Morada Nova-CE | 24 de julho |
| Palestra sobre alimentação saudável / Avaliação física e nutricional da comunidade | 28 de agosto |
| Ecotrilha (Bicicleta, Caminhada e Piquenique) | 25 de setembro |

Fonte: Própria (2022)

Em 2020, com o início da pandemia de Covid-19, ocorreram três ações, transmitida pela TV IFCE Tabuleiro do Norte, através do canal do youtube, destacando-se as inseridas no Quadro 2.

Quadro 2: Ações do PQV/Tabuleiro do Norte referente ao ano de 2020.

| Ação do PQV | Data (REF. 2020) |
|--|------------------|
| Live sobre "O exercício como prática terapêutica em tempos de isolamento social" | 30 de abril |
| Live sobre Alimentação saudável e seu impacto sobre a saúde mental | 19 de maio |
| Palestra sobre Aleitamento Materno e cuidados com a criança no período de Covid-19 | 17 de junho |

Fonte: Própria (2022)

Enquanto em 2021, ocorreu apenas uma ação, que foi o café da manhã no Horto Florestal de Tabuleiro do Norte, no final do ano.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir das ações ocorridas durante os anos de 2019, 2020 e 2021, foi elaborado um questionário de avaliação do Projeto Qualidade de Vida, implementado pelo campus, de forma online, contendo 5 questões sobre diversos aspectos (organizacionais/ biológicos/psicológicos/sociais e pessoais), conforme o Quadro 3, aplicado a cinco pessoas, de diferentes setores do campus, que participaram dos três anos de ações. O questionário continha 5 perguntas subjetivas e foi respondido por

servidores do IFCE campus Tabuleiro do Norte, de cinco setores diferentes, que foram: Departamento de Ensino, Coordenadoria de Aquisições e Contratos, Setor de Apoio Técnico ao Laboratório, Setor de Tecnologia da Informação e Coordenadoria de Controle Acadêmico.

Quadro 3: Perguntas do Questionário de Avaliação do PQV

| Pergunta do Questionário de Avaliação do PQV | ASPECTO |
|---|----------------|
| De que forma as ações interferiram no seu atendimento à comunidade escolar? | ORGANIZACIONAL |
| Como você analisa o estado geral de saúde dos colegas de trabalho após as ações? | BIOLÓGICO |
| Como você analisa o clima organizacional após as ações? | PSICOLÓGICO |
| As ações o estimulou a buscar um estilo de vida mais saudável? | SOCIAL |
| Em qual forma as ações impactam no desempenho do seu trabalho e no seu modo de viver? | PESSOAL |

Fonte: Própria (2022)

Em relação à pergunta realizada referente ao aspecto organizacional, as respostas que foram elencadas pelos entrevistados foram:

- 20% responderam que não interferiu no atendimento à comunidade escolar;
- 60% responderam que atenderam melhor à comunidade escolar porque se sentem mais confiantes, mais empatas e mais valorizados;
- 20% responderam que a relação entre os setores melhorou, principalmente, com os setores que não prestam atendimento ao público.

Em relação à pergunta realizada referente ao aspecto biológico, as respostas que foram elencadas pelos entrevistados foram:

- 20% responderam que a mudança na saúde dos participantes não foram perceptíveis;
- 20% responderam que aumentou o engajamento no desenvolvimento das atividades relacionadas ao trabalho;
- 60% responderam que as ações intensificaram a rotina de prática de atividade física e que alguns servidores modificaram seus hábitos alimentares.

Em relação à pergunta realizada referente ao aspecto psicológico, as respostas que foram elencadas pelos entrevistados foram:

- 100% responderam que o clima organizacional melhorou consideravelmente, se tornando mais leve e amigável, possibilitando uma maior interação entre os servidores, levando-os a desenvolver as suas atribuições de forma mais determinada e alegre.

Em relação à pergunta realizada referente ao aspecto social, as respostas que foram elencadas pelos entrevistados foram:

- 80% responderam que as ações o levaram a buscar um estilo de vida mais saudável, tanto física, quanto mentalmente;
- 20% responderam que o levou a buscar um estilo de vida mais saudável, porém em 2020, como as ações foram em menor constância e foram realizadas de forma online, acarretou dificuldades em manter um estilo de vida desta forma, devido a dificuldade em conciliar o trabalho remoto com situações, como ansiedade, cuidados de casa e dos filhos.

Em relação à pergunta realizada referente ao aspecto pessoal, as respostas que foram elencadas pelos entrevistados foram:

- 40% responderam que no trabalho melhoraram as relações inter-pessoais, entre os servidores e a comunidade em geral;
- 20% responderam que as ações modificaram a sua alimentação, a sua rotina de vida e de alimentação;
- 20% responderam que as ações proporcionaram um maior bem-estar e, como consequência, os servidores trabalham mais motivados;
- 20% responderam que se sentem bem em trabalhar no campus Tabuleiro do Norte, pois se sentem acolhidos e motivados.

A partir dos resultados obtidos, notou-se que a maioria das respostas dos entrevistados sobre as ações do Programa Qualidade de Vida do IFCE, campus

Tabuleiro do Norte, atendem ao objetivo inicial da proposta institucional, que é promover a saúde e a qualidade de vida de toda a comunidade escolar, através da realização de ações.

Notou-se, a partir das respostas ao questionário, que os cinco entrevistados perceberam mudança no clima organizacional da instituição, na qual os servidores se sentiram mais motivados e alegres.

Percebeu-se, inclusive, que a diminuição de ações, durante a pandemia da Covid-19, interferiu nos hábitos saudáveis de alguns participantes do projeto. Por fim, deduz-se, de uma forma geral, que as ações auxiliaram a comunidade escolar a melhorar seu bem-estar e a sua qualidade de vida.

CONCLUSÕES

Nota-se que o projeto implica em diversas percepções, em diferentes aspectos e nos diferentes setores dentro da instituição, tanto imparcial quanto parcialmente. As ações propostas, em busca de uma qualidade de vida, implicam em uma mudança de estilo de vida de cada um dos participantes, assim como em uma mudança positiva no clima organizacional da instituição, assim como foi exposto nas respostas das perguntas do questionário, inclusive atendendo ao objetivo inicial do projeto institucional, que é a promoção da saúde e do bem-estar aos envolvidos nas ações. Conclui-se que o projeto tem-se mostrado um forte potencial para a melhoria na qualidade de vida de todos os envolvidos do campus Tabuleiro do Norte.

REFERÊNCIAS

AMORIM, T. G. F. N. **Qualidade de vida no Trabalho: preocupação também para servidores públicos?** RECADM: Revista Eletrônica de Ciência Administrativa, v. 9, n. 1, p. 35-48, maio/2010

COHEN, Allan R. e FINK, Stephen L. **Comportamento organizacional.** 7^a Ed. Rio de Janeiro/RJ. Editora Campos, 2003

FERREIRA, R. R. et al. **Concepção e implantação de um programa de qualidade de vida no trabalho no setor público: o papel estratégico dos gestores.** Revista de Administração, São Paulo, v. 44, n. 2, p. 147-157, abr./jun. 2009.

QUEIROZ, F. L. V. Qualidade de vida no trabalho (QVT): estudo comparativo em três campi de uma instituição federal de ensino no Rio Grande do Norte. 2014 130 f.

Monografia (Graduação em Administração) – Universidade Federal Rural do Semi-Árido, 2014.

SILVA, M. A. D.; DE MARCHI, R.. **Saúde e Qualidade de Vida no Trabalho**. São Paulo: Editora Best Seller, 1997

THE WHOQOL GROUP. The World Health Organization Quality of Life assessment (WHOQOL): position paper from the World Health Organization. **Social Science and Medicine**, Leicester, v. 41, n. 10, p. 1403-1409, 1995.

VELOSO, E. F.; SCHIRRMEISTER, R; LOMONGI-FRANÇA, A. C. A influência da qualidade de vida no trabalho em situações de transição profissional: um estudo de caso sobre desligamento voluntário. **Revista Administração e Diálogo**, v. 9, n. 1, p. 35-58, 2007.

Capítulo 11

**PRÁTICAS INTEGRATIVAS E
COMPLEMENTARES EM ENFERMAGEM:
POSSIBILIDADE DO ROMPIMENTO DO OLHAR
MECANICISTA**

*Jelber Manzoli dos Anjos
Fernando Francisco Chagas dos Santos*

PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM ENFERMAGEM: POSSIBILIDADE DO ROMPIMENTO DO OLHAR MECANICISTA

Jelber Manzoli dos Anjos

Enfermeiro, Mestre em Ciências da Saúde – PPGES/UESB.

jamanzoli@hotmail.com.

Fernando Francisco Chagas dos Santos

Cirurgião dentista, discente do curso de especialização em endodontia – USP.

ffchagas@live.com.

RESUMO

Objetivo: Discutir sobre como a introdução de uma disciplina que trate das Práticas Integrativas e Complementares (PIC) disponíveis no Sistema Único de Saúde ao currículo do Bacharelado em Enfermagem pode contribuir para a dilatação dos olhares dos estudantes a compreender a produção do cuidado em saúde além de uma visão mecanicista. **Síntese de dados:** As PIC, assim designada no Brasil pelo Ministério da Saúde, são as práticas que a biomedicina tem chamado de medicinas alternativas e complementares, que entre elas, inclui a fitoterapia e a acupuntura. Durante a disciplina, os alunos desenvolveram uma oficina e tiveram um contato com a fitoterapia e acupuntura, a fitoterapia possibilitou utilizar os saberes e valores culturais da comunidade como estratégias de promoção de saúde, e a acupuntura contribuiu com a dilatação dos olhares dos estudantes para a compreensão de que o indivíduo é um ser complexo e integral, que seu ambiente onde vive, bem como, suas emoções e pensamentos, influenciam diretamente no seu estado de saúde, produzindo um cuidado pela enfermagem, mais integral e resolutivo. **Conclusões:** A inclusão da disciplina de “Enfermagem Holística” no currículo da graduação em enfermagem propiciou um diálogo intenso dos estudantes com as práticas integrativas e complementares e pode contribuir para a dilatação dos olhares ao perceber de forma mais sensível o outro que se apresenta como paciente.

Descritores: Cuidados de Enfermagem; Filosofia em Enfermagem; Terapias Complementares, Medicina Tradicional Chinesa, Fitoterapia.

ABSTRACT

Objective: Discuss how to introduce a discipline that deals with Integrated and Complementary Practices (ICP) available in SUS to the Bachelor Degree curriculum in Nursing can contribute to the dilation of students' eyes to understand the production of health care, beyond a mechanistic view. **Data synthesis:** the ICP, thus designated in Brazil by the Ministry of Health, are the practices that biomedicine has called

alternative and complementary medicines, which among them includes herbal medicine and acupuncture. During the course, the students developed a workshop and had contact with a herbal medicine and acupuncture. The herbal medicine enabled the use of knowing and cultural values of the community as health promotion strategies, and the acupuncture helped the students to understand that the human being is a complex and integral being, and who your environment as well as your emotions and thoughts influences directly in their health, producing nursing care, more integral and resolute. **Conclusions:** The inclusion of the discipline of "Holistic Nursing" in the undergraduate nursing curriculum provided an intense dialogue of students as integrative and complementary practices and may contribute to the dilation of look to perceive the most sensitive or other form you present as a patient.

Descriptors: Nursing Care, Philosophy Nursing, Complementary Therapies, Medicine, Chinese Traditional, Phytotherapy.

INTRODUÇÃO

A Enfermagem, assim como grande parte das ciências da saúde, viveu a partir do século XXI uma revolução na forma como é produzido o cuidado. Na área da saúde os avanços se propagaram com a informatização e o surgimento de equipamentos modernos, que trazem benefícios e rapidez ao diagnóstico e tratamento de doenças. Essa tecnologia à serviço do homem contribuiu para a solução de problemas antes não resolutivos, e pode proporcionar melhores condições de vida e saúde para as pessoas (SANTOS et al, 2017).

No entanto, as tecnologias nem sempre resultam em benefícios. Com o capitalismo, a técnica/tecnologia sai do seu papel de uso e torna-se mercadoria. Isso gera a mercantilização da saúde, na qual o cuidado com o outro e a cura passam a ser objetos de lucro.

Neste contexto, a Enfermagem, como profissão da área da saúde, tem historicamente, seu conhecimento disciplinado no cuidado humano. Paradoxalmente, estudos apontam que enfermagem tem atuação centrada na rotina de procedimentos para atender a instituição e não as necessidades dos usuários por meio de cuidados individualizados (SANTOS et al, 2017).

As Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem reconhecem entre outras competências técnico-científicas do enfermeiro, a capacidade de atuar profissionalmente compreendendo a natureza humana em suas dimensões, em suas expressões e fases evolutivas além de promover estilos de vida

saudáveis, conciliando as necessidades tanto dos seus clientes/pacientes quanto às de sua comunidade, atuando como agente de transformação social (BRASIL, 2001).

As PIC constituem sistemas e recursos envolvem abordagens que buscam estimular os mecanismos naturais de prevenção de agravos e recuperação da saúde por meio de tecnologias eficazes e seguras, com ênfase na escuta acolhedora, no desenvolvimento do vínculo terapêutico e na integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade. Outros pontos compartilhados pelas diversas abordagens abrangidas nesse campo são a visão ampliada do processo saúde-doença e a promoção global do cuidado humano, especialmente do autocuidado (TELESI, 2016; TESSER, 2017; SOUZA et al, 2018).

Dada a importância das PIC, no ano 2006, foi aprovada pelo Conselho Nacional de Saúde, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde (PNPIC), publicada na forma das Portarias Ministeriais nº 971 e nº 1.600/2006. Destaca-se que a política tem o objetivo de Incorporar e implementar a PNPIC no SUS, contribuir ao aumento da resolubilidade do Sistema e ampliação do acesso, promover a racionalização das ações de saúde e estimular as ações referentes ao controle/participação social (TELESI, 2016; TESSER, 2017; SOUZA et al, 2018).

Fixa-se como objetivo deste trabalho discutir sobre como a introdução de uma disciplina que trate das PIC disponíveis no SUS ao currículo do Bacharelado em Enfermagem pode contribuir para a dilatação dos olhares dos estudantes no sentido de compreender a produção do cuidado em saúde para além do uma visão mecanicista, direcionando-o a uma prática profissional mais equitativa, resolutiva, integral e sensível ao outro.

SÍNTESE DE DADOS

O presente estudo é desdobramento das reflexões durante a disciplina "Políticas de Saúde" do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da UESB realizada no primeiro semestre de 2019.

Trata-se de estudo descritivo, tipo descrição de experiência, construído a partir do conceito de PIC proposto pela PNPIC, das leituras sobre o cuidado em enfermagem, disponíveis em artigos científicos nas bases eletrônicas de dados e atividades desenvolvidas na disciplina de "Enfermagem Holística", com carga horária de 40 horas, ofertada como disciplina optativa a 26 alunos do curso de Bacharelado

em Enfermagem de uma faculdade privada no interior da Bahia, entre os meses de fevereiro a julho de 2019.

A disciplina foi ofertada após aprovação pelo Núcleo Docente Estruturante e em sua ementa, dentre outros aspectos, visa propiciar ao aluno o contato com teorias, técnicas, e filosofias que orientem o cuidar como uma prática acessível, humanizada e predominante no contexto da saúde, na qual, o ser humano deve ser visto holisticamente, o que pressupõe sua compreensão como um ser complexo. Afinal, a prática de enfermagem holística baseia-se na ideologia do cuidado integral e integralizado com o indivíduo, ao considerar suas necessidades físicas, emocionais, sociais, econômicas e espirituais.

O contato com as PIC se deu através de aulas expositivas e dialogadas baseadas na metodologia tradicional e no uso de metodologias ativas, pelas quais os alunos desenvolveram através de *Team Based Learning* temáticas como Dança Circular, Aromaterapia, Medicina Antroposófica, Musicoterapia, Reiki, Yoga, além de duas oficinas temáticas sobre Medicina Tradicional Chinesa (MTC) e Fitoterapia que tiveram como produto final a apresentação dessas práticas à comunidade acadêmica.

Essa produção teórica caracteriza-se como abordagem qualitativa, devido à interpretação e à análise dos elementos teóricos e filosóficos, sendo discutido com maior intensidade em dois eixos temáticos: Fitoterapia no cuidado em enfermagem e o cuidado em enfermagem na perspectiva da MTC.

As PIC, assim designada no Brasil pelo Ministério da Saúde, são as práticas que a biomedicina tem chamado de medicinas alternativas e complementares, que possuem um conjunto integrado de seis premissas em suas bases: A cosmologia, a doutrina médica, a dinâmica vital, a morfologia humana, a diagnose e a terapêutica, nas quais incluem a homeopatia, a medicina tradicional chinesa, medicina antroposófica e a medicina ayurvédica, sem ter como verdade a biomedicina e seus saberes como referência (TESSER, 2017).

Todas estas práticas compartilham de peculiaridades vitalistas, integrando o cosmos, o homem, a natureza, o universo e a sua interação energética na qual é produzida o processo saúde-doença, não tendo mais como foco a doença, mas sim o doente como um ser integral, visto à perspectiva do cuidado holístico. As PIC foram lançadas em 2006 através das PNPICT no SUS, publicada na forma de portarias ministeriais nº 971, de 3 de maio de 2006, e nº 1.600, de 17 de julho de 2006, sendo

de suma relevância para a promover saúde (TELESI, 2016; TESSER, 2017; SOUZA et al, 2018).

A promoção de saúde através das práticas complementares e integrativas, bem como o cuidado/tratamento do ser doente acontece através dos conhecimentos e saberes das diversas modalidades incluídas nas PIC que tem a finalidade de reequilibrar e estimular os potenciais de endógenos de autocura do indivíduo, partindo da premissa que este ser não é a sua doença, e sim um ser complexo e integral que possui uma interação do corpo físico, energético, mental e emocional, e que muitas das vezes o desequilíbrio que vem a causar a doença, parte de um desequilíbrio emocional, mental e energético (TESSER, 2017; SOUZA et al, 2018).

Fitoterápicos como estratégia de promoção de saúde

Quando falamos sobre a utilização de fitoterápicos, a utilização de plantas medicinais é tão antiga quanto a própria história da humanidade. De acordo com a definição proposta pela Agência Nacional de vigilância Sanitária, existem diferenças entre plantas medicinais e medicamentos fitoterápicos. Consideram-se plantas medicinais aquelas usadas para prevenir, aliviar ou tratar doenças já o medicamento fitoterápico é toda substância advinda de elementos de origem vegetal e que sua eficácia, ação e efeito já foram cientificamente comprovados (BRASIL, 2006).

Portanto, as plantas medicinais são utilizadas na cura ou tratamento de doenças, geralmente são usadas devido à tradição de uma população ou comunidade, sendo necessário o conhecimento sobre suas características e sua forma de colheita e preparação. Já o medicamento Fitoterápico é um medicamento proveniente da industrialização das plantas medicinais em que esta planta medicinal passa por um processo industrial elaborado para obtenção do medicamento fitoterápico (BRASIL, 2015).

Durante a disciplina, em conjunto com o curso de biomedicina, os alunos desenvolveram uma oficina com elaboração de produtos a partir da utilização das plantas medicinais da região, aplicando os conhecimentos de cosmetologia e etnobotânica, foram produzidos chás, máscara para hidratação da face, máscara para hidratação capilar, sabonetes íntimos e outros produtos derivados da flora local.

Explorar o universo das plantas medicinais possibilitou a compreensão dos princípios ativos e toxicidade, sendo percebido aproximação anterior dos indivíduos com a temática ao externarem o uso das plantas em sua própria história de vida.

Reforçando os achados, tem-se que em decorrência da eficácia da fitoterapia e das plantas medicinais com ação cientificamente comprovada e considerando o seu baixo custo operacional, o uso destes torna-se de suma importância nos Programas de Atenção Primária de Saúde (PAPS), considerando-se a grande facilidade na aquisição das tradicionais plantas medicinais encontradas em várias regiões do país, utilizadas como remédios caseiros no tratamento de inúmeras doenças (BRADKE, 2016; NASCIMENTO, 2016).

Considerando o discutido, é preciso que o profissional de saúde, primeiramente, conheça a realidade na qual está inserido, no sentido de reconhecer os saberes e valores culturais de sua comunidade, além de registrar esses saberes com o intuito de utilizá-los nas estratégias de promoção da saúde. Assim, o papel do enfermeiro se faz importante, uma vez que ele constitui um vínculo maior com a comunidade assistida. Sendo a capacitação necessária a todos os profissionais que fazem parte na Equipe Saúde da Família (ESF), inclusive ao enfermeiro, pois é multiplicador de esclarecimento no que se refere ao repasse de informações para a população (MUNES; MACIEL, 2016).

Neste contexto, a figura do enfermeiro surge como peça-chave para a melhoria dos tratamentos fitoterápicos, considerando a importância da valorização da cultura popular, por meio da busca pelo conhecimento aprofundado. Tal fato, além de valorizar o protagonismo do paciente e aproximar mais o profissional de enfermagem nas atuações das PIC, reafirma os princípios de integralidade e equidade do SUS.

Enfermagem a luz a da acupuntura

Não obstante, na segunda oficina com duração de quatro horas, foi abordada a Medicina Tradicional Chinesa (MTC), que possibilitou aos alunos experimentarem tratamentos como acupuntura, ventosa e auriculoterapia e suas possibilidades de aplicação na prática clínica e cotidiano profissional da enfermagem. A oficina revelou o desconhecimento dos estudantes da MTC como possibilidade ampliação do cuidado em enfermagem, o que reafirmou a importância do momento.

A MTC também é uma das PIC que tem muito a contribuir para a dilatação dos olhares dos alunos enquanto futuros profissionais de saúde, no sentido de compreender a produção de cuidado proporcionado pela enfermagem além de uma visão mecanicista, direcionando para uma prática mais resolutiva, integral e sensível

ao outro, devido a suas peculiaridades no que se é embasada. Para a MTC as doenças são entendidas como uma interação do homem e as energias externas, que são consideradas as energias da natureza como vento, frio, calor, umidade, secura, bem como, com as energias internas, o que seriam seus próprios pensamentos, emoções, alimentação desregradas e fadigas, que geram um desequilíbrio energético e assim ocorre o processo saúde-doença de acordo com essa percepção (ONETTA, 2015).

Dentro desta perspectiva, é notável que contato e atuação com MTC, amplia o olhar do profissional em relação ao processo saúde-doença do cliente/paciente, desenvolvendo a percepção de que o indivíduo é um ser complexo e integral, que seu ambiente onde vive, bem como, suas emoções e pensamentos, influenciam diretamente no seu estado de saúde, servindo para compreender melhor a forma de abordagem e de um cuidado com esse indivíduo, fazendo com que o tratamento seja mais eficaz e resolutivo (TELESI, 2016; TESSER, 2017; SOUZA et al, 2018).

Segundo Pivetta et al 2016, o fato de construir profissionais com conhecimentos nessas áreas, como a MTC, é tão relevante quanto o próprio tratamento que lhes é dado, pois, a partir do conhecimento possuído pelo indivíduo, eles tornam-se responsável por sua condição de saúde, tomando consciência de suas causas, e dessa forma, buscam não somente tratar, quanto prevenir, sendo mais uma PIC que estimula os potenciais de endógenos de autocura do indivíduo, e amplia o olhar de quem trata o cliente/paciente para um olhar mais sensível e mecanicista. ⁽¹³⁾

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão do componente curricular “Enfermagem Holística” na matriz curricular da graduação em enfermagem propiciou um diálogo intenso dos estudantes com as práticas integrativas e complementares e pode contribuir para a dilatação dos olhares ao perceber de forma mais sensível o outro que se apresenta como paciente.

De igual maneira, a visão integradora, unificada e holística que direciona o olhar sob a perspectiva das PIC conduzem-nos invariavelmente à dimensão de integralidade e equidade do cuidado, princípios por vezes afastados da prática que se torna mecanicista e engessada.

Apesar de otimistas, os resultados apontam para a necessidade de ampliar a os espaços de discussão sobre a PNPIc e as PIC, não só entre estudantes, mas entre a classe profissional de enfermagem o que possibilitaria impactos significativos para a prática profissional do enfermeiro.

AGRADECIMENTOS E CONFLITOS DE INTERESSE

Agradecimento a Faculdades Unidas de Pesquisa, Ciências e Saúde que oportunizou esta experiência, aos estudantes e professores dos cursos de Enfermagem e Biomedicina que se dispuseram a participar deste estudo. Os autores declaram a inexistência de conflitos de interesse durante a realização do estudo.

REFERÊNCIAS

Agência Nacional De Vigilância Sanitária (Brasil). Plantas medicinais e fitoterápicos: Uma resposta nacional Curitiba, Brasil, 2006

Agencia Nacional de Vigilância Sanitária (Brasil). Fitoterápicos: gerência de medicamentos isentos, específicos, fitoterápicos e homeopáticos. GMEFH. Brasília, DF. 2015

Badke RM, Somavilla CA, Heisler EV, De Andrade A, Budó MLD, Garlet TNB. Saber popular: uso de plantas medicinais com forma terapêutica no cuidado à saúde. Revista de enfermagem da UFSM. 6 (2): 225-234, 2016.

Conselho Nacional de Educação (Brasil). Resolução CNE/CES nº. 3, de 7 de novembro de 2001. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Available from: (URL: http://cofen.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/resolucao_CNE_CES_3_2001Diretrizes_Nacionais_Curso_Graduacao_Enfermagem.pdf)

De Souza CRM, Da Silva CM, De Moura EM, Graciliano NG, De Lemos GG. Práticas integrativas e complementares no contexto da residência multiprofissional: um relato de experiência. Rev Gep News [periódico na internet]. 2018 [acesso em 2019 set 13]; 1(1): 151-156. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/gepnews/article/view/4702>

Ministério da Saúde (Brasil). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: atitude de ampliação de acesso. Brasília, DF: Ministério da Saúde. 2015. Available from: (URL: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_praticas_integrativas_complementares_2ed.pdf)

Munes JD.; Maciel MV. A importância a informação do profissional de enfermagem sobre o cuidado no uso das plantas medicinais: uma revisão de literatura. Rev fitos [periódico na internet]. 2016 [acesso em 2019 set 13]; 10(4):518-525. Disponível em: <http://revistafitos.far.fiocruz.br/index.php/revista-fitos/article/view/385>

Nascimento Júnior BJ. et al. Avaliação do conhecimento e percepção dos profissionais da estratégia de saúde da família sobre o uso de plantas medicinais e fitoterapia em Petrolina-PE, Brasil . Rev Brasileira de Plantas Medicinais [periódico na internet]. 2016 [acesso em 2019 set 13]; 18(1):57-66. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbpm/v18n1/1516-0572-rbpm-18-1-0057.pdf>

Onetta RC. Bases neurofisiológicas da acupuntura no tratamento da dor. Monografia do Curso da Fisioterapia UNIOESTE [periódico na internet]. 2005 [acesso em 2019 set 13]; 1(2):13-17. Disponível em: <http://www.unioeste.br/projetos/elrf/monografias/2005/pdf/ronny.pdf>

Pivetta A, Martins FS, Salbego C, Nietzsche EA. Medicina tradicional chinesa e técnicas de acupressão como possibilidade de cuidado em saúde. Revista Brasileira de Iniciação Científica. 2016; 3(6):200-208.

Santos AG, Monteiro CFS, Nunes BMVT, Benício CDAV, Nogueira LT. O cuidado em enfermagem analisado segundo a essência do cuidado de Martin Heidegger. Rev Cubana de Enfermería. [periódico na internet]. 2017 [acesso em 2019 set 13]; 33(3). Disponível em: <http://www.revenfermeria.sld.cu/index.php/enf/article/view/1529/295>

Telesi JE. Práticas integrativas e complementares em saúde, uma nova eficácia para o SUS. Rev Estudos avançados [periódico na internet]. 2016 [acesso em 2019 set 13]; 30(86): 99-112. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v30n86/0103-4014-ea-30-86-00099.pdf>

Tesser CD. Práticas integrativas e complementares e rationalidades médicas no SUS e na atenção primária à saúde: possibilidades estratégicas de expansão. Rev JMPHC| Journal of Management & Primary Health Care [periódico na internet]. 2017 [acesso em 2019 set 13]; 8(2): 216-232. Disponível em: <http://www.jmphc.com.br/jmphc/article/view/528>

Capítulo 12

A IDEAÇÃO SUICIDA NA CLÍNICA DE BASE

FENOMENOLÓGICO - EXISTENCIAL

Geni Teresinha Dutra Astine

A IDEAÇÃO SUICIDA NA CLÍNICA DE BASE FENOMENOLÓGICO - EXISTENCIAL

Geni Teresinha Dutra Astine

Psicóloga Clinica

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender a ideação suicida pela perspectiva da psicoterapia fenomenológico-existencial. Adotando como metodologia uma revisão bibliográfica, discutimos inicialmente a temática do suicídio e suas concepções ao longo do tempo até a atualidade. No contexto social como o que vivemos, o suicídio é mais comumente compreendido sob duas vertentes: uma que explica que tal ato provém de um transtorno psíquico ou da incapacidade da pessoa em não conseguir lidar com as adversidades da vida, e outra que responsabiliza o campo social por tal ato do indivíduo. Buscamos, em seguida, os fundamentos da clínica de cunho fenomenológico-existencial. Tal abordagem, que traz uma concepção de homem e de mundo, em que ambos se constroem em um processo de influência mútua, conduz sua clínica em um processo de desconstrução de categorizações ou determinações prévias à situação em que o cliente traz, seja ela qual for. É a partir dessa premissa, que este estudo se pautará para a compreensão da ideação suicida presente na clínica psicoterápica de base fenomenológico-existencial. Concluímos que o ato voluntário de pôr fim à vida pode ser assistido no contexto psicoterápico através de um outro olhar que não aquele apenas da psicopatologia ou de categorizações, julgamentos e rótulos, frequentemente atribuídos a pessoas que cometem tal ato. Nesse sentido, a clínica fenomenológico-existencial buscará compreender os sentidos que estão envolvidos na ideação suicida daquele que busca ajuda psicoterápica, levando a pessoa a refletir sobre isso.

Palavras-Chave: Suicídio; ideação suicida; psicoterapia fenomenológico-existencial.

ABSTRACT

This work aims to understand suicidal ideation from the perspective of existential-phenomenological psychotherapy. Adopting a literature review as a methodology, we initially discuss the theme of suicide and its conceptions over time to the present day. In the social context in which we live, suicide is more commonly understood under two aspects: one that explains that such an act comes from a mental disorder or the person's inability to deal with the adversities of life, and another that makes the field responsible social by such act of the individual. We then look for the foundations of the existential-phenomenological clinic. Such an approach, which brings a conception of man and the world, in which both are built in a process of mutual influence, leads their clinic in a process of deconstruction of categorizations or determinations prior to the situation the client brings, whatever it may be. It is from this premise that this study will be guided to understand the suicidal ideation present in psychotherapeutic clinic with a phenomenological-existential basis. We conclude that the voluntary act of ending life can be assisted in the psychotherapeutic context through a different perspective than

that of psychopathology or categorization, judgments and labels, often attributed to people who commit such an act. In this sense, the existential-phenomenological clinic will seek to understand the meanings involved in the suicidal ideation of those who seek psychotherapeutic help, leading the person to reflect on this.

Keywords: Suicide; suicidal ideation; psychotherapy existential-phenomenological.

Introdução

O fenômeno do suicídio tem se destacado como uma das problemáticas centrais na área da saúde pública. Diversos saberes têm buscado entendimento e respaldo que possam orientar suas ações acerca dele. A Psicologia se apresenta como um desses saberes que busca compreender esse fenômeno e também apontar estudos consistentes que possam clarificá-lo.

Quem é esse sujeito que diz não à existência e tira a vida com as próprias mãos? A princípio, é uma pessoa que, com seu ato, desorganiza a dinâmica familiar, social e médica. Ao dizer não à existência, o sujeito desestabiliza a ordem, posto que o suicida é aquele que subverte a ordem médica, contraria as leis cristãs e desafia a lógica capitalista de uma pessoa não mais produtiva.

O suicídio, compreendido como um ato voluntário de pôr fim à vida, sofreu diversas concepções ao longo da história da humanidade, indo desde gesto heroico até ser atribuído a sentimentos do denominado “vazio existencial”. No contexto social-histórico como o que vivemos, o suicídio é mais comumente relacionado à incapacidade da pessoa em não conseguir lidar com as demandas da nossa era. Nesta, em que não é permitido falhar ou errar, muitas pessoas sentem-se incapazes, até mesmo esgotadas, para atender a essa demanda, a esse imperativo de sucesso, lançando-se num transtorno existencial, que, por vezes, se precipita para um ato suicida. O suicídio, muitas vezes, se configura, assim, como uma saída do sujeito para se livrar da sua incapacidade de atender às expectativas do mundo.

A ideação suicida, ou seja, a intenção da pessoa em cometer suicídio, se relaciona, assim, à angústia por uma existência que, de alguma forma, não corresponde aos significados dados pelo sujeito, sendo o suicídio aquilo que se apresenta como único sentido em determinado momento. O sujeito com ideação suicida seria aquele mergulhado numa angústia profunda, angústia sentida no corpo sob a forma de dor. “Dói o corpo, dói o peito, dói à alma” (ANGERAMI-CAMON, 1992,

p. 22). Para Fogel (2010), a dor é uma condição existencial, intrínseca à vida e inescapável. Nesse sentido o suicídio se coloca como a dor do viver. No entanto, é comum atribuírem a essa dor a causa precipitante do ato suicida, quando afirmam que matar-se é a única forma de livrar-se dela.

O presente estudo se pautará na psicologia de base fenomenológico-existencial para a compreensão do suicídio, buscando analisar como essa psicologia comprehende esse fenômeno. Heidegger (2009, apud PIETRANI, 2019) refere-se ao mundo moderno como um mundo da desmedida, pois impera nesse mundo a lógica da produtividade sem limites, que nunca cessa, levando a pessoa a se distanciar do seu próprio limite. Os limites do que se pode e não se pode, do que se deve e não se deve, passam a ser referidos por normas e critérios externos. Ao ignorar a relação daquilo que faz sentido para a pessoa, isso se coloca, algumas vezes, como o motivo pelo qual a sua “dor” seja vivenciada de uma forma intensa, gerando, algumas vezes, a ideação suicida.

O tema deste estudo, portanto, refere-se à compreensão da clínica de base fenomenológico-existencial para a situação de ideação suicida. Ou seja, através da psicologia fenomenológico-existencial se procurará refletir sobre a decisão da pessoa em terminar com a própria vida.

Objetivos

2.1 Objetivo Geral

O objetivo deste estudo é compreender a situação de ideação suicida pela perspectiva da psicologia fenomenológico-existencial na clínica. Ou seja, buscaremos refletir sobre o fenômeno do suicídio presente na clínica psicoterápica, pela visão da psicologia de base existencial.

2.2 Objetivos Específicos

- 1) Descrever como a concepção acerca do suicídio se desenvolveu ao longo da história da humanidade;
- 2) Compreender como o tema da ideação suicida e do suicídio é considerado na contemporaneidade;
- 3) Descrever os principais conceitos da psicologia de base fenomenológico-existencial.

4) Compreender como a clínica psicológica de base fenomenológico-existencial atua em situações de ideação suicida.

Justificativa

O comportamento suicida causa impactos importantes na sociedade em geral e nos serviços de saúde. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), citados pela Organização das Nações Unidas (ONU) (2020), mais de 800 mil pessoas cometem o suicídio todos os anos ou 01 suicídio a cada 40 segundos. Para cada suicídio, segundo a instituição, aproximadamente 135 pessoas sofrem o luto ou de alguma forma sofrem os impactos desse fenômeno. Isso corresponde a 108 milhões de pessoas por ano que sofrem as consequências da morte voluntária de um parente ou alguém próximo (ONU, 2020). Os dados oficiais indicam que o Brasil é o oitavo país com o maior número de suicídios no mundo e os estudos sobre o assunto parecem ser ainda insuficientes.

Para Angerami-Camon (1997), a sociedade contemporânea também apresenta características que colaboram para que o homem experience o desespero existencial. A desprezível realidade dos grandes centros urbanos, “a solidão e o tédio existencial, angústia e outras formas de desespero da existência humana corroem um sem número de pessoas” (p. 19). É devido a isso que, em muitas situações, a pessoa percebe no suicídio uma possibilidade para a sua existência. O tédio existencial, ao ser percebido como uma forma de desespero pode ser compreendida como a situação em que a pessoa sofre a dor do existir, de ver o tempo passar e não estar colocando em prática o desenvolvimento de suas potencialidades.

Nesse sentido é que compreendemos a relevância do tema, voltando a atenção da Psicologia para ele como um comportamento humano que vem se amplificando em nossos dias. Consideramos que o olhar da psicologia existencial não partirá de categorizações, julgamentos, rótulos, mas como uma ciência que tem como objeto de estudo o homem com toda a sua complexidade, um homem que vive sua existência pautada pelo paradoxo e pela contradição. Desse modo, acreditamos que a psicologia fenomenológico-existencial muito pode contribuir dada sua visão de homem como um ser-no-mundo, um ser que se constitui no mundo, que tem sua existência imbricada nessa relação, onde uma das possibilidades é o suicídio.

A clínica fenomenológico-existencial possibilita o psicoterapeuta reconhecer os sentidos e significados que estão envolvidos naquilo que o cliente traz. Dessa forma, ao se abrir para os sentidos do fenômeno que se apresenta, foge-se de uma lógica de causalidade comum aos métodos científicos tradicionais, para um olhar voltado à singularidade daquele que chega pedindo ajuda. Nesse sentido, o homem é compreendido como alguém que se constrói na relação com o mundo. Portanto, sua existência é um projeto que está sempre por se fazer e será feito no mundo, em um processo que termina na morte. Em seu projeto de ser, o homem é visto pelo existentialismo como um ser de possibilidades, que constrói a partir de suas escolhas, escolhas sempre permeadas pela angústia, pois são sempre limitadas pelo mundo.

Nesse sentido, pode-se levantar as seguintes questões: considerando a pessoa como um ser de possibilidades e escolhas, como dialogar com essa concepção de homem diante da ideação suicida? É possível pensar o suicídio sem as noções de causa e efeito?

Metodologia

Este trabalho terá como metodologia uma revisão bibliográfica com os principais autores que discutem sobre o suicídio e a ideação suicida, perpassando pela história do suicídio ao longo do tempo, bem como pela perspectiva da psiquiatria e da psicologia tradicional, para chegarmos à perspectiva de base fenomenológico-existencial e como esta última dialoga sobre a questão. Em uma busca preliminar sobre o assunto, foram selecionadas publicações que correspondessem aos descriptores “suicídio e ideação suicida”; “suicídio e clínica fenomenológico-existencial” no portal de periódicos CAPES/MEC, Scielo e Google Schollar. Dessa forma, tomamos como base autores como: Minois (1995/2018), Feijoo (2019), Bertolote (2012), Lessa (2018), entre outros.

Referencial Teórico

Visando atingir nosso objetivo de compreender como a clínica fenomenológico-existencial atua em situações de ideação suicida, buscaremos, em nosso Referencial Teórico, analisar como o suicídio foi concebido ao longo do tempo, até a atualidade, pelo nosso contexto social-histórico, pelas ciências médicas e pelas ciências humanas. Em seguida, descreveremos alguns conceitos-chave que norteiam a

psicologia de base fenomenológico-existencial, para, por fim, compreender como essa clínica atua em situações de ideação suicida.

5.1 O suicídio e a ideação suicida

Albert Camus, em *O Mito de Sísifo* (1941/2020), nos coloca frente a frente com questões complexas como o suicídio. Em seu ensaio, Camus ressalta que “só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio” (p. 17). Para ele, analisar se a vida vale (ou não) a pena ser vivida “é responder à pergunta fundamental da filosofia” (p. 17), resposta que deveria ter prioridade entre outras questões da vida.

Segundo Camus, os deuses tinham condenado Sísifo a rolar uma pedra incessantemente até o cume de uma montanha, de onde a pedra rolava novamente montanha abaixo até o ponto de partida, por meio de uma força irresistível, tornando inválido o duro esforço de Sísifo. E assim Camus compara o absurdo da vida do homem com a situação de Sísifo. Ele começa por descrever a condição absurda: grande parte da nossa vida é construída sobre a esperança do amanhã, do amanhã que nos aproxima da morte, e é o último inimigo; no entanto, as pessoas vivem como se elas não tivessem a certeza da morte. O absurdo, descrito pelo autor, encontra-se, assim, na própria ambiguidade da existência, em que esperança e desesperança, tarefa e descanso, viver e morrer fazem parte do cotidiano do nosso existir.

Algumas pessoas parecem que visualizam no suicídio uma maneira de conseguir o que almejam, a saber, extirpar o absurdo da existência. A morte passa, então, a ser uma maneira de escapar desse absurdo. Para Camus, o verdadeiro conhecimento é impossível de ser explicado pela racionalidade da ciência. Ele tenta explicar que no momento em que reflete se a vida merece ou não ser vivida, quando o homem se encontra diante de uma crise na vida, ou seja, do absurdo, o homem tende a iniciar então o diálogo com o suicídio. Segundo o autor, a complexidade da vida perante um mundo problemático, que tem apenas como certeza a morte surge então para o homem. O suicídio parece, segundo Camus, trazer consigo a ilusão de liberdade.

Segundo Camus, o suicídio é individual e imerso em peculiaridades de cada pessoa. A morte voluntária demonstra o reconhecimento da falta de motivação para viver, mas o humano tem apego à vida, mesmo que ele esteja em um momento de crise, aflição ou até mesmo pela perda de um ente querido. Por fim, Camus afirma que o suicídio é arquitetado no coração do homem, em um momento de angústia ou em um momento de quietude com os pensamentos que mais o atormentam.

Com essas reflexões, o filósofo pergunta: “será que a vida exige que escapemos dela pela esperança ou pelo suicídio. Será que ao encontrar o limite da razão para dar conta dos sentidos da vida, é preciso encontrar uma saída? Ou mais vale seguir a vida sabendo que não há saída?” (p.22). Sobre isso Camus declara “Toda a alegria silenciosa de Sísifo consiste em compreender que seu destino lhe pertence e que a rocha é a sua casa” (p.140).

Iniciar nossas reflexões a partir do pensamento de Camus nos instiga a pensar na complexidade que envolve o ato suicida. Segundo Bertolote (2012), a definição para o termo *suicídio* ainda é motivo de divergências. Esse autor informa que o conceito dado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) para o suicídio parece ser o mais adequado. A OMS diz que “o suicídio é o ato deliberado, intencional, de causar a morte a si mesmo” (apud BERTOLOTE, 2012, p. 21).

No que se refere à ideação suicida, Silva (2006) reúne as definições de vários estudiosos para sintetizá-la como “como pensamentos, ideias ou ruminações sobre o próprio suicídio ou ameaças claras ou abertas de se matar” (p. 44). Ou seja, nessa situação “o indivíduo é o agente da sua própria morte” (Ibidem).

Pensar nas diversas definições de suicídio e ideação suicida é entender o grau de complexidade que o tema aborda e as diversas nuances que se apresentam como pensamentos sobre porque viver ou porque morrer. Ainda segundo Silva, na psiquiatria, enquanto o suicídio e as tentativas de suicídio são geralmente associados a transtornos psiquiátricos, particularmente depressão, a ideação suicida é, algumas vezes, minimizada por se considerá-la associada ou não a um transtorno psiquiátrico.

5.2 O suicídio ao longo do tempo

O fenômeno do suicídio, segundo Lessa (2018) e Minois (1995/2018), passou por vários atravessamentos no decorrer da história, desde a Antiguidade do mundo grego até os dias atuais. Em cada momento histórico o suicídio foi visto dentro do contexto daquela época.

Houve momentos na história, como na era da Antiguidade greco-romana, em que o suicídio era encarado como uma possibilidade que fazia parte da vida, porém com motivações diversas. Assim, o suicídio era visto como um ato heroico, justificado por “desonra, viuvez, [...] pudor, dentre outras” (LESSA, 2018, p. 114). A pessoa que cometia o ato tinha um lugar de destaque na comunidade e na maioria das vezes o ato suicida tinha uma motivação relacionada a algo em prol da coletividade. Em outras

ocasiões quando o desfecho se dava para resolução de uma situação pessoal era também tido como feito heroico (LESSA, 2018; MINOIS, 1995/2018).

Na Idade Média, o suicídio ganhou status de pecado, ofensa contra Deus e crime contra o Estado, a partir da moral cristã. Nesta, o suicídio sofreu uma interdição e o ato ganhou a ideia de blasfêmia contra as leis divinas, obtendo um status de tabu, ganhando um estigma moral com conotações de comportamento desviante. Santo Agostinho (354-430) retomou e transformou as ideias defendidas por Platão, onde ele afirma que, como a vida é um presente de Deus, desfazer-se dela é o mesmo que contrariar a vontade de Deus e isso passaria a significar rejeição ao próprio Deus (apud LESSA, 2018). Matar-se passou a ser um pecado mortal. Botega (2015) se refere assim à noção de suicídio na Idade Média: “Ninguém tem o direito de espontaneamente se entregar à morte sob o pretexto de escapar aos tormentos passageiros, sob pena de mergulhar nos tormentos eternos” (p. 19-20).

No século XIII outro importante teólogo, São Tomás de Aquino, trouxe em sua teologia que o suicídio não deixava chance de arrependimento e por isso era o pior dos pecados, os suicidas então passaram a ser considerados os mártires de Satã. Seguindo esse pensamento, o direito civil inspirou-se no direito canônico e acrescentou às penas religiosas as penas materiais. O suicida passou a ser considerado responsável por seu ato (*felo de se*) e seus bens eram confiscados pela coroa e seus familiares privados da herança (BOTEGA, 2015).

A era moderna, por sua vez, se inicia pelo vislumbre do homem pelas descobertas científicas, concedendo às coisas da natureza e também ao comportamento humano um caráter científico, ou seja, assim com as ciências da natureza passaram a estudar seus objetos por um viés pragmático, o comportamento humano também passou a ser analisado também por essa forma.

Em seu livro *O Deus Selvagem*, Alvarez (1999, apud BOTEGA, 2015) cita que o ato suicida foi retirado da área da condenação espiritual da alma suicida e transformado num problema mental. Segundo Alvarez, o suicídio moderno foi retirado do mundo frágil e impermanente dos seres humanos e trancado nas categorizações da ciência

Assim, o século XVII foi marcado por uma mudança na forma como se concebia o suicídio até o momento. As interdições tradicionais em torno da morte voluntária eram desafiadas, e o suicídio passou a ser concebido como dilema humano. Ele passa então por conotações de ambiguidade de julgamentos, constituindo-se antagônico à

ideia de saúde, bem-estar e qualidade de vida, pois desafiava a ciência, e principalmente a medicina, que se voltava para esses aspectos e despontava como importante área da época (BOTEZA, 2015; MINOIS, 1995/2018; LESSA, 2018).

5.3 O suicídio e a contemporaneidade

As atribuições acerca do suicídio, conforme vimos, foram se configurando com o passar do tempo, recebendo uma conotação histórica de acordo com cada momento histórico e as concepções morais de cada época. Atualmente ocorre uma valorização e supremacia da vida, da saúde e da felicidade. Considerando esse critério, o suicídio é visto como um ato que deve ser controlado, combatido, a partir de estratégias de tratamento, prevenção e cura (LESSA, 2018).

Para Botega (2015), na contemporaneidade, o suicídio sofreu fortes influências que se consolidaram desde o século XVII, quando o indivíduo era visto como pecador, agora passa a ser uma vítima: vítima de uma decepção amorosa, de uma organização política e econômica, das misérias humanas e de uma vida aparentemente sem sentido. Com o crescente número de estudos científicos sobre o suicídio, incluindo as ciências humanas, a bioética e a neurociência, tais questões passaram a ser analisadas sob o viés da psicopatologia e não mais como algo presente na existência.

Feijoo (2019) pontua que o suicídio ganhou conotações especiais na era contemporânea, através de uma forma pragmática de compreensão, a qual se orienta frequentemente sob duas perspectivas: uma recai “sobre o caráter individual da decisão de cometer suicídio, a outra defende a perspectiva da responsabilização do social” (FEIJOO, 2019, p. 159). Na primeira, de caráter individual, o suicídio é visto como um transtorno psíquico ou uma falta de ajustamento do indivíduo às exigências do mundo contemporâneo; na outra, o suicídio é visto como um problema social, que, com suas pressões por produtividade, deixa a pessoa em uma condição tal que o suicídio lhe parece a única saída. Em ambas as visões, tanto os profissionais da área da psiquiatria, como aqueles das áreas sociais e humanas, como a Sociologia e a Psicologia, atuam com o objetivo de procurar prevenir o ato suicida ou extirpar a ideação suicida da “mente” da pessoa. Ou seja, esses profissionais tendem a buscar as causas que influenciam sobre a decisão da pessoa em pôr fim à vida, para evitar que ela cometa tal ato. A autora comprehende que essas ciências, ao agirem assim, deixam de olhar a motivação própria da pessoa para o cometimento do ato suicida, pois se atêm às causas gerais que estariam envolvidas nessa decisão. Dessa forma,

esses profissionais se distanciam da pessoa com a queixa de ideação suicida, para colocar a teoria na frente.

5.4 O suicídio na literatura

O suicídio também foi tema constante na literatura, peças teatrais, na arte enfim. Mencionamos anteriormente o suicídio no livro *O mito de Sísifo*, de Albert Camus (2008). Mas esse tema também aparece na peça teatral de Shakespeare, *Hamlet* e em *Romeu e Julieta*, bem como se faz presente no romance *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe, os quais apresentaremos aqui.

No início do século XVII, entre 1509 e 1602, nos palcos europeus, William Shakespeare (1603/2000) apresenta a peça *Hamlet*, príncipe da Dinamarca, onde o tema suicídio aparece como um dilema humano. “Ser ou não ser, eis a questão”, “existir ou não existir”, “viver ou morrer” é a angústia de Hamlet. Sua vida está cheia de tormentos e sofrimentos, e a sua dúvida é se será melhor aceitar a existência com a sua dor inerente ou acabar com a vida. Hamlet continua o seu questionamento “Morrer... dormir: não mais” (p. 118) “Dizer que rematamos com um sono a angústia. Se a vida é um constante sofrimento, a morte parece ser a solução, porém a incerteza da morte supera os sofrimentos da vida” (Shakespeare p118) O personagem do drama de Shakespeare continua: “Será mais nobre em nosso espírito sofrer pedras e flechas com que a Fortuna, enfurecida, nos alveja, ou insurgir-nos contra um mar de provocações e em luta pôr-lhes fim? Morrer... dormir” (p. 118).

A peça, situada na Dinamarca, conta a história de como o Príncipe Hamlet tenta vingar a morte de seu pai, Hamlet, que havia sido executado por Cláudio, seu irmão, que o envenenou e em seguida tomou o trono, casando-se com a rainha, mãe de Hamlet. “Ser ou não ser” acabou por se tornar um questionamento existencial amplo. Para além de se escolher e tomar decisões frente aos fatos da vida, a frase se tornou uma pergunta sobre a própria existência, sobre morrer ou viver.

Romeu e Julieta, a história trágica do amor de dois jovens, é o título de uma outra tragédia de Shakespeare (1597, apud HELIODORA, 2006), uma obra imortal da literatura marcada pelo suicídio, que começa da seguinte forma:

Duas famílias notáveis da linda Verona, onde a história se passa, transformam em guerra as desavenças antigas, manchando de sangue as suas mãos. Após a morte de Paris, Romeu toma o veneno. Quando Julieta desperta e comprehende que Romeu tomou o veneno, ela se mata com o punhal de seu

amado. Por fim, proibidos de viverem essa história de amor, eles escolhem a morte (apud, HELIODORA, 2006, p. 125)

O século XVIII-XIX foi marcado pela criação de um dos mais importantes movimentos literários: o Romantismo, caracterizado pela idealização amorosa, a subjetividade, a presença do pessimismo e o sentimento nacionalista. Os *sofrimentos do Jovem Werther* são definidos como um marco na literatura alemã e mundial, segundo Backes (2010). Escrito em 1771, por Johann Wolfgang von Goethe, foi uma das obras que mais influenciaram os jovens do período. A obra relata a paixão intensa de Werther por Charlotte, e o faz em forma de confissão e ao mesmo tempo de expressão de seus sentimentos, por meio de cartas. Werther é marcado por uma paixão profunda e infeliz. Ele é correspondido no amor, porém sofre com a impossibilidade de consumá-lo, pois o objeto do seu amor, a jovem Charlotte, encontra-se prometida a outro homem. E é em meio a esse enredo de amor ideal e impossibilidade que surge o sentimento de autodestruição de Werther.

Os *Sofrimentos do Jovem Werther*, segundo Backes, remete a uma autobiografia, por considerar que tal história retrata também uma passagem da própria história de Goethe, que tinha vivido situação semelhante. Mas, a questão principal no romance é que ela chegou a ser censurada na época por conta da onda de suicídios que teria gerado entre jovens leitores. Esse fato gerou a expressão *efeito Werther*, utilizado para designar os suicídios que seguem um modelo. Segundo Backes (2010), “Werther foi um testemunho de como a literatura tinha poder de agir na sociedade. Não foram poucos os suicídios atribuídos ao romance. O bispo, Lorde Bristol, chegou a acusar Werther de ser uma obra imoral” (s/p), por influenciar os jovens ao suicídio.

A diversidade e a contradição de sentimentos vividos pelos personagens da obra mostram também a diversidade de emoções existentes na existência. Mais uma vez, parece que ideal e realidade se chocam, vida e morte se misturam diante dos acontecimentos e da complexidade que é o viver.

5.5 Psicologia Fenomenológico-existencial: principais fundamentos

A psicologia fenomenológico-existencial se construiu sob a influência da Fenomenologia de Edmund Husserl e do Existencialismo de Soren Kierkegaard, Jean Paul Sartre e Martin Heidegger. Neste estudo daremos ênfase à filosofia de Heidegger e de Sartre.

Com base na Fenomenologia, essa corrente defende que o psicólogo assuma uma postura antinatural, que consiste em se voltar ao fenômeno sem nenhum conceito prévio, teórico, seja da ciência, do senso comum ou da sabedoria da vida (REHFELD, 2013).

O existencialismo é a filosofia que centra sua reflexão sobre a *existência humana*, ou seja, a vivência do sujeito, considerada em seu aspecto singular e ao mesmo tempo concreto porque se faz no cotidiano do existir. Isso parte da origem do termo “Existencialismo”, que foi originado a partir da palavra *Existência* (do latim *existentia*, derivada de *ex-sistere*), que significa surgir; sair de um domínio, um esconderijo; um movimento para fora (GILES, 1989; PENHA, 2001).

É nesse sentido que se comprehende o homem pela visão existencialista: um ser que se encontra sempre em relação com o mundo, estando sempre em um aberto nessa relação, constituindo-se no mundo e com ele. Ou seja, o homem está sempre em um movimento para fora de si e esse movimento o leva ao mundo. Portanto, o homem para ser o humano que é, precisa do mundo. É esse processo de relação mútua que o Existencialismo considera que o homem se faz (PENHA, 2001).

Desse modo, comprehende-se que o homem não pode ser determinado, definido, apreendido por nada, porque sua existência é sempre um aberto, está sempre por se definir. Há sempre a possibilidade de um novo modo de o homem se mostrar, se dar, se relacionar, se apresentar.

O homem, a partir da era moderna, tem se esforçado para colocar a ciência, que pode ser definida como “um conjunto de proposições verdadeiras conectadas por relações fundamentais” (HEIDEGGER, 1971. apud FORGHIERI, 2002, p. 27), como uma forma generalizada de compreensão das coisas. Mas a investigação científica pode não ser o único modo possível de compreensão do homem, “pois o ser humano é essencialmente inerente ser-no-mundo” (HEIDEGGER, 1971, apud FORGHIERI, 2002, p. 27).

Mas ser-no-mundo não significa dizer que o homem se encontra entre a natureza, ao lado de plantas, objetos e outros homens. Ser-no-mundo, expressão criada por Heidegger (2012, apud PIETRANI, 2014), que tem sua tradução do original conhecido como *Dasein*, é estar nesse processo contínuo de relação com o contexto histórico em que ele é lançado, em um processo de influência mútua. O homem, como ser-no-mundo, está sempre entre os limites do dentro e do fora, em um movimento constante de estar no mundo, imbricado com ele.

Segundo Forghieri (2002), os acontecimentos da vida diária evidenciam o quanto o homem está implicado no mundo: a aflição sentida quando se escorrega e cai, o ficar desapontado e confuso ao perder o chão no qual se apoia, faz o homem sentir por alguns instantes perdendo o próprio mundo e ao mesmo tempo perdendo a si mesmo, sem saber onde está e para onde ir. Para a Psicologia fenomenológico-existencial, baseada na visão existencial de homem e mundo, a identidade de cada um está implicada nos acontecimentos diários vivenciados no mundo e para saber quem se é, precisa de certo modo, saber onde está.

Jean Paul Sartre foi um filósofo francês, que impulsionou o Existencialismo no pós-guerra do século XX. O homem, para Sartre (2013), se define a partir da sua vivência no mundo, das relações que vai estabelecendo ao longo de sua existência, não sendo, portanto, definido por nada que seja anterior a isso. O homem não é dotado de uma natureza humana que explique seu comportamento, pois este é “explicado” no próprio processo de existir, nas relações que o homem estabelece com o outro e com o mundo, pelas escolhas que tece em cada situação.

Além disso, para Sartre (2013), essa definição é feita decidindo, escolhendo, criando entre as diversas possibilidades existentes no mundo, o que lhe confere a *liberdade existencial*, que é inerente à existência. “Se, com efeito, a existência precede a essência, nunca se poderá recorrer a uma natureza humana dada e definida para explicar alguma coisa; dizendo de outro modo, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade” (Sartre, 1945/2013, p. 24).

Sobre a obra *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, mencionada no tópico anterior, Sartre (apud CAMPAGNARO, SEMENSATO e VIEIRA, 2013) pontua que “esse ideal irrealizável (...) não é assimilável ao amor, na medida em que o amor é um empreendimento, ou seja, um conjunto orgânico de projetos rumo a minhas possibilidades próprias” (p 17). Esse conflito do amor irrealizável e projetos possíveis é o que, segundo Campagnaro, Semensato e Vieira vem referenciando e caracterizando a cultura ocidental. Dessa forma, uma das principais obras de Sartre, *O Ser e o Nada*, é utilizada como base da discussão sobre o suicídio, em que um dos temas centrais da filosofia sartriana, a saber, o conflito do ser-Em-si e do ser-Para-si aparecem na questão do suicídio.

Segundo Marques (1998), o “em-si” é o mundo, o mundo das coisas materiais. O “em-si” é o ser. Ele é idêntico a si mesmo. O “em-si” se esgota em ser o que ele é.

O “para-si”, segundo a autora, é “o ser da consciência” (p. 76), um ser que se constrói continuamente.

Sartre dialoga que a morte seria uma passagem para um absoluto não-humano, o morrer é viver as possibilidades do não, é a vida em morte, é o marco determinante para o fim da existência. Essa existência finita atribui ao homem o caráter de totalidade, de uma forma individualizada, só eu posso me completar, já que ninguém pode morrer por mim, só eu posso interromper meus projetos de vida, com a minha morte. O homem é o ser que existe, existe no mundo e recria a si e ao mundo, o para-si, ao contrário de outros seres e objetos que apenas são, o em-si. O homem é diferencial porque é um ser para-si e “o fato de estar-no-mundo constitui por si só, determinante de muito sofrimento e desespero” (YAZBECK, 2005, p. 141-167)

A clínica fenomenológico-existencial

A abordagem fenomenológica-existencial, por sua vez, em sua clínica, busca devolver ao homem o cuidado por sua existência e sua tutela sobre ela. Heidegger (2009 apud FEIJOO, 2004) faz uma diferenciação entre duas formas de se cuidar do outro: uma de caráter de substituição, que Feijoo denomina como *preocupação substitutiva*. Esta é a preocupação com a qual na maior parte das vezes tentamos lidar com o outro, isto é, no modo de substituir e querer livrar o outro do que ele tem de fazer, em que se tenta passar para a existência do outro, substituindo a liberdade e a responsabilidade que lhe são inerentes. Em outras palavras, tenta-se tutelar o outro em suas escolhas e possibilidades. A outra é de caráter libertador (*preocupação libertadora*), quando aquele que cuida se coloca junto a existência do outro, sem querer escolher e viver por ele. Em uma preocupação libertadora se acolhe uma vida em sofrimento, mas sem querer tutelar e ser responsável por essa existência, deixando o outro livre para si mesmo.

Quando se tutela o outro, ocupa-se um lugar de saber sobre o modo como o outro deve comportar-se e tiramos dele o poder de decisão sobre sua vida, restringindo sua liberdade de decisão e julgamento, e assim assume-se um lugar de saber sobre o outro. Costa (2015, p 87) argumenta que este é justamente o modo como a psicologia tradicional vem se posicionando em sua prática clínica, como alguém que detém às chaves que solucionam o sofrimento psíquico. A possibilidade libertadora é a que Heidegger destaca a autonomia do outro, na forma de não tutelar

a sua responsabilidade de ser, mas acompanhar e fornecer espaço para que ele encontre os sentidos de suas decisões deixando-o livre para tomá-las.

A partir dessa compreensão, segundo Feijoo (2004), o psicólogo da perspectiva de base fenomenológico-existencial não trabalha com concepções de explicações baseadas em um modelo (histórico ou de qualquer outro tipo) de funcionamento mental, psíquico ou biológico. Essa psicologia, baseada no método fenomenológico, trabalha na clínica, procurando descrever o fenômeno que aparece, que é a vivência do cliente, que aparece pela fala dele, seu modo de expressão etc. O terapeuta, nessa perspectiva irá acompanhando o fenômeno, apontando-o para o cliente, em um processo de facilitador. Assim, a psicologia fenomenológico-existencial tem uma postura descritivo-fenomenológica e não explicativa, se interessando mais em deixar que os temas, sejam eles quais forem, surjam, e acompanhar o cliente em seu relato e como ele relata, ao invés de buscar uma causa através de uma resposta teórica ou do senso comum.

Na visão dessa abordagem, todo transtorno existencial deve ser considerado em sua singularidade, por mais que existam elementos apresentados pelos manuais de psicologia, psiquiatria etc. Por exemplo, os esquizofrênicos alucinam, mas o sentido das suas alucinações e os sofrimentos correspondentes são sempre singulares. E são esses sentidos que o psicólogo de base existencial irá buscar. Esses sentidos é que serão trabalhados e não a construção de uma teoria do “delírio”, nem a busca de sua correção.

À psicologia clínica fenomenológico-existencial [...] caberia recuperar o pensamento meditante, de modo a levar o homem a refletir sobre o sentido das coisas e, assim, não se perder no mundo [...] da impessoalidade, podendo resgatar a sua singularidade. Exercitando, ao máximo, uma preocupação libertadora, tal psicologia permitirá que o homem se dê ao seu modo, livre para si mesmo (FEIJOO, 2004, p. 15).

Conforme vimos anteriormente, Heidegger (apud FORGHIERI, 2002; PIETRANI, 2019) volta-se ao homem enquanto relação com o mundo, isto é o *Dasein* – ser – aí, relação esta que é sempre anterior a qualquer definição sobre o homem. Com base nessa noção, a clínica fenomenológico-existencial reconhece que o existir humano é da ordem do imprevisível e que, portanto, o homem está sempre se construindo, se fazendo, em um processo contínuo e mútuo de relação com o mundo. Nesse sentido, sendo imprevisibilidade, como poderia o terapeuta aconselhar, orientar o cliente? Sendo assim, não é pertinente aconselhar o outro em suas escolhas, ou

indicar caminhos, seja a partir de experiências próprias do terapeuta, seja por teorias científicas ou outras vias. É nesse sentido que pretendemos compreender como a clínica fenomenológico-existencial atua frente ao fenômeno da ideação suicida.

Resultado/Discussão: A ideação suicida pela perspectiva da clínica fenomenológico-existencial

Conforme vimos em nossa fundamentação teórica, a morte voluntária é um fenômeno que sempre esteve presente na existência humana e que envolve as determinações de uma época, bem como a decisão daquele que pretende pôr fim à própria vida. Pretendemos pensar a questão do suicídio, tomando como referência a psicologia fenomenológico-existencial, através do método fenomenológico e de sua visão de homem existencialista.

Nesse sentido, a partir do método fenomenológico, a decisão da pessoa pela morte voluntária é compreendida, colocando-se em suspenso conceitos e teorias sobre esse fenômeno presentes no contexto histórico atual, como uma patologia, menos ainda como algo que tem que ser interditado a qualquer custo. Mas, como uma questão a ser problematizada na clínica, buscando o sentido que se encontra envolvido nessa escolha, de forma singular. Dessa forma, a clínica fenomenológico-existencial sustentará sua prática na escuta daquele que procura ajuda por querer dar fim à sua vida em motivos e não em causas. Segundo Feijoo (2019), as causas são buscadas por uma ideia de causa e efeito, por influência do pensamento científico, pragmático, E, sendo assim, tende a se basear aquilo que o cliente traz em teorias ou concepções generalizadas sobre o suicídio. Buscar os motivos, para a autora, implica em olhar de forma singular para as motivações da pessoa, as relações que ela tece com sua escolha pela morte voluntária. A autora entende que não há apenas um sentido para a decisão de pôr fim à vida. Por isso, é que não podemos, na clínica, nos adiantar em interpretações, e afirmar que o suicídio é um ato de coragem ou de covardia, como frequentemente é dito pelo senso comum; ou como patologia, como defende as ciências da atualidade, ou qualquer outra explicação. O suicídio é um ato que tem sua complexidade e que, como tal, precisa ser acompanhado a partir da própria experiência daquele que busca cometer tal ato.

Uma explicação frequente no senso comum (e até em algumas teorias) para o suicídio é a falta de sentido na vida ou a busca por um sentido da existência humana. Nessa visão, o ser humano está, a todo o momento, buscando encontrar um sentido

para sua vida. Para a psicologia fenomenológico-existencial, não é possível tal diagnóstico prévio, uma vez que, sendo ela fenomenológica, irá partir do fenômeno, ou seja, daquilo que se apresenta na clínica e é mostrado pelo cliente. Isso também se aplica à ideação suicida. Faz-se necessário acompanhar em cada caso, em cada pessoa, em cada situação, as motivações – singulares – que levam a pessoa a fazer tal escolha.

Escolha não porque ela é livre para fazer o que quer, mas pela indeterminação da própria existência. Sendo sua existência indeterminada, ou seja, sempre em construção, o homem tem que lidar com as situações que lhe chegam do mundo a todo momento. Essa lida, o homem o faz em um campo de possibilidades.

A abordagem fenomenológico-existencial busca compreender a existência humana em sua totalidade, pelas possibilidades existenciais do homem como um *Dasein*, da liberdade de escolha do sujeito frente a essas possibilidades.

O psi de base existencial terá um olhar sobre a pessoa que procura a clínica com a temática da ideação suicida como alguém que, em algum momento, ficou restrito a uma única possibilidade, “esqueceu-se” que, como ser-no-mundo (*Dasein*), sua existência pode se dar sob várias formas. Com essas considerações, compreendemos que a atuação do psicólogo existencial, com base na fenomenologia e no existencialismo, se volta para levar o cliente, no espaço da clínica, de forma reflexiva, a pensar sobre o exercício de sua liberdade existencial que agora parece estar restrita a uma única possibilidade, a de antecipar sua morte.

Em uma perspectiva fenomenológico-existencial em psicologia, baseando-se em Heidegger, Feijoo (2018) considera que o modo de ser do homem se constrói por meio das determinações de sua época, ou seja, daquilo que sua época orienta como sendo adequado, bom, correto. Por isso, é que precisamos saber como cada época tomou o significado do suicídio para podermos compreender aquilo que estava envolvido nessa decisão. As reações da sociedade e as medidas legais impostas às pessoas que decidem se matar diferem em cada período, indo desde a valorização do ato até a punição, conforme vimos em nosso trabalho.

Com esse pano de fundo, podemos compreender tal tema na clínica, sabendo que ele é vivenciado pela pessoa também sob paradigmas diversos na perspectiva moderna, “que afirma veementemente que o suicídio se encontra na contramão da natureza humana, como uma única e definitiva verdade” (FEIJOO, 2018, 158-173). E, assim, iremos propiciar um espaço na clínica para buscar compreender aquilo que

está também envolvido na decisão daquela pessoa de pôr fim à vida, deixando que apareça como fenômeno, ou seja, que apareça ao modo que é.

Olhar para o suicídio na clínica existencial exige que o terapeuta tenha uma postura fenomenológica, ou seja, que tenha uma atitude antinatural. Uma atitude antinatural, implica em suspender qualquer perspectiva moral, teórica. Ou seja, implica em não *naturalizarmos* o fenômeno como coisa dada e acabada. Para poder sustentar uma atitude antinatural do fenômeno suicídio, segundo Feijoo (2016, p. 98), precisamos suspender fenomenologicamente as ideias que são comumente atribuídas ao ato de pôr fim à própria vida, para, dessa forma, podermos ficar mais próximos daquele que nos diz na clínica não querer mais viver. Significa receber e acompanhar essa pessoa sem a referência de uma moral normativa que diz o que é normal ou patológico, certo ou errado. Ao fazer assim, podemos acompanhar o fenômeno da ideação suicida sem partir de concepções acerca dela, tais como doença, patologia, controle etc. Assim, segundo também Lessa (2018), faz-se necessário estar com aquele que se encontra envolvido com o desejo de morrer, sem nenhum posicionamento pré-concebido, atravessado por regras morais ou estigmatizantes.

Portanto, na clínica fenomenológico-existencial, o terapeuta irá levar o cliente a refletir sobre a restrição existencial em que ele se encontra frente seu campo de possibilidades, como um ser livre. Ainda assim, não cabe ao terapeuta indicar caminhos ou soluções para um suposto desespero da pessoa frente à vida, e nem tampouco se colocar no lugar do saber absoluto, mas sim levar o cliente a refletir, diante da ideação suicida, sobre sua existência como um campo de possibilidades.

Trata-se de ir ao encontro do fenômeno no modo como ele se apresenta, seja qual modo for. Trata-se de compreender o fenômeno a partir do campo no qual ele se apresenta para a partir daí levar o indivíduo a refletir sobre o que de fato está em questão no seu sofrimento.

Porém, Pompeia e Sapienza (2011) alertam sobre a dificuldade do terapeuta em voltar-se ao fenômeno (no caso, a ideação suicida) como ele se apresenta, com as contradições que podem estar presentes ali, uma vez que a terapia moderna tende a olhar para as coisas sob a luz da racionalidade, do pragmatismo. Sobre isso, esses autores dizem que:

no enxergar sob a luz da razão, pode haver clareza, mas não há intimidade com o que é visto. E o saber se faz na intimidade. O saber é sempre um sabor, e o sabor é o gosto do que ingerimos, do que incorporamos, é algo que sentimos na boca. O saber se faz na proximidade (POMPEIA, SAPIENZA,2011, p. 151).

Portanto à psicoterapia fenomenológico-existencial cabe buscar o sentido das coisas para o cliente. No entanto é o cliente que traz a questão a ser discutida. Feijoo (2004) diz que ao terapeuta cabe: a serenidade, a aceitação e a compreensão, da seguinte forma: **serenidade** para possibilitar ao cliente pensar as suas questões; **aceitação**, no sentido de aceitar que a existência (no sentido da relação homem-mundo) pode ocorrer sob várias possibilidades, o que implica que ela pode se dar de formas contraditórias, de formas não muito claras etc. Aceitar o modo com que o cliente traz suas questões, partindo delas sem pré julgamentos ou juízos de valor de qualquer natureza; a **compreensão** significa buscar o sentido do que é trazido pelo cliente em sua singularidade, tecendo e destecendo junto com ele o “emaranhado” de sua existência que ali se apresenta. Com isso, compreendemos que o terapeuta, baseando-se no método fenomenológico e nas concepções existencialistas, deve deixar de lado as certezas sobre como deve ser sua atuação frente à temática da ideação suicida, abolir a ideia de verdades universais sobre essa questão e colocar-se junto às diversas possibilidades com que o fenômeno da ideação suicida pode se apresentar na clínica.

Consideramos oportuno concluir nossas reflexões com o conto de Machado de Assis (1876/ s/d), *To be or not to be*, em que esse grande autor descreve os esforços do personagem André Soares para atingir um cargo hierarquicamente mais alto em seu trabalho, que aumentaria sua renda. Como não consegue atingir seu objetivo, André lança-se então à decisão de pôr fim à vida. O personagem então toma a barca Rio-Niterói, com a intenção de se jogar na Baía de Guanabara. Contudo, já na barca, André Soares fica vislumbrado com a beleza de uma mulher e acaba por “esquecer” sua ideação suicida e a segue na chegada à Niterói, buscando fazer contato com ela. Ele consegue então conversar com ela e os dois iniciam um relacionamento. Machado (1876/s/d) termina seu conto, dizendo que “o suicídio depende mais das impressões e disposições do momento, que da gravidade do mal” (s/p). Com isso, ele parece nos alertar, tal qual a ideia que tentamos passar sobre a clínica fenomenológico-existencial frente a decisão de alguém pela morte voluntária, é que esta pode não estar atrelada

a causas precisas, mas as relações que se estabelecem entre o homem e o mundo, na lida dessa relação.

Considerações Finais

O objetivo deste estudo foi compreender a situação de ideação suicida pela perspectiva da psicologia fenomenológico-existencial na clínica. Ou seja, buscamos refletir sobre o fenômeno do suicídio presente na clínica psicoterápica, pela visão da psicologia de base existencial e compreender a ideação suicida pela perspectiva da psicologia fenomenológico-existencial.

Para atingir nosso objetivo, procuramos compreender inicialmente como o suicídio teve diversas concepções ao longo do tempo. Na era da Antiguidade greco-romana, o suicídio era encarado como uma possibilidade que fazia parte da vida, porém com motivações diversas, podendo ser visto até mesmo como um feito heroico. Na Idade Média, o suicídio já passa a receber status de pecado, pois, dentro da moral cristã, seria uma ofensa contra Deus. Assim, o suicídio passou a ter status de tabu, ganhando um estigma moral com conotações de comportamento desviante. Chegamos no contexto social-histórico atual, em que o suicídio é geralmente compreendido sob duas formas: uma que explica que tal ato provém de um transtorno psíquico, e outra que coloca no campo social a responsabilidade por tal ato do indivíduo. De qualquer modo, o suicídio passou a ser uma questão para as ciências médicas e as ciências humanas. Na contemporaneidade, o suicídio sofre fortes influências da Idade Média, quando o indivíduo que cometia o suicídio era visto como pecador, agora passa a ser visto como um doente, um ser transtornado.

Com o crescente número de estudos científicos sobre o suicídio, incluindo as ciências humanas, a bioética e a neurociência, tais questões passaram a ser analisadas sob o viés da psicopatologia e não mais como algo presente na existência. Vimos também que o suicídio foi tema constante na literatura, peças teatrais, etc. O suicídio foi contextualizado no livro *O mito de Sísifo*, de Albert Camus (2008), e também aparece nas obras de Shakespeare, *Hamlet* e em *Romeu e Julieta*, bem como se faz presente no romance *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe.

Em seguida, buscamos descrever alguns conceitos-chave que norteiam a psicologia de base fenomenológico-existencial, para, por fim, compreender como essa clínica atua em situações de ideação suicida. Baseando-se no Existencialismo, a

clínica fenomenológico-existencial reconhece que o homem está sempre se construindo, se fazendo, em um processo contínuo e mútuo de relação com o mundo. Sendo assim, não é apropriado o terapeuta aconselhar o outro em suas escolhas, ou indicar caminhos, quer seja de suas vivências, quer seja de teorias científicas ou ainda de concepções do senso comum.

É nesse sentido que compreendemos como a clínica fenomenológico-existencial atua frente ao fenômeno da ideação suicida. A posição ímpar ocupada por esta abordagem no cuidado com a ideação suicida diferencia-se da ciência moderna que busca a todo custo encontrar formas de manter à vida e evitar a todo custo a ocorrência da morte, recaindo assim em uma lógica de causalidade, buscando encontrar causas para poder evitar o suicídio. Porém a prática psicológica, baseada na compreensão da fenomenologia existencial, nos aproxima da experiência do outro, para que os conceitos anteriores sobre a questão do suicídio não ocupem o primeiro plano, se naturalizando. A fenomenologia existencial não se baseará em uma suposta estrutura mental humana para compreender o significado da experiência do gesto suicida para o outro. Para esse modelo de clínica, as teorias psicológicas não são suficientes para abranger a existência, pelo contrário, pode acabar por ignorá-la porque delimita, de antemão, a forma de observar um fenômeno.

No que se refere ao suicídio, procura-se manter uma atitude fenomenológica, de maneira que o que está envolvido quando alguém pensa em pôr fim à própria vida, possa aparecer. O método fenomenológico trabalha na clínica, procurando descrever o fenômeno do suicídio, acompanhando-o à medida que surge e, apontando-o para o cliente, procura buscar os sentidos que estão ali emaranhados.

Assim a Psicologia Fenomenológico-Existencial tem uma postura descritivo-existencial e não explicativa, procurando acompanhar a questão do suicídio tal como se apresenta, do que buscar uma causa através de uma resposta teórica ou do senso comum. Essa corrente da psicologia reconhece o caráter da indeterminação e imprevisibilidade do existir, portanto, não adota uma preocupação substitutiva, que vai tutelar o outro em suas escolhas. Centrando sua reflexão sobre a *existência humana*, ou seja, sobre a vivência do sujeito, o terapeuta adotará a preocupação libertadora, em que a pessoa, após realizar essa reflexão, se apropria daquilo que está em questão em sua ideação suicida e, assim, fica livre para realizar suas escolhas, agora com mais clareza.

Este trabalho, apesar de breve, despertou nesta autora a importância de se compreender o suicídio como um tema complexo, que não pode ser meramente reduzido à ideia de interditar ou não interditar. Foi possível verificar que tal temática, como tudo que diz respeito à existência humana, precisa ser “saboreada”, utilizando do termo de Pompeia e Sapienza (2011, p. 151). Ou seja, precisa ser refletida com proximidade por aquele que deseja terminar sua vida, olhar para a questão com intimidade, e não uma reflexão que apenas se dá pelo saber teórico e estatísticas.

Além disso, estudar o tema do suicídio pela visão da psicologia fenomenológico-existencial confirmou o interesse desta autora por essa abordagem. Confirmou também a compreensão da proposta de sua clínica, que busca se aproximar do homem e de suas relações, colocando-os em primeiro plano, o que vai na contramão de um mundo que, parece, cada vez mais, procura transformar aquilo que é da esfera humana em fórmulas químicas, em diagnósticos precisos e exatos, em dados estatísticos.

Referências

ASSIS, Machado de. *To be or not to be*. (Publicado originalmente em Jornal das Famílias, 1876). Disponível em: <http://www2.uol.com.br/machadodeassis>.

BACKES, Marcelo. Prefácio. In: GOETHE, Johann Wolfgang. **Os sofrimentos do jovem Werther** [recurso eletrônico] Porto Alegre: L&PM, 2010.

BERTOLOTE, José Manuel. **O suicídio e sua prevenção**. São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

BOTEGA, José Neury. **Crise Suicida**: avaliação e manejo. Porto Alegre: Artmed, 2015.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. 21^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2020. (Obra publicada originalmente em 1941).

CASSORLA, Roosevelt M.S. **O que é o suicídio**. São Paulo: Ed. Abril Cultural, Brasiliense, 1985.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo. A psicologia clínica e o pensamento de Heidegger em “Seminários de Zolikon”. **Revista Fenômeno Psi**. Ano 2, nº 01, RJ: Ed. IFEN, Maio/2004.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo. Suicídio: uma compreensão sob a ótica da psicologia existencial. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Rio de Janeiro, vol. 71, nº 1, p. 158-173. 2019.

FOGEL, Gilvan. **O homem doente do homem e a transfiguração da dor**. Rio de Janeiro, RJ: Mauad, 2010.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia Fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

GILES, T. R. **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: E.P.U., 1989.

LESSA, Maria Bernadete M. F. Um estudo sobre a moralização do suicídio. In: FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de (org.). **Suicídio: Entre o Morrer e o Viver**. 1ª ed. Rio de Janeiro, RJ: IFEN, 2018.

MARQUES, Ilda H. Sartre e o Existencialismo. **Metanóia**. Nº 1, p. 75-80. Julho, 1998.

MINOIS, George. **História do suicídio**: a sociedade ocidental diante da morte voluntária. (Tradução por Fernando Santos). São Paulo: Editora UNESP, 2018. (Obra publicada originalmente em 1995).

ONU – Organização das Nações Unidas. **Em Dia Mundial de Prevenção ao Suicídio, OMS ressalta importância de parcerias e ações de combate**. ONU News. Saúde. 2020. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/09/1725792>. Acesso em: 10/05/2021.

PENHA, José. **O que é Existencialismo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2001 (Coleção Primeiros Passos).

PIETRANI, Elina Eunice M. A psicologia fenomenológico-hermenêutica e a des-medida do trabalho na contemporaneidade. In: DIAMANTINO, R. M. **Conhecimento e diversidade em psicologia**: abordagens teóricas e empíricas. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.

PIETRANI, Elina Eunice M. **O processo de seleção de pessoal em Psicologia na era da técnica**: reflexões sob a perspectiva fenomenológico-hermenêutica. Dissertação de mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. 2014.

REHFELD, Ari. Fenomenologia e Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, Lílian M.; FUKUMITSU, Karina O. (org.) **Gestalt-terapia**: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas. São Paulo: Ed. Summus, 2013.

SARTRE, Jean Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. (Obra publicada originalmente em 1945).

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. Versão para E-book. 2000. Disponível em: www.ebooksbrasil.com. (Obra publicada originalmente em 1603).

SILVA, Viviane Franco. **Ideação suicida:** um estudo de caso-controle na comunidade. Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de Mestre em Ciências Médicas, área de concentração em Saúde Mental. Campinas, SP: UNICAMP, 2006.

YAZBECK, André C. A ressonância ética da negação em Sartre. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, vol. 7, n. 2, 2005, p. 141-164.

Capítulo 13

TECNOLOGIAS EDUCATIVAS NA PREVENÇÃO

DO BULLYING ESCOLAR

Edina Maria Araújo

Edmara Rodrigues de Mesquita

Samires de Sousa Nascimento

Antonio Alves de Sousa Filho

Maria Gabriele Oliveira Cardoso

Maria Santana do Nascimento

TECNOLOGIAS EDUCATIVAS NA PREVENÇÃO DO BULLYING ESCOLAR

Edina Maria Araújo

Enfermeira, Graduada em Enfermagem, e-mail: lanasofia11@gmail.com.

Edmara Rodrigues de Mesquita

Enfermeira, Graduada em Enfermagem, Pós-graduada em Gestão e Auditoria em Saúde; e-mail: edmara_mesquita@hotmail.com.

Samires de Sousa Nascimento

Enfermeira, Graduada em Enfermagem, Pós-graduada em neonatologia e pediatria; e-mail: samires.sousa.fj@gmail.com.

Antonio Alves de Sousa Filho

Enfermeiro, Graduado em Enfermagem, Pós-graduado em Urgência e Emergência, Obstetrícia e Neonatologia; e-mail: Antonio_filho@yahoo.com.br.

Maria Gabriele Oliveira Cardoso

Enfermeira, Graduada em Enfermagem; e-mail: enf.gabyoliveira@gmail.com.

Maria Santana do Nascimento

Enfermeira, Graduada em Enfermagem; e-mail: msantanamsn@gmail.com.

RESUMO

INTRODUÇÃO: O *bullying* é um fenômeno que suscita a apreensão de toda a sociedade. Deste modo, enquanto pais, educadores e profissionais, devemos reconhecer que a violência entre pares em meio escolar afeta gravemente o desenvolvimento saudável das crianças. **OBJETIVO:** Descrever uma intervenção realizada pelo o Grupo de Pesquisa e Extensão Saúde da Criança utilizando uma tecnologia educativa na prevenção do bullying escolar. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma pesquisa descritiva do tipo relato de experiência, realizada no mês de outubro de 2021, em uma escola de ensino fundamental, no município de Sobral-Ce, através de uma intervenção executada pelos discentes do Projeto de Pesquisa e Extensão Saúde da Criança, com crianças do 1º ano, na faixa etária de 5 a 7 anos, contando com a

participação de 30 crianças. **RESULTADOS:** Resultou-se que ao realizar ações que venham proteger as crianças e jovens atualmente favorecem uma potencialização de um futuro sem violência, através da existência de adultos equilibrados. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Assim, a criação e implementação de estratégias de prevenção do bullying em contexto escolar constitui-se como dever social, porquanto só através de diversificadas conjugações de esforços será possível contribuir para um amanhã mais seguro.

Palavras-chave: Bullying. Tecnologias educativas. Enfermagem.

ABSTRACT

INTRODUCTION: *Bullying* is a phenomenon that raises the apprehension of the whole society. Therefore, as parents, educators and professionals, we must recognize that peer violence in schools seriously affects the healthy development of children.

OBJECTIVE: To describe an intervention carried out by the Child Health Research and Extension Group using an educational technology to prevent school bullying.

METHODOLOGY: This is a descriptive research of the experience report type, carried out in October 2021, in an elementary school, in the municipality of Sobral-Ce, through an intervention carried out by the students of the Research and Extension Project Saúde da Criança, with 1st grade children, aged 5 to 7 years, with the participation of 30 children. **RESULTS:** It was found that by carrying out actions that protect children and young people today, they favor a potential for a future without violence, through the existence of balanced adults. **FINAL CONSIDERATIONS:** Thus, the creation and implementation of bullying prevention strategies in a school context constitutes a social duty, because only through diversified combinations of efforts will it be possible to contribute to a safer tomorrow.

Keywords: Bullying. Educational technologies. Nursing.

INTRODUÇÃO

O *bullying* é definido por Fante (2012) e Schultz *et al.* (2012), como uma prática de violência intencional que causa dor, angústia e sofrimento às suas vítimas. Apesar de se manifestar em diferentes contextos, pesquisadores de todo o mundo vem estudando o *bullying* especificamente na área escolar e nas relações entre os alunos (FANTE, 2012).

Salienta-se ainda, que essa forma de violência é tão antiga quanto às instituições escolares. Contudo, estudos nessa área ainda são recentes e tiveram início com Dan Olweus, pesquisador norueguês que, na década de 1970, iniciou uma investigação sobre o problema dos autores e suas vítimas no ambiente escolar (ALMEIDA; FERNÁNDEZ, 2014).

Mesmo demonstrando essa preocupação, foi somente na década de 1980, após o suicídio de três adolescentes entre 10 e 14 anos, no norte da Noruega,

possivelmente provocado por situações graves de *bullying*, que as instituições de ensino passaram a expressar interesse pelo tema (FANTE, 2012).

A palavra *bullying*, é derivada do verbo inglês *bully*, porém ainda não possui uma tradução para a Língua Portuguesa, mas vem sendo definida por vários autores como “valentão”, “tirano”, “uso da superioridade para intimidar alguém” (FANTE, 2012; SCHULTZ *et al.*, 2012).

Segundo Olweus (1993), a existência do *bullying* ocorre quando um estudante é vitimizado ou agredido, estando exposto repetidamente e ao longo do tempo a ações negativas por parte de um ou mais estudantes (denominados *bullies*), tendo como consequências dano e sofrimento aos alvos.

No *bullying*, as agressões podem ser de forma direta, em que a vítima vê e sabe quem é o agressor, ou indireta, em que a vítima é atacada, mas pode não saber quem é o agressor (OLWEUS, 1993). São formas diretas as agressões físicas (chutar, empurrar, bater, dar pontapés, roubar, empurrar, danificar pertences); verbais (xingar, ameaçar, insultar, humilhar, intimidar, discriminar); sexual (insinuar, assediar, abusar, violentar). São formas indiretas o isolamento ou exclusão da vítima, afetando o relacionamento entre pares, e o *cyberbullying* (ALMEIDA, 2014).

O *bullying* pode causar problemas sérios para quem sofre, pratica ou testemunha. Francisco e Libório (2009, p. 201) afirmam que, se “[...] por um lado, as vítimas sofrem uma deterioração da sua autoestima, e do conceito que têm de si, por outro, os agressores também precisam de auxílio, visto que sofrem grave deterioração de sua escala de valores [...].”

Mesmo provocando males, a família e a escola não têm valorizado a gravidade do problema, ao entenderem que as agressões são apenas brincadeiras típicas da idade (FANTE, 2012). Por isso, muitos professores não intervêm durante os episódios violentos presenciados no ambiente escolar, conforme estudo realizado no Canadá por Mishna *et al.* (2005).

A escola é um ambiente que propicia experiências de relações de hierarquia, vivências de igualdade e convívio com as diferenças, que influenciam a formação do indivíduo (CANTINI, 2004). Devido a essas características, Pietro, Yunes e Lima (2014), consideram que a escola deveria oportunizar a transformação das estruturas sociais, e não apenas responsabilizar-se pela difusão de conhecimentos. É de fundamental importância que a escola desenvolva estratégias eficazes para minimizar

as atitudes violentas que ocorrem em seu ambiente, a fim de melhorar as relações afetivas entre os alunos, favorecendo um ambiente leve e tranquilo.

Ao refletir acerca de um ambiente que venha a favorecer o aprendizado e o fortalecimento de relações de amizade e respeito, sugere-se o uso de tecnologias educativas, estas nos levam a repensar a inerente capacidade do ser humano em buscar inovações capazes de transformar seu cotidiano, aspirando uma melhor qualidade de vida e satisfação pessoal (FREITAS *et al.*, 2018).

Segundo Merhy (2005), as tecnologias podem ser classificadas em leve quando falamos de relações, acolhimento, gestão de serviços, em leve-dura quando nos referimos aos saberes bem estruturado, como o processo de ensino-aprendizagem e dura quando envolvem os equipamentos tecnológicos do tipo máquinas.

Neste sentido, a inserção dos jogos educativos no combate ao *bullying* é bastante útil no contexto escolar, esses jogos são trabalhados em equipe promovendo a interação e inclusão de todos, fortalecendo a incitação de um vínculo de confiança entre os participantes envolvidos. Kishimoto (1993) evidencia duas importantes funções para ele, quando utilizado como elemento pedagógico, sendo uma dimensão lúdica, ligada à diversão e ao prazer e a outra como complemento do conhecimento oferecido ao indivíduo.

Deste modo, os jogos educativos têm-se consolidado como um importante recurso pedagógico nas orientações de alunos no ambiente escolar. Diversos autores afirmam que a utilização desta estratégia na educação em saúde pode provocar mudanças de atitude e comportamento naqueles que o utilizam.

Os jogos educativos consistem em um processo iterativo que implica na aquisição de conhecimento, desenvolvimento de habilidades cognitivas e afetivas, favorecendo a troca de experiências e informações que possibilitam vivenciar o respeito mútuo por isto, eles são indicados nas discussões em grupo (D'AVILA; PUGGINA; FERNANDES, 2018).

Instrumentos lúdicos levam os participantes a utilizarem todos os sentidos para pensar, tornando possível relacionar o conteúdo e o significado da atividade com a realidade em que estão inseridos, para que, em seguida possam buscar a transformação da realidade. O objetivo do jogo como técnica de educação deve ser simples e motivador, com linguagem compreensível pelos usuários, que seu ritmo seja dado pelo grupo que joga, que não seja massificado e que seja criado para apoiar o desenvolvimento do tema educativo proposto (COSCRATO; PINA; MELLO, 2010).

Este relato de experiência tem sua justificativa, a fornecer subsídios para uma reflexão sobre as questões ligadas à violência escolar, ao mesmo tempo em que propõe um plano de ação para a intervenção e prevenção, auxiliando como o professor poderá trabalhar de forma lúdica no desenvolvimento das crianças.

Entretanto, este se dá por meio de uma interação entre ambientes físicos e sociais, sendo que os membros desta cultura, como pais, avós, educadores e outros, ajudem a proporcionar as crianças participação em diferentes atividades, promovendo diversas ações, levando a um saber, construído pela cultura e modificando-se por meio dos atos.

Corroborando com o exposto, ressalta-se que os acadêmicos de enfermagem ao desenvolver ações que possibilitem o fortalecimento de relações saudáveis entre os alunos, atuam minimizando as implicações do *bullying* no espaço escolar.

Para tanto foi importante identificar a importância que os alunos conferiram ao tema do *bullying* escolar, ensinando através de metodologias ativas lúdicas para garantir a compreensão da problemática no dia a dia destes escolares, incitando o fortalecimento da autoestima dos alunos, possibilitando-lhes condições para o desenvolvimento de comportamentos mais amigáveis e sadios. Evitando-se o uso de ações puramente punitivas e propiciando o enfrentamento adequado nos conflitos sociais, com senso crítico e a disposição dos alunos em promover relações saudáveis.

OBJETIVO

Descrever uma intervenção realizada pelo o Grupo de Pesquisa e Extensão Saúde da Criança utilizando uma tecnologia educativa na prevenção do *bullying* escolar.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritiva do tipo relato de experiência, realizada no mês de outubro de 2021, em uma escola de ensino fundamental, no município de Sobral-CE, através de uma intervenção executada pelos discentes do curso de Enfermagem membros do Grupo de Pesquisa e Extensão Saúde da Criança, com crianças do 1º ano, na faixa etária de 5 a 7 anos.

A estratégia utilizada foi uma dinâmica intitulada de “dado dos sentimentos” onde cada criança expressou seus sentimentos a cada jogada com o dado. A sessão educativa foi desenvolvida em três momentos.

No primeiro momento realizou-se uma visita a escola para conhecimento do público a ser abordado, a fim de iniciar um vínculo dos discentes com os escolares para garantir uma aceitação positiva da intervenção a ser executada.

No segundo momento os discentes realizaram a produção de uma tecnologia lúdica para favorecer uma melhor compreensão dos estudantes durante a intervenção. Para a construção do dado em escala natural, utilizou-se os seguintes materiais: uma caixa de papelão grande, cola, tesoura, EVA colorido, impressões coloridas dos sentimentos escolhidos. Que foram selecionados mediante a uma busca na internet, utilizando o buscador Google com os seguintes descriptores: Bullying, Violência Escolar e Tecnologias Educativas.

Os sites eram escolhidos pela qualidade das informações e linguagem mais próxima ao nosso público. Como referência de informações utilizou-se a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), dentre os outros materiais complementares para elaboração dos sentimentos a ser detalhados em cada face do dado e levantamento de informações, como figuras e desenhos que serviram como moldes para ilustrar o dado. Os sentimentos elegidos foram: Preocupado, Magoado, Feliz, Triste, Surpreso e Excluído.

A tecnologia educativa dado dos sentimentos, evidencia-se como importante para o ambiente escolar, pois lidamos com pessoas, vidas, sentimentos que merecem ser respeitados. Precisamos de conhecimentos para compreensão e divulgação do tema entre os alunos, e assim, clarear e encher mentes e corações de conscientização para que o *bullying* seja minimizado a cada dia.

Por fim, no terceiro momento realizou-se a intervenção com a mediação dos membros do Grupo de Pesquisa e Extensão Saúde da Criança. Iniciou-se com uma roda de conversa sobre a temática para facilitar o entendimento de cada estudante sobre o *bullying* e as consequências causadas no processo de aprendizagem do aluno, assim, depois desta breve compreensão, aplicou-se o dado dos sentimentos, favorecendo uma compreensão positiva dos estudantes presentes.

RESULTADOS

A intervenção contou com a participação de 30 crianças, onde detectou-se o desconhecimento da temática por parte dos escolares. Neste contexto, para Silva e Borges (2018), esse é um problema mundial presente em praticamente todas as instituições de ensino, mas que ainda é um problema desconhecido pelos pais e pela

sociedade em geral e por muitas vezes também é ignorado por parte das escolas brasileiras, o que implica o tal desconhecimento por parte de muitos escolares. Logo a comunidade escolar não se sente preparada para lidar com esse tipo de violência e escolhem se omitir quando a toda problemática enfrentada cotidianamente.

Mediante ao exposto acima, os interventionistas entraram em ação sanando as dúvidas dos estudantes, através da sessão educativa, que facilitou uma maior interação dos participantes. Corroborando com o exposto, para realizar esse trabalho as escolas precisam estar cientes do seu papel, o de ensinar e educar, disponibilizando profissionais que possam contribuir na execução de metas que resgatem a dignidade e a autoestima dos alunos envolvidos no processo de *bullying*.

As escolas devem oportunizar aos alunos o acesso a informações e discussões sobre o tema para que eles conheçam o fenômeno *bullying* e as suas consequências, com o objetivo de evitá-lo (SANTOS, 2015).

A escola não deve ser apenas um local de ensino formal, mas também de formação cidadã, de direitos e deveres, amizade, cooperação e solidariedade. Assim, salienta-se que ao utilizar estratégias educativas contra o *bullying*, é uma forma adequada e eficiente de diminuir a violência entre estudantes e na sociedade, mas, acima de tudo, é uma maneira de construir relações de respeito, diálogo, sensibilização com o diferente e de atenção para o que é de caráter individual (NARDI, 2015).

Sendo assim, as instituições de ensino precisam tratar deste problema tentando evitar que os alunos sejam atores do *bullying*. As escolas devem tratar deste assunto de forma interdisciplinar para tentar conscientizar e informar seus alunos sobre os problemas provocados pelo *bullying* na vida do educando e no processo de aprendizagem.

Após o momento de trocas de conhecimentos na sessão educativa, ficou comprovado que o *bullying* está presente na realidade destes escolares. Assim, buscou-se trabalhar essas habilidades para melhoria dos relacionamentos interpessoais, com o objetivo de ampliar a capacidade de interagir com o outro de forma positiva, respeitando as diferenças.

Neste sentido, evidenciou-se a relevância de estar utilizando tecnologias lúdicas através da dinâmica com o dado dos sentimentos, onde demonstrou-se a cada jogada, através de relatos, que é de costume suceder rotineiramente algum tipo de

desrespeito por parte de alguns colegas, demonstrando que esses atos acontecem com frequência.

Neste contexto, os acadêmicos de Enfermagem do estudo, estão cientes de que a prevenção se faz com a informação tanto para professores como para alunos, informando-os sobre os conceitos e formas de manifestação do *bullying*, promoção do entendimento de regras necessárias para a boa convivência social, respeito aos direitos do outro, atitudes proativas, colaborativas e solidárias que podem ser vinculados à atividades escolares e extracurriculares, desenvolvidas em projetos ou eventos, envolvendo os alunos e a comunidade escolar.

Ainda na mesma perspectiva, o Projeto Saúde da Criança, evidencia como medida necessária a utilização de estratégias educativas na escola, para que se obtenham resultados mais efetivos na prevenção ao *bullying*. Ao desenvolver jogos educativos cada criança faz a sua parte, assim, o grupo consegue chegar a um objetivo comum. Esta atitude gera um sentimento de coparticipação, a qual elimina o medo de rejeição e aumenta o desejo de se envolver.

A tecnologia dada dos sentimentos foi aplicada depois da abordagem sobre a temática, onde cada um jogou o dado dos sentimentos, cujas partes representam uma expressão (Preocupado, Magoado, Feliz, Triste, Surpreso e Excluído).

Com isso, cada criança, então, teve a oportunidade de relatar sobre uma situação em que esteve com aquele determinado estado de espírito. E por meio das respectivas histórias, os pequenos foram oportunizados a incitação de consciência sobre atitudes que podem gerar reações maléficas, dessa forma, são educados a não agir de determinada forma para não magoar o próximo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sessão educativa com os escolares contribuiu de forma positiva, pois houve sensibilização entre os estudantes, passando a conhecer *bullying* e aprendendo que esse tipo de atitude pode trazer inúmeros malefícios a vida futura.

Em suma, tratou-se de um projeto de extensão universitária, cientificamente relevante tendo em vista a necessidade de trabalhar ações que possibilitem o fortalecimento de relações saudáveis nas escolas a fim de minimizar os efeitos da violência no âmbito escolar e em se tratando de trabalho voltado à enfermagem, fortalecendo o profissional de enfermagem como um educador, pois aos alunos foi

proporcionada a oportunidade de compreender melhor o tema, internalizado o seu conteúdo para, a partir de então, pode aprimorar e aplicar em suas ações o que foi aprendido.

Não se mediou esforços para envolver toda a comunidade escolar e estes resultados serão colhidos ao longo do tempo. Pois deseja-se, naturalmente, que as escolas sejam ambientes seguros e saudáveis, onde crianças e adolescentes possam desenvolver, ao máximo, os seus potenciais intelectuais e sociais.

Portanto, não se pode admitir que sofram violências que lhes tragam danos físicos e/ou psicológicos, que testemunhem tais fatos e se calem para que não sejam também agredidos e acabem por achá-los banais ou, pior ainda, que diante da omissão e tolerância dos adultos, adotem comportamentos agressivos.

As repercussões e os comprometimentos psicológicos, físicos e sociais causados pela prática do *bullying* têm, segundo as pesquisas realizadas em todo o mundo, diminuindo bastante quando se aplica com critério as estratégias de intervenção indicadas, sendo, para isso, de fundamental importância a divulgação e absorção desse conhecimento e intervenção pedagógica nas escolas públicas e particulares.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. T. Recomendações para a prevenção do cyberbullying em contexto escolar: uma revisão comentada dos dados da investigação. *Educação, Ciência e Cultura*, Canoas, v. 19, n. 1, p. 77-91, 2014.

BRONFENBRENNER, U. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. Trad. Maria Adriana veríssimo Veronese. Posto Alegre: Artes Médicas, 1996 (original publicado em 1979).

CANTINI, N. Problematizando o “Bullying” para a realidade brasileira. 206 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2004.

FANTE, C. Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 7. ed. Campinas: verus, 2012.

FANTE, C.; PEDRA, J. A. Bullying escolar: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FRANCISCO, M. V.; LIBÓRIO, R. M. C. Um estudo sobre bullying entre escolares do Ensino Fundamental. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 200-207, 2009.

KISHIMOTO, T. M. *Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação*. São Paulo: Vozes, 1993.

MISHNA, F. et al. Teachers' understanding of bullying. *Canadian Journal of Education*, Canadá, v. 28, n. 4, p. 718-738, 2005.

OLWEUS, D. *Bullying at school*. Oxford USA: Blackwell Publishing, 1996.

PIETRO, A. T.; YUNES, M. A. M.; LIMA, E. D. Programa de intervenção psicoeducacional para professores: a escola como espaço de proteção em casos de abuso sexual. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, Ourense, v. 13, n. 1, p. 1-17, 2014.

SCHULTZ, N. C. W. et al. A compreensão sistêmica do bullying. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 17, n. 2, p. 247-254, abr./jun. 2012.

SILVA, L. O, BORGES, B. S. *Bullying nas escolas*. *Direito & Realidade*, v. 6, n. 5, p.27-40, 2018. Disponível em: < <http://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/direito-realidade/article/download/1279/887>>.

Capítulo 14

**PREVALÊNCIA DE INSEGURANÇA
ALIMENTAR EM UMA POPULAÇÃO ATENDIDA
POR UMA COZINHA COMUNITÁRIA EM UMA
CIDADE DO RIO GRANDE DO SUL**

Cecilia Vetturazzi

Joana Zanotti

Ana Lúcia Hoefel

PREVALÊNCIA DE INSEGURANÇA ALIMENTAR EM UMA POPULAÇÃO ATENDIDA POR UMA COZINHA COMUNITÁRIA EM UMA CIDADE DO RIO GRANDE DO SUL

Cecilia Vetturazzi

Acadêmica do curso de nutrição da FSG Centro Universitário

Joana Zanotti

Nutricionista com graduação em Nutrição pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Mestre em Ciências Médicas e doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Membro do corpo docente do Curso de Nutrição e de Enfermagem da FSG Centro Universitário de Caxias do Sul

Ana Lúcia Hoefel

Nutricionista com graduação em Nutrição pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Mestre em Bioquímica e doutora em Fisiologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Membro do corpo docente do Curso de Nutrição e de Gastronomia da FSG Centro Universitário de Caxias do Sul

Resumo: Falta de acesso à alimentação adequada e segura é denominada como insegurança alimentar (IA), que consiste em disponibilidade e/ou acesso limitado a alimentos nutricionalmente adequados e seguros. O presente estudo tem caráter epidemiológico transversal, cuja amostra eram famílias de comunidade de baixa renda atendidos por uma cozinha comunitária. A variável de exposição foi presença de IA, avaliada pela Escala Brasileira de Insegurança Alimentar (EBIA). Participaram do estudo 39 famílias. Encontrou-se elevada prevalência de IA (84,6%). A maioria (56,4%) delas tinha acesso a frutas, no entanto, as consumiam em um a dois dias na semana, apenas 12,8% referiram ingerir diariamente este grupo de alimentos. Constatou-se também que 82,4% das famílias que não apresentavam risco de Doença Cardiovascular (DCV), apresentavam IA, mas que, 86,4% das famílias tinham pelo menos um morador com risco de DCV. Os dados do presente estudo apontam que existe elevada presença de IA nessa população e faz-se necessário o estabelecimento de estratégias de educação alimentar e nutricional a fim de promover o aumento do consumo de frutas, verduras e legumes, uma vez que, as famílias, apesar de ter acesso a esses alimentos por meio da cozinha, não os consome de forma regular. A pandemia de COVID-19, iniciada após a coleta de dados desse

trabalho, pode agravado a situação, portanto, mais estudos com essa população devem ser conduzidos.

Palavras-chave: Insegurança Alimentar. Obesidade. Doenças Cardiovasculares

Abstract: The lack of access to adequate and safe food is called food insecurity (FI), which consists of limited availability and/or access to nutritionally adequate and safe food. The present study has a cross-sectional epidemiological character, whose sample consisted of families from low-income communities served by a community kitchen. The exposure variable was the presence of FI, assessed by the Brazilian Food Insecurity Scale (BFIS). Thirty-nine families participated in the study. A high prevalence of FI (84.6%) was found. Most (56.4%) of them had access to fruits, however, they consumed them one to two days a week, only 12.8% reported ingesting this food group daily. It was also found that 82.4% of the families that were not at risk of Cardiovascular Disease (CVD) had FI, but that 86.4% of the families had at least one resident at risk of CVD. The data from the present study indicate that there is a high presence of FI in this population and it is necessary to establish food and nutrition education strategies in order to promote increased consumption of fruits and vegetables, since families, despite having access to these foods through the kitchen, they do not consume them on a regular basis. The COVID-19 pandemic, which started after data collection from this work, may worsen the situation, therefore, more studies with this population should be conducted.

Keywords: Food insecurity. Obesity. Cardiovascular disease.

INTRODUÇÃO

Alimentação, particularmente a ingestão de nutrientes específicos, é fator determinante na promoção e manutenção da saúde em todas as fases da vida (MAHAN; ESCOTT-STUMP; RAYMOND, 2018). Assim, falta de acesso a alimentos, tanto quantitativa quanto qualitativamente, acaba tendo impacto sobre a saúde. (OTTEN; HELLWIG; MEYERS, 2006). Não ter acesso ou ter acesso a quantidades insuficientes de alimentos é definido como insegurança alimentar. (MORTAZAVI et al., 2021). Segurança alimentar diz respeito ao acesso (e disponibilidade) a alimentos saudáveis e seguros do ponto de vista higiênico-sanitário. Na atualidade, há uma grande prevalência dos chamados ‘desertos alimentares’ e dos “pântanos alimentares”, os primeiros são caracterizados por bairros com pouco ou nenhum acesso a alimentos saudáveis, enquanto os pântanos alimentares são bairros onde as opções de alimentos não saudáveis prevalecem sobre os saudáveis. (HONÓRIO et al., 2021). Acesso limitado ao comércio de alimentos saudáveis pode contribuir para a alta prevalência de obesidade em diversos países, tanto desenvolvidos, quanto em desenvolvimento. A esse acesso limitado tem-se denominado deserto alimentar, e, parece que há associação entre estes e a obesidade (WOODRUFF et al., 2020).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A transição nutricional a qual é decorrente das modificações que ocorrem na dieta e estilo de vida das populações, incluindo as transições demográfica, epidemiológica e alimentar e transforma os sistemas alimentares globalmente moldando a saúde pública e as mudanças ambientais (BODIRSKY et al., 2020). Os padrões alimentares alteraram, passando a ser predominantemente de alimentos ultraprocessados, ricos em açúcar e gordura. Essa transição nutricional leva a uma mudança nos padrões de adoecimentos das populações, passando para predominância de doenças crônicas relacionadas ao consumo excessivo, ao invés de doenças infecciosas relacionadas à desnutrição. (FAO - IFAD - UNICEF - WFP AND WHO, 2020). Associado ao aumento na incidência e prevalência de obesidade, tem-se outras doenças crônicas não transmissíveis relacionadas (DCNTs), tais como o diabetes mellitus tipo II, a hipertensão arterial sistêmica (HAS) e alguns tipos de câncer (RAUBER et al., 2018).

É direito de todos os cidadãos o acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer a satisfação de outras necessidades essenciais, respeitando a sua diversidade cultural e que sejam ambiental, econômica e socialmente sustentáveis. (FAO - IFAD - UNICEF - WFP AND WHO, 2020).

A definição de segurança alimentar se dá pela garantia de acesso contínuo à quantidade e qualidade suficientes de alimentos, obtidos por meio socialmente aceitável, de forma a assegurar o bem estar e a saúde dos indivíduos (GARZÓN-ORJUELA; MELGAR-QUIÑONEZ; ESLAVA-SCHMALBACH, 2018). Até o momento, diversos países desenvolveram instrumentos para avaliar a insegurança alimentar de suas populações. No Brasil, uma escala foi adaptada e desenvolvida para avaliar a insegurança alimentar, e foi denominada Escala Brasileira de Insegurança Alimentar (EBIA) (SEGALL-CORRÊA; MARIN-LEON, 2009).

A insegurança alimentar é historicamente associada com a desnutrição, porém, já foi relatado sua associação com desordens metabólicas como a obesidade e resistência à insulina (RASMUSSON et al., 2018; TESTA; JACKSON, 2018).

O objetivo do presente estudo foi avaliar a prevalência de insegurança alimentar e sua associação com o excesso de peso e suas comorbidades em

moradores de domicílios de uma comunidade de baixa renda atendida por uma cozinha comunitária de um dos bairros da cidade de Caxias do Sul/RS.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo epidemiológico observacional com delineamento transversal, composto por amostra selecionada por conveniência, com moradores de uma comunidade de baixa renda e atendidos por uma cozinha comunitária no município de Caxias do Sul. A cozinha comunitária é mantida pela Secretaria de Segurança Pública do Município de Caxias do Sul, banco de alimentos e uma empresa privada. É oferecido a refeição do almoço, o qual é constituído por carboidrato, leguminosa, complemento (geralmente vegetal cozido), proteína, salada e fruta como sobremesa, de segunda a sábado. Para a realização do estudo, solicitou-se anuência da Secretaria Municipal de Agricultura, Pecuária e Meio Ambiente (SMAPA), órgão responsável pela administração da cozinha. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética da FSG Centro Universitário e aprovado sob o número 3.494.733.

Participaram do estudo 39 famílias atendidas pela cozinha, as quais concordaram em participar por meio da assinatura do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). A coleta de dados ocorreu entre o segundo semestre de 2019 e o início do primeiro semestre de 2020, imediatamente antes da pandemia de COVID-19. Utilizou-se um questionário com questões de cunho sócio demográfico, bem como a coleta de medidas antropométricas (peso, estatura e perímetros da cintura, abdômen e quadril) e sobre insegurança alimentar (IA). A variável de exposição foi a presença de insegurança alimentar, avaliada pela EBIA, instrumento que foi validado no Brasil (SEGALL-CORRÊA; MARIN-LEON, 2009). A escala consiste em 15 perguntas fechadas, com respostas positivas e negativas, relativas à situação alimentar vivida no domicílio, nos três meses anteriores ao momento do questionário. Para as respostas positivas, atribui-se o valor 1 (um) e, para as negativas, o valor 0 (zero), resultando num escore com amplitude entre 0 a 15 pontos. A soma dos escores resultantes foi classificada em quatro níveis: 0 (zero), situação de segurança alimentar; entre 1 a 5 situação de insegurança alimentar leve; entre 6 a 10 situação de insegurança alimentar moderada e, 11 a 15 situação de insegurança alimentar grave. Além disso, posteriormente procedeu-se uma análise categorizando em presença de insegurança alimentar, sim/não. Nessa análise, a variável foi recategorizada em presença de segurança alimentar, quando a soma total foi igual a

0 (zero) e, insegurança alimentar, quando a soma foi ≥ 1 (SEGALL-CORRÊA; MARIN-LEON, 2009). As variáveis antropométricas utilizou-se a padronização proposta pelo SISVAN, onde peso e estatura foram utilizados para calcular Índice de Massa Corporal (IMC) e a razão cintura: quadril para calcular risco de doença cardiovascular (DCV) (BRASIL, 2011).

As variáveis categóricas foram descritas por frequência absoluta e relativa. A fim de identificar a normalidade das variáveis, utilizou-se o teste de Shapiro-Wilk. Já para análises bivariadas, realizou-se o Teste de Qui-Quadrado, com o objetivo de identificar a proporção entre o desfecho e as variáveis de exposição. As análises foram condensadas por meio do programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 25.0. Destaca-se que para todas as análises estatísticas considerou-se nível de significância de 5% ($p\leq 0,05$).

ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este estudo buscou avaliar a prevalência de insegurança alimentar em famílias que vivem em um bairro atendido por uma cozinha comunitária na cidade de Caxias do Sul. Foram incluídas no estudo 39 famílias residentes de uma comunidade de baixa renda na cidade de Caxias do Sul/RS. Dentre os indivíduos que responderam ao questionário, 68,4% pertenciam ao sexo feminino e 86,1% tinham de 18 a 59 anos (Tabela 1).

Tabela 1: Descrição das variáveis demográficas do morador que respondeu ao questionário em uma comunidade de baixa renda atendida pela cozinha comunitária de um bairro na cidade de Caxias do Sul/RS. 2020. (n=39).

| Variáveis | Total n (%) |
|----------------|-------------|
| Sexo | |
| Feminino | 26 (68,4) |
| Masculino | 12 (31,6) |
| Total | 38 (100,0) |
| Idade | |
| < 18 anos | 1 (2,6) |
| 18 a 59 anos | 33 (86,8) |
| ≥ 60 anos | 4 (10,5) |
| Total | 38 (100,0) |

Legenda: RS – Rio Grande do Sul. n – Frequência absoluta. % – Frequência relativa. Variáveis categóricas foram descritas por frequência absoluta e relativa. Elaborado pelos próprios autores (2020).

Em relação à presença de IA nas famílias, verificou-se elevada prevalência, em que a maioria (84,6%) demonstrava IA. Essa prevalência é maior do que o encontrado por Anschau, Matsuo e Segall-Correa, que encontraram prevalência de 74,6% de IA avaliando beneficiários do bolsa família no Paraná (ANSCHAU; MATSUO; SEGALL-CORRÊA, 2012) e, que o estudo de Sperandio e Priore que avaliaram IA entre beneficiários do bolsa família na cidade de Viçosa encontrando a prevalência de 72,8% (SPERANDIO; PRIORE, 2015). Mais recentemente, Godoy et al., avaliando a prevalência de insegurança alimentar entre trabalhadores de cozinhas comunitárias (manipuladores de alimentos), encontrou elevado percentual de IA (40,6% para homens e 43,8% para mulheres), ainda, no mesmo estudo, os autores encontraram diferenças nas prevalências de IA entre as regiões, sendo a mesma pior nas regiões Norte e Nordeste. (GODOY et al., 2017). Outro estudo, também realizado com manipuladores de alimentos de restaurantes populares, encontrou IA, classificação moderada 10,06% das mulheres e 12,92 dos homens (FIDELES et al., 2021).

Diversos países enfrentam o mesmo problema, nos Estados Unidos, uma pesquisa envolvendo famílias de baixa renda, encontrou 30,7% de insegurança alimentar (METALLINOS-KATSARAS; SHERRY; KALLIO, 2009). Outro estudo, este mais recente encontrou elevadas prevalências de IA em vários estados do território Americano, situação que ficou pior após a pandemia de COVID-19 (NILES et al., 2021). Estudos realizados no Brasil, em diferentes populações mostram prevalências elevadas, 34,8% em grávidas no Amazonas (RAMALHO et al., 2020), 58,3% no estado de Alagoas (COSTA et al., 2017) e 52,1% avaliando população da área rural do nordeste brasileiro. (DA SILVA et al., 2017). A Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (LOSAN) define o direito Humano à Alimentação e, portanto, o conceito de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), sendo este definido como a plena realização do direito de todos os cidadãos de terem acesso a alimentos de maneira regular e saudável, de modo que a garantia desse direito não afete nenhuma outra necessidade essencial, ou seja, que as pessoas não tenham que optar entre comer ou comprar produtos de higiene, por exemplo (BRASIL, 2006).

O excesso de peso e a obesidade são problemas crônicos de saúde cuja prevalência tem aumentado exponencialmente, independente de classe social, sexo

ou faixa etária, tendo sido denominados por pesquisadores como ‘globesidade’ (LIFSHITZ; LIFSHITZ, 2014). No presente estudo, embora não tenha sido encontrado significância estatística entre as variáveis antropométricas dos adultos, identificou-se que 63,9% das famílias tinham pelo menos uma pessoa com excesso de peso e 56,4% com risco muito elevado para DCV (Tabela 2) sem, no entanto, apresentarem significância estatística com o desfecho (IA) ($p=0,535$ para EP e $p=1,0$ para DCV). Alguns autores propõem que IA e obesidade podem estar associadas devido à ampla disponibilidade e o baixo custo de alimentos processados e altamente concentrados em energia, com adição de açúcares e gorduras. (DOMINGO et al., 2021; GUBERT et al., 2017; MYERS; MIRE; KATZMARZYK, 2020). O desenvolvimento tecnológico envolvendo a preparação e preservação de alimentos também contribuem para a produção e distribuição em massa de alimentos que aumentam a ingestão calórica (CUTLER; GLAESER; SHAPIRO, 2003; USDA, 2021). Assim, indivíduos que enfrentam insegurança alimentar podem recorrer ao consumo de itens calóricos relativamente baratos (GIBSON, 2003; USDA, 2021). A privação alimentar também pode estar associada ao estresse, ansiedade, depressão ou angústia, o que é associado a comportamentos de comer em excesso (MYERS, 2020). Avaliando a relação entre as variáveis de perfil antropométrico e IA, os dados apontam que 92,3% das famílias em que nenhum morador apresentava excesso de peso, tinham IA, enquanto que somente 78,3% das famílias com pelo menos uma pessoa com excesso de peso tinha IA. Ainda, verificou-se também que 82,4% das famílias que não apresentavam risco de DCV tinham IA, mas que 86,4% das famílias tinham pelo menos um morador que apresenta risco de DCV (Tabela 2).

Tabela 2: Descrição das variáveis nutricionais em relação à insegurança alimentar (IA) de moradores de uma comunidade de baixa renda atendida pela cozinha comunitária de um bairro na cidade de Caxias do Sul/RS. 2020. (n=39).

| Variáveis | Total n (%) | IA n (%) | p-valor |
|-----------------------|-------------|-----------|---------|
| EP | | | 0,535 |
| Não | 13 (36,1) | 12 (92,3) | |
| Sim | 23 (63,9) | 18 (78,3) | |
| Total | 36 (100,0) | | |
| Risco para DCV | | | 1,000 |
| Sem risco | 17 (43,6) | 14 (82,4) | |

| | | | |
|---------------------|------------|-----------|--|
| Risco muito elevado | 22 (56,4) | 19 (86,4) | |
| Total | 39 (100,0) | | |

Legenda: RS – Rio Grande do Sul. IA – Insegurança alimentar. EP – Excesso de peso. DCV – Doenças cardiovasculares. n – Frequência absoluta. % – Frequência relativa. Variáveis categóricas foram descritas por frequência absoluta e relativa. Elaborado pelos próprios autores (2020).

Com relação às variáveis socioeconômicas e hábitos de vida, observou-se que 64,1% dos participantes que responderam ao questionário estavam solteiros e 56,4% das residências eram compostas por até 3 pessoas. Embora não tenha sido evidenciado significância estatística, chama a atenção os resultados sobre escolaridade, onde a maioria das pessoas (74,4%) possuíam ensino fundamental incompleto (Tabela 3). Estudo realizado por Sperandio e Priore (2015) apontou que maiores prevalências de IA foram encontradas nos domicílios cujas mães apresentavam menor escolaridade (SPERANDIO; PRIORE, 2015) e, no estudo de Costa et al., onde maiores prevalências de IA foram encontradas nas com menos escolaridade (significância estatística com ≤ 4 anos de estudo) (COSTA et al., 2017). Ainda, com relação à variável sobre ocupação do chefe da família, observou-se um grande contingente de pessoas com trabalho informal (28,2%) e desempregados (56,4%), sem, no entanto, apresentar significância estatística. Observou-se ainda, elevada prevalência de inatividade física entre a população estudada (92,3%). Embora esse resultado não tenha mostrado significância estatística com o desfecho, esse dado é de extrema relevância, dado que o sedentarismo é fator de risco para obesidade e doenças crônicas. (ALTMAN; HEFLIN; PATNAIK, 2020; FREESE et al., 2017; JOMAA et al., 2017).

Tabela 3: Descrição das variáveis socioeconômicas, de histórico clínico e hábitos de vida em relação à insegurança alimentar (IA) de moradores de uma comunidade de baixa renda atendida pela cozinha comunitária de um bairro na cidade de Caxias do Sul/RS. 2020. (n=39).

| Variáveis | Total n (%) | IA n (%) | p-valor* |
|---------------------|-------------|-----------|----------|
| Estado civil | | | 0,546 |
| Solteiro | 25 (64,1) | 20 (80,0) | |
| Casado | 5 (12,8) | 4 (80,0) | |
| Viúvo | 5 (12,8) | 5 (100,0) | |
| Separado/Divorciado | 4 (10,3) | 4 (100,0) | |

| | | | |
|-------------------------------------|-----------|-----------|-------|
| Número de pessoas | | | 1,000 |
| Até 3 pessoas | 22 (56,4) | 19 (86,4) | |
| > 3 pessoas | 17 (43,6) | 14 (82,4) | |
| Escolaridade do chef da casa | | | 0,659 |
| Analfabeto | 1 (2,6) | 1 (100,0) | |
| Fundamental incompleto | 28 (71,8) | 24 (85,7) | |
| Fundamental completo | 6 (15,4) | 5 (83,3) | 1,000 |
| Ensino médio incompleto | 2 (5,1) | 1 (50,0) | |
| Ensino médio completo | 2 (5,1) | 2 (100,0) | |
| Ocupação chefe da família | | | 0,506 |
| Trabalho formal/informal | 11 (28,2) | 10 (90,9) | |
| Desempregado | 22 (10,3) | 17 (77,3) | |
| Aposentado | 2 (5,1) | 2 (100,0) | |
| INSS (encostado) | 4 (10,3) | 4 (100,0) | |
| Atividade física | | | 1,000 |
| Não | 36 (92,3) | 30 (83,3) | |
| Sim | 3 (7,7) | 3 (100,0) | |
| Água em casa | | | 1,000 |
| Tratada SAMAE | 38 (97,4) | 32 (84,2) | |
| De poço, fervida | 1 (2,6) | 1 (100,0) | |

Legenda: RS – Rio Grande do Sul. INSS - Instituto Nacional do Seguro Social. IA – Insegurança alimentar. SAMAE - Serviço Autônomo Municipal de Água e Esgoto. n – Frequência absoluta. % – Frequência relativa. Variáveis categóricas foram descritas por frequência absoluta e relativa. p – Índice de Significância Estatística. Teste Qui-Quadrado para heterogeneidade. Valores em negrito são estatisticamente significativos ($p \leq 0,05$). Elaborado pelos próprios autores (2020).

Com relação às variáveis de alimentação, a maioria (56,4%) das famílias tinha acesso a frutas, legumes e verduras, o que se deve ao fato de que as famílias os recebem diariamente, junto com as refeições na cozinha, a qual faz parte da rede abastecida pelo banco de alimentos. As famílias buscam as refeições, e as consomem em casa. É enviado quantidade de alimentos para o número de moradores cadastrados por casa, sendo 1 proteína para cada morador, mais carboidratos, leguminosas, verduras e legumes e, como sobremesa, frutas. No entanto, apesar de receber frutas, legumes e verduras diariamente, na maioria das famílias, os mesmos

eram consumidos, em apenas 1 ou 2 dias da semana no caso das frutas e, 3 a 4 dias no caso das verduras e legumes. Avaliando as respostas sobre o consumo de legumes e verduras, 38,5% das famílias referiram ter a disposição legumes e verduras e os consumiam de três a quatro dias na semana, sendo que, somente 15,4% delas responderam que tinham esses alimentos a disposição todos os dias, não apresentando significância estatística com a variável desfecho ($p=0,086$). Quanto ao consumo de macarrão tipo instantâneo, 41% das pessoas quase nunca consumiam e apenas 2,6 % o ingeriam diariamente. (Tabela 4). Identificou-se que ter à disposição frutas como fator associado ao desfecho, houve menor prevalência de IA nas famílias que relataram consumir frutas todos os dias (40,0%) ($p=0,043$). Embora não tenha apresentado significância estatística, há uma menor prevalência de IA nas famílias que consumem legumes e verduras diariamente (50%) ($p=0,086$) (Tabela 4). Na revisão de literatura realizada por Rocha e colaboradores observou-se que a IA estava associada a variáveis diversas e, entre elas excesso de peso e inadequação no consumo de frutas e hortaliças (ROCHA et al., 2016).

No presente estudo observou-se que consumo de embutidos ocorre entre ‘quase nunca’ e ‘1 a 2 vezes na semana’ em 58,9% das famílias. Ainda, com relação ao consumo de refrigerante, 82,1% das famílias respondeu ‘nunca’, ‘quase nunca’ e ‘1 a 2 vezes na semana’. As famílias avaliadas nesse estudo apresentam extrema vulnerabilidade social, o que pode estar refletindo no baixo consumo de refrigerante, e, por outro lado, no maior consumo de suco em pó, que ocorre entre ‘3 a 4 vezes na semana’, ‘5 a 6 vezes na semana’ e ‘todos os dias’ em 66,9% das famílias. A situação de IA reflete a iniquidade social, que, por sua vez determina diferenças no acesso aos alimentos e à alimentação de qualidade. Em geral, a IA acomete mais os domicílios pertencentes ao pior extrato socioeconômico, com menor renda per capita e cujo responsável tem baixa escolaridade (COSTA et al., 2017; FACCHINI et al., 2014; FERREIRA et al., 2014; POBLACION et al., 2014).

Além disso, o consumo de guloseimas, também foi referido pelas famílias, em sua maioria, como nunca ou quase nunca. Ainda, salgadinho 66,7% das famílias referiram ‘nunca’ e ‘quase nunca’, balas 61,5% referiram ‘nunca’ e ‘quase nunca’ e biscoito recheado 76,9% referiram ‘nunca’ e ‘quase nunca’ para essa questão. Fato que também pode estar associado às condições socioeconômicas extremas.

Tabela 4: Descrição das variáveis de disposição e consumo alimentar em relação à insegurança alimentar (IA) de moradores de uma comunidade de baixa renda atendida pela cozinha comunitária de um bairro na cidade de Caxias do Sul/RS. 2020. (n=39).

| Variáveis | Total n (%) | IA n (%) | p-valor* |
|---------------------------|-------------|------------|--------------|
| Disposição de: | | | |
| Frutas | | | 0,043 |
| Nunca | 0 (0,0) | 0 (0,0) | |
| Quase nunca | 4 (10,3) | 4 (100,0) | |
| 1 a 2 dias na semana | 22 (56,4) | 19 (86,4) | |
| 3 a 4 dias na semana | 7 (17,9) | 7 (100,0) | |
| 5 a 6 dias na semana | 1 (2,6) | 1 (100,0) | |
| Todos os dias | 5 (12,8) | 2 (40,0) | |
| Legumes e verduras | | | 0,086 |
| Nunca | 3 (7,7) | 3 (100,0) | |
| Quase nunca | 0 (0,0) | 0 (0,0) | |
| 1 a 2 dias na semana | 12 (30,8) | 11 (91,7) | |
| 3 a 4 dias na semana | 15 (38,5) | 14 (93,3) | |
| 5 a 6 dias na semana | 3 (7,7) | 2 (66,7) | |
| Todos os dias | 6 (15,4) | 3 (50,0) | |
| Consome: | | | |
| Embutidos | | | 0,150 |
| Nunca | 0 (0,0) | 0 (0,0) | |
| Quase nunca | 10 (25,6) | 7 (70,0) | |
| 1 a 2 dias na semana | 13 (33,3) | 13 (100,0) | |
| 3 a 4 dias na semana | 10 (25,6) | 8 (80,0) | |
| 5 a 6 dias na semana | 2 (5,1) | 1 (50,0) | |
| Todos os dias | 4 (10,3) | 4 (100,0) | |
| Refrigerantes | | | 0,145 |
| Nunca | 1 (2,6) | 1 (100,0) | |
| Quase nunca | 20 (51,3) | 17 (85,0) | |
| 1 a 2 dias na semana | 11 (28,2) | 9 (81,8) | |
| 3 a 4 dias na semana | 6 (15,4) | 6 (100,0) | |
| 5 a 6 dias na semana | 1 (2,6) | 0 (0,0) | |
| Todos os dias | 0 (0,0) | 0 (0,0) | |
| Suco em pó | | | 0,387 |
| Nunca | 1 (2,6) | 1 (100,0) | |

| | | | |
|-----------------------------------|-----------|-----------|-------|
| Quase nunca | 8 (20,5) | 7 (87,5) | |
| 1 a 2 dias na semana | 4 (10,3) | 4 (100,0) | |
| 3 a 4 dias na semana | 9 (23,1) | 9 (100,0) | |
| 5 a 6 dias na semana | 4 (10,3) | 3 (75,0) | |
| Todos os dias | 13 (33,3) | 9 (69,2) | |
| Macarrão tipo Nissin Miojo | | | 0,095 |
| Nunca | 9 (23,1) | 8 (88,9) | |
| Quase nunca | 16 (41,0) | 15 (93,8) | |
| 1 a 2 dias na semana | 9 (23,1) | 5 (55,6) | |
| 3 a 4 dias na semana | 4 (10,3) | 4 (100,0) | |
| 5 a 6 dias na semana | 0 (0,0) | 0 (0,0) | |
| Todos os dias | 1 (2,6) | 1 (100,0) | 0,606 |
| Salgadinho | | | |
| Nunca | 4 (10,3) | 4 (100,0) | |
| Quase nunca | 22 (56,4) | 18 (81,8) | |
| 1 a 2 dias na semana | 6 (15,4) | 5 (83,3) | |
| 3 a 4 dias na semana | 3 (7,7) | 3 (100,0) | |
| 5 a 6 dias na semana | 2 (5,1) | 1 (50,0) | |
| Todos os dias | 2 (5,1) | 2 (100,0) | |
| Balas | | | 0,461 |
| Nunca | 2 (5,1) | 2 (100,0) | |
| Quase nunca | 22 (56,4) | 18 (81,8) | |
| 1 a 2 dias na semana | 3 (7,7) | 3 (100,0) | |
| 3 a 4 dias na semana | 4 (10,3) | 4 (100,0) | |
| 5 a 6 dias na semana | 3 (7,7) | 3 (100,0) | |
| Todos os dias | 5 (12,8) | 3 (60,0) | |
| Biscoito recheado | | | 0,554 |
| Nunca | 5 (12,8) | 5 (100,0) | |
| Quase nunca | 25 (64,1) | 19 (76,0) | |
| 1 a 2 dias na semana | 4 (10,3) | 4 (100,0) | |
| 3 a 4 dias na semana | 2 (5,1) | 2 (100,0) | |
| 5 a 6 dias na semana | 1 (2,6) | 1 (100,0) | |
| Todos os dias | 2 (5,1) | 2 (100,0) | |
| Refeições apenas no RC | | | 1,000 |
| Não | 4 (10,3) | 3 (75,0) | |

| | | | |
|-----|-----------|-----------|--|
| Sim | 35 (89,7) | 30 (85,7) | |
|-----|-----------|-----------|--|

Legenda: RS – Rio Grande do Sul. IA – Insegurança alimentar. RC – Restaurante Comunitário. n – Frequência absoluta. % – Frequência relativa. Variáveis categóricas foram descritas por frequência absoluta e relativa. p – Índice de Significância Estatística. Teste Qui-Quadrado para heterogeneidade. Valores em negrito são estatisticamente significativos ($p \leq 0,05$). Elaborado pelos próprios autores (2020).

Os resultados do presente estudo devem ser discutidos com algumas limitações. Inicialmente, as dificuldades logísticas, sendo que o número de famílias atendidas pela cozinha é de aproximadamente 70, sendo que só foi possível a entrevista com 39 delas, fato que ocorreu porque não era possível realizar a coleta de dados quando a refeição era pega por algum membro menor de idade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que há elevada prevalência de IA nas famílias atendidas pela cozinha comunitária. Além disso o excesso de peso e a obesidade, embora não tenham mostrado significância estatística com a variável desfecho (IA) encontram-se presentes e exigem que seja dada atenção especial, pois levam ao surgimento de comorbidades importantes que podem agravar a situação. Observou-se que há um baixo consumo de frutas, verduras e legumes apesar de esses alimentos serem ofertados nas refeições da cozinha comunitária. Assim, estratégias de educação alimentar e nutricional (EAN) devem ser implantadas para essa população a fim de promover o aumento do consumo desse grupo de alimentos e a conscientização sobre uma alimentação saudável. Os resultados sugerem, ainda, a necessidade de abordagens multidisciplinares para abordar a associação entre insegurança alimentar e as variáveis avaliadas nesse estudo. Além disso, salienta-se que, esses dados foram coletados antes da pandemia de COVID-19, e a grave situação econômica do país pode ter agravado a situação, portanto, mais estudos com essa população devem ser conduzidos.

REFERÊNCIAS

ALTMAN, C. E.; HEFLIN, C. M.; PATNAIK, H. A. Disability, food insecurity by nativity, citizenship, and duration. *SSM - population health*, v. 10, p. 100550, 31 jan. 2020.

ANSCHAU, F. R.; MATSUO, T.; SEGALL-CORRÊA, A. M. Insegurança alimentar entre beneficiários de programas de transferência de renda. *Revista de Nutrição*, v. 25, n. 2, p. 177–189, 2012.

BODIRSKY, B. L. et al. The ongoing nutrition transition thwarts long-term targets for food security, public health and environmental protection. *Scientific Reports*, v. 10, n. 1, p. 1–14, 2020.

BRASIL. Lei no 11.346, de 15 de setembro de 2006Brasil, 2006.

BRASIL. Orientações básicas para a coleta, processamento, análise de dados e informação em serviços de saúdeVigilância Alimentar e Nutricional. Brasília: 2011. Disponível em:
[<https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/orientacoes_coleta_analise_dados_antropometricos.pdf>](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/orientacoes_coleta_analise_dados_antropometricos.pdf).

COSTA, N. S. et al. Prevalence and factors associated with food insecurity in the context of the economic crisis in Brazil. *Current Developments in Nutrition*, v. 1, n. 10, p. 1–9, 2017.

CUTLER, D. M.; GLAESER, E. L.; SHAPIRO, J. M. Why Have Americans Become More Obese? *Journal of Economic Perspectives*, v. 17, n. 3, p. 93–118, 2003.

DA SILVA, E. K. P. et al. Insegurança alimentar em comunidades rurais no Nordeste brasileiro: faz diferença ser quilombola? *Cadernos de saude publica*, v. 33, n. 4, p. 1–14, 2017.

DOMINGO, A. et al. Predictors of household food insecurity and relationship with obesity in First Nations communities in British Columbia, Manitoba, Alberta and Ontario. *Public Health Nutrition*, v. 24, n. 5, p. 1021–1033, 2021.

FACCHINI, L. et al. Insegurança alimentar no Nordeste e Sul do Brasil: magnitude, fatores associados e padrões de renda per capita para redução das iniquidades. *Cad Saude Publica*, v. 30, n. 1, p. 161–174, 2014.

FAO - IFAD - UNICEF - WFP AND WHO. *The State of Food Security and Nutrition in the World (SOFI) Transforming Food Systems for Affordable Healthy Diets*. Roma: 2020.

FERREIRA, H. et al. Prevalência e fatores associados à Insegurança Alimentar e Nutricional em famílias dos municípios do norte de Alagoas, Brasil, 2010. *Cien Saude Colet*, v. 19, n. 5, p. 1533–1542, 2014.

FIDELES, I. C. et al. Food insecurity among low-income food handlers: A nationwide study in Brazilian community restaurants. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 18, n. 3, p. 1–16, 2021.

FRANKLIN, B. et al. Exploring mediators of food insecurity and obesity: a review of recent literature. *Journal of community health*, v. 37, n. 1, p. 253–264, fev. 2012.

FREESE, J. et al. The sedentary (r)evolution: Have we lost our metabolic flexibility? F1000Research, v. 6, p. 1787, 2 out. 2017.

GARZÓN-ORJUELA, N.; MELGAR-QUIÑONEZ, H.; ESLAVA-SCHMALBACH, J. Escala Basada en la Experiencia de Inseguridad Alimentaria (FIES) en Colombia, Guatemala y México. Salud Pública de México, v. 60, n. 5, sep- oct, p. 510, 2018.

GIBSON, D. Food Stamp Program Participation is Positively Related to Obesity in Low Income Women. The Journal of Nutrition, v. 133, n. 7, p. 2225–2231, 1 jul. 2003.

GODOY, K. et al. Food insecurity and nutritional status of individuals in a socially vulnerable situation in Brazil. Ciencia e Saude Coletiva, v. 22, n. 2, p. 607–616, 2017.

GUBERT, M. B. et al. Understanding the double burden of malnutrition in food insecure households in Brazil. Maternal and Child Nutrition, v. 13, n. 3, p. 1–9, 2017.

HONÓRIO, O. S. et al. Social inequalities in the surrounding areas of food deserts and food swamps in a Brazilian metropolis. International Journal for Equity in Health, v. 20, n. 1, p. 1–8, 2021.

JOMAA, L. et al. Household food insecurity is associated with a higher burden of obesity and risk of dietary inadequacies among mothers in Beirut, Lebanon. BMC public health, v. 17, n. 1, p. 567, 12 jun. 2017.

LARSON, N. I.; STORY, M. T. Food insecurity and weight status among U.S. children and families: a review of the literature. American journal of preventive medicine, v. 40, n. 2, p. 166–173, fev. 2011.

LIFSHITZ, F.; LIFSHITZ, J. Z. Globesity: the root causes of the obesity epidemic in the USA and now worldwide. Pediatric endocrinology reviews : PER, v. 12, n. 1, p. 17–34, set. 2014.

MAHAN, K.; ESCOTT-STUMP, S.; RAYMOND, J. L. Krause: Alimentos, Nutrição e Dietoterapia. Rio de Janeiro: Elsevier, 2018.

METALLINOS-KATSARAS, E.; SHERRY, B.; KALLIO, J. Food insecurity is associated with overweight in children younger than 5 years of age. Journal of the American Dietetic Association, v. 109, n. 10, p. 1790–1794, out. 2009.

MORTAZAVI, Z. et al. Nutritional education and its effects on household food insecurity in Southeastern Iran. Iranian Journal of Public Health, v. 50, n. 4, p. 798–805, 2021.

MYERS, C. A. Food Insecurity and Psychological Distress: a Review of the Recent Literature. Current nutrition reports, v. 9, n. 2, p. 107–118, jun. 2020.

MYERS, C. A.; MIRE, E. F.; KATZMARZYK, P. T. Trends in Adiposity and Food Insecurity Among US Adults. JAMA Netw Open, v. 3, n. 8, p. e2012767, 2020.

NILES, M. T. et al. A Multi-Site Analysis of the Prevalence of Food Insecurity in the United States, before and during the COVID-19 Pandemic. *Current Developments in Nutrition*, v. 5, n. 12, p. 1–18, 2021.

OTTEN, J. J.; HELLWIG, J. P.; MEYERS, L. D. Dietary reference intakes: the essential guide to nutrient requirements. *Dietary Reference Intakes*. 2006. Disponível em: <www.iom.edu>.

POBLACION, A. et al. Insegurança alimentar em domicílios brasileiros com crianças menores de cinco anos. *Cad Saúde Pública*, v. 30, n. 5, p. 1067–1078, 2014.

RAMALHO, A. A. et al. Food insecurity during pregnancy in a maternal– infant cohort in brazilian western Amazon. *Nutrients*, v. 12, n. 6, p. 1–15, 2020.

RASMUSSON, G. et al. Household food insecurity is associated with binge-eating disorder and obesity. *International Journal of Eating Disorders*, n. November, p. 1–8, 2018.

RAUBER, F. et al. Ultra-Processed Food Consumption and Chronic Non-Communicable Diseases-Related Dietary Nutrient Profile in the UK (2008(-)2014). *Nutrients*, v. 10, n. 5, maio 2018.

ROCHA, N. P. et al. Associação de insegurança alimentar e nutricional com fatores de risco cardiometabólicos na infância e adolescência: uma revisão sistemática. *Revista Paulista de Pediatria*, v. 34, n. 2, p. 225–233, 2016.

SEGALL-CORRÊA, A. M.; MARIN-LEON, L. A Segurança Alimentar no Brasil: Proposição e Usos da Escala Brasileira de Medida da Insegurança Alimentar (EBIA) de 2003 a 2009. *Segurança Alimentar e Nutricional*, v. 16, n. 2, p. 19, 2009.

SPERANDIO, N.; PRIORE, S. E. Prevalência de insegurança alimentar domiciliar e fatores associados em famílias com pré-escolares, beneficiárias do Programa Bolsa Família em Viçosa, Minas Gerais, Brasil. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 24, n. 4, p. 739–748, 2015.

TESTA, A.; JACKSON, D. B. Food Insecurity, Food Deserts, and Waist-to-Height Ratio: Variation by Sex and Race/Ethnicity. *Journal of Community Health*, v. 0, n. 0, p. 1–7, 2018.

USDA. Mapping Food Deserts in the United States. 2021. Disponível em: <<https://www.ers.usda.gov/amber-waves/2011/december/data-feature-mapping-food-deserts-in-the-us/>>.

WOODRUFF, R. C. et al. Comparing food desert residents with non-food desert residents on grocery shopping behaviours, diet and BMI: results from a propensity score analysis. *Public health nutrition*, v. 23, n. 5, p. 806–811, abr. 2020.

Capítulo 15

**EDUCAÇÃO BRASILEIRA: A INCLUSÃO
SOCIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL E SEUS
AVANÇOS NO SÉCULO XXI**

Antonio Rodrigues Sobrinho Filho

EDUCAÇÃO BRASILEIRA: A INCLUSÃO SOCIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL E SEUS AVANÇOS NO SÉCULO XXI

Antonio Rodrigues Sobrinho Filho

Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ciências da Teologia-Enber University/ antoniopedagogoufcg@gmail.com

Resumo: A educação brasileira envolve qualquer forma de educação, seja ela da criança, ou seja, ela na família é considerada a primeira etapa da educação básica, ajudando no desenvolvimento psicológico, físico e social da criança. A Educação inclusiva, portanto, busca em um mesmo contexto escolar realmente buscar incluir todos os estudantes e mesmo diante das suas dificuldades, dessa forma as diferenças deixarem de ser vistas como problemas e sim uma diversidade e variedade, e por fim, gerar uma visão de mundo a partir da realidade social, com base nesta questão, tratou-se de um estudo de modalidade exploratória, com delimitação de busca a partir de descriptores sobre o assunto, por meio de uma pesquisa bibliográfica, tendo como o objetivo geral de analisar a inclusão social na educação infantil brasileira. Dessa forma a educação infantil é importante, pois cria condições para que as crianças possam conhecer e descobrir novos valores, costumes e sentimentos, através das interações sociais, e nos processos de socialização, o desenvolvimento da identidade e da autonomia. Fundamentados nisso, precisa-se fortalecer a ideia de que não basta o conhecimento dos direitos legais dos diferentes à educação, mas também o reconhecimento por parte da família das capacidades alternativas de elaboração e construção de conhecimentos, exigindo que o ambiente escolar cumpra seu papel educativo também para essas pessoas. Contudo a Educação Infantil é um processo cultural, onde através de métodos, didáticas e técnicas específicas pode-se conduzir os alunos a desenvolverem relações de respeito mútuo, justiça, solidariedade, igualdade, tornando a criança pensante e responsável pelas suas ações e atitudes na sociedade.

Palavras-chave: Inclusão, Educação Infantil, ensino-aprendizagem.

Abstract: Brazilian education involves any form of education, be it for the child, that is, it in the family is considered the first stage of basic education, helping the child's psychological, physical and social development. Inclusive education, therefore, seeks in the same school context to really seek to include all students and even in the face of their difficulties, in this way the differences are no longer seen as problems, but rather a diversity and variety, and finally, generate a vision of world from the social reality, based on this question, it was an exploratory study, with search delimitation from descriptors on the subject, through a bibliographic research, with the general objective of analyzing the inclusion in Brazilian early childhood education. In this way, early childhood education is important, as it creates conditions for children to know and discover new values, customs and feelings, through social interactions, and in the processes of socialization, the development of identity and autonomy. Based on this,

it is necessary to strengthen the idea that knowledge of the legal rights of different people to education is not enough, but also the recognition by the family of the alternative capacities of elaboration and construction of knowledge, demanding that the school environment fulfills its educational role. also for these people. However, Early Childhood Education is a cultural process, where through methods, didactics and specific techniques can lead students to develop relationships of mutual respect, justice, solidarity, equality, making the child thinking and responsible for their actions and attitudes in society.

Keywords: Inclusion, Early Childhood Education, teaching-learning.

INTRODUÇÃO

A Educação Inclusiva é uma área de conhecimento que visa explorar o potencial das pessoas com deficiência. Iniciou-se no Brasil no século XIX, com a criação de instituições educacionais especializadas voltadas para o abrigo, a assistência e a terapia de seus educandos, como por exemplo o Imperial Instituto dos Meninos Cegos (1854) e o Imperial Instituto de Surdos-Mudos (1857), atualmente, conhecidos como, Instituto Benjamim Constant e Instituto Nacional de Educação para Surdos (INES); havia neste período um leque de expressões para nomear tanto o trabalho realizado quanto este público alvo atendida nestas instituições, e em nossos dia a dia, que se refletem nos meios sociais (DRAGO, 2011).

A LDB define a educação infantil como primeira etapa da educação básica que tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social.

Considerando a proposta brasileira de educação inclusiva referendada em suas políticas educacionais, entendemos que o movimento de reorganização da escola tem que começar na educação infantil, pois esta é a primeira etapa da educação.

Os primeiros anos de vida de uma criança são muito importantes, pois estes são cruciais para o desenvolvimento da inteligência, da personalidade, da linguagem, da socialização. A aceleração do desenvolvimento cerebral durante o primeiro ano de vida é a mais rápida e mais extensiva do que qualquer outra etapa. Entretanto, o desenvolvimento do cérebro é muito mais vulnerável nessa etapa e pode ser afetado por fatores nutricionais, pela qualidade da interação, do cuidado e da estimulação proporcionada à criança (MENDES, 2010).

O MEC, com suas políticas, tem trabalhado na perspectiva de que os Estados e municípios brasileiros introduzam em suas escolas e instituições de educação

infantil todas as crianças com deficiência. Nesse sentido, tem firmado parcerias e convênios para garantir o atendimento desses alunos.

O ministério contribui com ações de sensibilização da sociedade e da comunidade escolar, disponibiliza material de apoio e tecnologia educacional que contribua com a prática pedagógica e de gestão escolar, e também com a produção e disseminação de conhecimento sobre a educação inclusiva (DUTRA, 2012).

Dentre os objetivos a serem alcançados em uma educação inclusiva, o preconceito é uma das barreiras difíceis de solucionar. Este se baseia num prejulgamento, formado independentemente da experiência e da reflexão, que predispõe o indivíduo preconceituoso a agir em relação a alvos específicos (CROCHÍK, 2006).

Essa predisposição oferece resistência à mudança e se caracteriza como defesa psicológica contra um sentimento de ameaça de origem social. O preconceito é uma atitude que, dependendo das condições, pode manter-se oculta e estar em contradição com a ação manifesta.

A Educação inclusiva, portanto, busca em um mesmo contexto escolar realmente buscar incluir todos os estudantes e mesmo diante das suas dificuldades, dessa forma as diferenças deixarem de ser vistas como problemas e sim uma diversidade e variedade, e por fim, gerar uma visão de mundo a partir da realidade social, sendo www.conedu.com.br que todas as crianças estejam fazendo parte deste meio, como se tem como seu direito de se tornar uma pessoa capaz de exercer a sua cidadania.

Dentro deste contexto o presente trabalho tem por objetivo geral realizar analisar a inclusão social na educação infantil brasileira, visto que se tratou de um estudo de modalidade exploratória, de base bibliográfica com delimitação de busca a partir de descritores sobre o assunto.

Desenvolveu-se o trabalho tomando como fonte de dados à literatura sobre o tema: Educação inclusiva na educação infantil. Nesse aspecto, se faz pertinente iniciar com as conceituações sobre os temas: educação inclusiva, educação infantil, crianças. Para tanto, a pesquisa teve como aporte a revisão bibliográfica sobre o assunto.

Buscou-se para a exploração do tema, em princípio, a aproximação a partir da prospecção de materiais capazes de informar a real importância do problema. Foi realizado o estudo por meio do levantamento bibliográfico em bases de serviços online

Google, complementados por livros de leitura corrente ou de referência e relatórios de eventos científicos. Como procedimentos para a coleta de dados foi por meio do uso de palavras chaves incluíram combinações dos seguintes termos: “educação inclusiva” e “educação infantil”, “crianças” e “inclusão”, entre outras. Após a localização das fontes realizou-se uma leitura analisando os temas pertinentes a cada trabalho e conciliando aos objetivos do presente estudo. O texto centra-se inicialmente nas discussões a educação infantil, seguida da participação da família na inclusão social e por fim algumas considerações finais, deixando em aberto pra novas pesquisas científicas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Educação Infantil e inclusiva

A educação infantil envolve qualquer forma de educação da criança, ou seja, ela na família, comunidade, sociedade e cultura. É por meio da inserção desta criança nas instituições de educação infantil, além de está garantido o seu direito está melhorando as relações éticas e morais, com base nos valores da sociedade na qual está inserida, formando assim o seu aspectos cognitivos e meta-cognitivos.

Na Lei de Diretrizes da Educação Básica- LDB, lei 9394/96, no Art.29 defende que:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 2016,p.13).

Dessa forma a educação infantil é importante, pois cria condições para que as crianças possam conhecer e descobrir novos valores, costumes e sentimentos, através das interações sociais, e nos processos de socialização, o desenvolvimento da identidade e da autonomia.

Contudo trazer a participação de todas as crianças, por meio da convivência entre elas, por meio das brincadeiras e da interação entre os mesmos, resulta na melhoria do processo de aprendizagem das mesmas. Para isto pode ser usado durante as práticas pedagógicas o lúdico.

O lúdico é considerado prazeroso devido a sua capacidade de absorver a criança de forma única, até mesmo se sentido mais a vontade e liberdade pra se expressar os seus sentimentos e emoções durante os processos educativos. Segundo

Kishimoto (2001), enquanto a criança brinca sua atenção foca na atividade em si e não em seus efeitos. Podendo dessa forma ser atingindo os objetivos dos princípios educativos exigidos para capacidades de cada criança.

Por outro lado, a educação inclusiva implica numa possibilidade legal de educação para todos, isto é a educação que visa reverter o percurso da exclusão, ao criar condições, estruturas e espaços para uma diversidade de educandos. Assim, a escola será inclusiva quando conseguir transformar não apenas a rede física, mas, a postura, as atitudes e a mentalidade dos educadores e da comunidade escolar em geral, para aprender a lidar com o heterogêneo e conviver naturalmente com as diferenças (ARNAIS, 2003).

Dessa forma muitas crianças que possuem dificuldades de aprendizagem podem ser atendidas e incluídas nos processos educativos. Sendo que a educação inclusiva é centrada em um paradigma educacional que procura garantir todos os direitos humanos e sociais.

2.2 Participação da família na inclusão social

A família e a escola são dois elementos muito importantes na socialização do indivíduo na medida em que os dois influenciam diretamente na educação do mesmo, contribuindo para a sua realização pessoal e concretização dos seus projetos ao longo da sua. A escola e a família, assim como outras instituições, vêm passando por profundas transformações ao longo da História.

Com isso é interessante perceber que os processos de formação se dão não apenas nos estabelecimentos de ensino como também em outras ambientes culturais como a família, visto que a família é o centro essencial para o desenvolvimento de todo ser humano. A família é considerada a base da sociedade, conforme alude o art. 226 da Constituição Federal de 1988.

As crianças e os adolescentes com deficiência possuem o direito à educação inclusiva, que respeite sua dignidade e, a comunidade familiar deve participar dessa formação intelectual e lutar pela inclusão das crianças com deficiência na sociedade.

De acordo com o artigo 205 da Constituição Federal:

[...] a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1998, p.76).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no seu artigo 4º discorre:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à liberdade e a convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990, p.1).

O dever da família com o processo de escolaridade e a importância de sua presença no contexto escolar também é reconhecida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que no seu artigo 1º trás o seguinte discurso:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 2016, p.8).

É a efetivação do direito de qualquer aluno se matricular em escola regular de ensino sem qualquer tipo de restrição. Considerando o princípio constitucional da igualação de direitos (Constituição federal, art. 5º), o conceito de escolar está vinculado, por extensão, ao conjunto de princípios que fundamentam a organização do ensino, nos termos do art. 3º da Lei Diretrizes e Bases, inclusive ao conceito de permanência na escola.

Fundamentados nisso, precisa-se fortalecer a ideia de que não basta o conhecimento dos direitos legais dos diferentes à educação, mas também o reconhecimento por parte da família das capacidades alternativas de elaboração e construção de conhecimentos, exigindo que o ambiente escolar cumpra seu papel educativo também para essas pessoas.

Diante do exposto, pode-se afirmar que para poder construir uma sociedade inclusiva é preciso antes de qualquer coisa, de toda uma mudança no pensamento e na estrutura da sociedade e isso requer certo tempo. O que irá realmente nortear e desencadear essas mudanças é a real aceitação das pessoas com deficiências e essa aceitação deve começar pela própria família. O papel da família tem sido cada vez mais ressaltado, no sentido de ser parceira vital no processo de integração (social, escolar) da pessoa com deficiência.

Os pais são os principais associados no tocante às necessidades educativas especiais de seus filhos, e a eles deve-se competir, na medida do possível, a escolha do tipo de educação que desejam seja dada aos seus filhos (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994).

Contudo, não se pode transferir toda a responsabilidade a família. O poder público, por sua vez deve assegurar todo o atendimento nas áreas de saúde e educação para a pessoa com NEE, e deve, além disso, promover a saúde física e

mental não só da criança, mas de toda a família. Cabe ao poder público garantir um sistema de serviços que promova a saúde física e mental das famílias, em geral, e das crianças e jovens e adultos, em especial (ARANHA, 2004, p.8). Partindo desse mesmo pensamento pode-se afirmar que:

A família precisa contar com serviços de avaliação e de atendimento às crianças e adolescentes, de forma que possam frequentar os espaços comuns da comunidade desde o início de suas vidas, juntamente com seus familiares. Quando a família não conta com esses serviços, tende a se fechar e a manter a criança em casa, iniciando um processo de segregação e de exclusão já no contexto familiar (ARANHA, 2004, p.8).

Uma das dificuldades dessas famílias é a de encontrar um ambiente escolar efetivamente preparado, as constantes recusas e eventuais preconceitos que ainda se fazem presentes, mas os responsáveis por essas crianças e jovens não podem desanimar no cumprimento do seu dever: o de garantir aos seus filhos o direito de acesso à educação. O poder público, por sua vez, deve garantir assistência ao atendimento em todas as áreas, especialmente na saúde e educação promovendo a saúde física e mental não só da criança, mas de toda a família.

Conforme os estudos analisados podemos observar, que a educação inclusiva interfere no processo de aprendizagem e que exige de melhorias nas práticas educativas, que busquem alcançar todos os objetivos da educação inclusiva.

Estudos como o de Tessaro e cols. (2005, p.113), segundo os quais “a maioria dos alunos sem necessidades especiais é favorável à inclusão escolar e possuem sentimentos positivos em relação a esse processo”, dessa forma todos os alunos acabam se tornando seres mais humanizados, a partir da convivência deles nos ambientes escolares, segundo Fumegalli (2012) afirma que:

O aluno com deficiência não deve ser estigmatizado como aquele que não aprende e que não tem nada a ensinar. Como cidadãos de uma sociedade que se diz democrática, devesse defender uma educação de qualidade e igualitária. E essa procura não permite qualquer exclusão, sob qualquer pretexto (FUMEGALLI, 2012, p.45).

Dessa forma o sujeito social pertencente à sociedade e perante os seus direitos democráticos, todo e qualquer aluno com alma deficiência tem que ser incluída na escola como base na forma da lei, sem qualquer tipo de discriminação e indiferenças seja elas com base na cor, raça e sexo, formando assim uma sociedade mais igualitária possível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Infantil é um processo cultural, onde através de métodos, didáticas e técnicas específicas pode-se conduzir os alunos a desenvolver relações de respeito mútuo, justiça, solidariedade, igualdade, tornando a criança pensante e responsável pelas suas ações e atitudes na sociedade.

A inclusão de crianças com deficiência na Educação Infantil é uma prática nova, apesar desta modalidade educacional ter sido incorporada ao ensino básico a mais de uma década, cresce a cada ano, mesmo com as dificuldades apresentadas durante o processo de ensino e aprendizagem.

Portanto a inserção de todas as crianças na educação infantil é garantida por lei, inclusive as que apresentem qualquer tipo de deficiência, assim como qualquer aluno. A partir daí cria-se um ambiente escolar que não venha excluir nem um aluno. Por outro lado, os educadores, ao valorizar a heterogeneidade existente na sala de aula, o ambiente fica favorável na melhoria da qualidade de ensino de todos os envolvidos no processo da educação inclusiva, valorizando assim, ao mesmo tempo a diversidade de etnias e culturas existente, tudo isto pela busca na melhoria do ensino inclusivo.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Salete Fábio. **E24e Educação inclusiva.** V. 4. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004. 17 p. Disponível em: . Acesso em: 06 de set. 2017.

ARNAIS, Magali Ap. de O. **Novas Crianças na Creche: o desafio da inclusão.** 2003. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2003.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: edição Câmara, 1988. Disponível em: < <http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/15261> >. Acesso em: 04 jan. 2020.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990.** Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

BRASIL. **LDB: lei de diretrizes e bases da educação nacional: lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** ed. 13, 2016. Disponível em: . Acesso em: 06 de set. 2017.

CROCHÍK, J. L.. **Preconceito, Indivíduo e Cultura** (3a ed). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, Ministério da Educação **A atenção educacional à diversidade: escolas inclusivas**. R. Blanco, In: Marchesi, A., Tedesco, J.C., e A sala de aula inclusiva. Daniela Alonso e S. Casarin. São Paulo. No prelo 2012. Disponível em: . Acesso em: 06 de set. 2017.

DRAGO, Rogério. **Inclusão na Educação Infantil**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

DUTRA, Claudia. **Algumas questões sobre o Moberal e a Revista Criança**. Entrevista Março, 2012.

KISHIMOTO, Tizuko Mochida (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MENDES, E. G. **Inclusão marco zero: começando pelas creches**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2010. TESSARO, N. S., Waricoda, A. S; Rosa, A. P. B; Bolonheis, R. C. (2005).

Inclusão escolar: **visão de alunos sem necessidades educativas especiais**. Psicologia Escolar e Educacional, 9(1), 105- 116.

Capítulo 16

**A CRIOTERAPIA COMO UMA ALTERNATIVA
NO TRATAMENTO DA MUCOSITE ORAL EM
PACIENTES ONCOLÓGICOS**

Daniel Vitor da Silva Monteiro

Lorena Modesto da Silva

Gabriel Tavares Garcia

Edileuda Da Silva

A CRIOTERAPIA COMO UMA ALTERNATIVA NO TRATAMENTO DA MUCOSITE ORAL EM PACIENTES ONCOLÓGICOS

Daniel Vitor da Silva Monteiro

Farmacêutico, Pós Graduando em Oncologia Multiprofissional.

Lorena Modesto da Silva

Nutricionista, Pós Graduanda em Nutrição Clínica e Terapia Nutricional.

Gabriel Tavares Garcia

Fisioterapeuta, Mestrando em Oncologia e Ciências Médicas.

Edileuda Da Silva

Nutricionista, Especialista em Oncologia.

Resumo: O processo de desenvolvimento da carcinogênese ocorre através da influência de fatores genéticos e ambientais ao longo do tempo. Cerca de 50% dos casos são provocados decorrentes de agressões ambientais, como os hábitos alimentares e comportamento social do indivíduo. O câncer requer tratamentos específicos, como cirurgia, quimioterapia, radioterapia, entre outros, podendo ocorrer de forma combinada ou isolada. Devido os tratamentos utilizados no tratamento oncológico serem extremamente agressivos, frequentemente são acompanhados por efeitos colaterais. Desse modo, a crioterapia se torna um método para prevenção ou redução da gravidade das complicações orais em pacientes submetidos à quimioterapia. Esse estudo trata-se de uma revisão sistemática, com base em artigos da língua portuguesa, inglesa e espanhola nas plataformas digitais, que abordam o tema discutido. A mucosite é uma das principais reações adversas relacionadas ao trato gastrointestinal que debilita o paciente, impactando diretamente na ingestão alimentar, é definida como uma lesão inflamatória que pode chegar na forma ulcerativa, sendo a mais severa quando tem-se a exposição de estroma do tecido conjuntivo subjacente. A literatura demonstra que a utilização da crioterapia se demonstra como uma alternativa eficaz e profilática no tratamento da mucosite oral contribuindo de forma significativa na redução da forma mais grave da doença, além de ser um tratamento de baixo custo sem causar efeitos colaterais.

Palavras-chave: Mucosite. Oncologia. Crioterapia.

Abstract: The developmental process of carcinogenesis occurs through the influence of genetic and environmental factors over time. About 50% of cases are caused by environmental aggressions, such as eating habits and social behavior of the individual.

Cancer requires specific treatments, such as surgery, chemotherapy, radiotherapy, among others, and can occur in combination or in isolation. Because the treatments used in cancer treatment are extremely aggressive, they are often accompanied by side effects. Thus, cryotherapy becomes a method for preventing or reducing the severity of oral complications in patients undergoing chemotherapy. This study is a systematic review, based on articles in Portuguese, English and Spanish on digital platforms, which address the topic discussed. Mucositis is one of the main adverse reactions related to the gastrointestinal tract that weakens the patient, directly impacting food intake, it is defined as an inflammatory lesion that can reach the ulcerative form, being the most severe when there is tissue stroma exposure. underlying connective. The literature demonstrates that the use of cryotherapy proves to be an effective and prophylactic alternative in the treatment of oral mucositis, contributing significantly to the reduction of the most severe form of the disease, in addition to being a low-cost treatment without causing side effects.

Keywords: Mucositis. Oncology. Cryotherapy.

INTRODUÇÃO

O processo de desenvolvimento da carcinogênese ocorre através da influência de fatores genéticos e ambientais ao longo do tempo. Cerca de 50% dos casos são provocados decorrentes de agressões ambientais, como os hábitos alimentares e comportamento social do indivíduo. O desenvolvimento e a progressão dos tumores se dá por um processo que possui vários estágios. Geralmente o câncer se manifesta após 20-30 anos de exposição a agentes cancerígenos (MACHLOWSKA, 2020).

O câncer requer tratamentos específicos, como cirurgia, quimioterapia, radioterapia, entre outros, podendo ocorrer de forma combinada ou isolada. A radioterapia e a quimioterapia promovem a inibição da divisão celular, no entanto sua área de atuação atinge não somente as células cancerígenas, mas também, células saudáveis do nosso corpo, ocasionando reações adversas, algumas dessas, na cavidade oral (SPEZZIA, 2016).

A incidência dessas reações está principalmente relacionada ao mecanismo de ação sistêmica das drogas, estando associado aos fatores individuais/intrínsecos de cada indivíduo, refletindo diretamente na intensidade das reações. O câncer atualmente é uma doença cuja incidência das reações adversas se encontra presente na maioria dos casos, além disso, quanto maior o grau de severidade das reações, mais grave se torna o quadro clínico desse paciente (TAVARES, 2020).

A mucosite oral é uma das reações adversas mais comuns em pacientes oncológicos que pode afetar a cavidade oral; faríngea, laríngea e regiões esofágicas;

além de outras áreas do trato gastrointestinal, essa inflamação da mucosa pode resultar em eritema, dor, inchaço e ulceração. Essa condição pode exigir auxílio de analgésicos opióides, diminuição da ingesta alimentar e qualidade de vida, além da interrupção no tratamento quando em estágio avançado. A mucosite severa pode se tornar um fator limitante da dose para quimioterapia, dessa forma, afetando negativamente o prognóstico. Seu agravamento pode exigir hospitalização, aumentando os custos totais do tratamento quando associado a suplementos nutricionais (REIS, 2016).

Devido os tratamentos utilizados no tratamento oncológico serem extremamente agressivos, desse modo, frequentemente são acompanhados por efeitos colaterais, portanto, a equipe multidisciplinar deve atuar na sua prevenção. Uma vez que a mucosite ocorre, o tratamento de suporte se torna uma opção perante a ausência de métodos de tratamento eficazes. Dessa forma, as diretrizes da National Comprehensive Cancer Network enfatiza que a prevenção da mucosite oral é uma alta prioridade (National Comprehensive Rede do Câncer, 2017).

Desse modo, a crioterapia se torna um método para prevenção ou redução da gravidade das complicações orais em pacientes submetidos à quimioterapia. A crioterapia oral é realizada por meio de uma hipotermia local durante a quimioterapia, o resfriamento da mucosa pode ocorrer através de gelo, sorvete ou água gelada, resultando na vasoconstrição dos vasos sanguíneos. A crioterapia oral induz a redução da função metabólica das células epiteliais e basais na mucosa, tornando-as menos suscetíveis aos danos causados pela quimioterapia (PARK, 2019).

Diante do exposto, esse trabalho teve como objetivo avaliar a eficácia da crioterapia como um tratamento alternativo em pacientes acometidos por mucosite oral em tratamento antineoplásico.

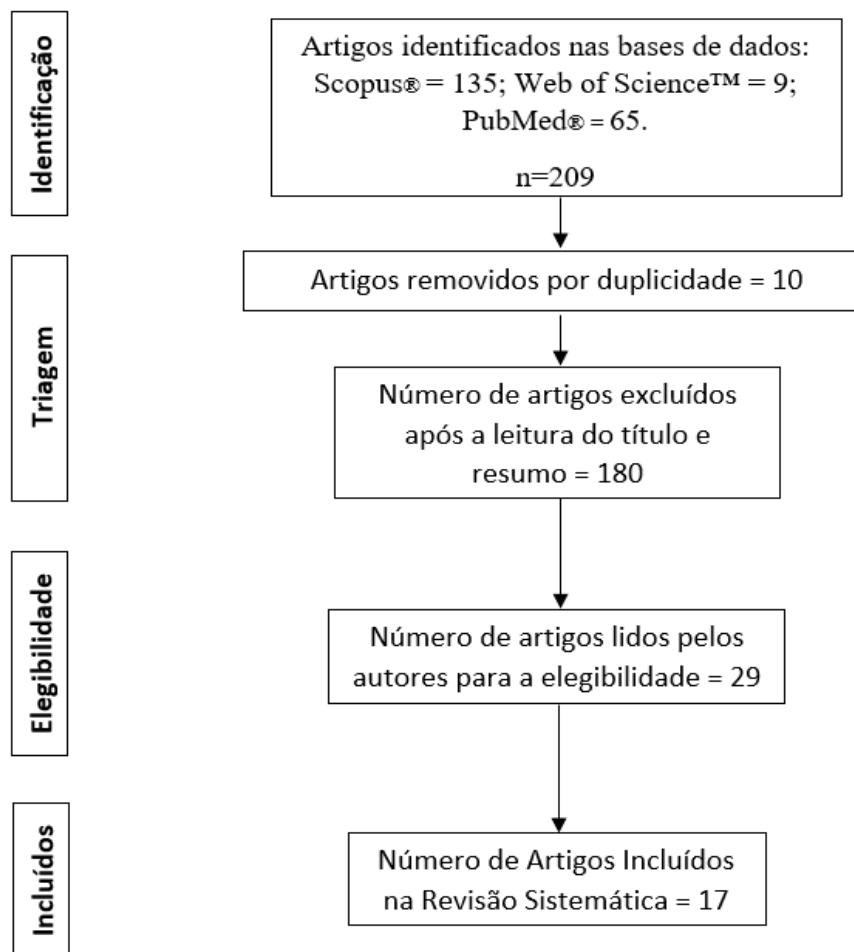
METODOLOGIA

Esse estudo trata-se de uma revisão sistemática, com base em artigos da língua portuguesa, inglesa e espanhola nas plataformas digitais Scopus®, National Library of Medicine (PubMed®) e Web of Science™, que abordam o tema discutido.

Nos critérios de inclusão foram utilizadas as seguintes palavras-chave: Neoplasias, Crioterapia, Toxicidade, em Português, Inglês e Espanhol, com anos de publicações de 2011 a 2021. Em contrapartida, nos critérios de exclusão foram

retiradas palavras-chave fora do contexto, ano de publicação não estabelecido, além de relatórios acadêmicos, resumos simples e trabalhos publicados em anais.

Imagen 1: Fluxograma de pesquisa.



Fonte: o próprio autor (2022)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os tratamentos quimioterápicos antineoplásicos tendem a apresentar diversos efeitos colaterais, em alguns pacientes a ocorrência é maior. A agressividade desse tipo de tratamento atinge órgãos e sítios anatômicos, causando inúmeras reações adversas, esses efeitos colaterais variam de leve, moderado e grave. Essas reações adversas concentram-se principalmente no trato gastrointestinal causando náuseas, vômitos, mucosite e inapetência debilitando a imunidade do paciente, tornando-o mais suscetível a infecções secundárias (LOPES et al, 2016).

A mucosite é uma das principais reações adversas relacionadas ao trato gastrointestinal que debilita o paciente, pois impacta diretamente na ingestão alimentar, é definida como uma lesão inflamatória que pode chegar à forma ulcerativa,

sendo a mais severa quando se tem a exposição de estroma do tecido conjuntivo subjacente. Essas lesões resultam na dificuldade para comer, deglutar, falar e ainda pode originar a xerostomia (LOPES *et al*, 2016). A combinação de radioterapia e quimioterapia aumenta a incidência, severidade e duração da mucosite oral. Os efeitos do tratamento quimioterápico possuem duração variável e, geralmente, desaparecem após algumas semanas, sendo um dos responsáveis pela diminuição da ingestão alimentar e, consequentemente, pela perda de peso ao decorrer do tratamento.

A mucosite oral é uma reação comum no tratamento de pacientes oncológicos, com localização de 40% a 100% na mucosa oral. A sua classificação é determinada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) sua escala é: grau 0 - ausente; grau 1 - eritematosa; grau 2 - eritematosa e ulcerada (tolerância de sólidos); grau 3 - eritematosa e ulcerada (tolerância de apenas líquidos); grau 4 - eritematosa e ulcerada (impossibilidade de alimentação) (REOLON, 2017).

Atualmente são utilizados alguns protocolos de cuidados para mucosite, entre os mais frequentes estão o uso de agentes antimicrobianos, anti inflamatórios, citoprotetores e fatores de crescimento, assim como, citocinas, reguladores do sistema imunológico e medicamentos fitoterápicos. Além disso, tratamentos alternativos como mastigação de gelo e higiene bucal também são muito utilizados (MUNIZ, 2021). O protocolo mais comum tanto para prevenção, como manejo para essa doença, é por meio da higiene oral, incluindo nesse processo gargarejos, além dos cuidados básicos (DEVI *et al.*, 2019).

Acredita-se que a utilização de pedaços de gelo na mucosa oral cinco minutos antes da administração da quimioterapia provoca a redução do fluxo sanguíneo e diminui a ação de quimioterápicos na região oral (KUSIAK, 2020). Para Askarifar *et al* (2016) a crioterapia é um método mais eficaz do que o enxágue com solução salina na redução de mucosite. Na realização do seu ensaio clínico foram avaliados 29 pacientes, os que receberam crioterapia não manifestaram formas graves de mucosite oral.

Apesar de ser considerado um tratamento promissor na redução da mucosite oral, ainda não foi bem estabelecida sua eficácia entre os pacientes submetidos à radiação de cabeça e pescoço. No entanto, existem estudos sobre a eficácia da crioterapia na mucosite oral induzida por transplante de células-tronco hematopoéticas (KUSIAK, 2020).

No estudo prospectivo randomizado realizado por Lu et al. (2020) realizado com 145 pacientes recebendo transplante de células-tronco hematopoéticas, ficou provada a eficácia da crioterapia no tratamento da mucosite. Neste estudo, os pacientes receberam a crioterapia desde o início do tratamento e foi observado que a crioterapia diminui a incidência e a duração da forma mais grave da doença.

Com o objetivo de evidenciar as reações adversas principais do tratamento quimioterápico antineoplásico, Silva e Comarella (2013), realizaram um estudo com 181 pacientes em um hospital do Paraná, fazendo uso dos principais protocolos terapêuticos. O estudo mostrou que para os trinta e oito pacientes que faziam uso do protocolo 5-Fluorouracil associado ao Leucovorin, apenas três pacientes não desenvolveram nenhuma reação adversa e dos que desenvolveram, as mais comuns foram, fraqueza, fadiga, náuseas, alopecia, inapetência, vômitos e diarreia. Dos oito protocolos utilizados, em sete a mucosite esteve presente, só não apresentaram mucosite os pacientes que estavam fazendo uso apenas do Irinotecano.

Tabela 1: Estudos sobre a utilização da crioterapia no manejo de reações adversas do tratamento antineoplásico.

| Referência | Tipo de estudo | Principal Conclusão |
|-----------------------|------------------------|---|
| Rosenbaek, F. et al. | Coorte | A crioterapia profilática pode reduzir o risco de neuropatia periférica induzida por quimioterapia e aumentar a proporção de pacientes que completam a dose planejada de paclitaxel no tratamento adjuvante do câncer de mama em estágio inicial. |
| Shigematsu, H. et al. | Randomizado de fase II | A crioterapia é eficaz na prevenção de neuropatia periférica e eventos adversos dermatológicos em pacientes com câncer de mama tratadas com paclitaxel semanal. |

| | | |
|----------------------------|-----------------------------------|---|
| Chan, C. <i>et al.</i> | Revisão Sistemática da literatura | Por exemplo, a crioterapia com o uso de chips de gelo mostrou-se consistentemente eficaz na redução da incidência de mucosite oral em pacientes com câncer |
| Kusiak, A. <i>et al.</i> | Revisão Sistemática da literatura | A crioterapia também demonstrou reduzir os sintomas de mucosite oral em pacientes submetidos à quimioterapia, devido à vasoconstrição e redução do fluxo sanguíneo |
| Reis, <i>et al.</i> | Piloto randomizado | A ocorrência de mucosite oral foi menor nos pacientes do grupo que realizaram crioterapia com infusão de camomila do que no grupo controle. |
| McCarthy, <i>et al.</i> | Estudo controle randomizado | Embora a crioterapia na forma de luvas congeladas para as toxicidades cutâneas associadas ao docetaxel seja segura, sua eficácia limitada, desconforto do paciente e alguns problemas logísticos impedem seu uso em nosso ambiente clínico. |
| Park, S.H. e Lee, H.S. | Revisão Sistemática da literatura | Os resultados deste estudo fornecem uma base científica para a crioterapia oral como uma intervenção de enfermagem viável que pode reduzir significativamente a ocorrência de graves mucosite oral. |
| Svanberg, A. <i>et al.</i> | Estudo controle randomizado | O estudo investigou a adição de Caphosol®, um enxaguante bucal, à crioterapia oral, com o objetivo de avaliar a proteção ainda mais contra a mucosite oral. Porém, o estudo não mostrou |

| | | |
|-------------------------------|-----------------------------------|--|
| | | nenhum efeito adicional da combinação de Caphosol ® com a crioterapia oral. |
| Johansson, J.E. <i>et al.</i> | Estudo prospectivo e randomizado | A crioterapia de 2 horas é tão eficaz quanto a crioterapia de 7 horas na prevenção da mucosite oral em pacientes com mieloma que são tratados com melfalano em altas doses antes do suporte com células-tronco autólogas. |
| Ishiguro H. <i>et al.</i> | Ensaio autocontrolado | Luvas congeladas a uma temperatura - 10 a -20 °C são tão eficazes quanto a preparação tradicional de -25 a -30°C, na prevenção da toxicidade ungueal induzida por docetaxel, sendo até mais confortáveis para os pacientes. |
| Marks D.H. <i>et al.</i> | Revisão sistemática da literatura | As cápsulas frias ou sistemas de resfriamento do couro cabeludo demonstraram eficácia como monoterapia na prevenção da alopecia induzida por taxano, e o uso de luvas e meias congeladas foi associado a alterações reduzidas nas unhas e na pele. |
| Chen, J. <i>et al.</i> | Revisão retrospectiva | A crioterapia realizada resultou na diminuição da mucosite oral e sua gravidade. Os achados fornecem evidências para o uso contínuo de crioterapia oral, uma prática barata e na maioria das vezes bem tolerada. |

| | | |
|---------------------------------------|-----------------------------|--|
| Rice, B.A, <i>et al.</i> | Ensaio clínico | O Penguin, que promove a hipotermia no couro cabeludo, é eficaz na redução da alopecia, particularmente para protocolos mais curtos não baseados em antraciclinas. O Penguin foi bem tolerado e visto de maneira favorável pela maioria dos pacientes. |
| Bandla, A, <i>et al.</i> | Estudo controle randomizado | A criocompressão quando comparada ao resfriamento de fluxo contínuo, mostrou melhor eficácia, apresentando temperaturas mais baixas com tolerabilidade semelhante. A superfície da pele recebe temperaturas mais baixas o que leva potencialmente a uma eficácia melhorada contra a neurotoxicidade. |
| Gerhard G. Grabenbauer e Göbel Holger | Revisão sistemática | Para os tratamentos que utilizam o 5-FU, a crioterapia oral por 30 min é recomendada para prevenir a mucosite. |
| Kai-Ling Huang, <i>et al.</i> | Meta-análise | Pacientes que foram tratados com solução ungueal ou crioterapia exibiram menor incidência de toxicidade ungueal e gravidade associada à quimioterapia baseada em taxano do que os pacientes controle. |
| Sonis, S.T. | Revisão sistemática | Entre os manejos atuais para a mucosite oral, a crioterapia tem sido defendida como uma intervenção certos protocolos de quimioterapia, incluindo regimes de condicionamento antes do transplante de células-tronco. |

Fonte: O próprio autor (2002)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura demonstra que a utilização da crioterapia se demonstra como uma alternativa eficaz e profilática no tratamento da mucosite oral contribuindo de forma significativa na redução da forma mais grave da doença, além de ser um tratamento de baixo custo sem causar efeitos colaterais.

REFERÊNCIAS

1. Askarifar, M. *et al.* The Effects of Oral Cryotherapy on Chemotherapy-Induced Oral Mucositis in Patients Undergoing Autologous Transplantation of Blood Stem Cells: A Clinical Trial. **Iranian Red Crescent Medical Journal**, v. 18, n. 4, 7 fev. 2016.
2. Chan, C.W.H, Bernard M. H. Law, Martin M. H. Wong. *Et al.* Oral mucositis among Chinese cancer patients receiving chemotherapy: Effects and management strategies. **Asia-Pac J Clin Oncol.** p.10 – 17, 2021. <https://doi-org.ez3.periodicos.capes.gov.br/10.1111/ajco.13349>
3. Chen J, Seabrook J, Fulford A, Rajakumar I. Mucosite oral com gelo: Crioterapia oral em pacientes com mieloma múltiplo submetidos a transplante autólogo de células-tronco hematopoéticas. **Journal of Oncology Pharmacy Practice**. n.23 (2), p.116-120, 2017. doi:10.1177 / 1078155215620920
4. Devi, K. S.; Allenidekania, A. The Relationship of Oral Care Practice at Home with Mucositis Incidence in Children with Acute Lymphoblastic Leukemia. **Comprehensive Child and Adolescent Nursing**, v. 42, n. sup1, p. 56–64, 29 mar. 2019.
5. Ishiguro H, Takashima S, Yoshimura K, *et al.* Degree of freezing does not affect efficacy of frozen gloves for prevention of docetaxel-induced nail toxicity in breast cancer patients. **Support Care Cancer**. n.20 (9), p.2017-2024, 2012. doi: 10.1007 / s00520-011-1308-4
6. Johansson, JE., Bratel, J., Hardling, M. *et al.* Cryotherapy as prophylaxis against oral mucositis after high-dose melphalan and autologous stem cell transplantation for myeloma: a randomised, open-label, phase 3, non-inferiority trial. **Bone Marrow Transplant**. v.54, 1482–1488, 2019. <https://doi.org/10.1038/s41409-019-0468-6>
7. Kusiak, A. *et al.* Oncological-Therapy Related Oral Mucositis as an Interdisciplinary Problem—Literature Review. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 17, n. 7, p. 2464, 3 abr. 2020.
8. Lopes, L.D; Rodrigues, A.B; Brasil, D.R.M; *et al.* Prevention and treatment of mucositis at an oncology outpatient clinic: A collective construction. **Text & Context Nursing**, 25(1), p. 1–9, 2016.

9. Lu, Y. *et al.* Oral cryotherapy for oral mucositis management in patients receiving allogeneic hematopoietic stem cell transplantation: a prospective randomized study. **Supportive Care in Cancer**, v. 28, n. 4, p. 1747–1754, 13 jul. 2019.
10. Marks DH, Qureshi A, Friedman A. Evaluation of Prevention Interventions for Taxane-Induced Dermatologic Adverse Events: A Systematic Review. **JAMA Dermatol.** v.154(12), p.1465–1472, 2018. doi:10.1001/jamadermatol.2018.3465
11. McCarthy, A.L., Shaban, R.Z., Gillespie, K. *et al.* Cryotherapy for docetaxel-induced hand and nail toxicity: randomised control trial. **Support Care Cancer**, n.22, p.1375–1383, 2014. <https://doi-org.ez3.periodicos.capes.gov.br/10.1007/s00520-013-2095-x>
12. Muniz, Ana Bessa *et al.* Mucosite oral em crianças com câncer: dificuldades de avaliação e de terapia efetiva. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 11, p. e435101120018-e435101120018, 2021.
13. NATIONAL COMPREHENSIVE CANCER NETWORK (2017). About the NCCN Clinical Practice Guidelines in Oncology (NCCN Guidelines®). <https://www.nccn.org/professionals>
14. Park, S.; Lee, H. S. Meta-analysis of oral cryotherapy in preventing oral mucositis associated with cancer therapy. **International Journal of Nursing Practice**, v. 25, n. 5, 9 jul. 2019.
15. Reis, P. E. D. *et al.* Chamomile infusion cryotherapy to prevent oral mucositis induced by chemotherapy: a pilot study. **Supportive Care in Cancer**, v. 24, n. 10, p. 4393–4398, 2016.
16. Rosenbaek, F., Holm, H.S., Hjelmborg, J.v.B. *et al.* Effect of cryotherapy on dose of adjuvant paclitaxel in early-stage breast cancer. **Support Care Cancer**, p.3763–3769, 2020. Disponível em: <https://doi-org.ez3.periodicos.capes.gov.br/10.1007/s00520-019-05196-z>
17. Shigematsu, H., Hirata, T., Nishina, M. *et al.* Cryotherapy for the prevention of weekly paclitaxel-induced peripheral adverse events in breast cancer patients. **Support Care Cancer**, p.5005–5011, 2020. <https://doi-org.ez3.periodicos.capes.gov.br/10.1007/s00520-020-05345-9>
18. Silva, F.C.M e Comarella, L. Efeitos adversos associados à quimioterapia antineoplásica: levantamento realizado com pacientes de um hospital do estado do Paraná. **Revista Uniandrade**, 14(3), p. 263-277, 2013.
19. Spezzia, Sérgio. Mucosite oral. **Journal of Oral Investigations**, v. 4, n. 1, p. 14-18, 2016.
20. Svanberg, A; Öhrn, K; Birgegård, G; Caphosol® mouthwash gives no additional protection against oral mucositis compared to cryotherapy alone in stem cell transplantation. A pilot study. **European Oncology Nursing Society**. v.19, n.1, p.50-53, 2015.

21. Tavares, M. B. Caracterização das reações adversas a quimioterápicos em um hospital filantrópico. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 2, p. 2317-2326, 2020.

Capítulo 17

**UMA BREVE ANÁLISE DO CONSTRUTO
HISTÓRICO DOS BATISTAS NO BRASIL (1907 -
1936)**

Almiranice Cidade

UMA BREVE ANÁLISE DO CONSTRUTO HISTÓRICO DOS BATISTAS NO BRASIL (1907 - 1936)

Almiranice Cidade

<http://lattes.cnpq.br/4935390486727269>

cidadealmiranice@gmail.com

RESUMO

O presente artigo traz uma breve análise sobre os batistas no Brasil, apresentando as permanências, direções e reflexões no construto histórico do grupo entre 1907 e 1936. O investimento dos batistas da Convenção do Sul dos EUA, no trabalho missionário no Brasil, proporcionou a expansão e visibilidade denominacional através das ações evangelísticas, por meio das instituições paraeclesiásticas. No ano em que criaram a Convenção Batista Brasileira, já contavam com 83 igrejas e cerca de 4200 membros. O domínio, o racismo e o controle exercido pelos missionários da Junta de Richmond acabaram gerando alguns conflitos entre os batistas brasileiros. Em 1920, no Nordeste brasileiro, grupos batistas se organizaram em resistência à dominação missionária, cujo objetivo principal era dar autonomia a líderes nacionais que se sentiam impedidos de administrar suas atividades no Brasil. Esse movimento ficou conhecido como Movimento Radical, ocasionando cisão e perdurando até 1936.

Palavras-chave: batistas, construto histórico, racismo, resistência e autonomia.

INTRODUÇÃO

Os batistas tem mais de um século e meio de história no Brasil. Sua presença é datada a partir da organização da Primeira Igreja Batista em Santa Bárbara d'Oeste no interior de São Paulo, por um grupo de colonos emigrados dos EUA, no dia 10 de setembro de 1871, sob a liderança do pastor Richard Ratcliff. Em 02 de novembro de 1879 foi organizada a segunda igreja, na Estação, liderada pelo pastor Elias Hoton Quillin. A *Foreign Mission Board of the Southern Baptist Convention- FMB- SBC*, órgão responsável pelo envio, sustento e expansão dos batistas no Brasil por meio da Junta de Richmond, reconheceu, após alguns apelos, a igreja batista em Santa Bárbara como Missão no Brasil. As lideranças da Convenção Batista do sul dos EUA atendendo aos pedidos para envios de obreiros com tempo integral para o trabalho de missões no Brasil, nomeou inicialmente o casal de missionários Willian e Anne Bagby que chegou ao Brasil em 1881, para iniciar um trabalho de expansão

missionária entre os brasileiros e em 1882, o casal Zachary e Cate Taylor chegou para auxiliá-los. Em 15 de outubro de 1882 foi organizada a Primeira Igreja Batista da Bahia e quatro anos após, os batistas já contavam com igrejas organizadas na cidade do Rio de Janeiro (1884), Maceió (1885) e Recife (1886).

A Bahia é considerada um centro histórico para os batistas. Foi em Salvador que eles se reuniram em Convenção Brasileira pela primeira vez em 1907. Foi também na Bahia, onde pela primeira vez circulou regularmente um jornal batista "Echo da Verdade", impresso nas oficinas da Tipografia da Ladeira do Aljube, em Salvador, e tinha como redator e diretor Zachary Taylor (TEIXEIRA, 1975). A escolha para que os missionários estivessem desenvolvendo a missão no Brasil foi uma opinião do general A. T. Hawthorn. Ele havia sido naturalizado brasileiro em 31 de agosto de 1867 e apareceu no cenário batista dos EUA no ano de 1880 e foi um incentivador para que os casais Bagby e Taylor viessem como missionários para o Brasil. (OLIVEIRA, 2005)

Em carta enviada à Junta de Richmond, Bagby disse que a Bahia seria o local onde a missão batista se desenvolveria, devido a alguns fatores; o primeiro por ser um Estado de grande população, segundo que Salvador tinha uma população que a cercava, sem contar que era uma cidade portuária e por último, diferente do Rio de Janeiro, a Bahia era um campo desocupado, enquanto no Rio já havia outros missionários de outras denominações evangélicas. (CRABTREE, 1962)

Os missionários William Buck Bagby e Zachary Clay Taylor e demais vindos para auxiliar, trouxeram a bagagem cultural de um evangelho supranacional característico do Sul dos EUA que se viam como "povo escolhido". Eles estiveram envolvidos nas "disputas" com a Igreja Católica e segundo Azevedo (1996) a mentalidade anticitolicismo permeou a sociedade brasileira não só entre os batistas, mas entre os protestantes brasileiros devido à experiência dos Estados Unidos que foram formados como nação antianglicanos e com o passar do tempo se tornaram anticitólicos trazendo esse conflito para o Brasil. O autor ainda diz que a luta contra a hegemonia católica foi presente entre os batistas e se apresentaram como possuidores de um projeto capaz de "redimir as almas", salvar o país do atraso e viam nos EUA o exemplo pelo fato de ser uma nação protestante.

A mentalidade dos missionários de que a cultura anglo-europeia era superior às demais cultura colaborou para um ambiente de hostilidade no campo religioso soteropolitano, com profundas marcas das religiões de matrizes africanas, que segundo Elizete da Silva (2011), elas foram condenadas como culturalmente

inferiores. Para Chaves (2020) havia nesses missionários uma convicção de “povo escolhido por Deus”, numa visão de sua própria religião e cultura como superiores, sentindo-se “avançados” e “superiores”, aptos a civilizar os brasileiros, com a incumbência sobre os seus ombros da tarefa de alcançar as “nações pagãs” com sua ética.

Alguns teóricos como March Bloch, Le Goff e Georges Duby que estudaram a História das Mentalidades¹³, afirmam que não se muda o *modus faciendi* de um grupo humano num espaço reduzido de tempo, ela atravessa gerações até que novas perspectivas de vida surjam ou haja alteração em sua cosmovisão. Segundo eles o processo de mudança é igualmente lento quanto o foi em sua formação e consolidação. O *modus faciendi* que os missionários trouxeram para o território nacional contribuiu para a formação do pensamento batista brasileiro e perdurou por tempo na denominação. Com algumas reivindicações e conflitos levantados, como o caso do Movimento Radical, por exemplo, que reivindicou controle e gerenciamento das atividades no campo brasileiro, a denominação acabou ganhando certa “autonomia”.

Gonzalez (1982) diz que o século XIX foi considerado para o Cristianismo protestante como o “século das missões”. Ratifica-se a afirmação do autor e acrescenta-se que os EUA, em particular, se projetavam como a “nação que iria libertar os povos pagãos da obscuridade religiosa”. É importante ressaltar que no início desse século eles intensificaram o desejo de penetração na América Latina. Em 1824 a frase “nossa campo é o mundo” tornou-se célebre nas instituições missionárias. (ainda hoje tem sido divulgada em campanhas de missões). Ela foi retirada de um sermão do batista Francis Wayland que proclamava o objetivo daquela nação em realizar uma completa revolução em toda a humanidade. A partir da segunda metade do século XIX discursos nessa intensidade tornaram-se comuns nos EUA. Entendiam que sua influência deveria se estender por toda a América e as moldariam sob a visão de sua moral, ética e religiosa.

Azevedo (1996) diz que este protestantismo que se lançou para conquistar o mundo tinha algumas características específicas da mentalidade destes americanos e entende-lo é indispensável para a compreensão do protestantismo brasileiro, e em

¹³ Sugestão de leitura para melhor compreensão do assunto: A sociedade feudal e Os reis taumaturgos; História: novos objetos e Guerreiros e camponeses respectivamente pelos autores citados.

específico do que foi forjado nos batistas. Destacam-se: a entronização do princípio da liberdade religiosa, a instrumentação utilitária do individualismo, uma consciência denominacionalista anticatólica, gestação de um tipo de religião civil, a formação do espírito missionário e a subjugação da razão à sua dimensão prática.

O investimento missionário trazido pelos batistas do Sul dos EUA proporcionou a expansão do grupo por meio do qual estabeleceram um projeto com ações a partir de uma pedagogia desenvolvida em torno de quatro espaços: o templo como o centro da vida religiosa; a escola como sua extensão para servir de meio para a conversão; a praça como o palco a partir de onde se atraía as pessoas para a mensagem e, consequentemente para o templo; e o prelo por meio do qual eles usaram a imprensa, os livros e folhetos para divulgação de suas doutrinas. (AZEVEDO, 1996)

O domínio, controle e racismo por parte da liderança da Convenção Batista do Sul dos EUA que predominou por quase 50 anos, acabou gerando alguns desconfortos entre os batistas brasileiros e em 1920 no Nordeste brasileiro, grupos batistas se organizaram em resistência à dominação dos missionários da Junta de Richmond, cujo objetivo principal era dar autonomia a líderes nacionais que se sentiam impedidos de administrar suas atividades no Brasil. Esse movimento ficou conhecido como Movimento Radical, que segundo Chaves (2020) o nome foi dado como designação ao grupo, por parte dos missionários, como tentativa de desacreditar o movimento.

A proposta desta pesquisa é apresentar uma breve análise sobre as permanências, direções e reflexões no construto histórico dos batistas a partir de 1907 quando organizaram a Convenção Batista Brasileira até 1936, ano em que os batistas brasileiros do Movimento Radical se reuniram aos missionários outra vez. As fontes bibliográficas e hemerográfica: “*O Jornal Batista*” viabilizaram a análise e compreensão de como se desenvolveu o construto histórico dos batistas no Brasil.

1. O CONSTRUTO HISTÓRICO DOS MISSIONÁRIOS BATISTAS DOS EUA NO BRASIL: Entre predominância, dominação, controle e racismo

No ano da fundação da Convenção Batista Brasileira-CBB, em 1907, os batistas brasileiros já contavam com 4.200 fiéis distribuídos por 83 igrejas, além de 50

pastores e missionários¹⁴. Estiveram presentes na primeira reunião, em 22 de junho, 43 delegados representando 39 igrejas e cooperações¹⁵. Criada nos moldes da Convenção Batista do Sul dos EUA, cuja finalidade se encontra no artigo 2º de sua Constituição Provisória¹⁶, “promover missões em território nacional, como no estrangeiro”. Os órgãos responsáveis pela expansão denominacional, que compõe essa instituição, são: Junta de Missões Nacionais e Junta de Missões Mundiais.

Embora a Convenção Batista Brasileira, constitua órgão máximo dos batistas no Brasil, que se caracteriza como fator de convergência e de união entre as igrejas filiadas, define o padrão doutrinário e unifica o esforço cooperativo dos Batistas do Brasil, no entanto, permanece o princípio de autonomia das igrejas locais. O governo exercido pelas igrejas batistas é congregacional, a filiação à Convenção acontece voluntariamente, aceitam sua declaração doutrinária e seu programa cooperativo e se comprometem a apoiar e trabalhar pela expansão do “Reino de Deus” no Brasil e no mundo¹⁷.

A Convenção Batista Brasileira e *O Jornal Batista* fundado desde 1901 foram catalizadores no processo do construto histórico e contribuição para a formação do pensamento batista brasileiro. O jornal foi veículo de comunicação e divulgação, fundamental para cristalizar as os valores e as concepções religiosas ensinadas numa linguagem específica dos batistas. No sentido definido por Michel de Certeau seria o “lugar social” de pertença ao grupo. Em 1907 por meio deste foi publicado uma a nota:

Do importante órgão vespertino, A Notícia, desta capital, extrahimos o seguinte:

“O Sr. Dr. Affonso Penna recebeu hoje o seguinte telegrama:

Bahia 25, - A Primeira Convenção Batista Brasileira, comemorando 25 annos de entrada dos primeiros evangelizadores no território nacional, felicita a Nação em V. Ex., **fazendo votos a Deus pela prosperidade e grandeza do Brazil** – Bagby – Taylor, missionários”.¹⁸ [grifo nosso]

Percebe-se que a estratégia usada pelos batistas visava não só consolidar-se por meio do jornal como seu espaço de veiculação de propagação de uma “boa teologia”, mas também ganhar visibilidade em nível nacional. Ao que leva a entender,

¹⁴ CONVENÇÃO BATISTA BAIANA. Disponível em: <https://cbbaiana.org/html/index.php/quem-somos/historia>. Acesso em 15 de julho de 2021.

¹⁵ Documentos históricos da Primeira Assembleia da Convenção Batista Brasileira. Acta 1. p. 9.

¹⁶ BAGBY et al, Constituição Provisória da Convenção Batista Brasileira das Egrejas Baptistas do Brazil. p. 5.

¹⁷ CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. Disponivel em:

http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=24. Acesso em 18 de julho de 2021.

¹⁸ *O Jornal Batista*. 27 de junho de 1907. Anno VII. N-23. p. 3.

quando trazem aos leitores batistas a observação: “Do importante órgão vespertino”, ou seja, não foi de qualquer órgão de imprensa, tornando perceptível que estavam alcançando notoriedade.

Na edição posterior o jornal fez a seguinte divulgação:

O resultado dessa primeira convenção foi além das expectativas de todos [...] O regimen democrático baptista é o regime por excellencia por que é o regimen divino. Sem um **alta corte, sem uma cabeça visível, sem uma corporação que legisle sobre as egrejas baptistas, os baptistas se unem nas empresas mais estupendas**, como sejam missões, collegios, hospitais, etc. **E assim que são governados cinco milhões de baptistas nos Estados Unidos, na Inglaterra, etc. assim em todo mundo, assim estamos fazendo aqui.** Os baptistas se reúnem e combinam operar juntos, por isso se chamam convenções [...]¹⁹ [grifo nosso]

Percebe-se nesse trecho a tônica de apologia e do ufanismo batista: “os baptistas se unem nas empresas mais estupendas, como sejam missões, collegios, hospitais, etc”. Era a propagação do seu ideário, nascido na Inglaterra, desenvolvido nos EUA e trazidos para o Brasil. Para compreender como foi formado o construto histórico é importante atentar para o contexto de onde saíram os missionários.

Os batistas são oriundos do movimento puritano separatista inglês do século XVII. Vale ressaltar que enfrentou conflitos e perseguições nesse período por conta do que traziam como princípios e doutrinas e dentre um desses princípios estava o da separação entre igreja e estado e a autonomia da igreja local. Quando o movimento batista começou a crescer na Inglaterra, através do número de igrejas fundadas, houve a necessidade de se estabelecer organizações paraeclesiásticas²⁰ que pudessem contribuir para a unidade e a coesão ideológica das igrejas formadas, sem ferir a autonomia dessas comunidades. Surgiram as associações voluntárias de igrejas que visavam o trabalho cooperativo, com propósitos missionários. A relevância histórica dessas organizações reside na afirmação da identidade e unidade, a partir do fortalecimento da consciência denominacional entre os batistas.

O trabalho associacional foi exportado para os Estados Unidos pelos colonos ingleses, e lá, mais tarde, foram organizadas as Convenções Batistas americanas. Benilton C. Bezerra (1960) enfatiza que “Convenção”, no sentido batista, é criação dos batistas do Sul dos Estados Unidos, criada em 1845 com propósito de servir como

¹⁹ *Ibidem* 4 de julho de 1907. Anno VII. N-24. p. 2.

²⁰ São instituições paralelas às igrejas locais. Vem daí o prefixo “para” que quer dizer “ao lado de”. Assim sendo, as organizações paraeclesiásticas, entre as quais se encontram seminários, institutos bíblicos, organizações missionárias e outras.

um “centro coordenador” que deveria, além de atender os anseios missionários, organizar o trabalho da denominação em todo o território nacional. Porém é importante observar que a Convenção do Sul dos EUA foi criada por conta da cisão entre as igrejas do norte e sul, gerada a partir do conflito relacionado às questões da escravidão.

Zaquel de Oliveira (2011) diz que a questão da escravatura foi mais um pretexto para a divisão. Segundo o autor havia outras divergências, como as diferenças culturais e regionais. O antiintelectualismo se apossou da mentalidade sulista, segundo Gonzalez (1982), e o fato de que os principais centros docentes estavam no norte, logo, toda ideia que, de algum modo, pudesse proceder de lá, era rejeitada pelos do sul. E, visto que muitas ideias novas vinham do norte, segundo o autor, os batistas do sul se tornaram cada vez mais conservadores.

João Chaves (2020) destaca que os batistas do Sul se viam como povo escolhido e internalizaram esse mito, que ganhou forças por meio das auto-identidades sulistas e batistas, e a Junta de Missões de Richmond (1845) emergiu como “agente do povo escolhido”. O autor destaca que os batistas do sul “nunca aceitaram seus correligionários afro-americanos como iguais” (p. 52). De acordo com Leonard (1990, p. 15) *apud* Chaves (2020, p 5) “os batistas do Sul funcionavam como se fossem a igreja oficial do Sul”.

As instituições agregam um conjunto de formações históricas estabelecidas pela sociedade onde estão inseridas. Os que as criam e as desenvolvem, estabelecem condutas e regras estruturadas a elementos socioculturais, como costumes, tradições, códigos sociais, que estruturam as interações sociais. Portanto, as instituições são um elemento da estrutura social com critérios que estabelecem fronteiras e distinguem aqueles que são membros dos que não são, princípios de liderança que apontem quem responde pelos atos da organização, e uma cadeia de comando delineado em seu interior. (HOGDSON, 2006)

Hagdson (2006) diz que as instituições são um elemento da estrutura social, cujo potencial pode alterar e influenciar o comportamento dos indivíduos, estabilizar condutas e hábitos, além de influenciar nas aspirações e nos mecanismos primariamente vislumbrados para realizá-las. As instituições têm com isso um duplo efeito: constrangem comportamentos, mas também ampliam possibilidades de ação. Com efeito, elas geram ambos os efeitos que pareciam contraditórios num primeiro momento: constrangem e habilitam ações.

Chaves (2020) diz que os batistas norte-americanos trouxeram a pregação de um Evangelho supranacional e essa bagagem ideológica que influenciou profundamente a formação do pensamento batista brasileiro. Para José Machado (1994) a visão salvacionista trazida para o Brasil revelou o olhar que tinham acerca do catolicismo, classificando-o como um tipo de cristianismo distorcido que mantinha o Brasil no paganismo e desta forma, tanto o catolicismo como o paganismo precisavam ser combatidos. Eles criam que só os batistas tinham a mensagem salvadora, porque julgavam ser o “povo escolhido”. O pensamento batista brasileiro, segundo Azevedo (1996), nasceu, portanto, sob a pretensão da diferença.

As atividades missionárias dos batistas no Brasil foram baseadas na cultura e nos costumes dos missionários e durante um bom tempo mantiveram o controle e monopólio das atividades eclesiásticas nas igrejas batistas brasileiras. Trouxeram “alternativas” para o que consideravam em suas interpretações, como miséria religiosa e cultural dos brasileiros, ausência das artes e da ciência. Era, sem dúvida, obscuridade e ignorância dos costumes e cultura local. O racismo praticado pelos missionários permeou nas igrejas batistas e nas instituições (CBB, Seminários teológicos e as Juntas Missionárias) constituiu problema não só para a membresia, mas para alguns líderes brasileiros que sofreram discriminação por conta da cor.

Segundo Pereira (2010) a maioria dos frequentadores na Igreja Batista da Bahia era de negros e pardos. Há, contudo, um silêncio nos documentos quanto a descrição da cor desses indivíduos. Elizete da Silva (2017) diz que o silêncio da cor na documentação dos batistas era uma forma de apagar as raízes africanas uma vez que as manifestações culturais desses eram consideradas pecaminosas. A autora ainda diz que, ao mesmo tempo em que a comunidade batista exercia uma atração religiosa para a população negra, ela também caminhou concomitante com o projeto político da elite republicana baiana que era o de modernizar Salvador, do qual o ideal seria menos africano e mais europeu e americano.

A manifestação do racismo entre os missionários estava baseada nas convicções e práticas que foram absorvidas no sul dos Estados Unidos e mantidas no Brasil, ainda que não fosse revelada explicitamente, ou que em algum momento estabelecessem parcerias com os brasileiros, não excluía o fato de que carregavam em si um complexo de superioridade. Os missionários da Junta de Richmond detinham o controle das instituições batistas no Brasil e o racismo se manifestou até nas interações entre os missionários. Em 1917 o missionário William Entzminger

solicitou que a Junta enviasse para auxiliá-lo, substituindo o missionário Salomão Ginsburg (de descendência judaica), um americano genuíno. Entzminger deixou explícito seu racismo quanto às expectativas dos próprios brasileiros em uma de suas correspondências:

Desde que voltei ao Brasil tenho voltado minha atenção para o preparo de jovens para o campo; rapazes para a pregação e moças para o ensino. Irmão Taylor recrutou um jovem, membro da igreja, que eu tenho continuado a ajudar. Esse é seu terceiro ano e ele se tornou um estudante diligente e tem feito um progresso maravilhoso. Sua utilidade futura, no entanto, é duvidosa. **Ele é um mulato escuro, o que é um obstáculo, de alguma forma, até aqui no Brasil.** (Correspondencia de W.E. Entzminger para T.B. Ray, 12 de maio de 1917 apud CHAVES, 2020, p. 54) [grifo nosso]

Era, no entanto uma questão levantada, que caminhava paralela ao pensamento da elite brasileira e Entzminger identificou e justificou como sendo “um obstáculo, de alguma forma, até aqui no Brasil” na tentativa, possivelmente, de mascarar seu racismo. Vale ressaltar que havia entre os batistas, poucos e que tiveram dificuldades para chegar a tal situação, os jovens pregadores ou pastores, que eram negros ou de cor parda que tiveram espaço. Historicamente, de chamar atenção, o primeiro líder da Convenção Batista Brasileira foi um brasileiro, Francisco F. Soren, mas, diga-se de passagem, era branco e teve sua formação no *Southen Seminary*, sem contar que estrategicamente serviu como mediador de conflitos entre os batistas brasileiros e os missionários americanos. Ademais, havia um contexto social de discriminação e os próprios missionários tornava mais difíceis o acesso dos não brancos à liderança denominacional.

2. O MOVIMENTO RADICAL

Por conta de algumas situações conflitantes que explicitou o racismo missionário infiltrado na dinâmica batista brasileira, a partir de 1920 uma resistência ao domínio das lideranças dos missionários, tomou conta da denominação no Nordeste brasileiro. A relação entre obreiros nacionais e os missionários não foram de todo harmoniosa no início dos trabalhos batista na região. Segundo Mario R. Martins (1974) o primeiro batista de Pernambuco, Wandrejasil de Mello Lins, alagoano, se desentendeu com os missionários e acabou formando um grupo antimissionários nas Alagoas. A desavença entre Lins e o missionário Zachary Taylor

ocorreu em 1889 e gerou a dispersão da igreja em Recife, tendo esta se reorganizado em 1892 com a ajuda dos missionários Salomão Ginsburg e William Entzminger.

Alguns pastores iniciaram uma campanha em 1912 para que as igrejas do nordeste pudessem garantir sua autonomia financeira, mas houve certo desconforto que se arrastou por quatro anos provocando no ano de 1916, sem maiores consequências, tumulto entre as lideranças, quando surgiram os questionamentos sobre a administração dos recursos que vinham por meio dos batistas dos EUA. A estrutura do trabalho projetada pelos missionários deixava as igrejas batistas no Brasil sob a dependência deles que detinham o comando e havia incompreensão de ambas as partes (OLIVEIRA, 1964).

Em 1918 houve desconforto no grupo por conta de um discurso feito pelo missionário na Bahia, que segundo Oliveira (2011), foi mal interpretado, somando à discórdia já existente. Os pastores Orlando do Rego Falcão e Adrião Bernades tentaram apaziguar os ânimos, mas não obtiveram êxito. O autor diz que o ponto crucial, embora alguns considerem só pretexto, foi Alfredo Freyre, pai do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, ter sido eleito como professor de Latim Eclesiástico, Leitura Expressiva da Bíblia e Filosofia da Religião Cristã no Seminário do Norte. Os brasileiros (batistas) alegaram que ele não era membro de igreja, mantinha boa relação com os missionários, no entanto, não era um “crente professo” e afirmavam que os missionários tinham admitido no seminário “um professor incrédulo”.

J. Alves Feitosa (1978) diz que os batistas do Nordeste encontraram a razão para iniciar o embate, discutir e “desabafar” o que consideravam injustiças praticadas pela “cúpula” da Junta de Missões de Richmond que controlava o trabalho das igrejas, da qual dependia em parte, o sustento financeiro e o Dr Alfredo Freyre, foi talvez, o pretexto para se eclodir a luta.

Na assembleia da Convenção Batista Brasileira (1922), em Recife, os “radicais” obtiveram apoio do missionário David Luke Hamilton, que estava afastado do magistério no seminário por ter se dedicado à evangelização e a intenção desses era que houvesse uma dispensa ao professor Alfredo Freyre de suas funções. No entanto, o testemunho dado pelos missionários sobre Freyre prevaleceu mantendo-o como professor no Seminário. As articulações prosseguiram nas reuniões da Convenção e em outubro de 1922 Adrião Bernades escreveu um memorial assinado por 15 pastores e remetido aos missionários com a solicitação para que o trabalho no campo

fosse descentralizado, passando a ter também a participação de brasileiros. (OLIVEIRA, 2011)

O documento foi respondido, assinado por 13 pastores com a promessa de que iriam estudar o caso, mas que a deliberação viria por meio da Junta de Richmond. Após a assembleia da Convenção Regional, Adrião foi escolhido secretário executivo, o que contrariava o desejo dos missionários e isso gerou uma tensão maior, complicando a controvérsia, pois o assunto saiu do âmbito administrativo para o pessoal. Resultou que várias pessoas, pastores, e missionários que não concordavam com as ideias dos “radicais” foram excluídas das igrejas. Havia agora dois grupos: os “radicais” que aderiram à causa dos brasileiros e os “construtivos” partidários dos missionários. (OLIVEIRA, 2011)

Essa situação levou os jovens estudantes do Seminário do Norte (Recife) e da Escola de Trabalhadoras Cristãs a se posicionarem a favor dos brasileiros. Tal situação ocasionou a saída de mais de trinta jovens do Seminário em 1923. Os alunos se espalharam pelas residências dos crentes e isso deu um novo direcionamento às igrejas que logo cuidaram de instalar um Seminário e criaram o Colégio Batista Brasileiro em oposição ao Colégio missionário. (LÉONARD, 2002)

O movimento que inicialmente era regional tomou proporção com reflexos em outras regiões do Brasil. Os brasileiros passaram a dirigir *O Jornal Batista*, a Convenção Regional e se tornaram majoritários em estados do Rio Grande do Norte e Paraíba. Em São Paulo criaram um periódico que aderiu à posição radical (LÉONARD, 2020). As igrejas estavam divididas e de ambos os lados eram afastados do rol de membros. Em Recife, “alguns luminares da denominação foram excluídos de suas igrejas em 1923”. (OLIVEIRA, 2011, p. 144)

Um panfleto dirigido ao público em geral após revelar a expulsão dos missionários William C Taylor, E. Hayes e L.L. Johnson dizia:

Eles abusaram da hospitalidade proverbial de seus anfitriões brasileiros e começaram a tratar batista (brasileiros) como se fossem escravos, e por que esses protestaram contra o abuso de sua liberdade, ofereceram resistência desesperada.... nós precisamos de estrangeiros que venham nos ajudar a crescer o nosso amado país, mas os que quiserem nos desnacionalizar para nos dominar serão resistidos; que estes americanos saibam que nós não nos vendemos. Reagir contra estes pregadores falsos do evangelho, estes americanos intrometidos, não é uma reação contra a religião evangélica, mas um dever patriótico.²¹

²¹ “Ao Publico” Correio Doutrinal I, no. 2 (1923): 18-19. apud CHAVES (2020, p. 63)

Era, no entanto, “nota informativa”, justificando o porquê de se chegar a tal situação, que possivelmente chamou a atenção não só da comunidade batista, mas de outros grupos religiosos e apresentar à sociedade o posicionamento dessas igrejas seria a forma de tornar públicos os “abusos” dos missionários.

A situação já havia tomado rumos contrários àquilo que se definia entre os batistas, como a cooperação e a unidade das igrejas representadas pela Convenção. A Convenção Regional ficou sob a direção dos radicais, os construtivos organizaram uma nova convenção. As igrejas da Paraíba tomaram a mesma postura e organizaram a Convenção Batista da Paraíba, agregando as igrejas do Rio Grande do Norte e Ceará. Oliveira (2011) diz que talvez um dos grandes resultados desse movimento tenha sido a Assembleia Batista do Norte criada em 1924, que tinha por finalidade coordenar os problemas gerais do trabalho, estudar planos para o desenvolvimento da causa e ajudar a manter a unidade dos batistas. Organizaram também a Associação Batista Brasileira, que funcionou até 1938.

Os nacionais que haviam se desvinculado da Convenção batista Brasileira porque almejavam autonomia e gerenciavam as atividades fora do controle dos missionários acabaram se submetendo à outra instituição dos EUA. Para Marli G. Teixeira (1975) o que o movimento discutia era sua autonomia e gerência dos recursos, mas não a permanência do auxílio vindo por meio de estrangeiros.

O clima conflituoso que dividiu as opiniões e gerou novas instituições entre os batistas durou até 1936, representando ameaça de racha denominacional, embora líderes, como Antonio Mesquita, por exemplo, não o consideravam ameaça por não ter sido um problema de ordem doutrinário. Mesquita alegou a insurgência do movimento como protesto ao comportamento dos missionários que agiam como se fossem bispos e faziam o que bem queriam com o dinheiro, criando as desavenças porque havia disparidade na distribuição dos recursos. (TEIXEIRA, 1975)

Em 1936 as igrejas da Associação voltaram a se relacionar mais proximamente com a Convenção batista Brasileira, que aprovou as Novas Bases de Cooperação, que dizia:

Considerando que o critério adoptado nas constituições das Juntas desta Convenção que estabelece percentagem de brasileiros e missionários tem motivado sérios embaraços ao Trabalho Baptista no Brasil, que exige maior fraternidade, ao lado do leal entendimento e cordeal cooperação; considerando que os membros das Juntas devem ser escolhidos democraticamente pela Convenção, devendo os preconceitos de raça cederem lugar às virtudes dos caracteres verdadeiramente cristãos; considerando que o critério para os membros da Junta desta Convenção deve

consultar o preparo dos seus componentes, para a especialidade que cada um se destina; A COMISSÃO PROPÕE QUE SEJA ELIMINADA DORAVANTE A PERCENTAGEM ENTRE MISSIONÁRIOS E BRASILEIROS, NA CONSTITUIÇÃO DAS JUNTAS DA CONVENÇÃO BAPTISTA BRASILEIRA; FICANDO AUTOMATICAMENTE DISSOLVIDAS AS JUNTAS ACTUAS, AFIM DE QUE SEJAM ELEITAS AS NOVAS, NA BASE DA PRESENTE RESOLUÇÃO²².

Chaves (2020) diz que alguns motivos colaboraram o fato de os brasileiros do Movimento Radical se unirem aos missionários: havia uma pressão por parte da Junta de Richmond para conter qualquer ameaça de cisão denominacional; a crise financeira daquela época trazia certa “insegurança” para ambos os lados e, por último, boa parte de seus objetivos já haviam sido alcançados. Segundo o autor, o movimento não mudou o comportamento racista dos missionários, no entanto os “obrigou” a serem moderados em suas práticas.

O movimento dos batistas brasileiro acabou provocando algumas mudanças que por certo não faziam parte tão cedo das pautas da CBB, contudo não ocasionou uma cisão, porém deixou marcas quanto ao fato de que alguns líderes mais conservadores não concordavam que o assunto fosse inserido nos compêndios de história dos batistas no Brasil. Isso talvez justifique a ausência dos fatos em *O Jornal Batista* nas edições nos anos em que o episódio ocorreu. Sobretudo o movimento deixou explícito a dialética “concentração” e “dispersão” presente na dinâmica das igrejas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os missionários trouxeram uma bagagem cultural de um evangelho supranacional e uma mentalidade racista que permeou o grupo provocando desconfortos e conflitos. O domínio, poder e racismo, exercidos pelos missionários, são mais um recorte na história dos batistas brasileiros. As discussões em torno do assunto ainda têm sido pouco exploradas. Por certo um estudo mais minucioso traga novas análises do que representou o Movimento Radical para os batistas e as conquistas trazidas. Embora tenha provocado conflitos e desconfortos denominacional, contudo, representou avanço para as lideranças batistas na gerencia das atividades e comandos das instituições.

²² *O Jornal Baptista*. Anno XXXVI. 9 de julho de 1936. N. 28. pp. 5-6.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Israel Belo de. **A Celebração do Indivíduo: A Formação do Pensamento Batista Brasileiro**. Piracicaba: UNIMEP; São Paulo: Exodus, 1996.
- BEZERRA, Benilton Carlos. **Interpretação panorâmica dos batistas**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1960.
- CHAVES, João B. **O Racismo na História Batista Brasileira**. Uma memória inconveniente do legado missionário. Brasília: Conrado Editorial, 2020.
- CRABTREE, A. R. **História dos batistas no Brasil até 1906**. Edição 2, Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962
- FEITOSA, José Alves. **Breve história dos batistas no Brasil**. Memórias. Rio de Janeiro: Editora Souza Marques, 1978.
- GONZALEZ, Justo. **E até aos confins da terra**: Uma história ilustrada do Cristianismo. A Era dos dogmas e das dúvidas. São Paulo: Vida nova, 1982.
- HODGSON, Geoffrey M. What are Institutions? Journal of Economic Issues, v. 15, n.1, mar/2006.
- LÉONARD, Émile G. **O protestantismo brasileiro**. 3 ed. São Paulo: ASTE, 2002.
- MACHADO, José Nemésio. **A contribuição Batista para a Educação Brasileira**. Rio de Janeiro: JUERP, 1994.
- MARQUES, José de Souza. et. al. **Relatório da Comissão Especial**. Actas, pareceres e relatórios da Convenção Baptista Brasileira, 1936. Rio de Janeiro: Casa Publicadora, 1936.
- MESQUITA, Antonio N. **História dos batistas do Brasil de 1907 até 1935**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1940.
- OLIVEIRA, Zaquel Moreira et. al. **Panorama Batista em Pernambuco**. Recife: Departamento de Educação Religiosa da Junta de Missões Evangelizadora Batista de Pernambuco, 1994.
- OLIVEIRA, Zaqueu Moreira. **Um povo chamado batista**: história e princípios. 2^a edição revista e corrigida. Recife: Kairós Editora, 2011.
- PEREIRA, Cristina Kelly da Silva. **Religião e negritude**: discursos e práticas no Protestantismo e nos Movimentos Pentecostais. Revista Eletrônica Correlatio, n. n. 18 - Dezembro de 2010, (pp103).

PEREIRA, J. Reis. **Breve História dos Batistas**. Rio de Janeiro, Juerp, 1982.

SILVA, Elizete da. **Cidadãos de outra pátria: anglicanos e batistas na Bahia**. Salvador: Sagga, 2017.

SILVA, Elizete da. **Protestantismo e cultura brasileira: tensões e acomodações**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

Capítulo 18

A ATUAÇÃO PEDAGÓGICA REALIZADA NOS

CURSOS TÉCNICO INTEGRADO DO IFCE

CAMPUS TABULEIRO DO NORTE

Júlia Lívia Viana França

A ATUAÇÃO PEDAGÓGICA REALIZADA NOS CURSOS TÉCNICO INTEGRADO DO IFCE CAMPUS TABULEIRO DO NORTE

Júlia Lívia Viana França

Técnica em Assuntos Educacionais no IFCE, Especialista em Coordenação Pedagógica pela Faculdade Única, Licenciada em Química pela UECE. E-mail: julia.livia@ifce.edu.br

INTRODUÇÃO

A formação do ensino médio integrado ao técnico demanda uma formação interligada entre diversas questões, como o trabalho e a ciência, por exemplo, buscando tornar o adolescente um sujeito com formação abrangente e sistêmica, do mundo e dos diversos saberes. A atuação pedagógica com estes jovens enfrenta diversos desafios, dentre eles, o de gestão, os pedagógicos, os de recursos materiais e humanos e a individualidade de cada discente, por exemplo. O trabalho pedagógico desenvolvido na Coordenação Técnico-Pedagógica do IFCE, campus Tabuleiro do Norte, é realizado por uma equipe multidisciplinar que atua realizando ações e intervenções pedagógicas nas três áreas: planejamento e assessoramento, acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem e avaliação do processo, com o objetivo de alcançar a eficácia e a efetividade nos processos de ensino-aprendizagem, além de impactar nas condições de permanência e êxito dos discentes.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

O ensino integrado é uma concepção pedagógica que demanda uma formação ampla a partir dos fundamentos do trabalho, da ciência, da cultura e da tecnologia, não se limitando à transmissão de fragmentos da cultura sistematizada, e, compreendendo que, o acesso ao saber sistematizado é um direito social, que fomenta o desenvolvimento amplo dos indivíduos (ARAÚJO; FRIGOTTO, 2015).

Em se tratando de formação integrada ou do ensino médio integrado ao técnico, o intuito é que a educação geral se torne parte inseparável da educação profissional

em todos os campos onde envolva a preparação para o trabalho: seja nos processos produtivos, seja nos processos educativos como a formação inicial, como o ensino técnico, tecnológico ou superior. Com isso, o trabalho é visto como princípio educativo, no sentido de formar trabalhadores capazes de atuar como dirigentes e cidadãos (CIAVATTA, 2012, p. 84).

Como formação humana, o que se busca é garantir ao adolescente, ao jovem e ao adulto trabalhador o direito de uma formação abrangente para a leitura do mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sua sociedade política.

Formação que, neste sentido, suponha a compreensão das relações sociais subjacentes a todos os fenômenos (CIAVATTA, 2012, p. 85).

Em síntese, a implementação do ensino médio integrado dentro de uma instituição não se resume à questão pedagógica ou a um projeto curricular de ensino. Requer a superação de diversos desafios dentre eles os de gestão; pedagógicos; condições de ensino; condições materiais; hábitos estabelecidos culturalmente que limitam a formação integrada dos alunos (COSTA, 2012, p. 38).

Segundo Saviani (2007), a prática pedagógica é elaborada através da correlação da teoria e da prática, sendo elementos indissociáveis na prática pedagógica, sendo vista, de uma forma geral, como desafiadora, pois requer uma didática integradora e interdisciplinar docente, além da integração com as coordenações pedagógicas e com os setores ligados ao ensino.

No campus Tabuleiro do Norte, as ações educativas, assim como a atuação pedagógica enfrenta desafios na implementação do ensino médio técnico integrado de qualidade, pois lida com diversos aspectos internos e externos à instituição e contextos educacionais de proporção macro e micro.

A atuação pedagógica, realizada no campus Tabuleiro do Norte, é implementada com os diversos setores ligados ao ensino, especificamente com a Coordenação Técnico-Pedagógica (CTP), que é o setor responsável pelo planejamento, acompanhamento e avaliação de ações pedagógicas, que atua na realização de atividades em três áreas: planejamento e assessoramento, acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem e avaliação do processo (Quadro 1).

Quadro 1: Áreas de Atuação da CTP no IFCE - Campus Tabuleiro do Norte

| Área de Atuação da CTP |
|---|
| Planejamento e Assessoramento |
| Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem |
| Acompanhamento do Processo Ensino-Aprendizagem |

Fonte: Própria (2022)

A Coordenação Técnico-Pedagógica, em sua atuação, tem como objetivo realizar intervenções pedagógicas e promover atividades, ações e projetos nas turmas do ensino médio técnico integrado, em busca da eficácia e da efetividade nos processos de ensino-aprendizagem, além da atuação preventiva e permanente, visando impactar nas condições de permanência e êxito dos discentes.

No que se refere à área de atuação “Planejamento e Assessoramento” foi-se vivenciado que os projetos de intervenção pedagógica são realizados a partir das situações que são apresentadas dentro do setor e, a partir de relatos de discentes e de docentes. As formas que são realizadas as intervenções são variadas, pois dependem do cenário apresentado, das representações envolvidas e da situação que ora se apresenta, sendo respeitados os limites de atuação dos partícipes e as individualidades dos envolvidos e das ocorrências relatadas. Além disso, a atuação pedagógica se mostra além das discussões internas no setor pedagógico, contribuindo nas discussões dos colegiados de curso e na análise dos cursos de extensão (cursos FIC), ofertados para a comunidade escolar.

No que se refere à área de atuação “Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem”, o setor pedagógico organiza e coordena reuniões de conselho de classe dos cursos médio técnico integrado, apresentando a situação acadêmica dos discentes, as questões elencadas mais pertinentes, como por exemplo, a indisciplina e o descumprimento na entrega de atividades no prazo pré-estabelecido pelo docente, assim como, juntamente com as outras representações (docentes e pais), avalia as estratégias para minimizar as questões elencadas antes e durante as reuniões. Além disso, é realizado pela equipe pedagógica o acompanhamento individualizado da recuperação paralela, da dependência e do plano de estudo individual (PEI), como também a organização dos encontros pedagógicos, que ocorrem duas vezes por ano, a cada início de semestre letivo e conta com a participação de todos os docentes e

dos setores ligados ao ensino, onde se discutem sobre temas pedagógicos pertinentes ao momento em que vivenciam.

Enquanto no que se refere à área de atuação “Acompanhamento do Processo Ensino-Aprendizagem”, a equipe pedagógica realiza diariamente atendimentos a estudantes, aos docentes e aos pais dos discentes, assim como também realiza atendimentos individuais aos estudantes que buscam dados sobre o seu desempenho acadêmico ou um acompanhamento didático específico, por exemplo, como na elaboração de cronograma de estudo, visando uma melhoria no processo de ensino-aprendizagem. As reuniões de pais e docentes são realizadas com periodicidade semestral e tratam de diversas questões relacionadas ao desempenho acadêmico e ao comportamento das turmas, assiduidade dos discentes nas aulas, dentre outras questões relacionadas ao processo de ensino. Assim como a equipe também é responsável por realizar a acolhida dos discentes novatos, orientando-os e fazendo-os cumprir, juntamente com os discentes veteranos, as determinações contidas no Regulamento da Organização Didática (ROD), que é um documento que norteia toda a comunidade acadêmica.

CONCLUSÕES

O processo educativo é amplo, sistemático e dependente de diversos fatores e de diversas representações: discentes, docentes, pais, setores ligados ao ensino, família e escola. Dentre todos os partícipes do processo, entende-se que cada um tem sua função e responsabilidade, contudo, cada um tem seu limite de atuação dentro do processo de ensino e aprendizagem. A escola, em sua unidade, não consegue atuar de forma isolada no processo, sendo co-dependente de todos os demais atuantes, principalmente, da família, pois é através desse intermédio entre família e escola, que se alcança os objetivos propostos no processo pedagógico. Com a experiência vivenciada conclui-se que atuar no setor pedagógico tem diversos desafios, mas particularmente, o maior deles é a integração entre discente, docente e família.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R. M. d. L.; FRIGOTTO, G. Práticas pedagógicas e ensino integrado. Revista educação em questão, Natal, v. 52, n. 38, p. 61-80, maio/ago. 2015.

CIAVATTA, M. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (Org.). Ensino Médio Integrado: concepções e contradições. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

COSTA, Ana Maria Rayol da. Integração do ensino médio e técnico: Percepções de alunos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA/Campus Castanhal. 2012. 118f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

SAVIANI, Dermerval, História das idéias pedagógicas no Brasil– Campinas SP: Autores associados, 2007. – (Coleção memória).



ISBN 978-658601314-6



9 786586 013146